REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRAPHICO DO PARÁ

BELÉM - OUTUBRO - 1920

FASC. III

COMMISSÃO DE REDACÇÃO.
DR. LUIZ BARREIROS
M. BRAGA RIBEIRO
J. COUTINHO DE OLIVEIRA.

PAGS. 237 — 375

Instituto Historico e Geographico do Pará

EVOLUÇÀO

— DA —

Medicina no Pará

(ESBOÇO)

LIDO EM SESSÃO SOLEMNE DO «INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO PARÁ» EFFECTUADA EM 4 DE JUNHO DE 1919.

QUANDO Francisco Caldeira de Castello Branco, em 11 de Janeiro de 1616, aportou ás plagas guajarinas para fixar as bases da fundação da cidade de Nossa Senhora de Belem, dominava no mundo scientifico medico da velha e civilizada Europa, com grande ruido, a doutrina chimiatrica oriunda das doutrinas de Paracelso e de Van Helmont, as quaes foram os preludios da emancipação da medicina.

Paracelso combate a doutrina dos quatro elementos professada por Galeno, por Avicenne, Rhazes, cujos livros queima em pleno amphitheatro de Bâle exclamando: «*In patrios cineres minxi*». Elle teve a intuição nitida de que a chimica teria lugar predominante no futuro, e preparou a emancipação da medicina com as suas idéas sobre a observação e a experiencia, iniciando assim o methodo experimental.

Van Helmont medico belga, professor de cirurgia de Louvain, foi o precursor de Lavoisier. Descobriu no estomago a presença de um succo acido, o succo gastrico, assim como o seu importante papel na digestão. Na sua therapeutica havia predilecção por determinados

medicamentos: — mercurio, antimonio e opio. Formulou a theoria chimica dos fermentos. Em physiologia geral invoca duas causas principaes internas: — a materia e o efficiente. Os principios iniciaes dos corpos são a agua e o fermento ou principio seminal.

A causa efficiente é *l'archee* ou principio vital que serve de intermediario entre a materia inerte — o corpo e o agente immaterial, a alma.

Foi, porém, somente com os progressos da anatomia e da physiologia que os partidarios do galenismo sentiram-se abalados; e com as brilhantes descobertas de Vesale e de Harvey receberam o golpe de morte.

Como os apontamentos historicos não fazem referencia á presença do medico na expedição de Castello Branco, é de suppor que não eram personagens obrigadas nas expedições d'aquelle tempo, por isso, não podemos affirmar datar d'aquella epocha a vinda do primeiro medico á Belem.

A medicina de então era a aborigene, exercida pelo indigena mais considerado da tribu, não só pelo seu criterio, como pela sua sapiencia e moderação, cognominado — *pagé*, cuja therapeutica consistia em misturas de hervas em infusão e em cosimento que denominavam — *puçanga*.

Entre os colonos, na ausencia do medico diplomado, era tambem exercida pelos Jesuitas que procuravam adoptar a pratica dos pagés, assim como, alguns processos conhecidos nos meios civilisados, salientando-se entre elles o uso da sangria e o das applicações thermicas.

Entretanto, trinta e quatro annos após á fundação da cidade de Belem, em vinte e quatro de Fevereiro de 1650, foi installada officialmente a Santa Casa de Misericordia; porém, essa pia instituição já vinha prestando serviços desde 1619. Segundo a affirmativa do Padre Antonio Vieira os habitantes, sem incluir os soldados, os indios e os religiosos, não passavam de oitenta, (1) instituição essa que no meio ainda desorganisado, exemplificava o accentuado esforço, a grande dedicação de um limitado numero de pessoas bem esclarecidas e bem intencionadas.

Esse pequeno hospital mantido somente por esmolas até 1788, curou doentes, assistiu presos e condemnados e enterrou os mortos.

Em 1655 aportaram á Belem, de passagem, os primeiros medicos, fazendo parte da commissão para a demarcação de limites dos dominios de Portugal e Hespanha. Eram elles os cirurgiões: — Daniel Paneli, Antonio de Mattos e Domingos de Souza. (2)

Coincidia isso com o successo que fazia no mundo medico, produzindo verdadeira metamorphose a descoberta da circulação do sangue por Harvey. No collegio dos medicos, em Londres, Harvey fez a memoravel demonstração da circulação do sangue, apoiando-se sobre a disposição das valvulas nas veias, aliás, já citadas por Fa-

(1) Resposta ao Capitulo do procurador do Maranhão.

(2) Apontamentos dados pelo Dr. Manoel Barata, *Pará Medico* n. 3 vol. I, anno II, 1918.

bricio d'Acquapendente. Affirma que o sangue actua em movimento circulatorio, num circuito fechado, passando das arterias para as veias por intermedio dos capillares. Já em 1622 por um acaso bemfasejo eram descobertos os vasos chyliferos: Aselli, abrindo o abdomen de um cão em pleno trabalho de digestão, vio cordões tenues e brancos dispersos pelo mesenterio e pelos intestinos com numero infinito de raizes, ficando assim descoberta a circulação lymphatica.

No interregno de 1656 á 1732 não existem documentos comprovantes da vinda de facultativos para cá; e isso tem fundamento porque, «em carta de 16 de Agosto de 1721 a Camara Municipal de Belem representava ao rei D. João V sobre a grande falta que aqui se sentia por não haver quem curasse as enfermidades dos habitantes, pedindo que se mandasse do Reino um medico *sciente e experimentado*, havendo-se compromettido alguns cidadões e pessoas principaes desta cidade a lhe fazerem o ordenado annual de dez mil cruzados, no dinheiro da terra (producções agricolas) e que elle começaria a vencer desde o dia em que chegasse a este porto. Por ordem regia de 14 de Novembro d'aquelle mesmo anno ficou determinado que, além do ordenado promettido, era justo dar ao medico uma ajuda de custas para a viagem. Satisfeitas essas condições foi nomeado o medico Antonio Prates, que não chegou a partir para cá». (1)

Somente em 1733, cento e dezesete annos após á chegada de Castello Branco que veio o primeiro medico clinicar em Belem, o Dr. Antonio Caldeira Sardo Villa Lobos, «com o partido de cem mil réis por anno, pagos pela camara», coincidindo a sua chegada com a irrupção de uma violenta epidemia de variola que arrebatou milhares de vidas. Em 1749 a população foi acommettida de uma grande epidemia de sarampo maligno, atacando de preferencia os negros e os indios.

«Em 1751 veio o Dr. Manoel Ignacio de Andrade; em 1753 o Dr. João de Almeida, medico do 1.º regimento da infantaria da 1.ª linha; em 1783 o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, medico e naturalista nascido na Bahia e que aqui aportou commissionado pelo governo da metropole para fazer estudos de historia natural». (2)

Em 1782 após a morte de frei João Evangelista 5.º bispo da diocese do Pará, foi escolhido para substituil-o D. frei Caetano Brandão que cinco mezes depois de sua chegada á Belem, cooperava na fundação de um outro hospital de caridade com a denominação de Hospital do Senhor Bom Jesus dos Pobres, o qual foi edificado no largo da Sé, ao lado do forte do Castello e com fundos para o mar, em virtude de achar insufficiente o existente.

Em 1793, com a introducção de grandes levas de escravos africanos, reappareceu a variola. A lepra, transplantada de Portugal, para a Amazonia, desde os primeiros tempos da colonisação, propagou-se com grande intensidade.

(1) Arthur França. Alguns dados sobre a historia da medicina em Belem.
(2) *Pará Medico*, vol. I, anno II, n. 3, de 1916.

A proporção que a nova cidade progredia materialmente em commercio e em população a presença do medico se vinha impondo, sendo o Governador geral obrigado a requisital-o da metropole.

Ainda em 1789 o Vice-Rei Luiz de Vasconcellos, reclamara á metropole contra a falta de soccorros aos enfermos, allegando que no vasto territorio do Brasil existiam, nessa epocha, quatro medicos: e, segundo as narrativas de José Gonçalves da Fonseca, em 1749 e de Ribeiro de Sampaio em 1774, um unico cirurgião portuguez extendia seus dominios clinicos num raio de mais de trezentas leguas, visitando em epochas fixas os districtos de Matto-Grosso, Maranhão e Pará, o que nos induz a acreditar que quasi todo o territorio da colonia resentia-se da ausencia do medico.

Nesse decurso a pleiade de anatomistas, nos seculos XVII e XVIII tinha transformado a anatomia descriptiva. A anatomia pathologica foi renovada por Morgagni. O microscopio surge na arena e proporciona enormes progressos, dando margem a interessantes descobertas feitas por Leeuvenhoeck, por Schwammerdam e por Spallanzani que em 1729 refuta a theoria da geração espontanea, sustentando o adagio de Harvey:— *Omne vivum ex ovo.*

A chimica conquista seu verdadeiro logar com a descoberta do oxygenio por Priestlez. Os trabalhos de Lavoisier completam a physiologia da circulação do sangue, tornando conhecida a analyse do ar, assim como os phenomenos chimicos da respiração e as causas do calor animal, demonstrando que só existe uma chimica e uma só mechanica igualmente applicaveis aos corpos organicos e aos corpos inorganicos. Lavoisier e Laplace preparam a evolução da physiologia geral.

Ainda neste intervallo de tempo, de 1624 á 1789, Sydenham cognominado com justa razão o Hippocrates inglez, estabelece a verdadeira clinica. O melhor meio de apprender a medicina é exercitando-a e usando-a, dizia elle.

Deste modo o galenismo e a escolastica exalavam o ultimo suspiro. O galenismo estava solapado pelos progressos da anatomia e da pathologia; pela descoberta da circulação sanguinea e lymphatica: pelos ataques demolidores contra as multiplas funcções que Galeno attribuia ao figado; pela chimica e pela clinica. A escolastica foi totalmente mutilada e substituida pelos methodos philosophicos de Bacon e de Descartes.

Em 1793 irrompeu em Belem nova e intensa epidemia de variola, que dizimou grande parte da população até 1794, quando começou a declinar. A constituição do serviço medico era rudimentar; existiam apenas um medico e um cirurgião.

A epidemia recrudesceu em 1796: já então existiam alguns cirurgiões e medicos, salientando-se entre elles, o Dr. Bento Vieira Gomes.

Até o anno de 1768 houve uma só pharmacia de 2.ª classe. Apesar de tudo em 1788 cogitava-se de providenciar sobre as primeiras medidas prophylacticas: «em officio de 18 de Junho, o Senado da Camara representou ao Governador Martinho de Souza e Albuquerque, sobre a necessidade de ser estabelecido um lazareto em

uma das ilhas da bahia de Santo Antonio, onde obrigatoriamente fizessem quarentena os navios carregados de negros». (1)

Quando o mal ainda estava delimitado, em 1793, o Governador Francisco de Souza Coutinho procurou deter a epidemia, mas as suas ordens foram improficuas pelo desconhecimento da etiologia do mal. Ordenou a denuncia obrigatoria, a remoção dos infeccionados para os hospitaes, prohibiu o tratamento em domicilio, mandou fazer uso do fumo do alcatrão queimado pelas ruas e recommendeu o maior cuidado no asseio e limpeza das casas. Porém, tudo isso, não produziu resultado satisfactorio, porque não cuidavam do principal, que era o expurgo das casas infectadas.

Foi justamente nesse tempo que as descobertas scientificas começaram a exercer influencia nos clinicos de Belem, marcando o inicio da verdadeira medicina, entre nós.

Campeavam no scenario medico as doutrinas de Bichat e de Broussais. Bichat estabelece a doutrina das propriedades vitaes. Os orgãos são compostos de vinte e um tecidos elementares (osseo, muscular, elastico, cellular etc., etc.) possuindo cada um propriedades vitaes differentes. A sensibilidade e a contractibilidade são as qualidades fundamentaes da materia viva e da vida de nossos tecidos. Formúla o seu aforismo: — a vida é o conjuncto das propriedades vitaes que resistem ás propriedades physicas, isto é, a vida é o conjuncto das funcções que resistem á morte. As molestias são apenas ás alterações dessas propriedades vitaes.

Si os phenomenos physicos triumpham definitivamente, a morte sobrevem. A cura se produz si as propriedades vitaes dominarem. E' desta lucta que depende a saúde e a molestia.

A theoria de Broussai tem por ponto de partida a irritabilidade de Glisson e de Brown e repousa sobre a physiologia. A irritabilidade dos tecidos determina as molestias. Estuda as relações que existem entre as lesões e as manifestações morbidas, porque nem as forças, nem as propriedades podem ser consideradas independentemente dos orgãos e dos tecidos. Combate a existencia de um principio immaterial independente do organismo, affirmando que as faculdades intellectuaes são a resultante das excitações do encephalo.

Entramos em pleno regimen da sangria que é, ora depletiva, ora preventiva, ora exploradora.

Surgem na liça as doutrinas da Escola de Paris. Andral prova as necessidades do ecletismo.

Em fim de 1796 Jenner faz as primeiras experiencias coroadas do mais completo exito, da inoculação no homem da sua vaccina.

«Em 1798 o governo da metropole, ordenava por intermedio do ministro Rodrigo de Souza Coutinho, que o Governador e Capitão General do Estado, obrigasse a população de Belem a se inocular; porém, já em 1797 os medicos e cirurgiões aqui residentes se achavam habilitados para vaccinar».

«No fim do seculo XVIII e principio do XIX esteve aqui, vindo

---

(1) As Epidemias no Pará, Arthur Vianna.

de Lisbôa, em 1799 o cirurgião Francisco Xavier de Oliveira, para fazer observações e experiencias sobre algalias e velas de gomma elastica. Naquelle mesmo anno regressou áquella cidade levando muitos d'aquelles instrumentos que lá annunciou á venda». (1)

Antes da chegada de D. João VI, não havia officialmente ensino medico no Brazil; o exercicio da arte de curar obedecia a prescripções de lei. A principio foram os delegados do physico-mór e do cirurgião-mór do reino os incumbidos, em Portugal e colonias, de fiscalisar o exercicio da profissão, lavrar provisões de licenças e submetter á approvação official os autos de habilitação dos que desejassem obter cartas. Com o desapparecimento de taes cargos e a criação em Lisbôa, em 1782, de uma junta perpetua denominada do *Proto-medicato*, foi esse encargo devolvido á nova instituição, agindo por intermedio dos seus deputados ou do Senado da Camara. Nesse tempo quem apresentasse certificado de haver frequentado durante quatro annos um qualquer hospital, habilitava-se ao exercicio da cirurgia, mediante summario exame perante os referidos deputados.

D. João VI, desembarcando na Bahia á 23 de Janeiro de 1808, vinte e seis dias depois, a 18 de Fevereiro, fundou ahi a Escola de Cirurgia, plantando o primeiro marco do ensino medico no Brazil.

Eis o decreto:—«O Principe Regente, Nosso Senhor, annuindo á proposta que lhe fez o Dr. José Corra Picanço, cirurgião-mór do Reino e do seu conselho, sobre a necessidade que havia de uma escola de cirurgia no hospital real desta cidade, para a instrucção dos que se destinam ao exercicio d'esta arte, tem commettido ao sobredito cirurgião-mór, a escolha dos professores que não só ensinem a cirurgia propriamente dita, mas a anatomia como bem essencial d'ella e a arte obstetrica, tão util como necessaria. O que participa a V. Exc., por ordem do mesmo Senhor, para que assim o tenha entendido e contribua para tudo o que for e promover este importante estabelecimento. Deus guarde a V. Exc., Illm. e Exm. Conde da Ponte.—D. Fernando José de Portugal.»

A cinco de Novembro do mesmo anno, o Principe Regente, baixa o decreto instituindo no Rio de Janeiro outra escola anatomica, cirurgica e medica, com séde no hospital militar. (2)

Em 1818 o Dr. Antonio Corrêa de Lacerda foi contractado medico assistente de D. Maria José do Livramento e Mello, esposa do 7.º conde de Villa Flôr, coronel Antonio José de Souza Manoel de Menezes, Governador e Capitão-General do Pará, homem intelligente, energico e grande benemerito a quem o nosso Estado muito deve.

Os habitantes de Belem, em 1819, soffreram as consequencias de uma grande epidemia de variola, sendo por essa occasião applicada em grande escala, pela segunda vez, a mando de Villa-Flôr, a vaccina de Jenner. Foi indicada a construcção de um hospital para variolosos, afastado da cidade, assim como, organisaram-se turmas de desin-

---

(1) Alguns dados sobre a historia da medicina em Belem. Arthur França. *Pará-Medico*.

(2) Dr. Olympio da Fonseca—Conferencia realisada na Bibliotheca Nacional em 20 de Outubro de 1916—O ensino medico no Brazil.

fectadores e o expurgo das ruas feito pela primeira vez no Pará. O medicamento usado para isso era o acido oxymuriatico com o qual produsiam fumigações em todas as esquinas. A mortandade foi colossal, pois de Abril á Setembro succumbiram 2.200 pessoas. Belem orçava, apenas, em 12.500 habitantes.

O physico-mór Dr. Antonio Corrêa de Lacerda foi encarregado da vaccinação.

A sciencia medica estava dominada pela physiologia cellular. Scheilden e Schwann descobriram a cellula, Brown o nucleo e Schutz assimila os globulos sanguineos á cellula. Wagner conclue que o ovo é uma cellula. A histologia, palavra creada por Mayer em 1819, demonstra que os organismos são constituidos por cellulas. Müller estabelece que a vida reside nos elementos organicos, e que a cellula é o elemento fundamental onde se passam os processos vitaes. Admitte uma força vital submetida ás leis physico-chimicas «*Psychologus nemo, nisi physiologus*».

O protoplasma na sua totalidade e o nucleo com suas differenciações são os unicos elementos gernes da cellula, participando igualmente do funccionamento cellular. E' a physiologia cellular que póde explicar os phenomenos vitaes elementares e geraes. «*Omnis cellula e cellula*».

A vida total do individuo é a somma das vidas parciaes dos elementos dos tecidos. Virchow estuda as lesões das cellulas e as considera como o fundamento de toda a medicina organica; estabelece a pathologia cellular.

Já nessa epoca as principaes doutrinas eram conhecidas pelos nossos clinicos. A therapeutica chimica era usada em grande escala, principalmente as de origem franceza.

A 5 de Abril de 1826, o doutor Marcellino José Cardoso, foi nomeado para exercer o cargo de Medico de Partido do Senado da Camara de Belem, actualmente Intendencia Municipal, em substituição ao doutor Antonio Finocchio, que havia fallecido.

Na falta de melhores informações, dizemos que foi o Dr. Marcellino Cardoso o primeiro medico paraense que veio exercer a profissão em Belem.

Em principio de 1835 foi eleito Deputado á Assembléa Legislativa Provincial, por 89 votos.

Esta Assembléa não foi installada por estar a Provincia convulsionada pela guerra civil chamada—*Cabanagem*.

Só em 1838 foi possivel inaugurar no Pará o Poder Legislativo, creado pelo acto addicional de 12 de Outubro de 1832.

Foi a primeira Assembléa que o Pará teve, sendo installada a 2 de Março de 1838, e eleito presidente o Dr. Marcellino José Cardoso, que no caracter de vice-presidente da Provincia, esteve á testa do Governo de sua terra, de 7 de Agosto de 1838 a 27 de Fevereiro do anno seguinte.

Em 23 de Outubro de 1835 por occasião da *Cabanagem*, o Marechal Manoel Jorge Rodrigues, Presidente da Provincia, installou, na fazenda Sant'Anna, em Marajó, uma enfermaria encarregada de tratar dos doentes da Força da Legalidade, sendo nomeado para dirigil-a o cirurgião Francisco Pinto de Moraes.

Esta enfermaria foi extincta logo após á posse do Marechal Francisco José de Souza Soares de Andréa, que assumiu o governo a 11 de Abril de 1836. (1)

Em 1836 era cirurgião do Banco do Hospital Militar e cirurgião do Hospital da Santa Casa o Dr. Luiz Antonio d'Oliveira o qual, em 28 de Fevereiro de 1837, por incompatibilidade com a provedoria demissionou-se do logar, sendo nomeado para substituil-o o facultativo Alexandre da Costa Araujo. (2)

Em 1838 vem clinicar em Belem o Dr Francisco da Silva Castro, nascido em Belem do Pará, em 21 de Abril de 1815, filho do capitão de milicias e depois negociante matriculado José da Silva Castro e de D. Bibiana Luiza Ardasse de Castro. Fez os estudos primarios em Belem, seguindo depois para Portugal, onde fez em Coimbra o curso de humanidades. Frequentou a Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, mas recebeu o grão em doutor em medicina *cum magna laude* na universidade belga de Louvain. Prestou grande serviço durante a epedemia da febre amarella e do cholera em 1850 á 1855. Desempenhou importantes cargos e commissões scientificas, foi presidente da commissão de hygiene, inspector geral da instrucção publica, eleito provedor da Santa Casa em 1847.

Os numerosos specimens ethnographicos que colleccionou e doou aos museus de Christiania e de Stolckolm, fizeram jús a commenda da Ordem de Santo Olavo e o habito de Cavalleiro da Ordem da Estrella Polar, conferidas pelo rei da Suecia Noruega.

D. Pedro II, imperador do Brazil agraciou-o com o habito de Cavalleiro da Ordem de Christo e com a commenda da Ordem da Rosa. Foi Cavalleiro da Ordem de S. Gregorio-Magno, de Roma; condecorado com a Cruz de 2.ª classe da Ordem Civil de Beneficencia, da Hespanha. Era doutor em medicina e medico-cirurgião; foi Inspector da Saude Publica da Provincia, Vice-Presidente Honorario da Real Sociedade Humanitaria Portuense, membro da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro, das Sciencias Medicas de Lisboa, dos medicos Suecos de Stockholm. Foi vereador da Camara Municipal, de 1839 a 1846; deputado provincial em varias legislaturas. Falleceu em 15 de Junho de 1899, na cidade de Belem do Pará.

Em 1839 vem o Dr. Joaquim Fructuoso Pereira Guimarães, nascido em Belem do Pará, aos 16 dias do mez de Abril de 1815, era filho de José Antonio Pereira Guimarães e de D. Alexandrina de Souza Cunha. Fez os primeiros estudos aqui, seguindo para a Belgica onde fez os estudos superiores e doutorou-se em sciencias-medicas. Desempenhou cargos importantes, quer por nomeação quer pelo suffragio popular; foi deputado provincial, vereador da camara municipal, juiz municipal desde 1846 até a sua morte, em 25 de Julho de 1868. Prestou relevantissimos serviços a maçonaria paraense, como membro da Loja Harmonia. Em 1848 foi eleito provedor da Santa Casa.

(1) Domingos Rayol—Motins Politicos Vol. V.

(2) Livro das actas das sessões da mesa administrativa da Santa Casa 1836-1840.

Na sessão realisada a 20 de Dezembro de 1840 a provedoria da Santa Casa nomeou o Dr. José da Gama Malcher para o logar de cirurgião do hospital, na vaga deixada pelo fallecimento do que servia. (1).

O Dr. José da Gama Malcher, paraense, nasceu no dia 19 de Maio de 1814, na cidade de Monte-Alegre.

Depois de haver concluido os seus estudos primarios e secundarios foi para a Bahia afim de matricular-se na Escola de Medicina, onde recebeu o grão de doutor em sciencias medico-cirurgicas em 1839. Em 1840 regressou para a sua provincia, onde iniciou a clinica; e, pelo seu caracter austero e grande abnegação conseguiu uma popularidade extraordinaria.

Foi medico do hospital da Santa Casa de Misericordia cerca de 40 annos, assim como do hospital D. Luiz 1.º.

Na sua clinica usava de preferencia os productos de nossa flóra. Foi deputado provincial em varias legislaturas, Vereador da extincta Camara Municipal e posteriormente Presidente durante 30 annos.

O Governo Portuguez nomeou-o Commendador da Ordem de Christo e da de N. S. da Conceição de Villa Viçoza. O Governo imperial nomeou-o Coronel Commandante da Guarda Nacional, 1.º Vice-Presidente da Provincia e o agraciou com a dignitaria da Ordem da Rosa.

Politico eminente, chefe do partido Liberal, falleceu no dia 13 de Abril de 1882, victima de pneumonia que o atacou no exercicio de sua profissão.

Tão grandes foram os serviços por elle prestados ao Pará, que o povo fez erigir-lhe uma estatua na praça Visconde do Rio Branco; a Camara Municipal mudou para o seu nome o de uma das principaes ruas de Belem. (2)

Em Dezembro de 1850 a febre amarella grassou epidemicamente em Belem, propagando-se por varios logares do interior, (Soure, Vigia, Cintra e S. Caetano de Odivellas) atacando nacionaes e extrangeiros, causando graves prejuizos de vida.

A base prophylatica consistia no uso de fumo de polvora considerada naquelle tempo como poderoso desinfectante, que, como era de esperar não podia dar resultados positivos.

O presidente da Provincia, Conselheiro Jeronymo Francisco Coelho, nomeou duas commissões medicas: a 1.ª composta de tres facultativos para propor as medidas sanitarias; a 2.ª de quatro para curar os indigentes. Até então os enterramentos eram feitos nas egrejas, e por medida prophylactica ficaram expressamente prohibidos. A commissão mandou fechar o cemiterio, que ficava installado no terreno onde está actualmente o edificio da *A Provincia do Pará*, e estabeleceu um outro mais amplo e melhor localisado, que ficou denominado de N. S. da Soledade. Foram attingidos pelo mal 12.000 pessoas, das quaes falleceram 593. (3)

---

(1) Livro das actas da Santa Casa 1836-1840.
(2) Paraenses illustres, Alves da Cunha.
(3) Arthur Vianna—As Epidemias no Pará.

A molestia ainda não era bem conhecida pelos clinicos. O panico popular foi grande, familias inteiras foram atacadas, as repartições publicas fecharam, assim como o commercio, por falta de empregados. O presidente tambem foi acommettido, passando a administração ao 5.° vice-presidente coronel Geraldo José de Abreu, por se acharem doentes os 1.°, 3.° e 4.° vice-presidentes.

Em 20 de Janeiro de 1850 foi nomeado para servir no hospital de Lazaros o Dr. Augusto Thiago Pinto, natural do Pará, nascido em Belem a 17 de Maio de 1826. Filho legitimo de Agostinho Thiago Alves e D. Maria Joanna do Carmo Pinto.

Estudou os preparatorios no Pará e formou-se em medicina na Faculdade do Rio de Janeiro, onde defendeu these em 14 de Dezembro de 1848, dissertando sobre a «Origem da Vida», obtendo approvação distincta *cum laude*.

Aqui exerceu a sua actividade clinica durante 53 annos, tendo occupado os cargos de membro da commissão de Hygiene Publica e de Inspector da Junta de Hygiene.

Em recompensa aos seus relevantes serviços durante as epidemias de cholera-morbus e febre amarella, foi agraciado pelo governo imperial com as ordens de Christo e da Rosa.

De 1860 a 1877 fez parte da Assembléa Legislativa Provincial.

Como medico da Santa Casa, tão relevantes serviços prestou áquella instituição, que uma das salas do hospital tem o seu nome.

Falleceu em Paris a 7 de Abril de 1915, aos 89 annos de edade.

Em 1852 chegou a Belem o Dr. José Ferreira Cantão, nascido em Belem do Pará no anno de 1827, filho legitimo do capitão José Ferreira Cantão e de D. Barbara Honorata de Carvalho Penna.

Fez os estudos primarios e secundarios no Seminario Episcopal, indo para a Bahia em 1846 onde se matriculou na faculdade de medicina e recebeu o grão em doutor em 1852, seguindo logo depois para a Europa afim de aperfeiçoar os seus estudos sobre gynecologia e obstetricia.

Por varias vezes occupou logar em destaque na deputação provincial e geral. Disputou e obteve em brilhante concurso a cadeira de historia universal no Lyceu Paraense.

Foi provedor da Santa Casa onde prestou inestimaveis serviços.

Falleceu em 1893 no Rio de Janeiro, no elevado posto de deputado Federal pelo Pará.

Em sessão ordinaria, em 8 de Julho de 1853, o conselho da Santa Casa nomeou uma commissão de tres medicos para rever o regulamento do hospital e apresentar a reforma; faziam parte da commissão os Drs. Valle Guimarães, Thiago Pinto e Gama Malcher.

Em 1855 irrompeu a epidemia do cholera-morbus. O serviço medico do porto pertencia a uma repartição geral, cujo chefe era o Dr. Camillo José do Valle Guimarães, profissional recto, caracter illibado, de grande capacidade, gosando de justo renome. Era secretario do serviço do porto o Dr. José Ferreira Cantão e presidente da commissão de hygiene o Dr. Francisco da Silva Castro.

O Dr. Silva Castro formulou as seguintes disposições:

1.ª—Que os navios considerados suspeitos pelo provedor da saude do porto, ou que viessem directamente dos portos infeccionados, fossem obrigados a quarentena defronte da ilha de Tatuóca; 2.ª que um navio de guerra fundeado proximo da ilha, fiscalizasse rigorosamente essa quarentena; 3.ª que se tratasse de concluir quanto antes o lazareto começado na alludida ilha. [1]

O Dr. Americo Marques Santa Rosa, no dia 26 de Maio, ás 11 horas da manhã, ao fazer a visita aos doentes do 11.º batalhão de infanteria, observou dois soldados que pela identidade dos symptomas que apresentavam, causou-lhe grande impressão, pelo que, mais tarde, ás duas horas, voltou a vel-os em companhia do Dr. João Florencio Ribeiro de Bulhões, 1.º cirurgião tenente e capitulou o mal de cholera-morbus epidemico.

Eis a observação apresentada pelo Dr. Americo Santa Rosa: . . . «presenciei um quadro triste, que nunca tinha visto, e que faria arrepiar as carnes a outro que não fosse medico, porque o medico deve ter o semblante de marmore, insensivel ás grandes dores, para que o doente não possa ler o que lhe vae no fundo d'alma.

«Era com effeito uma scena desesperada; ambos os doentes pareciam dois cadaveres animados por uma força desconhecida; o corpo estava glacialmente frio, constratando com o calor interno que diziam sentir a ponto de não consentirem a menor cobertura; a pelle era embaciada, as feições decompostas, os olhos encovados, o nariz afilado, o ventre retrahido, os dedos das mãos enrugados como se estivessem mergulhados em agua fria por longo espaço de tempo.

«O pulso estava tão concentrado que mal se percebia; a respiração era curta e frequente; os vomitos e a diarrhéa de um liquido esbranquiçado, não cessavam.

«Os doentes sentiam caimbras fortissimas nas extremidades inferiores, estavam n'uma agitação extrema; um d'elles dava gritos com uma voz rouca e medonha; no outro a voz estava quasi extincta.

«Ambos falleceram no espaço de quatro horas».

Como houvesse duvidas sobre o diagnostico, o Tenente-coronel José Antonio Fonseca de Galvão, commandante das armas, convidou varios medicos para se reunirem no hospital militar, em conferencia.

Compareceram os Drs. João Manoel de Oliveira, cirurgião de divisão e delegado do cirurgião-mór do exercito, João Florencio Ribeiro de Bulhões, encarregado do hospital, Antonio José Pinheiro Tupinambá, José dos Santos Corrêa Pinto, Americo Marques Santa Rosa, cirurgião alferes, Joaquim Fructuoso Pereira Guimarães, medico consultante do hospital militar, Francisco da Silva Castro, presidente da junta de hygiene, José Ferreira Cantão, secretario da mesma junta e José da Gama Malcher, medico da junta.

Após exame minucioso e de discussão acalorada chegaram á conclusão evidente de que se tratava de cholera, divergindo, porem, a maioria, na classificação.

---

(1) Secção de manuscriptos da Bibliotheca e Archivo Publico. Correspondencia do provedor da saude com o Governo.

Os Drs. Americo Santa Rosa, Pinheiro Tupinambá e Ferreira Cantão affirmaram tratar-se de *cholera morbus epidemico;* os restantes que era o *cholera morbus sporadico.*

Com o decorrer do tempo, ficou provado que a opinião dos tres era a verdadeira.

A epidemia tomou proporções gigantescas e com violencia formidavel propagou-se de Belem para quasi todas as localidades da Provincia, attingindo a mortalidade, em curto periodo de tempo, ao elevado numero de 1074. Calcula-se que mais da metade da população foi atacada.

A cidade de Cametá foi a mais sacrificada, onde, de Junho á Outubro, falleceram mais de mil e trezentas pessoas. (1)

O Governador, Dr. Angelo Custodio Corrêa, medico paraense, natural de Cametá, soccorreu-a, indo em companhia do Dr. José Ferreira Cantão para aquella cidade e onde contrahiu o mal, vindo a fallecer a 25 de Junho, já no porto da capital.

O Dr. Barata Góes escreveu um opusculo—Breves considerações sobre o cholera — que foi brilhantemente criticado pelo Dr. Santa Rosa.

O Dr. Francisco da Silva Castro tambem escreveu um opusculo—Apontamentos para a historia do cholera-morbus no Pará—, assim como, mandou publicar no diario da Capital o «Treze de Maio», a traducção feita pelo Dr. Joaquim d'Aquino da Fonseca, de um artigo sobre o cholera, exarado no «Santé Universelle». Dias depois, quando o mal se intensificava, publicou no mesmo jornal um guia medico sob a denominação: — «Duas palavras sobre a epidemia reinante»—, aconselhando e ensinando os meios curativos. A sua therapeutica mais em vóga era o summo do limão e a pimenta malagueta usada em infusão, decocção e applicada em fomentação.

O cirurgião-mór Manoel Monteiro de Azevedo prestou relevantes serviços durante o tempo que o mal affligiu os habitantes de Belem, assim como, o Dr. Marcello Lobato de Castro, paraense, nascido em Belem, no dia 25 de Dezembro de 1830. Fez os estudos primarios e secundarios nesta capital, seguindo logo após para o Rio de Janeiro, onde matriculou-se na Faculdade de Medicina. Recebeu o grão de doutor em 1855, regressando para sua terra natál no mesmo anno, justamente quando irrompia a epidemia do cholera-morbus. Poeta, jornalista, medico de grande clinica, foi o primeiro lente de physica e chimica do Lyceu Paraense. Falleceu em 1874.

Essa epidemia encontrou a classe medica preparada de conhecimentos scientificos os mais recentes.

Em 1856 gosava de grande fama de curar a lepra, o curandeiro Antonio Francisco Pereira da Costa, fama essa que tomou tanto vulto, a ponto do Governo Imperial arbitrar uma pensão mensal de cem mil réis e sustentar a sua custa um determinado numero de doentes, num lazareto que o curandeiro preparou junto a sua casa no logar denominado Paracary, em Santarém.

---

(1) Arthur Vianna—As Epidemias no Pará.

Assumindo o governo da Provincia, o tenente-coronel Manoel de Farias e Vasconcellos enviou uma commissão medica ao Paracary, da qual faziam parte os Drs. Camillo José do Valle Guimarães, Americo Marques Santa Rosa e Francisco da Silva Castro, a fim de estudarem o resultados obtidos.

A referida commissão apresentou ao Presidente um relatorio, concluindo que a descoberta de Pereira da Costa nenhum resultado produzia. O remedio tinha por base o succo expresso da planta conhecida pelo nome de *paracary*.

Á vista disso o governo suspendeu a quota mensal de cem mil réis.

O Dr. Silva Castro fez estudos sobre a lepra e observou que a bôa hygiene evita os effeitos da transmissão hereditaria da molestia; opinião essa que tem sido citada em varias revistas medicas. (1)

Até 1864 o serviço clinico do hospital da Santa Casa era feito por um só medico, o que naturalmente tornava o serviço incompleto; dessa data em diante já era feito por dois facultativos o Dr. José da Gama Malcher, o da clinica medica, e o Dr. Camillo José do Valle Guimarães, o da clinica cirurgica, tendo como adjuncto o Dr. Antonio Andrews Capper, que foi nomeado effectivo em 1870. (2)

Ordem 3.ª de São Francisco.—A 17 de Julho de 1862 o irmão vice-ministro da Ordem communicou á mesa geral, ter mandado aprompta uma das salas do edificio, para servir de enfermaria na qual se promptificaram prestar serviços clinicos, sem receberem remuneração alguma os Drs. Camillo do Valle Guimarães e Marcello Lobato de Castro, ficando, assim, iniciado o hospital da Ordem 3.ª de São Francisco.

Mezes depois, a meza administrativa deliberou mandar collocar na sala das sessões o retrato do Dr. Valle Guimarães, pelos relevantes serviços prestados á enfermaria, em sua fundação.

Em 16 de Novembro do mesmo anno é nomeado 3.º medico da enfermaria o Dr. Ricardino Tocantins.

No anno seguinte, a 1 de Janeiro de 1863, á esses tres abnegados apostolos da medicina são conferidos os titulos de socios benemeritos da Ordem.

A 15 de Junho de 1864 é nomeado medico da enfermaria o Dr. Ludgero Vieira de Azevedo, em substituição ao Dr. Tocantins, que fallecera no dia 13 do mesmo mez.

A 24 de Junho a mesa ordena que seja construida uma casa de tres pavimentos para servir de hospital, cuja inauguração foi feita solemnemente no dia 1 de Janeiro de 1864. Constava o novo hospital de 6 enfermarias.

A 24 de Agosto de 1870 é nomeado o Dr. João Raulino de Souza Uchôa, na vaga do Dr. Camillo José do Valle Guimarães, que fallecera dois dias antes.

Em 1877 são nomeados os Drs. João Chrisostomo da Matta

---

(1) «A Clinica», anno II, n. 5. Rio de Janeiro, 1916.

(2) Livro de actas das sessões do Conselho Administrativo da Santa Casa, 1865 a 1870.

Bacellar, Antonino Emiliano de Souza Castro, João Baptista Bueno Mamoré e José Paes de Carvalho. (1)

No dia 4 de Agosto de 1869 o Dr. Antonio Andrews Capper, ajudado pelos Drs. Gama Malcher, Americo Santa Rosa, Augusto Thiago Pinto e Ferreira Cantão, praticou a primeira operação de catarata feita no hospital.

Em Abril de 1866 a cidade foi visitada por nova epidemia de variola. O Governador barão de Arary convocou uma reunião da classe medica afim de deliberar sobre as medidas necessarias.

Em 14 de Julho de 1870 foi nomeado o Dr. Luiz Ferreira Lemos para substituir o Dr. Valle Guimarães na secção de clinica cirurgica.

O Dr. Lemos espirito emprehendedor como era, procurou dar nova orientação ao serviço; levou ao conhecimento da Provedoria de que se fazia mister que o hospital possuisse um completo apparelhamento de instrumentos cirurgicos, visto como havia falta absoluta desses objectos para qualquer operação. Teve tambem o cuidado de requisitar para o serviço clinico uma machina para choques electricos, aliás a primeira que vinha para Belem. (2)

Esse caridoso facultativo legou á Santa Casa todo o seu arsenal de instrumentos cirurgicos considerado o mais completo que havia naquelle tempo.

De 1871 a 1879 foram nomeados medicos da Santa Casa os Drs. Frederico Hermeto Pereira Lima, para o serviço de lepra em Tucunduba; João Baptista Bueno Mamoré, João Chrisostomo da Matta Bacellar, Antonino Emiliano de Souza Castro, adjunctos da clinica medica; João Raulino de Souza Uchôa, José Paes de Carvalho, adjunctos da clinica cirurgica, os quaes praticaram diversas operações de alta cirurgia, entre ellas algumas de obstetricia; Firmino José Doria para medico dos alienados (em 1873 estabeleceu-se no Tucunduba, proximo á gaffaria o hospicio de alienados que mais tarde foi construido no Marco da Legua, já no 1.º governo do Dr. Lauro Sodré); José Egydio Calmon de Siqueira, Candido Querino Bastos, Pedro Arbunessa dos Navegantes, Joaquim Cardoso de Andrade, José Antonio Pereira Guimarães, João José Godinho, Henrique Mendes, Carlos Novaes e Ambrosio Philocreão, simples adjunctos.

O Dr. Carlos Novaes, paraense, nascido em Cametá, fez os estudos primarios e secundarios em Belem, seguindo após para o Rio de Janeiro em cuja Faculdade de Medicina matriculou-se e recebeu o grão de doutor. Voltou á sua terra onde iniciou a clinica. Foi medico do Serviço Sanitario Municipal, lente de Geographia do Lyceu Paraense, auctor de varios compendios de Geographia aceitos, até hoje, pela Directoria de Instrucção Publica para uso das escolas e collegios. Era socio do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro e foi Deputado provincial, geral e federal pelo Pará, em varias legislaturas. Falleceu no Rio de Janeiro no anno de 1913.

---

(1) Bosquejo chronologico da Veneravel Ordem 3.ª de São Francisco do Gram-Pará, por Antonio Nicoláu Monteiro Baena.

(2) Livro de actas da Santa Casa—1870 a 1875, vol. 13.

Em Novembro de 1878 o Presidente da Provincia designou para o serviço de vaccinação os Drs. Pedro dos Navegantes e José Paes de Carvalho, para o 1.º districto; Drs. João Raulino de Souza Uchôa e Frederico Hermeto Pereira Lima, para o 2.º districto; Drs. Euphrosino Pantaleão Francisco Nery e João Chrisostomo da Matta Bacellar, para o 3.º districto; Jayme Pombo Bricio e José Verissimo de Mattos, para o 4.º districto, com o vencimento de 150$000 cada um.

Em 1879 o governo imperial nomeou os Drs. Americo Santa Rosa, José da Gama Malcher e Francisco da Silva Castro para estudarem a natureza, as causas e o tratamento do beri-beri no Pará.

Em 1877 o Dr. Americo Santa Rosa é nomeado medico do hospital D. Luiz 1.º, a principio como substituto do Dr. Luiz Ferreira Lemos, depois effectivo. Em 1878 é nomeado para o mesmo hospital o Dr. José Paes de Carvalho.

Em 1871 nova epidemia de febre amarella. O presidente reuniu em palacio a classe medica para propor as medidas de combate.

Como naquelle tempo ainda não eram conhecidos os transmissores directos do germem da molestia — os mosquitos — as medidas adoptadas foram negativas, porque *stegomia-fasciata* continuou a habitar as casas, inoculando os moradores e zombando das medidas prophylaticas. Modernamente essas medidas são reaes, porque o problema consiste em extinguir o culicidio e isolar os doentes em enfermarias ou quartos entellados.

Em 1876 era provedor da Santa Casa o Dr. Joaquim Pedro Corrêa de Freitas, paraense, nascido em Cametá, em 17 de Agosto de 1829. Fez os estudos primarios e secundario no Seminario, onde matriculou-se em 1840. Em 1846 seguio para a Bahia, onde fez o curso de medicina, seguindo logo após á sua formatura para Europa, regressando á esta capital em 1855. Foi eleito Deputado á Assembléa Legislativa Provincial por varias vezes. Fez concurso para as cadeiras de Francez e Geographia, obtendo o 1.º logar. Em 1874 o Governo o encarregou da directoria geral da instrucção publica. Compoz para uso da mocidade varios compendios: de Geographia e Historia do Brazil, um paleographo, um primeiro, um segundo e um terceiro livro de leitura. Era membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, das Sociedades Geographicas de Paris, Lisboa, Rio de Janeiro, das Sciencias Medicas de Portugal, Cavalleiro e Official da Ordem da Rosa e Tenente-Coronel da guarda nacional.

Cabe-lhe a gloria de ter concebido a idéa, em 1874, de reunir as escolas publicas em grupos escolares, num só edificio, idéa realisada trinta annos depois, no governo do Dr. Augusto Montenegro.

Como jornalista redigiu diversos jornaes; foi Vice-Presidente da Provincia por oito vezes. Muito se esforçou pela organisação da bibliotheca publica e do museu desta cidade, do qual foi um dos directores. Falleceu em 12 de Abril de 1888. (1)

No dia 29 de Maio de 1877 foi inaugurado pela Sociedade Portugueza Beneficente, cujo presidente era o visconde de Penedo, o

(1) Paraenses Illustres, Alves da Cunha.

hospital D. Luiz 1.º que grandes serviços vem prestando á colonia portugueza. De anno para anno o edificio vem sendo ampliado, tornando-se importante estabelecimento onde se acham as mais perfeitas installações exigidas pela sciencia moderna, servido pelos mais conceituados clinicos do Pará. Em 1912 o hospital inaugurou a secção para tratamento de senhoras, em 1918 foi feita a installação do gabinete de raios X, considerado dos melhores do Brazil, sob a direcção do notavel clinico portuguez Dr. J. A. de Magalhães.

De Outubro de 1883 a Dezembro de 1884 a cidade foi assolada por nova epidemia de variola. A Camara Municipal reuniu os Drs. Antonino Emiliano de Souza Castro, Joaquim Cardoso de Andrade, Americo Marques Santa Rosa, Jayme Pombo Bricio e Joaquim Pedro Corrêa de Freitas, que indicaram: — 1.º vaccinação e revaccinação obrigatoria; 2.º nomeação de medicos vaccinadores em cada districto; 3.º visitas domiciliares; 4.º sequestração dos individuos atacados do mal; 5.º asseio, limpesa da cidade, das casas particulares e edificios publicos. Era Presidente da Provincia o general barão de Maracajú.

De 1882 a 1886 são acceitos para medicos adjunctos do hospital da Santa Casa os Drs. Manoel de Moraes Bittencourt, Luciano Claudio da Silva Castro, Feliciano Ferreira da Matta Bacellar, cirurgião da armada, Fernando Ferreira da Costa e José Antonio Pereira Guimarães.

Em sessão de 4 de Janeiro de 1887, a mesa administrativa da Santa Casa crea mais duas enfermarias no hospital, especialmente uma para o serviço obstetrico, a qual se denominou «Sala da Maternidade», sendo nomeado para dirigil-a o Dr. Augusto Teixeira Belfort Roxo; e outra para o tratamento de creanças a cargo do Dr. Pedro Arbuasse dos Navegantes, que no mesmo anno foi substituido pelo Dr. Firmo Eusebio Dias Cardoso.

De 1887 a 1889 são acceitos como adjunctos os Drs. Antonio da Matta Rezende, Geminiano de Lyra Castro, Miguel José de Almeida Pernambuco Filho, Antonio Joaquim da Silva Rosado e Clemente Felix Penna Soares.

Em Dezembro de 1899 é feita a reorganisação do serviço clinico, de accordo com os progressos das sciencias medicas, estabelecendo-se as especialidades: para a clinica cirurgica, Drs. José Paes de Carvalho e Antonio Joaquim da Silva Rosado; para a clinica medica, Drs. Antonio O' de Almeida e Clemente Felix Penna Soares; para a clinica obstetrica, Dr. Bazilio Magno de Araujo; para a clinica de olhos, Dr. Geminiano de Lyra Castro; para a clinica syphiligraphica e dermatologica, Dr. Miguel Almeida Pernambuco; para a clinica de crianças, o Dr. João José Godinho.

De 1890 a 1899 foram acceitos para medicos adjunctos os Drs. José Maria Pereira de Barros, Mariano Ayres de Souza, Augusto Numa Pinto, Manoel de Carvalho Nobre, Lourenço Hollanda Lima, José Cyriaco Gurjão, Pedro José de Miranda, Pedro Juvenal Cordeiro, Virgilio Martins Lopes Mendonça, Izidoro Azevedo Ribeiro e Raymundo Faria. O Dr. Virgilio Mendonça foi designado para servir na clinica psychiatrica do Asylo de Alienados.

Foram nomeados para organisarem o projecto de regulamento

dos hospitaes e asylos os Drs. Lyra Castro, Pereira Guimarães, Virgilio Mendonça e Azevedo Ribeiro.

A 29 de Abril de 1900, ás 8 horas da manhã, foi solemnemente inaugurado o hospital de isolamento destinado ao tratamento de febre amarella, situado á travessa Barão de Mamoré, com a denominação de «Dr. Domingos Freire», sob a direcção do Dr. João Pontes de Carvalho, melhoramento essé cuja construcção foi executada no começo do regimem republicano, no governo do Dr. Lauro Sodré.

Nesse mesmo anno foram acceitos para medicos adjunctos do hospital os Drs. Eduardo Jansen Vieira Mello, Malcher Bacellar, José Albino Cordeiro, Nestor Nina Rosa, Mecenas Facundo de Lima Salles e João Epaminondas de Mello Passos.

O novo hospital da Santa Casa foi inaugurado, provisoriamente, no dia 1.º de Agosto de 1900, com a denominação de «Hospital de Caridade», sendo removidos do antigo hospital «Senhor Bom Jesus dos Pobres», cento e setenta e sete doentes de ambos os sexos.

A ceremonia da inauguração official realisou-se á 15 de Agosto do mesmo anno, com a assistencia dos Ex.mᵒˢ. Srs. Drs. Governadores do Estado e do Bispado, autoridades civis, militares e religiosas, grande numero de familias e representantes de todas as classes sociaes. Foi auctorisada a admissão de dez medicos adjunctos para auxiliarem os serviços clinicos: Drs. José Albino Cordeiro, Augusto Eduardo Pinto, Eduardo Jansen Vieira de Mello, Francisco Soares Montenegro, Almerindo de Matta Bacellar, Ricardo Moreira da Cruz, Ismael Nery, Gonçalo Lagos da Silva, Newton Campos e Eutychio Paula Pinheiro.

A 24 de Agosto de 1900 no gaverno do Dr. Paes de Carvalho vem á Belem uma commissão medica ingleza «A Jelow Fever Expedition Liverpool School of Tropical Medicine», para fazer estudos sobre a febre amarella no Pará, composta dos Drs. Herbert Durham e Walter Myers.

Os Laboratorios de Analyse Chimica e de Bacteriologia da Inspectoria Geral do Serviço Sanitario cujos directores eram, respectivamente, os Drs. Paulo Bohain, chimico francez e Guiseppe Martina, sabio italiano, assim como o Hospital Domingos Freire, foram franqueados aos illustres membros da commissão ingleza, que se mostraram agradavelmente impressionados.

Esses dois apostolos da sciencia cahiram no seu posto de honra, colhidos pelas garras da mesma enfermidade que vieram estudar, fallecendo após alguns dias o Dr. Walter Myers.

No periodo de 1901 á 1903 foram acceitos os Drs. Americo Gonçalves Campos, Francisco Caribé da Rocha, Aleixo José Simões, Carlos Maria de Novaes, Joaquim Paulo de Souza, Julião Freitas do Amaral, Amaro Danin, Antonio Estanislau de Vasconcellos, Bento Urbano da Costa, Vital da Costa Rego, Antonio Remigio de Castro Filgueiras, Appio Medrado, Lindolpho Abreu, João Henrique, Oscar de Carvalho, Raymundo da Cruz Moreira e Bernardo Rutowitz.

O Dr. Amaro Danin, paraense, nascido em Belem, á 20 de Julho de 1862, foi diplomado pela Faculdade de Paris, com o grão de doutor em medicina no dia 21 de Julho de 1891. Verificou o seu titulo

perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo sido julgado habilitado para exercer a clinica no Paiz, a 4 de Novembro de 1892.

Profissional devotado, exercia a clinica como um sacerdocio; occupou os cargos de medico do Instituto Orphanologico e do Hospital de Caridade e os de Delegado Sanitario do Estado e do Serviço Sanitario Municipal. Gosava grande estima geral de seus concidadões. Falleceu em Paris no dia 19 de Julho de 1901.

Dr. Augusto Numa Pinto, filho legitimo do Dr. Augusto Thiago Pinto e D. Maria da Gloria Paes Pinto, nasceu em 2 de Abril de 1858, em Belem do Pará.

Enectou os estudos de humanidades em o Seminario de Santo Antonio, embarcando para a França em 1873, onde se matriculou no Lyceu Saint Louis.

Em 1878 e 1879 prestou na Sorbonne os exames de bacharelando em Lettras, em Philosophia e em Sciencias Physicas e Naturaes.

Matriculou-se na Faculdade de Medicina de Paris, onde se doutorou em 1885, versando a sua these sobre o «Herpes genital».

Em 1887 prestou no Rio de Janeiro brilhantes exames de revalidação do titulo de medico extrangeiro, sendo approvada com distincção a sua these sobre o «Zona».

Nesse mesmo anno voltou á Europa onde se entregou a estudos especiaes em Londres e Vienna.

Regressou em 1889 ao Pará, onde em pouco tempo se tornou estimadissimo pelo seu grande preparo scientifico e bello caracter.

Em plena actividade clinica, quando voltava de uma visita ao hospital da Ordem 3.ª sentiu os violentas effeitos do toxico que por um inexplicavel engano, lhe tinha sido misistrado pelo pratico que dirigia a pharmacia d'aquelle estabelecimento hospitalar.

Recolheu-se immediatamente a uma pharmacia que então existia no angulo da rua 15 de Novembro com a travessa 7 de Setembro, onde foram baldados todos os esforços para salval-o, pois ahi mesmo falleceu ás 7 1/2 da noite de 3 de Abril de 1902.

Tão profunda foi a impressão causada por este doloroso acontecimento no seio da sociedade paraense, que o governador Augusto Montenegro, para evitar que desastres identicos se reproduzissem, resolveu crear a Escola de Pharmacia do Pará, que relevantes serviços tem prestado no norte do Brazil.

Outra consequencia d'este facto luctuoso foi a completa remodelação do hospital da Ordem 3.ª (1)

Em Janeiro de 1895, o Dr. Numa Pinto, auxiliado pelos Drs. Almeida Pernambuco, Clemente Soares e Firmo Braga, opera, na travessa de Alemquer o primeiro caso de talha hypogastrica extrahindo 3 grandes calculos da bexiga do paciente, operação essa de resultado satisfactorio.

Dr. João Chrysostomo da Matta Bacellar, Barão da Matta Bacellar, nasceu no Estado da Bahia, á 27 de Janeiro de 1844.

---

(1) Apontamentos gentilmente offerecidos a meu pedido pelo Dr. Eduardo Augusto Pinto.

Como alumno da Faculdade de Medicina da Bahia seguiu para a campanha do Paraguay e pelos serviços prestados, o Governo Imperial condecorou-o com a medalha de Merito Militar. A' 17 de Dezembro de 1870, recebeu o grão de Dr. em Medicina.

Fez parte do Corpo de Saúde da Armada de 1871 á 1878, quando solicitou sua exoneração para vir clinicar em Belem. Foi agraciado pelo Governo Portuguez com a Commenda de N. S. da Conceição da Villa Viçosa e mais tarde com o titulo de Barão por serviços prestados á colonia portugueza. Em politica militou no Partido Liberal e foi grande abolicionista. Exerceu os cargos de Inspector de Saúde Publica; medico da Saúde do Porto; dos Hospitaes de Caridade; Ordem 3.ª e D. Luiz I; director do Hospital José Bonifacio, por occasião da epidemia de variola em 1880. Occupou por vezes o cargo de Juiz de Orphãos. Falleceu no dia 17 de Abril de 1901.

Dr. João José Godinho que salientou-se na classe medica paraense pelo seu caracter recto, nasceu em S. Luiz do Maranhão, em 20 de Março de 1849 e recebeu o grão em doutor em Medicina no dia 18 de Dezembro de 1875. O seu campo clinico foi esta capital em que domiciliou-se em pouco tempo depois de formado. Especialisou se no tratamento das molestia infantis, tinha a alma moldada pela fórma da bondade.

Foi presidente da Sociedade Medico-Pharmaceutica do Pará e exercia o cargo de demographista na directoria do Serviço Sanitario Estadoal; era medico effectivo do Hospital de Caridade. Por occasião da reunião do 4.º Congresso Medico Brazileiro foi escolhido pelo Dr. Paes de Carvalho, Governador do Estado, para represental-o nessa assembléa de scientistas obtendo a distincção de ser eleito Vice-Presidente do Congresso; de volta á Belem, apresentou o seu relatorio. As columnas do «Pará-Medico» de cuja redacção fazia parte, foram enriquecidas com escriptos seus.

A sociedade de Sciencias Medicas de Lisbôa o distinguiu com o titulo de socio correspondente. Falleceu no dia 4 de Janeiro de 1902.

No governo do Dr. Augusto Montenegro, em 1902, o serviço de hygiene progrediu a passos largos; este illustre paraense installou na ala esquerda do palacio do governo as diversas secções de hygiene; montou grande e perfeito laboratorio chimico e bacteriologico: fez acquisição de material apropriado ao expurgo das casas; tornou obrigatoria a remoção dos doentes accommettidos de molestias infecto-contagiosas. Era director da hygiene o Dr. Geminiano de Lyra Castro que tinha como auxiliares um grupo de medicos distinctos e habeis, com a denominação de Inspectores Sanitarios, salientando-se entre elles, pela dedicação e perseverança os Drs. Albino Cordeiro, Juvenal Cordeiro e Gonçalo Lagos.

Em 1903 irrompeu a epidemia de peste bubonica que encontrou a classe medica preparada para combatel-a, porque o Dr. José Paes de Carvalho, antecessor do Dr. Montenegro, prevendo a invasão, tratou de tomar as medidas precisas. Elle importou, immediatamente, o serum Jersin e Haffkin; installou na ilha Tatuóca um lazaredo com uma estação sanitaria para o expurgo das embarcações; um armazem para as mercadorias susceptiveis de transmittirem o virus; um desin-

fectorio para o saneamento das bagagens, de modo que, do norte do Paiz, era o Pará o melhor Estado apparelhado para combater o mal. No seu governo creou a Commissão do Saneamento de Belem e foram inaugurados tres importantissimos hospitaes: — o actual hospital de caridade, o hospital Domingos Freire, para febre amarella e o hospital S. Sebastião para tratamento exclusivo de variola.

O primeiro caso foi notificado pelo Dr. Americo Campos. O director do serviço sanitario terrestre Dr. Francisco Miranda acompanhado do Dr. Albino Cordeiro foram verificar a denuncia e pelo exame bacteriologico do liquido extrahido do bubão ficou provado a existencia do *colli-bacillo* da peste.

O Estado do Pará possuia um bom laboratorio com todo o material bacteriologico; serum antipestoso; vaccina em abundancia; os mais modernos apparelhos de desinfecção e esterillisação, como estufas, irrigadores etc. etc., tudo quanto a sciencia moderna lança mão para a extincção das epidemias.

Procedeu-se a vaccinação em grande escala, ao expurgo das casas e das circumvizinhas onde havia o mal, assim como guerra de morte aos ratos propagadores; a remoção obrigatoria dos doentes para o hospital de S. Sebastião, previamente preparado para o tratamento dos pestosos.

Eram inspectores sanitarios os Drs. Julião Amaral, Juvenal Cordeiro, Gonçalo Lagos da Silva, Antonino de Sousa Castro e Augusto Eduardo Pinto.

Em 8 de Novembro de 1897 surge entre a classe medica e pharmaceutica a idéa da fundação de uma associação com a denominação de «Sociedade Medico-Pharmaceutica do Pará», com o fim de tratar dos interesses scientificos e sociaes, idéa essa que teve por iniciador o Dr. Paes de Carvalho.

As suas sessões realizaram-se no salão de honra da Inspectoria do Serviço Sanitario que funccionava naquelle tempo, na praça Saldanha Marinho n.º 19. Foi eleito primeiro presidente o Dr. Americo Santa Rosa.

Nunca é tarde para perpetuar nas paginas severas da historia os nomes e os esforços dos cidadões illustres e notaveis que souberam dignificar a Patria, collocando-a em alto relevo por actos de civismo e de benemerencia, que os fazem recommendaveis á posteridade. O Dr. Americo Marques Santa Rosa foi um dos medicos mais notaveis do Pará; o seu talento fulgiu desde os bancos academicos. A sua these de formatura que produzio successo por ser contraria as opiniões correntes e acceitas na academia, versou sobre: «Os erros da therapeutica franceza demonstrada pela doutrina italiana», a qual foi classificada com nota distincta. Elle nasceu na capital do Estado da Bahia, aos 22 de Janeiro de 1833. Seus paes foram o Sr. Jacynto Silvano Santa Rosa e D. Virginia Marques Santa Rosa.

Apenas, com 12 annos de edade encetou os exames do curso de humanidades e aos 15 annos matriculou-se na faculdade de medicina. Em 17 de Dezembro de 1853, com 21 annos incompletos, recebeu o grau de doutor em medicina. Por decreto de 28 de Setembro de 1854 foi nomeado 2.º cirurgião-alferes do corpo de saude do exercito, sendo

designada a Provincia do Pará para exercer n'ella as funcções do seu cargo; desembarcou em Belem no mez de Fevereiro de 1855, no mesmo anno em que irrompeu a epidemia do cholera-morbus.

O Dr. Americo foi um dos que com dedicação trabalharam na installação do Collegio Paraense, que em virtude da lei n.º 278 de 3 de Dezembro de 1855 converteu-se em Lyceu Paraense.

Concorreu em concurso para a cadeira de grammatica philosophica da lingua nacional, com diversos candidatos, obtendo o 1.º lugar e nomeação.

Como politico manteve sempre uma orientação nobre e digna de exemplo; era filiado ao partido liberal. Foi jornalista emerito, a sua acção foi sempre effectiva no *Jornal do Amazonas*, no *Liberal do Pará*, no *Tiradentes*, no *Futuro*, porem a phase mais brilhante foi quando o *Liberal do Pará* tomou o nome de *Democrata* após o advento da Republica. Em 1883 foi nomeado inspector interino da saude publica, declarando acceitar o cargo, mas recusar qualquer remuneração. Medico de grande clinica, profissional competente, illustrado e humanitario, captou a sympathia do povo paraense. Falleceu em 1902 victima de sua dedicação e do dever profissional, á infecção adquirida no exercicio da clinica.

Após tres annos de existencia a *Sociedade Medico Pharmaceutica do Pará* apresenta na arena jornalistica o 1.º numero do *Pará-Medico*, revista mensal e orgão da Sociedade, cujos redactores eram os Drs. Pontes de Carvalho, João José Godinho e Americo Campos. Essa revista teve a rara felicidade de existir durante dois annos e de editar 13 numeros, sahindo á publicidade o ultimo, em Abril de 1902. Foi um grande campo aberto, onde as aptidões dos illustres membros da corporação medica e pharmaceutica puderam desenvolver-se e aproveitar-se.

Faziam parte da Sociedade os seguintes medicos: Drs. Antonio da Matta Rezende, Americo Marques Santa Rosa, João Raulino de Souza Uchôa, João José Godinho, José Antonio Pereira Guimarães, Henrique Avelino Mendes, Clemente Felix Penna Soares, Augusto Numa Pinto, Lourenço de Hollanda Lima, Amaro Roso Cardoso Danin, Eduardo Jansen Vieira de Mello, Mecenas Facundo de Lima Salles, Pedro Miguel de Moraes Bittencourt, Francisco da Silva Castro, Thiago Pinto, Matta Bacellar, Virgilio Mendonça, Eufrosino Pantaleão Francisco Nery, José Paes de Carvalho, Luiz Alexandrino Araujo Bahia, Cypriano José dos Santos, Luciano Claudio da Silva Castro, Francisco Mariano de Aguiar, Miguel de Almeida Pernambuco, Antonio O' de Almeida, Francisco da Silva Miranda, Antonio Joaquim da Silva Rozado, José Maria Pereira de Barros, José Cyriaco Gurjão, Firmo José da Costa Braga, Antonio Marçal, José Albino Cordeiro, Pedro José de Miranda, Camillo Henrique Salgado, Raymundo Olegario da Costa, Deoclecio Carivaldo de Miranda Corrêa, Barão de Anajás, Alexandre Tavares, Rogerio de Miranda, Luiz Vieira Lima, Julião Freitas do Amaral, Pedro Leite Chermont, Pedro Moreira, Manoel Falcão, Soares Montenegro, Almerindo Bacellar, Newton Campos, Moreira da Cruz, Bruno Bittencourt, Epaminondas Passos, Eutychio Pinheiro, Ismael Nery, Ricardo Moreira da Costa, Mariano Ayres de

Souza, Antonio de Vasconcellos, Aleixo José Simões, Clarindo d'Oliveira Chaves, Joaquim Rodrigues Ferreira, Francisco I. de Magalhães, Vivaldo Lima, José Lopes da Silva Junior, Carlos A. de Novaes, Carlos Maria de Novaes, Lindolpho Abreu, Antonio Baptista de Moura, Carlos Augusto Pereira, Segismundo G. de Mendonça, Thomaz de Mello Filho, João d'Aguiar S. Martins, Alarico Alves da Costa, Paulo Lacerda, Claudio Serra, Pontes de Carvalho e Americo Campos.

Em 1900 houve scisão na Sociedade, formando o grupo divergente uma outra Sociedade denominada *Sociedade de Medicina e Cirurgia do Pará*, cujas sessões realisavam-se na residencia do Dr. Pereira de Barros, na praça Barão do Rio Branco (Largo da Trindade) esquina da rua Gama e Abreu. Essa nova agremiação tinha tambem o seu orgão: «Annaes da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Pará», cujos redactores eram os Drs. Henrique Mendes, Silva Rosado, O' de Almeida o Britto Pontes.

O Dr. Torreão Rôxo escreveu sobre um caso de obcessão pathologica e sobre um caso de escorbuto. O Dr. Britto Pontes sobre o tratamento da tuberculose pelo igasol.

Nesse mesmo anno o Dr. João José Godinho foi nomeado para delegado do Governo do Pará, no Congresso Brazileiro de Medicina e Cirurgia, reunido na Capital Federal, tendo dirigido ao Governador do Estado Dr. José Paes de Carvalho, notavel e circunstanciado relatorio.

Em sessão ordinaria realisada a 7 de Janeiro de 1901, foram eleitos para fazerem parte do corpo redaccional do *Pará-Medico* os Drs. Gonçalo Lagos e Azevedo Ribeiro. Diversas theses foram ventiladas por varios socios: Dr. Paes de Carvalho, sobre obstetricia; Dr. Lyra Castro, sobre aphtalmologia. Em sessão de 1.º de Fevereiro de 1901, o 1.º secretario, Dr. Americo Campos apresentou as seguintes theses para concurso á premio:

1.ª—A febre amarella no Pará e sua curabilidade.

2.ª—Constituição climatica do Pará.

3.ª—Formas de impaludismo no Pará.

4.ª—Saneamento de Belem.

5.ª—Immigração e colonisação.

6.ª—As derrubadas nas florestas têm influído sobre a pathologia medica da mesma?

7.ª—Etiologia do beri-beri e sua curabilidade.

8.ª—Estudos sobre as propriedades therapeuticas da pataqueira ou hervão.

Ainda nesse mesmo anno o Dr. Almeida Pernambuco opéra no hospital da Ordem 3.ª de S. Francisco, um caso de kysto hydatico do figado e um outro de calculo vesical, com grande exito e magnifico resultado, aliás os primeiros casos operados em Belem.

No *Pará-Medico* foram publicados brilhantes trabalhos scientificos, salientando-se os dos Drs. Americo Campos—mortalidade infantil; hygiene de Belem; noticia sobre a pathologia medica do Pará; morte natural; a tuberculose; o empirismo no Amazonas. Azevedo Ribeiro—syphilis do systema nervoso; a morphéa no Pará.

Em 1902, no dia 2 de Julho, foi fundada a *Associação Medica dos Hospitaes*, cujo 1.º presidente foi o Dr. Miguel José de Almeida

Pernambuco, realisando-se as suas sessões no salão de honra da Santa Casa de Misericordia, sociedades essas que tiveram vida ephemera.

Em Dezembro de 1905 nova reforma no serviço clinico do hospital de Caridade, sendo creado o museu anatomo-pathologico e o laboratorio de bacteriologia clinica. O serviço clinico que até então era feito revesando-se os medicos, passou a ser feito por um só clinico de accordo com as especialidades.

São nomeados onze medicos effectivos, sendo: 4 na clinica cirurgica; 4 na clinica medica; 1 na clinica de olhos; um medico interno.

Os medicos effectivos da clinica cirurgica do sexo feminino eram os Drs. Aleixo Simões e Gonçalo Lagos da Silva; da clinica cirurgica do sexo masculino os Drs. Newton Campos e Raymundo da Cruz Moreira; da clinica ophtalmologica o Dr. Pedro Miranda; da clinica medica sexo feminino os Drs. Clemente Soares e Francisco Miranda; da clinica medica sexo masculino os Drs. Augusto Pinto e Carlos Maria Novaes. Sala de banco, os Drs. José Albino Cordeiro e Eutychio Pinheiro

Medicos adjunctos do serviço: Drs. Affonso Mac-Dowell, Penna de Carvalho, Alcides Brazil, Almeida Couto e Eduardo Velloso.

Em 1907 o hospital é augmentado com a inauguração de mais uma enfermaria com a lotação para 40 leitos e sob a denominação de «Baptista Campos». São nomeados adjunctos os Drs. Augusto Torreão Roxo, Jeronymo Gesteira, Antonio Figueiredo, Manoel Juliano do Espirito Santo, Lindolpho Campos, Carlos Ornstein Oswaldo Barbosa e Ageleu Domingues. Em 1908 o Dr. Penna de Carvalho ficou, interinamente, encarregado do serviço de clinica cirurgica. Em Junho o Conselho reune o corpo medico para resolver sobre a construcção de uma nova sala de operações moldada nos preceitos da asepsia moderna, assim como sobre a importação e installação dos apparelhos de asepsia e acquisições de novos instrumentos de cirurgia para completar o arsenal cirurgico do hospital, instrumentos esses que foram importados dos Estados-Unidos da America do Norte da casa «The Hospital Supplly C.ª», de New-York, na importancia de 35:167$348.

Dr. Clemente Felix Penna Soares reputado clinico paraense, nasceu em Belem do Pará no anno de 1859 e formou-se em medicina na Bahia em 1885.

Alem da avultada clinica, exerceu varios cargos publicos: medico da Saude do Porto, lente de physica e chimica do antigo Lyceu Paraense e medico durante 14 annos do Serviço Sanitario Municipal, do qual foi director.

Era medico effectivo do Hospital da Caridade e Hospital D. Luiz 1.º.

Falleceu no dia 19 de Janeiro de 1915.

Em 1909 são acceitos para adjunctos os Drs. Castro Valente, Crasso Barbosa, Eduardo d'Utra Vaz, Orlando Pereira Lima, Antonio Pery-assú, João Braulino de Carvalho e José Theodorico de Macedo.

Dahi para cá a medicina paraense vem traçando uma rota brilhantissima de progressos, rivalisando, hoje, em dia, com os mais elevados centros cultos da União.

Todos os segredos da arte medica em qualquer de seus ramos são conhecidos, quer na bacteriologia, quer na clinica medica, quer na clinica cirurgica, quer na obstetricia, quer na gynecologia, quer na physiotherapia, quer na chimica.

Os hospitaes com installações as mais modernas, salientando-se o hospital de Caridade que possue a mais notavel e importante sala de operações do continente Sul Americano, com um completo e perfeito arsenal cirurgico, gabinete electrotherapico um dos melhores do Brazil, sob a direcção de competente clinico paraense Dr. Jayme Rosado.

A nossa organisação hygienica nas suas variadas subdivisões, incluindo o recente departamento de Hygiene Escolar, as Inspectorias de Hygiene Estadoal e Municipal, o serviço de prophylaxia de febre amarella e o de impaludismo, os tratamentos modernos de leichmaniose, processo brazileiro do nosso saudoso patricio Dr. Gaspar Vianna e o da ankylostomiase, do impaludismo, da tuberculose, da syphilis e da morphea; a erradicação da febre amarella pelo inolvidavel mestre, o sabio Oswaldo Cruz, creador da medicina experimental brazileira, no sensato e criterioso governo do Dr. João Coelho, facto esse sufficiente para o sagrar benemerito do Estado; os consultorios modelos com as installações as mais modernas, com as secções de bacteriologia e anatomia-pathologica, exames chimicos, electricidade; o funccionamento regular e perfeito das Escolas de Pharmacia e de Odontologia; a recente inauguração da Escola de Medicina; a existencia dos Hospitaes de Caridade, D. Luiz 1.º, Ordem 3.ª de S. Francisco, S. Sebastião, S. Rocque, Militar, a casa de saude do Dr. Pereira de Barros, o Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia, a Maternidade, o Hospicio de Alienados, o Leprosario, Instituto Pasteur, sabiamente dirigido pelo Dr. Aben-Athar, as innumeras operações de alta cirurgia, (hysterectomias, ovariectomias, gastro-entero-anastomoses, nephrectomias, craniectomias, cesarianas, etc., etc.,) têm sido praticadas correntemente pelos Drs. Camillo Salgado, Cruz Moreira, Appio Medrado, Orlando Lima, Pereira de Barros, Aleixo Simões e Torreão Roxo, que em 1910 praticou a primeira operação cesariana, no Pará, com feliz exito, tornam positiva a minha asserção.

A fundação da Sociedade Medico-Cirurgica do Pará, no dia 14 de Julho de 1914, em cujo quadro social se contém a quasi totalidade dos medicos residentes em Belem, onde se têm cogitado e resolvido os mais palpitantes casos de interesse para o nosso meio e para o Paiz, taes como os votos emittidos sobre :—em pról da Salubridade do Pará; os vestuarios nos climas quentes; a questão do fornecimento do leite no Pará; a endemia do paludismo como o maior flagello das populações da Capital e do interior; as valiosas communicações scientificas; as innumeras observações clinicas apresentadas pelos socios; a convocação da clásse medica, pelo illustre Governador Dr. Lauro Sodré, afim de resolver sobre as medidas as mais modernas para combater a lepra; são provas as mais frisantes de que a medicina, no Pará, tem evoluido, acompanhando, par e passo, os progressos do mundo scientifico.

A primeira directoria eleita para gerir os destinos sociaes foi a seguinte: presidente, Dr. Camillo Salgado; vice-presidente, Dr. Cruz

Moreira; 1.° secretario, Dr. Penna de Carvalho; 2.° secretario, Dr. Arthur França; thezoureiro, Dr. Amanajás Filho; orador, Dr. Acylino de Leão. Têm sido eleitos successivamente para o elevado cargo de presidente os Drs. Silva Rosado, Cruz Moreira e Jayme Aben-Athar que foi reeleito.

Possue a sociedade o seu orgão de imprenssa,—o *Pará-Medico* —que já attingio ao 5.° anno de existencia, e em cujas paginas tem sido exarados trabalhos scientificos e clinicos do mais alto interesse e valor.

Sob o influxo do progresso da hygiene os governos já se compenetraram de que o principal dos seus deveres é cuidar da saude das populações.

A hygiene se vem impondo, cada vez mais, com accentuada energia, evidenciando que della depende o futuro de nosso povo e a estabilidade da saude.

Mais vale prevenir que remediar

O nosso proprio Governador actual, já benemerito, sente-se sob esse influxo, e como prova, está o movimento digno de louvor em prol do Leprosario, acção essa que de longo tempo vem acalentando o seu espirito de escol e humanitario; e quando não existissem outros actos que o recommendassem, bastava esse para perpetuar a sua gloria e a sua benemerencia,—a construcção de um abrigo simples, austero, digno, sem sumptuosidades excessivas, de accordo com os preceitos os mais modernos de hygiene e commodidade, para lenitivo dos atacados do terrivel mal.

A anatomia geral cujo creador foi Bichat; os segredos da auscultação, descoberta por Laennec, que creou a pathologia pulmonar e estabeleceu as bases de semiotica sthetoscopica das affecções cardiacas; a sciencia de Pasteur—a bacteriologia, com todas as suas modalidades; as theorias de Charrin; as de Roux; as de Jersin; as de Arloing; as de Metchnikoff; as de Grasset; as de Richet; as de Erlich, não constituem segredos para os actuaes medicos de Belem.

As theorias bizarras de Grasset, não só sobre a anatomia dos centros nervosos, idealisando a forma polygonal para a localisação dos centros automaticos, centros psychicos inferiores e superiores ou de automatismo psychologicos, assim como as suas novas idéas biologicas, exaradas no seu livro «*La Biologie Humaine*», são sobejamente, conhecidas pelo corpo clinico de Belem.

As antigas theorias de Barthez renovadas e adaptadas ao methodo scientifico de Claude Bernard e de Pasteur pelo professor Grasset, espirito brilhante e phantasioso, vieram, de certo modo, abalar os solidos alicerces que mantinham o monismo do grande sabio allemão Haeckel.

O notavel professor de Montpellier levantando do esquecimento a celebre doutrina vitalista e adornando-a com os processos modernos, creou uma biologia singularmente imaginosa e attrahente.

Oppondo-se ao monismo, procurou demonstrar ser a biologia humana diversa da animal e da vegetal, collocando-se assim em completa discordancia com a doutrina acceita pela Sorbonne, estabelecendo a unidade nas leis que regem os seres mais simples, como as amibas e os mais complexos como o homem.

A doença é no seu dizer, a resultante da reacção de um ou de varios apparelhos da economia, contra um agente exterior, e não a evolução da propria causa morbida.

Sendo assim, nós mesmos procuramos as doenças, de accordo com o nosso temperamento, a nossa hereditariedade, as nossas disposições anaphylaticas; isto é, não ha doenças e sim doentes.

«As leis da vida e mui particularmente as da vida humana têm a sua autonomia, a sua individualidade propria, não podemos confundil-as nem com as leis physico-chimicas, nem com as da metaphysica. Servem-lhes de base a physiologia moderna e a clinica.»

Concluimos que a biologia humana é uma sciencia experimental, cujo principio philosophico assenta num *edealismo positivo.*

A recentissima theoria de Paulo Portier, da Faculdade de Sciencias de Paris exarada no seu livro «*Les Symbiotes*» que tem feito sensação nos meios universitarios; uma verdadeira revolução em biologia:—«as bacterias symbioticas, isto é, os «*symbiotos*» abrigam-se no protoplasma cellular, em tanta intimidade e harmonia, que constituem a vida. Em dado momento, exaltam-se, multiplicam-se, quebram a harmonia na cellula, entre o nucleo e o apparelho mitochondrial, e então se originam os neoplasmas.»

Theoria, alias, já idealisada, ha dez annos antes, por um patricio nosso, o Dr. Moreira da Fonseca:—«a cellula cancerosa seria devido á symbiose de um germem parasitario com o elemento cellular.»

Para aquelles que com sinceridade estremecem a sua profissão; para aquelles que com interesse se preocupam com as crises da classe á que se integram; para aquelles que entendem que as questões profissionaes estejam acima das ambições, certamente nada poderá segredar ao coração, do que a elevação moral e scientifica de sua classe.

Desejo justissimo a afagar o cerebro dos que idolatram o Pará, aspirando o seu evoluir progressista, apezar da formidanda crise economica e financeira.

Bemdictos sejam os que aqui trazem o seu concurso, provando com isso que neste recanto afastado e ignorado do Paiz e do mundo scientifico, o culto do amor á Patria não é esquecido.

Dr. Penna de Carvalho.

Pedro Teixeira

(Esboço biographico)

> **Lido em sessão solemne do *Instituto Historico e Geographico do Pará*, effectuada em 4 de junho de 1919, commemorativa da morte do grande soldado.**

SI houve um homem, dentre os gloriosos companheiros de Francisco Caldeira de Castello Branco, que se tornasse notavel pelo seu denodo e benemerito pelo seu cavalheirismo, foi esse o legendario Pedro Teixeira, que atravessou os cinco primeiros lustros da nossa historia colonial sempre aureolado pela nobresa de suas acções e pela gloria de suas façanhas.

Dir-se-ia necessaria a penna de um grande escriptor para escrever a vida desse homem extraordinario que, na sua aventurosa viagem ao Alto Amazonas, levou as fronteiras do Brasil ás margens do Ñapo, livrando-o, talvez, de ser uma estreita faixa de terra beijada pelo Atlantico e limitada, para o occidente, pelo Tocantins e Paraná.

A sua acção bemfaseja, expulsando inglezes e hollandezes do valle do Amazonas e a celebre viagem ao Perú—são as corôas de oiro macisso que glorificam o grande soldado lusitano, cujo nome atravessará o decorrer dos seculos, como um nobre testemunho do valor, do patriotismo e da bravura desse povo de navegadores e guerreiros que assombrou o mundo com os seus feitos sobrehumanos na Asia fabulosa, nas areias africanas e na virgem America.

E a cidade de Belem, que elle ajudou a fundar e defen-

deu com a sua espada, não tem, ao menos, o nome de Pedro Teixeira como designativo de uma de suas avenidas, na falta da justa homenagem que lhe devemos—uma estatua em nossas praças.

I

Nascido em 1570 (1) na villa de S. Pedro de Cantanhede, cabeça do Concelho e Districto de Coimbra, em Portugal, era Pedro Teixeira de nobre ascendencia. Infelizmente, as chronicas nada nos dizem sobre a vida do herôe durante o tempo em que esteve em sua Patria, começando o seu nome a apparecer, já com certo acatamento, nas forças encarregadas de expulsar os francezes localisados no Maranhão, onde, a 8 de setembro de 1612, haviam fundado a cidade de S. Luiz.

A 19 de novembro de 1614, demonstrou a mais extremada bravura na defesa victoriosa do forte da Natividade ou de Santa Maria, em Guaxinguba, atacado pelos francezes sob o commando de Daniel de la Touche, senhor de la Ravardiére.

Em obediencia ás ordens de Jeronymo de Albuquerque, partiu de S. Luiz a 25 de dezembro de 1615, incorporado á expedição de Francisco Caldeira de Castello Branco, para a conquista e colonisação do Grão-Pará, aqui chegando a 11 ou 12 de janeiro de 1616, data que assignala a fundação da cidade de Nossa Senhora de Belem (2).

Cooperou activamente com a sua energia e experiencia na construcção das fortificações do nascente povoado, prevendo possiveis ataques dos selvagens que habitavam as margens da bahia do Guajará.

O conceito que gosava entre os seus companheiros d'armas e a confiança com que o distinguiam, recommendavam-no ás mais arriscadas commissões, sendo elle incumbido, por Francisco Caldeira de Castello Branco, de ir, por terra, ao Maranhão, levar a Jeronymo de Albuquerque a boa nova da conquista do Grão-Pará e fundação da cidade.

Acompanhado de alguns soldados e indios, partiu, a 7 de março desse anno, em direcção a S. Luiz.

Gastou dois mezes justos nessa viagem atravez os nossos sertões, embrenhando-se por florestas espessas, quasi impenetraveis, povoadas de tribus selvagens que, de quando em quando, o accommettiam furiosamente. Nas proximidades do rio Caeté, foi atacado violentamente pelos Tupinambás, sendo necessario pôr á prova a sua bravura para conter a onda que o assaltava. A lucta foi renhida mas a sua coragem e o valor de seus companheiros fizeram-os vencedores, reduzindo á obediencia os selvagens que tão insolitamente os aggrediam.

---

(1)—Ignacio Moura—*Annuario de Belem*—pag. 105.
(2)—Frei Vicente do Salvador—*Historia do Brasil*—pag. 444.

Vencendo mil difficuldades e privações, alcançou a capital do Maranhão, onde chegou a 7 de maio, sendo recebido com grandes demonstrações de jubilo e apreço, senão de assombro, pela extraordinaria façanha que acabara de praticar.

Em um lanchão, voltou ao Pará, trazendo mantimentos e reforços a Francisco Caldeira, que o aguardava anciosamente.

Sabendo Francisco Caldeira que um navio extrangeiro se achava fundeado no rio Amazonas, organisou uma expedição, confiando o commando a Pedro Teixeira, que partiu da cidade. Dado o assalto, por abordagem, a 9 de agosto, ainda desse anno, apoderou-se do navio, e o incendiou, trazendo para Belem a respectiva artilharia, que foi collocada no forte *Presepio*, sendo Pedro Teixeira ferido nessa acção memoravel. Este glorioso feito recommendou-o á promoção ao posto de capitão, que lhe foi conferido por Patente Régia de 28 de agosto de 1618.

Graves dissenções lavravam na colonia, não sendo exagero dizer que os cinco primeiros annos de nossa vida colonial, são testemunhos de crimes, levantamentos, rebelliões e deposições. A desorganisação chegou a tal ponto que, por pouco, ficariam perdidos tantos esforços si não fôra o patriotismo e a tenacidade de alguns officiaes, como Pedro Teixeira, Ayres de Souza Chichorro e outros.

O assassinato do capitão Alvaro Netto, official estimadissimo e a consequente deposição de Francisco Caldeira, a 14 de setembro de 1618, plantando a anarchia na pequena cidade, levou aos Tupinambás, batidos diversas vezes pelos conquistadores, a esperança de recuperarem o terreno perdido. Resolvido, por elles, o ataque geral á cidade, deram o assalto a 7 de janeiro do anno seguinte, pondo em grave perigo o dominio lusitano na Amazonia. A onda, ameaçadora e terrivel, chega até junto ás trincheiras, verificando-se prodigios de valor de parte a parte. O logar hoje denominado—Praça Frei Caetano Brandão, anteriormente—Largo da Matriz e depois—Largo da Sé—deveria ter ficado juncado de cadaveres dos heróicos guerreiros selvagens, certos como estavam da victoria. No mais critico do combate, o capitão Gaspar Fragoso conseguiu, com uma bala certeira, prostrar para sempre o famoso chefe indio—*Guaimiaba*—o celebre—*Cabello de Velha*—, causando este facto o desanimo nas fileiras atacantes, que são rechassadas completamente.

Novo levante militar, a 20 de setembro desse anno, sacudiu da administração o capitão-mór Mathias de Albuquerque, que havia assumido o governo quatorze dias antes, sendo eleita, pelos amotinados, uma Junta Trina, composta de Frei Antonio de Merciana, do capitão Custodio Valente e de Pedro Teixeira, Junta essa que governou até maio de 1620, quando, com a retirada dos dois primeiros, ficou exercendo o cargo de capitão-mór o capitão Pedro Teixeira, até á chegada de Bento Maciel Parente, que assumiu o governo a 18 de julho de 1621.

No inicio de 1622, foi incumbido por Bento Macial Parente de abrir uma estrada que communicasse as capitanias do Pará e Maranhão. Conhecedor do terreno, por havel-o percorrido seis annos antes, escolheu o ponto de partida da estrada, mais ou menos no logar onde está hoje a villa de Ourém, á margem direita do rio Guamá, dando começo aos trabalhos, em direcção á villa de Maracú, hoje cidade de Vianna, no Estado do Maranhão. Contaria a estrada cento e dez léguas de extensão e cincoenta e meia leguas desviada da costa. Difficuldades supervenientes obstaram que se concluisse tão util emprehendimento (3).

«Entre os pontos fortificados, creados pelos hollandezes, que se encaminharam para os lados do rio Xingú, contava-se o de—*Mariocáy*, á margem direita do rio Amazonas, onde hoje assenta a séde do municipio gurupaense. Bento Maciel Parente e Luiz Aranha de Vasconcellos, segundo a chronica, foram os heróes desta campanha, na qual as armas portuguezas, grandemente auxiliadas pelos indigenas, tiveram todas as glorias. Mariocáy foi totalmente destruido e, em 1623, Bento Maciel Parente, que nos documentos publicos se intitulava—*capitão maior da conquista do Pará e primeiro descobridor e conquistador de Gurupá e rio Amazonas*, honra que lhe disputava Luiz Aranha de Vasconcellos e que mais justamente caberia a Pedro Teixeira, fundou no mesmo logar de Mariocáy o forte de Santo Antonio de Gurupá, guarnecendo-o com 50 soldados e indios, sob o commando de Jeronymo de Albuquerque» (4).

Ao mesmo tempo que Bento Maciel Parente se apoderava do forte de Mariocáy, Pedro Teixeira assalta e destróe os fortes denominados—*Orange* e *Nassau*, construidos pelos hollandezes nas margens do rio Xingú.

Em 2 de maio de 1625, Bento Maciel Parente organisou nova expedição composta de 50 soldados e 700 indios guerreiros para continuar a lucta contra os invasores, confiando o commando da força ao intrepido Pedro Teixeira. Ao raiar o dia 23 desse mez e anno, as forças expedicionarias, divididas em duas columnas, uma para avançar por terra e outra por mar, atacam ao mesmo tempo o forte de *Mandiutuba*, construido pelos hollandezes á margem direita do rio Xingú, algumas leguas acima do forte de Gurupá e sob o commando do capitão Nikolão Oudaen. Apezar da heróica resistencia opposta pelos hollandezes contra os continuos assaltos das forças dirigidas por Pedro Teixeira, ao cahir da noite estava o forte em poder dos portuguezes, fugindo os bravos defensores, aproveitando-se das trevas e da horrivel tempestade, que então desabava. Em

(3)—Manoel Barata—*A Jornada de Francisco Caldeira de Castello Branco* pag. 42

(4)—Palma Muniz—*Delimitação Intermunicipal do Estado do Gram-Pará*, apu —"Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico", vol. IX—pag. 263.

um lanchão, foram, rio abaixo, refugiar-se entre os inglezes, que occupavam varios pontos da provincia dos *Tucujûs*, isto é, nas terras da margem guyaneza do Amazonas, depois chamada de —Macapá—, cujo canal occidental os portuguezes denominavam—*Rio Filippe*.

Em principios de 1626, seguiu, em viagem de exploração, ao Baixo Amazonas, a mandado de Francisco Coelho de Carvalho, 1.º Governador e Capitão-General do Estado do Maranhão e Grão-Pará, levando em sua companhia frei Christovam de São-José, religioso Capucho de Santo Antonio. Entrando no rio Tapajós, anteriormente denominado—*Rio-Preto*—, devido á cor apparente e comparativamente negra de suas aguas, com as barrentas e esbraquiçadas do Amazonas, Pedro Teixeira abriu relações amigaveis com os indigenas que residiam numa aldeia situada na bahia de Alter do Chão, a cuja povoação os indios chamavam—*Borary* e foi com este nome que, mais de quarenta annos depois, os Jesuitas alli estabeleceram uma missão e governaram a aldeia.

Exercia o cargo de Ouvidor do Pará, quando, a 31 de maio de 1627, informou favoravelmente a petição do Senado da Camara de Belem, que pretendia a legua patrimonial para a cidade, sendo esta concedida, em 1 de setembro desse anno, por Francisco Coelho de Carvalho, assignando Pedro Teixeira o respectivo termo de doação, a 29 de março de 1628.

A 1 de setembro de 1629, foi enviado para combater e expulsar os inglezes localisados no forte—*Taurege*,—que os portuguezes chamavam—*Torrégo*,—construido na margem esquerda do rio Taureiú, confluente septentrional do rio Maracápúcú, affluente do Amazonas na margem guyaneza. Cercado o forte, ópéra assaltos frequentes, corta os comboios, bate as sortidas britanicas e concede suspensão de armas para parlamentar; nada conseguindo, resolveu empregar todas as forças num ataque geral e, a 24 de outubro, tomou a posição aos inglezes, morrendo na acção o valoroso commandante do forte, o capitão James Purcell.

Dias depois chegou ao Amazonas o capitão inglez Roger North, que, ao saber da destruição do forte Taurege, tentou vingar a derrota inflingida aos seus compatriotas. Trazia dois navios com reforços, para garantirem o dominio inglez nas margens do grande rio.

Desapontado, ferido no seu orgulho, ao ver que um punhado de indios e portuguezes havia destruido e anniquillado a feitoria britanica, resolveu atacar Pedro Teixeira que se achava em Gurupá, travando-se renhido bombardeio entre as baterias do forte de Santo Antonio e os navios inglezes. Não conseguindo destruir a posição portugueza, North tentou o desembarque de suas forças, para o assalto, sendo energicamente repellido e destroçado, deixando no campo de acção a maior parte de sua gente, retirando-se para não compromettter de toda a sua empreza.

Posto em fuga de Gurupá, North retirou-se com avarias importantes em seus navios e levantou, entre os rios Matapy e Anauerápucú, na margem guyaneza do Amazonas, um forte solido e bem guarnecido, de onde foi expulso, a 1 de maio de 1631, por Jacome Raymundo de Noronha, que lhe deu o mesmo destino dos outros — a destruição. Os inglezes que os guarneciam foram feitos prisioneiros quando fugiam pelo rio afora e trazidos para Belem.

Foi esta, parece-nos, a ultima tentativa dos inglezes, no sonho dourado de conquistar o grande rio para a corôa de Sua Magestade Britanica, o que teriam realisado, se não fôra a bravura dos portuguezes e o heroismo desinteressado dos nossos patricios habitadores das selvas, feitos immortaes onde fulgura, brilhando como nenhum outro, o nome legendorio de Pedro Teixeira.

II

Varias tentativas fizeram os hespanhóes, dominadores do Perú, para a conquista do — *El Dorado*, — paiz fabuloso, situado entre os rios Orenoco e Amazonas, nas proximidades do lago Parimá, e onde, segundo revelações dos Incas, palacios, montes, florestas, tudo era de ouro.

Em 1539 Gonçalo Pizarro, irmão do conquistador do Perú, tentou alcançar o famoso paiz e, já nas margens do Coca, destacou Francisco Orellana em busca de viveres para a expedição. Orellana desceu o Napo, desembocou no Amazonas e não podendo regressar a juntar-se aos seus companheiros resolveu vir aguas abaixo, ao sabor da corrente do grande rio, surgindo no Atlantico a 24 de agosto de 1542, realizando assim, para a Hespanha, a extraordinaria façanha da descoberta do Amazonas em todo o seu curso.

Em 1560, Pedro de Ursúa renovou a tentativa, que se tornou tão tristemente celebre pela serie de crimes commettidos, sendo Ursúa assassinado, acclamando os amotinados a Dom Fernando de Gusmão "rei" do novo paiz. Aguirre, um dos protagonistas desse drama, fez assassinar Fernando de Gusmão, tomando o titulo de General. Desembocando no Atlantico, foram ter os celerados á ilha Margarida, nas Antilhas, onde Aguirre, após novos crimes, morreu ás mãos de seus proprios soldados.

Em principios de 1637, appareceram inesperadamente em Belem dois leigos Franciscanos, freis André de Toledo e Domingos de Brieda, acompanhados de seis soldados hespanhóes que faziam parte de uma nova expedição para a conquista do *El Dorado*. Desbaratada, nas margens do Aguarico ou do Ouro, a força expedicionaria, de que era commandante Juan de Palacios, pelos indios *Encabellados*, inconscientes defensores das fronteiras do Brasil, os que lograram fugir á sanha victoriosa dos selvagens, rumaram, uns para Quito e outros, numa fra-

gil embarcação, desceram o Amazonas, á mercê da corrente, soffrendo mil privações, aportando emfim a Belem, onde narraram a sua longa e tristissima odisséa.

Jacome Raymundo de Noronha, 2.° Governador e Capitão-General do Estado do Maranhão e Grão-Pará, que assumira o governo a 9 de outubro do anno anterior, ambicioso de glorias, ao ouvir o relato dos hespanhóes, tentou a conquista do Alto Amazonas, para estender os dominos portuguezes até ás terras da Perúvia. Resolvida a grandiosa empresa, tornava-se necessario encontrar um homem que alliasse a bravura á prudencia. O nome de Pedro Teixeira impunha-se para o commando da expedição que devia dar ao Brasil a quasi totalidade da bacia amazonica. A Teixeira, foi, pois, dada a patente de Capitão-mór e General do Estado e plenos poderes para haver-se com independencia na perigosa commissão que ia desempenhar, sendo nomeados os seus axiliares coronel Bento Rodrigues de Oliveira, capitão Pedro da Costa Favella, naturaes de Pernambuco, capitão Antonio de Almeida de Azambuja, mestre de campo, Filippe Cotrim de Mattos, sargento-mór; capitães de infanteria Pedro Baião de Abreu e Ignacio de Gusmão; alferes Diogo Ferreira; o capitão Bento da Costa, que em Quito desenhou o mappa do Amazonas e como capellão o religioso Capucho de Santo Antonio, frei Agostinho das Chagas, guardião do convento de Santo Antonio.

A 25 de julho de 1637, surgiu em Belem, vindo do Maranhão, o capitão Pedro Teixeira, acompanhado dos officiaes alli nomeados para a expedição exploradora, chegando o Senado da Camara a solicitar ao então Capitão-mór, Ayres de Souza Chichorro, que dirigia a Capitania, decretasse a suspensão das ordens de Jacome Raymundo de Noronha, no que não acquiesceu Souza Chichorro.

Em principios de agosto sahiram os expedicionarios de Belem, dirigindo-se a Camutá, hoje Cametá-Tapéra, a apparelhar-se de canoas e dalli a Gurupá, onde concluiram esses perparativos, que constavam de setenta canoas, entre as quaes havia quarenta e sete de grandes dimensões, setenta soldados portuguezes e mil indios guerreiros e remadores, alem da officialidade já apontada, retornando ao Perú frei Domingos de Brieda e os seis soldados hespanhóes, que serviram de guia aos novos argonautas.

A 28 de outubro desse anno, partiu de Gurupá, sulcando o Amazonas, aguas acima, a gloriosa expedição que devia dar ao Brasil a posse da mais rica região, que, um seculo depois, Charles Marie de la Condamine percorreria em missão scientifica.

Tanto é certo que partiu de Gurupá e não de Cumatá a 28 de outubro, que tomamos, a proposito, do padre Manoel Ayres do Cazal as seguintes linhas: —O "Portuguez Pedro Teyxeira, que conduziu huma frota de canoas do Pará, até á boca do Napo, subindo até onde começa a ser navegavel, fez huma

relação circunstanciada d'hum, e outro em 1638. Fallando d'elle o Jezuita Christoval da Cunha (aliás Christoval d'Acuña), que o acompanhou de Quitoaté ao Pará, diz o seguinte: Salió pues este buen Caudillo de los confines del Pará a los 28 de Outubro de 1637 años com47 canoas de buen porte, y en ellas 70 soldados portuguezes, 1200 indios de boga y guerra, que con las mugeres, y muchachos de serviço passarian todos de 2.000 personas. Duró el viage cerca de un âno assi por la fuerça de las corrientes, como tambien por el tiempo, que en hacer mantenimientos para tan numerozo exército era fuerça se gastasse, e principalmente por caminar sin guias ciertas que les pudiessen endereçar sin rodeos, ni dilaciones por los rumbos mas breves, por los quales deverian seguir su camino." (5)

A 3 de dezembro achava-se Pedro Teixeira diante de uma ilha desconhecida, que chamou—*Areias*—e em janeiro de 1638 descobriu a embocadura do Rio Negro.

No mez seguinte, começou a tripulação a dar indicios de rebellião, fatigada pela lucta diaria contra a formidavel massa dagua do Amazonas, que difficultava a navegação. Para evitar o fracasso da empresa que promettera levar a cabo, resolveu, em 27 de fevereiro, mandar adiante uma esquadrilha, dando-lhe por chefe o coronel Bento Rodrigues de Oliveira «Este energico militar, não obstante chefiar o que na expedição havia de rebelde e suspeito, tomou a dianteira, assignalando as margens do rio com signaes da sua passagem.» (6)

Continuando a viagem e procurando, sempre, reconhecer os signaes deixados por Bento de Oliveira, alcançou a embocadura do Napo a 3 de julho, onde encontrou a vanguarda da expedição, seguindo ambos até á confluencia deste rio com o Aguarico, onde desembarcaram, proseguindo Bento de Oliveira na dianteira da expedição, internando-se no territorio peruano. Antes de continuar a sua viagem, Pedro Teixeira deixou ahi o capitão Pedro Favella, com uma parte da guarnição, para reconhecer o paiz e assegurar a retirada. A 15 de agosto chegou a Quixos, atravessou Baeza, na encosta dos Andes e, em fins de setembro foi festivamente recebido em Quito.

Sem procurar desvalorisar a gloriosa façanha do grande soldado lusitano, coube ao seu digno companheiro, o pernambucano Bento Rodrigues de Oliveira, a gloria de ser o primeiro, a penetrar em Quito, pois que o procedera de alguns dias. As declarações do intrepido brasileiro passaram por fabulosas entre os conquistadores do Perú.

«O cléro, a municipalidade e o povo vieram em procissão ao encontro de Pedro Teixeira; renderam-se graças ao Todo Poderoso por tão grande mercê de sua divina misericordia e todos os religiosos se offereceram com ardor para levar ás mar-

(5)—*Corographia Brasilica*— vol. 2.o pag. 249.
(6)—Arthur Vianna—*Pontos de Historia do Pará*—pag. 21.

gens do Amazonas os thezouros da luz evangelica. Foi tal o enthusiasmo que causou esta expedição que o Corregedor, Dom Juan Velasquez d'Acuña, se offereceu com sua pessoa e bens para acompanhar a Teixeira e como este offerecimento não foi acceito, porque elle faria falta em Quito, foi escolhido seu irmão, frei Cristobal d'Acuñá, reitor do Collegio de Cuenca, com outro padre (André de Arthieda, lente de theologia em Quito) afim de se encarregarem do roteiro ou diario da navegação, com ordem de examinarem o curso do grande rio e seus afluentes e os povos que habitavam as suas margens.» (7)

De Quito enviou Pedro Teixeira uma deputação a Dom Luiz Jerónimo de Cabrera y Bobadilla, conde de Chichon e vicerei do Perú, que residia em Lima, para apresentar-lhe uma "Relação" da viagem e receber ordens.

Verificando a vida exemplar que tinham os frades Mercenarios, Pedro Teixeira requereu, a 24 de janeiro de 1639, a frei Francisco de Muñoz de Baana, vigario provincial de Nossa Senhora das Mercez, em Quito, que lhe fossem dados religiosos dessa Ordem para virem fundar conventos no Pará, sendolhes adjudicados, freis Affonso de Armejo, Pedro de la Rue, João da Mercê e Diogo da Conceição.

A 16 de fevereiro desse anno, sahiu de Quito, rumo ao Pará, não pelo caminho em que fôra, que lhe tinha sido trabalhoso, mas pela estrada de Archidona, em busca das margens do Napo e em principios de agosto reuniu-se ao capitão Pedro Favella, que o esperava na confluencia com o Aguarico..

A 16 de agosto praticou um acto do mais nobre e alevantado patriotismo, porque, tomando posse da margem esquerda do rio do Ouro, em nome do rei de Hespanha, frisou bem a circumstancia de que o fazia pela corôa de Portugal, então sob o jugo castelhano. Sonhou, nesse momento, a independencia da Patria, distante milhares de leguas, que não podia perecer, pois que acabavam os seus filhos de dar o mais alto testemunho da bravura e da pertinacia de que são maravilhosamente dotados.

E collocando o padrão de posse, que dilatava até quasi ás faldas dos Andes a grandesa territorial do Brasil, fundou ahi a povoação de —*Franciscana*,— nome que elle escolhera em homenagem á Ordem a que pertenciam os dois religiosos que, dois annos antes, appareceram quasi mortos na cidade de Belem.

Esse facto é tão importante para a historia da geographia da Amazonia, que não devemos deixar de transcrever aqui o memoravel auto dessa installação:—«Anno do Nascimento de N. Senhor Jesus Christo de 1639, aos 16 dias do mez de Agosto, defronte das bocainas do rio do Ouro, estando ahi Pedro Teixeira, Capitão mór por S. Magestade das entradas e descobrimentos de Quito, e rio das Amazonas; e vindo ja na volta do

(7)—General. J I. de Abreu Lima—*Historia do Brasil*—pag 102.

dito descobrimento mandou vir prezente si Capitães, Alferes, e soldados das suas Companhias, e prezentes todos lhes communicou, e declarou, que elle trazia ordem do Governador do Estado do Maranhão, conforme o Regimento, que tinha o dito Governador de Sua Magestade, para no dito descobrimento escolher hum sitio, que melhor lhe parecesse para nelle se fazer Povoação; e por quanto aquelle, em que de presente estavão, lhe parecia conveniente, assim por razão do ouro, de que havia noticia, como por serem bons ares, e campinas para todas as plantas, pastos de gados, e criações, lhes pedia seus pareceres, por quanto tinhão visto tudo o mais no descobrimento, e rio; e logo por todos, e cada hum foy dito, que em todo o decurso do dito descobrimento, não havia sitio melhor, e mais accommodado, e sufficiente para a dita Povoação, que aquelle em que estavão, pelas razões ditas, e declaradas; o que visto pelo dito Capitão-mór, em nome de El Rey Felippe IV Nosso Senhor tomou posse pela Coroa de Portugal do dito sitio, e mais terras, rios, navegações, e commercios tomando terras nas mãos, e lançando-a ao ar, dizendo em altas vozes:—Que tomava posse das ditas terras, e sitio em nome de El Rey Felippe IV Nosso Senhor pela coroa de Portugal, se havia quem a dita posse contradissesse, ou tivesse embargos, que lhe pôr, que alli estava o escrivão da dita jornada, e descobrimento que lhos receberia; por quanto alli vinhão religiosos da Companhia de Jesus por ordem da Real Audiencia de Quito; e por que he terra remota, e povoada de muitos Indios, não houve por elles, nem por outrem, quem lhe contradissesse a dita posse; pelo que eu Escrivão tomey terras nas mãos, e a dey na mão do Capitão mór, e em nome de El Rey Felippe IV Nosso Senhor o houve por metido, e envestido na dita posse pela Coroa de Portugal do dito sitio e mais terras, rios, navegações, e commercio; ao qual sitio o dito capitão mór poz por nome a *Franciscana*, de que tudo eu Escrivão fiz este auto de posse, em que assignou o dito Capitão mór, Testemunhas, que presentes forão, o coronel Bento Rodrigues de Oliveira, o Sargento mór Felippe de Matos Cotrim, o Capitão Pedro da Costa Favella, o Capitão Pedro Bayão de Abreu, o Alferes Fernão Mendes Gago, o Alferes Bartholomeu Dias de Matos, o Alferes Antonio Gomes de Oliveira, o Ajudante Mauricio de Aliarte, o Sargento Diogo Rodrigues, o almoxarife de Sua Magestade Manoel de Matos de Oliveira, o Sargento Domingos Gonçalves, e o Capitão Domingos Pires da Costa; os quaes todos sobreditos aqui assignarão com o dito Capitão mór Pedro Teixeira: e eu João Gomes de Andrade, Escrivão da dita jornada, que o escrevy.»

Firmado o dominio da Corôa Portugueza nessa região, Pedro Teixeira continuou a viagem, Amazonas abaixo, quasi ao sabor da corrente, penetrando, examinando e explorando os affluentes de uma e outra margem, nos quaes penetrava trez e mais dias a dentro.

A 12 de dezembro desse anno, depois de uma ausencia de

vinte e seis mezes, aportaram os expedicionarios a Belem, trazendo, como tropheus do extraordinario feito, a consciencia do dever cumprido e a gloria de terem concorrido para o engrandecimento territorial do riquissimo paiz que desperta a inveja e a cubiça das mais poderosas e mais cultas nações do globo.

Achavam-se feitas as primeiras explorações, um pouco minuciosas, do Amazonas e seus affluentes e até certo ponto realisado o projecto que datava desde Dom João III (1521—1557), de se ir pelo Amazonas até as minas do Perú oriental.

A famosa viagem de Pedro Teixeira é verdadeiramente uma viagem de reconhecimento e exploração. A revolução de 1.º de dezembro de 1640, que libertou a heroica Nação Portugueza, desvaneceu e dissipou os projectos tambem concebidos pela Hespanha, afim de tirar partido das duas Corôas, então unidas, conservando a communicação pelo Amazonas, entre o Brasil e o Perú.

A 28 de fevereiro desse anno, assumiu o cargo de Capitão-mor do Pará, cujos poderes recebeu do Senado da Camara, que dirigia, desde 16 desse mez, a Capitania, exercendo elle esse cargo até 26 de maio do anno seguinte, quando passou a administração a Francisco Cordovil Camacho, dispondo-se então o grande soldado a partir para a Metropole. Infelizmente, não viu recompensados merecidamente os seus esforços patrioticos durante trinta annos empregados nos mais assignalados feitos, pois a 4 de junho de 1641, tombou para todo o sempre, deixando escripto, em lettras de ouro, o seu nome na lista dos grandes exploradores, lista onde já começavam a escassear os nomes portuguezes.

A morte do celebre explorador deveria ter causado o mais profundo pezar na população do Estado do Maranhão e Gram-Pará, onde a sua excepcional bravura e a generosidade e elevação de seus sentimentos, tornaram-no querido e respeitado entre os seus companheiros d'armas e no seio da população da nascente cidade.

Pedro Teixeira era casado com D. Anna da Cunha, natural da cidade da Praia, Ilha Terceira e filha do celebre sargento-mór Diogo de Campos Moreno, não tendo deixado filhos do seu matrimonio. Era Cavalleiro da ordem de Christo e moço fidalgo da Casa Real.

Tinha aqui um irmão, o padre Manoel Teixeira, conego da Sé de Elvas e 3.º vigario da Matriz de Belem, que exerceu o seu cargo de 1646 a 1654. O padre Manoel Teixeira traçou o seu testamento em 5 de janeiro desse anno e falleceu poucos dias depois, sendo inhumado na primitiva egreja de Nossa Senhora da Graça, Matriz da cidade de Belem, no mesmo logar onde fora, treze annos antes, o seu valoroso irmão.

Grande conhecedor da lingua indigena, Pedro Teixeira teve a auxilial-o, nas luctas contra os extrangeiros que aqui tentaram fixar-se, o braço valoroso dos selvagens, como foram elles, tambem, os valiosos cooperadores nos trabalhos de

campanha e os remadores infatigaveis nessa assombrosa viagem contra as impetuosas correntes do Amazonas, na conquista do alargamento do territorio nacional até ao Napo.

Si aos *Encabellados* devemos a guarda das nossas fronteiras occidentaes, contra as tentativas de conquista empregadas pelos hespanhoes, em busca do *El Dorado*,—ao aborigene paraense cabe um grande quinhão de gloria na collocação do padrão que, nas margens do Napo, fixava os limites do Brasil, pois foram elles os remeiros da expedição que nos deu a posse desse encantador e riquissimo—*Paraiso Verde*—que, no nosso entender, é a Região Amazonica, possuidora dos sagrados despojos do seu descobridor e do seu conquistador—Francisco Orellana e Pedro Teixeira, aquelle sepultado em uma das margens do grande rio que lhe recorda o nome e este na capital do Estado.

M. Braga Ribeiro

Valiosas informações sobre a personalidade de Pedro Teixeira

A edição do ESTADO DO PARÁ, de 24 de setembro do anno findo, trouxe a publico a interessante missiva, que abaixo transcrevemos e que produziu extraordinaria sensação a todos os cultores das boas letras historicas da nossa terra:—

«Illm.º Sr. Redactor do ESTADO DO PARÁ

Lendo o vosso conceituado jornal, de 3 do mez de junho p. passado, deparei com a publicação de que o Instituto Historico e Geographico do Pará, no dia seguinte 4 do referido mez, ia commemorar com uma sessão de estudos a data que recorda a morte de Pedro Teixeira, o valoroso soldado e explorador portuguez. E que nessa occasião o sr. M. Braga Ribeiro leria os seus «Apontamentos para a biographia de Pedro Teixeira». E como honrosamente a familia Gonçalves Teixeira, no Norte do Brasil, descende desse Pedro Teixeira, e á qual sou pertencente, por isso tomo a liberdade de dirigir-vos esta, não só para fazer-vos esta communicação, mas tambem para ainda communicar-vos que possúo documentos sobre a vida do dito Pedro Teixeira e bem assim o seu retrato e que talvez bem podem ser de utilidade para os apontamentos de sua biographia. E se porventura carecerem desses objectos estou prompto a exhibil-os.

E para que possão dirigir-me correspondencia, abaixo offereço o meu endereço. Terminando, peço-vos desculpa por tanta liberdade, e subscrevo-me com alta estima e consideração. De v. s. att.º cr.º obr.º

(A.) Juvenal Rhossard Gonçalves Teixeira.

Redondo, 14 de setembro de 1919.

Endereço: Juvenal Rhossard Gonçalves Teixeira—Collector Estadual na Povoação *Redondo*—Praça Dr. Luiz Domingues—Tury-assú—Maranhão

NOTA—A correspondencia poderá vir pelo Correio de Bragança, aos cuidados do Sr. João Oliveira.»

Maravilhosamente surprehendido pela esperança de obter dados mais seguros para escrever a biographia desse extraordinario personagem, dirigimo-nos ao possuidor dessas informações, que se diz ainda descendente do glorioso soldado portuguez a quem o Brasil deve mais da terça parte da sua vastidão territorial e lhe escrevemos a carta, cuja copia aqui publicamos:—

«Belem, Pará, 3 de Outubro de 1919.

Exm.º Sr. Juvenal Rhossard Gonçalves Teixeira

Tury-assú—Maranhão

Cordiaes saudações.

Agradavelmente surprehendido pela carta que V. Exc. teve a gentileza de escrever á redacção do jornal ESTADO DO PARÁ, na qual declaraes

ser descendente do benemerito e valoroso soldado portuguez Pedro Teixeira, a quem, a 4 de Junho do corrente anno, rendi a mais justa homenagem, em conferencia effectuada na séde do "Instituto Historico e Geographico do Pará"—tomo a liberdade de endereçar á V. Exc. as presentes linhas, pedindo que me envie, sob registo, pelo Correio, os documentos que possuis sobre a vida daquelle extraordinario desbravador da Amazonia. Ser-me-ia de grande prestimo si V. Exa. me remettesse o retrato do heróe, para ornar uma das paginas de um livro que tenho em preparo, que se intitulará —«A CONQUISTA DA AMAZONIA», onde fulgura, com todo o brilhantismo, a figura épica do homem a quem o Brazil deve a sua maior amplitude longitudinal para oeste.

Deixo de mandar á V. Exa. copia da conferencia referida por se não encontrarem em minhas mãos os respectivos originaes.

Certo de que o meu pedido terá de V. Exa. o melhor acolhimento, permitta que me subscreva, offerecendo os meus limitados prestimos nesta Capital.

De V. Exa.

Patricio e Criado agradecido

(*A.*) *M. Braga Ribeiro.*»

As difficuldades da remessa postal dessas informações e do retrato, que publicamos nesta edição da «REVISTA», fez com que somente em Janeiro deste anno, recebecemos a resposta do Sr. Juvenal Rhossard Gonçalves Teixeira, que, para o apreciamento de todos os historiadores nacionaes, transcrevemos, guardando a propria orthographia dos seus subscriptores, a quem reverente felicitamos pela prova certificada da sua elevada linhagem:

«Redondo, 1.º de Dezembro de 1919.

Exm.º Sr. Manoel Braga Ribeiro

Belem — Pará

Affectuosas saudações

E' com elevado prazer que venho responder a apreciavel missiva que V. Exa. escreveu-me em 3 de Outubro passado, que se refere ao assumpto da carta que, sobre Pedro Teixeira, dirigi á redacção de um dos periodicos que se edita nessa Capital, cuja gentileza de apreço de V. Exa. muito penhorou-me.

Sinceramente agradeço a V. Exa. as expressões eloquentes graphadas em supra citada missiva.

Prompsificando o honroso pedido de V. Exa., aqui annexo envio o retrato de Pedro Teixeira, bem como o documento que trata a respeito do mesmo, dos seus ascendentes e descendentes; cujos objectos foram dirigidos a mim e a meu irmão José Gonçalves Teixeira por nosso primo Dr. Eugenio de Faria Gonçalves Teixeira, residente em Estados Unidos da America.

Antes que termino, venho apresentar á V. Exa. apontamentos sobre a Familia Gonçalves Teixeira no Norte do Brazil, que descende de Pedro Teixeira.

Descendendo desse cavalheiro o meu bis-avô, Coronel de Milicias e Commendador, José Gonçalves Teixeira, portuguez, nascido em 1788, veio de Portugal para o Norte do Brazil (cidade de São Luiz do Maranhão), onde consorciou-se. De seu matrimonio teve os seguintes filhos:—Dr. Antonio Gon-

çalves Teixeira (pai de Eugenio Teixeira); Tenente-Coronel José Gonçalves Teixeira, Major Manoel Gonçalves Teixeira (meu avô paterno); Capitão Jorge Gonçalves Teixeira e Dona Henriqueta Gonçalves Teixeira, que consorciou-se com o seu primo o Coronel Luiz Antonio de Oliveira e desse matrimonio teve um filho que mais tarde foi Barão do Tury-assú; cujos nomes desses Gonçalves Teixeira, meus avós fulgurão no «Pantheon Maranhense», livro historico escripto por Henriques Leal, entre os nomes de maranhenses illustres. E assim é que a Familia Gonçalves Teixeira, no Norte do Brasil, descende de Pedro Teixeira e que tanto em Portugal, como na Hespanha, ainda existe o maior numero de pessoas dessa grande e tradicional familia.

Esta vai por intermedio de uma pessoa de minha inteira confiança, por quem V. Exa. poderá devolver-me os objectos a nosso pedido, logo que tenha-os desoccupados, e peço a V. Exa. o accuzar-me o recebimento dos ditos objectos.

Estimando que eu tenha satisfeito os desejos de V. Exa. e que contribuisse com insignificante auxilio á evolução do vosso livro—«A CONQUISTA DA AMAZONIA»—permitta-me que subscreva-me com muito apreço e muita consideração.

De V. Exa.

Patricio e Criado Obrigado

(A.) Juvenal Rhossard Gonçalves Teixeira.»

«Eugenio de Teixeira
Civil Engineer and architect
200 West 138.th St. Cor 7.th Ave.
New York City

E. Setauket, N. Y. Diamond Hall
Villa Teixeira—3/18/18

Sr. José F. Gonçalves de Teixeira Junior

Redondo—Maranhão—Brazil

Meu querido Primo e Amigo

. . . .

Mandei alguns retratos alem dos de minha esposa e meu, de varios antepassados nossos, de meu Pai (de saudosa memoria), nosso Avô e os de seus primos de Portugal, o Marquez de Chaves e o Visconde do Peso da Regua, da Provincia de Traz-os-Montes. Tambem mandei do nosso commum ascendente Pedro Teixeira (o do Amazonas) que para o Norte do Brazil foi como Official da Armada Portugueza (1) em Pernambuco em 1610 e 1615

(1)—O alferes Pedro Teixeira veiu de Pernambuco para o Maranhão na armada de Jeronymo de Albuquerque de Mello (não o confundir com Jeronymo de Albuquerque, já nomeado Capitão-mór do Maranhão) da qual era Capitão-mór Francisco Caldeira de Castello Branco. Partiram do Recife a 10 de junho de 1615 e a 1.º de julho fundearam defronte do forte de Santa Maria. Pedro Teixeira, que fez parte da jornada de Francisco Caldeira, que fundou a cidade de Belem, Capital do Estado do Pará, não era official da Armada Lusitana; servia gloriosamente no respectivo exercito, distinguindo-se desde o Rio Grande do Norte até á Amazonia.

B. R.

a serviço del Rei Philippe IV de Castella. (2) Foi como tenente do Capitão-mór da então recem fundada Capitania do Grão-Pará, cujo Pedro Teixeira, foi o co-fundador da cidade hoje capital de Belem. De sua grande e nobre prelle Portugueza e Castelhana honrosamente descendemos.

Outrosim mandei os retratos dos ascendentes desse grande historico personagem, como sabeis pela historia das colonias espanholas, foi agraciado do Monarcha Philippe IV de Castella em 1640, pelas suas façanhas immortaes da conquista e exploração do Rio Amazonas até Quito, nos Andes, onde como embaixador foi del Rei, firmou os tratados de Paz com os Incas e o Vice-Rei do Perú (3) na famosa e tão celebrada expedição de 1637-39 que o immortalisou mais que os feitos já remarcaveis da descoberta e possessões do vasto territorio entre Belem e São Luiz do Maranhão (então incognito), quando ellê só, como bravo patriota e exemplar Fidalgo official, levou mensagem de solicitação de soccorros do dito Governador da então recente Capitania do Grão-Pará, (aliás atacada pelos Hollandezes) para o Governador da do Maranhão. Heroi foi tambem o seu parente o Capitão Paulo Teixeira.

Foi o Capitão Pedro Teixeira o vencedor dos exercitos e armadas francezas, hollandezas e inglezas em differentes epocas, que envadião e se appossavão do Norte do Brazil.

Segundo as Biographias (entre ellas a do Rev. Padre Christobal da Cunha (4) de tão extraordidario homem e as cronicas do tempo — « O Rei lhe outorgou o titulo de Marquez de Aquila Blanca (5) em 1640, mas succedendo logo a formidavel revolução Portugueza que libertou Portugal do jugo de Castella, elle não poude uzar o titulo Hespanhol na colonia do Brazil, já então passante para o dominio de Portugal, sob pena de alta trahição á Patria, então recem independente de Castella; pelo que só os seus decendentes da 3.ª geração, poderão se assignar como nobres fidalgos desse titulo, vindo a morrer no Pará em 1656 (6), — o Cid da America — o dito Pedro Teixeira (o do Amazonas) como abreviadamente modesto simplesmente se

---

(2) — Não foi Filipe IV de Hespanha e III de Portugal quem determinou a conquista e colonização do Maranhão e Grão-Pará e sim seu pae, Filipe III de Hespanha e II de Portugal, que reinou de 1598 a 1621.

B. R.

(3) — Pedro Teixeira, ao chegar ao fim da sua gloriosa jornada, que deu ao Brasil a maior extensão longitudinal para oeste, não «firmou tratados de Paz com os Incas e os Vice-Reis do Perú». Os Incas já tinham sido submettidos por Francisco Pizarro, desde a morte de Atahualpa (29 de agosto de 1533) e o Vice-Rei do Perú, Don Luis Jeronimo de Cabrera y Bobadilla, conde de Chinchon, era, como elle, vassallo do mesmo soberano, Filipe IV de Hespanha e III de Portugal, visto como as duas corôas ainda continuavam unidas.

B. R.

(4) — O nome do extraordinario historiador do regresso da viagem de Pedro Teixeira, não era Christobal da Cunha e, sim, Christoval d'Acuña, sendo elle quem publicou a narração desta viagem no livro *Nuevo descubrimiento del gran rio de las Amazonas, el qual fue y se hizo por orden de Su Magestad, al ano de 1639, por la provincia de Quito en los reynos del Perú.* (*Madrid-1641*)

B. R.

(5) — E' a primeira vez que, em registo historico, se dá a conhecer ter sido o valoroso Pedro Teixeira, agraciado pelo rei Filipe IV com o titulo de — *Marquez de Aquila Blanca.* —. O proprio "Instituto Historico Brazileiro", do Rio de Janeiro, talvez ignore essa circumstancia e, os historiadores nacionaes, muito ficariamos agradecidos aos descendentes de tão extraordinario Marquez, si ainda lhes fosse possivel remetter copia do Decreto Regio, que lhe fizera tão assignalada mercê.

B. R.

(6) — Todos os biographos de Pedro Teixeira, entre elles o douto Manoel Barata, estão de accordo ter o intrepido militar fallecido na Capital do Pará, em 1641, sendo sepultado na igreja que então servia de Matriz.

Eis como narramos, em nosso trabalho sobre Pedro Teixeira os ultimos acontecimentos

assignava. Seu rial inteiro nome era—Dom Pedro Vaz da Gama Gonçalves de Teixeira, cujo era filho de não menos nobre fidalgo (que casou com uma princeza da Belgica) immortal na historia; outro Dom Pedro Teixeira, (o da Persia)—(7)—as quaes scientificas viagens estupendas, e descobertas e estudos politicos, sociaes, geographicos, e historicos, etc., forão publicados em 1619 em Portugal; Hespanha, França e Italia em 1615-16-18-35, e até a pouco em 1900 em Londres, figurando suas obras como de seu filho supra dito, em todas as grandes Bibliothecas da Europa e da America. Elle morreu em Anvers; deixou dois filhos do primeiro matrimonio e trez do segundo.

Esses supra ditos retratos de seus ascendentes são os seguintes: só Fidalgos: Dom Tristão Vaz da Veiga Gonçalves de Teixeira, Almirante e co-descobridor da Ilha da Madeira (a primeira descoberta sobre o Atlantico) pelo que foi agraciado por El Rei Dom João III (8) da Luzitania com o titulo—Conde de Santa Cruz—e nomeou-o perpetuo Governador de Maxico, por ter elle subido intrepedo no grande penedo ingreme e altivo da Ilha, e plantando no apise uma grande Cruz feita de madeira da ilha, gravando as armas del Rei, de onde procedeu até hoje, em honra de sua memoria, o nome de—"Puntal da Cruz".

Mandarei breve a copia da gravura antiga e texto, que da Torre do Tombo publicou no seculo passado o "Archivo pictoresco", que reproduz o successo.

O outro retrato é do Don João Gonçalves Teixeira Zarco, grande fidalgo tambem da côrte de Don João, e Almirante da Armada Luzitania, da divisão do Mediterraneo; o qual era primo co-irmão do supra dito cavalheiro fidalgo da mesma côrte Luzitana e Castella, igualmente com origens riaes, ambos fidalgos por seus antepassados Espanhoes de remota estirpe goda. Foi outrosim co-descobridor da ilha supra dita e Capitão Governador General de Funchal e Conde da Madeira. Erão netos do Generalissimo Don João Gonçalves de Teixeira, grande fidalgo nascido em 1350, e que ainda em 1420 era General das fronteiras da Luzitania e Morgado Senhor das Terras de Faria e de Bragança e do Castello de Teixeira. Foi Chanceler do Reino Luzitâno e guardião da Puridade del Rei; "Rico Homem", que foi; embaixador em Castella e finalmente, Conde Gonçalves Teixeira, com Solar perpetuo, a todos os seus descendentes; cujo irmão foi o Cardeal Frei Dom José

---

historicos de sua vida:—«A 28 de fevereiro desse mesmo anno (1650), assumiu o cargo de Capitão-mor do Pará, cujos poderes recebeu do Senado da Camara, que dirigia, desde 16 desse mez, a Capitania, exercendo elle esse cargo até 26 de maio do anno seguinte, quando passou a administração a Francisco Cordovil Camacho, dispondo-se então o grande soldado a partir para a Metropole. Infelizmente não viu recompensados merecidamente os seus esforços patrioticos durante trinta annos empregados nos mais assignalados feitos, pois a 4 de junho de 1641, finando para todo o sempre, deixando escripto, em letras de ouro, o seu nome na lista dos grandes exploradores, lista onde já começavam a espaçar os nomes portuguezes». É verdade que, em 1654, falleceu tambem em Belem, um irmão de Pedro Teixeira, o padre Manoel Teixeira, conego da Sé d'Elvas, 3.º Vigario da Matriz de Belem e que exerceu o seu cargo de 1646 até ao anno de sua morte. Esse, entretanto, não pode ser confundido com o grande explorador.

B. R.

(7)—Não podemos comprehender como o explorador da Amazonia possa ser parente do outro Pedro Teixeira, o historiador das dynastias persas, pois, este, era um judeu-portuguez, notavel poeta, que viveu nos seculos XVI e XVII, não sendo provavel que o valoroso soldado Pedro Teixeira tivesse ligações de parentesco com israelitas e, talvez, com esse outro Pedro Teixeira, famoso cosmographo portuguez, que viveu no seculo XVII e residia em Madrid, parece que já depois de se ter proclamado a independencia portugueza, porque foi em 1662 que sahiu de Madrid a sua *Descripção e mappa geral do Reino de Portugal*.

B. R.

(8)—A ilha da Madeira foi descoberta em 1419 por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, reinando em Portugal Dom João I (1385—1433), sendo a ilha dividida em duas Capitanias; a do Funchal, foi doada a João Gonçalves Zarco e a do Maxico, a Tristão Vaz Teixeira.

B. R.

Gonçalves Teixeira, sabio Capellão e confessor del Rei — e foi tambem Esmoler-Mór, e Secretario privado del Rei de França, em cuja côrte de Paris, viveu prestigioso e alli morreu no Palacio e côrte del Rei etc., etc. (9)

O filho primogenito de don João de Gonçalves de Teixeira, foi Dom Jorge Gonçalves de Teixeira (abreviado), embaixador em Italia e casou-se elle com a princeza Maria, filha do Principe Stefano, neto del Rei Carlos III de Napoles. Esses Teixeiras descendem dos reis da Vasconia e de Biscaia, Tejedos e Texeres da Galicia (10), que passarão para o Condado da Luzitania na fundação da monarchia Portugueza.

Estes e outos retratos os mandarei logo que possa, pois não tenho duplicatas delles á mão. Os livros historicos, biographias, memorias, e as genealogias de todos estes personagens nobres e notaveis, estão na Torre do Tombo em Portugal; na bibliotheca do Palacio de Mafra, e nos Archivos dos conventos de Traz-os-Montes; nos Archivos Riaes de Espanha e na bibliotheca dos manuscriptos historicos e genealogicos do convento da Rabida (11) e outros archivos historicos, cujas duplicatas de alguns eu possúo com Cartas seculares; Biblias com assentos e registros e outros documentos officiaes, legaes, ecclesiasticos de subido valor, obtidos por meu Pai na Europa e America.

Mando essas informações para que saibais melhores detalhes do nossos ascendentes conforme prometti a Luizinho, Barão de Trumahy, que me as pedio e quando tratava de as mandar, infelizmente, falleceu. Essas informações servirão entretanto para vosseis e seus descendentes, de edificante exemplo e estimulo salutar, immitavel de virtudes, caracter e heroismo. Vigorará nelles o amor da Patria e da Religião de Christo, appreço ao merito, ás sciencias, letras e artes no caminho da sabeberia, do Bem em Deus e á Humanidade, sensivel, nobremente.

Retende-me aqui, desejo a todos felicidade e paz, envio as minhas cordias saudações de sincera amizade.

De teu primo e amigo verdadeiro.

(*A*) *Eugenio de Faria Gonçalves Teixeira.*"

* * *

E' claro que não podemos affirmar nem negar a authenticidade do retrato de Pedro Teixeira, com que abrimos estas notas, embora tenha gran-

---

(9) — Refere-se a Frei José Gonçalves de Teixeira, um dos mais fieis amigos do desventurado Dom Antonio, Prior do Crato, filho bastardo do Infante Dom Luiz, neto del-rei Dom Manoel e um dos pretendentes á corôa portugueza, quando falleceu o Cardeal Rei Dom Henrique. Dom Antonio, acclamado "rei", em Santarem, a 24 de junho de 1580, viu-se, em breve, em guerra com Filippe II, de Hespanha e, desbaratado pelas tropas do duque d'Alba, refugiou-se em França, offerecendo, em troca de um auxilio para alcançar o throno, a riquissima colonia sul-americana — o Brasil!!

B. R.

(10) — Não foi da Galicia, provincia austriaca e sim da Galiza, provincia hespanhola, a N. O. da peninsula Iberica e ao Norte de Portugal, que passaram para este paiz numerosas familias que depois tanto se assignalaram na historia portugueza. Aliás, o engano é natural, devido á semelhança das denominações dessas regiões.

B. R.

(11) — Convento da Arrabida e não da *Rabida*, é o nome do mosteiro fundado por frei Martinho de Santa Maria, em 1542, monge castelhano da mais alta nobreza, filho de Dom Francisco de Benevides e de Dona Maria Carrilho Córdova y Velasco, 3.º Conde de Santo Estevam del Puerto. Antes de se construir o convento, existia alli uma ermida.

Entretanto, tudo isso, parece confirmar o precioso testemunho que ao "Instituto Historico e Geographico do Pará" acaba de trazer um dos descendentes da tradicional familia Gonçalves Teixeira, a quem a historia da Amazonia deve, por um dos seus ascendentes, os mais assignalados serviços.

B. R.

de semelhança com a figura de Pedro Teixeira, no quadro historico devido ao pincel de Antonio Parreiras e que se acha no salão de honra do Palacio do Governo, nesta cidade; os doutos, que o julguem.

Alguns enganos encontramos nos documentos recebidos e porisso fizemos as annotações devidas, que o leitor encontrará aqui publicadas.

Trazendo a publico e entregando aos competentes os documentos acima transcriptos e divulgando o retrato do legendario Pedro Teixeira, não tenho outro fim senão trazer aos interessados pelas tradições historicas da Amazonia, mais esses testemunhos, que tornem bem apreciavel a nossa historia colonial, que reputamos das mais importantes para a organisação social do Paiz.

M. Braga Ribeiro

(Do Instituto Historico e Geographico do Pará)

Viagem á Aldeia dos Tembés

Alto Guamá

DE Ourém, villa paraense, partimos, a cavallo, eu e os srs. Conego dr. Andrade Pinheiro e o cidadão Athanasio Fonsêca, intendente municipal de Ourém, á casa do major José Fernandes dos Santos (nosso cicerone junto aos indios), via Igarapé-assú, ás 8 horas da manhã de 16 de janeiro de 1918.

A viagem, foi-nos agradabilissima; ora marginavamos o rio Ourém ou alto Guamá admirando as verdes campinas artificiaes abertas em frente e em torno das interessantes casas de campo; ora penetravamos o seio virgem da floresta que ungia o oxigenio com seus multiplos perfumes. A's 10 horas, precisamente, chegamos á povoação Ygarapé-assú. E' uma desharmoniosa agglomeração de casas transbordantes de creanças loiras, em sua maioria. Sua população, branca e rosada, entrega-se á lavoura do tabaco e da mandióca. Deus, parece, a privilegiou. Nem o furor escaldante da canicula, que a surprehende nos grosseiros trabalhos das roças, lhe tolda a branca frescura da epiderme; nem as emanações nicocianas, que Tortelle e Merat reputam tão prejudiciaes á saude, lhe fazem perder a rosea côr do rosto. De que raça ella proveio?

Ninguem, com precisão, o sabe informar.

A historia de Ourém que data de 1727, ou dos tempos em que se começou a construcção da Casa Forte do Guamá, a respeito, nada esclarece.

Demoramos em Ygarapé-assú vinte minutos. Cavalgando novamente, chegamos á vivenda do major Fernandes ás 11 h. e 20'. Fazia um tempo adoravel.

O sol estava envolvido pelas nuvens e a ventania que beijava, ardorosamente, as copas floridas das araracangas, para as ribas de Léste, resfriava, com vantagem, o ambiente.

Enfileiradas, trajando chitas de côres berrantes, em frente á casa do major, viam-se muitas mulheres sobraçando creanças de peito que aguardavam a hora abençoada do baptismo catholico. Assentamos que primeiro deviamos almoçar. Foi uma excellente refeição. As duas hóras da tarde, tendo o Conego terminado os baptisados, tomamos um casco de loiro

vermelho em cuja pôpa o sr. Manuel Henriques, commerciante no baixo Ourém, fizéra funccionar, galhardamente, um motor Ferro, á gasolina, e rumamos á casa do sr. Aristheu Farias, ponto convencionado para a nossa dormida e que está a cinco horas de viagem, a môtor, da aldeia S. José.

O casco, trepidante e veloz, fêz-nos fugir, airosamente, a proporção que subia o rio, da nuvem que nos borrifava.

O Conego Pinheiro, que fôra installado no melhor logar do minusculo "torpedo" — nome com que chrismára o casco — de vez em quando, cobria o rumor das explosões de gazolina, contando anedoctas de espirito e o riso franco e feliz dissipava o bisonho silencio dos excursionistas.

A's 3 horas montamos a cachoeira "cabeça de pôrco" e ás 3 h. e 35' passamos a cachoeira Jacaré-quára. As pedras negras e pardacentas, dessas cachoeiras são pedras de amollar.

Da Jacaré-quára ate á casa do sr. Aristheu não ha cachoeiras e a viagem passa-se sem o menor incidente. A's 5 h. e 45' chegamos á casa do sr. Aristheu Farias. Percorri, com anciosidade, o campo que esse incansavel lavrador está abrindo em suas terras. E' um serviço prodigioso! Ha uma clareira com trezentas braças de frente, a partir da margem esquerda do rio para a matta, com uma profundidade ainda de maiores dimensões. O terreno está todo destocado e é atapêtado de uma gramma densissima, rasteira, que orgulha-se da propriedade de evitar a presença de oùtra vegetação prejudicial ao pasto do gado.

Em redor da casa, esperando, pacientemente, a ração de mandióca e milho, meia duzia de cabeças de gado vaccum, muitos patos e gallinhas.

Um pouco mais acima, no rio, burlêscamente engalanado de espantalhos, por causa das lontras, um cacury a pescar. Ao anoitecer volvi á casa. O Conego Pinheiro, o major e o intendente, atirados em suas rêdes trocavam palavras sobre a viagem. Atei, por minha vez, o meu fio e entrei, de alma a rir, na palestra, logo interrompida com o amavel convite do dono da casa para irmos ao jantar.

Foi um optimo repasto. Pão de fôrno; cutia, ao *moquem*; gallinha assada, mél novo, tudo isto acompanhado de uma farinha d'agua frêsca, côr de gemma de ovo, feita a esmero, torrada, cheirosa, saborosissima, de deitar agua á bôcca ao mais exigente *murubixaba*. Servido o café fêz-se uma palestra sobre o auspicioso futuro do alto Ourém. A's 10 horas da noite tomamos os aposentos. Excellente dormida. Alli faz frio, *cruviana* (como chamam os tembés), mas, é um frio sêcco, agradavel.

A's 6 horas da manhã de 17, depois do café, deu o sr. Manoel Henriques movimento ao môtor e partimos gratos ao sr. Aristheu, sequiosos de novidades, aquelles que, como eu, não conheciam ainda a primeira aldeia dos *Tembés*. O rio Ourém ou alto Guamá, desse trêcho para cima se transforma; alli se

não vê mais as sinuosidades féias do baixo Guamá; ha estirões de perder-se quasi o horisonte visual. As arvores, as aguas e os passaros têm outro aspecto mais agradavel. Bandos de aráras reaes passam cantando sobre nossas cabeças. As aguas que vêm de cima trazem á superficie blócos alvissimos de espumas. Uma vida nova, si bem que selvagem, se annuncia. Tudo vibra e a propria Natureza, nos lança madrigaes divinos pela vóz dos sabiás, *mirauhas, tuys, azurús* e *nirá-tátás*.

A's 11 h. 30', ouvimos o chilrear das pedras de malacachêta e granito da estrepitosa cachoeira grande de S. José. Houve, a esse rumor, um reboliço no "torpêdo"

Uma alegria grata se transmittira a todos nós: Traziamos de uma casa proxima ao estirão da aldeia, como pilotos, dois jovens *tembês* munidos de váras para encontrar as pedras e desviar o "torpedo" na travessia perigosa da cachoeira grande.

Um delles dobrando-se de bruços, para a prôa, descobriu a cabeça de um veado, distante, talvez, duzentos metros, que atravessava o rio. Essa nova agradavel alarmou-nos, festivamente.

O "torpêdo" fazendo zig-zags atalhou o rumo do veado e dentro de poucos minutos estavamos quasi "a unha" com o *arapuá*. O indio mais expedito procurou, de bordo do cascó, segurar a *embiara* e esta fugiu-lhe buscando á beirada. O motor foi-lhe ao encalço e voltou o veado ao meio do rio. Nesse momento, o outro indio, certamente, mais nervoso, atirou-se á agua e alcançando-o desappareceram, os dois, no fundo mysterioso do rio para boiarem depois em lucta, o indio victorioso afogando a prêsa! De motor parado, só com o auxilio dos remos, embarcamos o caçador e a caça — um roliço novilho de *arapuá-tinga*. Foi uma caçada sensacional! Das margens do rio ouviam-se acclamações; eram os primeiros indios que encontravamos. Estavamos ás portas da aldeia S. José. As primeiras sentinellas avançadas davam-nos o alarme festivo de seus tacticos affectos.

Vencido o estirão, sobre uma elevação quasi montanhosa, á margem esquerda do alto Guamá, avistamos um sumptuoso panorama: perto de trezentos pares de mãos acenavam, do alto, para nós. As vestes curtas, encarnadas e azues, das indias confundiam-se com as pennas das aráras que voejavam, por sobre o rio, em differentes direcções.

Abordarmos o porto e saltarmos, foi um instante.

Todos riam, elles e nós. Si, debaixo d'aquelle riso, inofensivo e idéal, havia alguma falsidade, ninguem acreditou.

Os tembês não esboçam o sorriso dos *aruans* nem o riso tigrino dos indomaveis *urubús*! O Conego foi o primeiro a saltar abençoando os *curumins* e as *cunhãs*, como os chamava ou os *cuarerays* e as *zauazás*, meninos e moças na dialectica dos *tembês*.

Tivemos que subir uma ingreme ladeira parecida com a

do porto de Baião, afóra a base, que, como lá, é um grosso barranco escalvado pela impetuosidade do rio, e cheio de raizes das arvores que tombaram. Do alto dominamos com galhardia, a bella curva *tinga* do lindo rio Ourém.

A *taua* S. José da cachoeira grande, está fincada á margem esquerda do rio Ourém, ou alto Guamá, oitenta kilometros, calculadamente, acima da villa de Ourém, em terreno elevado, cuja topographia, como já disse, muito se parece com a da cidade de Baião, no rio Tocantins.

A aldeia possue uma duzia de *tapizas* desertas de conforto. Esses ranchos poéticos, alguns até bem acabados, offerecem, á primeira vista a mesma esthetica dos ninhos de japyns, têm uma só entrada.

No alto da ladeira que vem do porto, destaca se a capellinha de S. José, coberta de telhas, mas, completamente aberta, sem uma porta siquer.

E' a *táua* circumdada de arvores seculares pelos flancos e, pela retaguarda, de ralas capoeiras onde outróra vicejavam roçados de *algodoy*, *manióca* e milho.

As *cuzés* (indias) estavam semi-núas. Vi moiçolas de treze annos que já conheciam a maternidade, as quaes com seus filhinhos rachiticos ao collo, acommettidos de coqueluche, vieram tomar parte em nossa recepção. Recebidos pelo *tucháua* Quintino Felippe dos Santos, eu, o meu distincto companheiro de excursão Conego Andrade Pinheiro e os demais excursionistas, fomos hospedados num confortavel palacio de palhas, recem-construido de madeira verde, cipó titica e palmas de inajá, sem o auxilio de um só prego. O palacio, alto esforço de engenharia indigena, era um espaçoso barracão dispondo de cinco quartos contiguos e de um grande alpendre que correspondia a toda a extensão do edificio. No alpendre estava armada uma farta *muirá-pêua* (meza) repleta de caça preparada ao *mocaem*, perfumada e temperada por uma especial defumação de que usam. Havia desde a cutia ao *arapuá*, desde a *inhambú-tôna* ao mutum.

Depois do almoço, o Conego iniciou os baptisados. Cerca de cincoenta creanças receberam o sacramento do baptismo.

Ha vinte annos, o Conego Pinheiro não visitava a *táua* S. José. Fôra elle quem benzêra a capellinha e, relacionado com os indios mais velhos, que pareciam admirar-lhe a juventude e a vitalidade que ainda hoje revéla, mostrava-se de um contentamento quasi infantil; sentia-se feliz em tornar a vêr e abraçar áquella bôa gente, sadia e forte, de corpo e de alma, que não sabe mentir e muito menos trahir e que habita os *caa-été-éta* mais fecundos da região sertanéja paraense. Aquelles *áuas* (homens) despidos de ambições, têm a grande virtude de desconhecerem o Direito, a Justiça e Politica Nacionaes.

Vivendo para o Amor, segundo as leis naturaes, e para venerar e temer, remotamente á *Tupãn*, hão de sentir-se muito mais felizes do que nós. Emquanto o *Quarry* (sól) aclá-

ra e aquece a Terra. os *duas* caçam, pescam ou capinam as roças e as *cuzés* cuidam dos *caurerays* (filhos) ou tecem rêdes grosseiras de um só panno, de um algodão vermelho que chamam *algodoy*.

Nas *pitunas* (noites) de *zarry* (lua) reunem-se em circulo, na clareira lavada da *táua* e entoam canticos guerreiros e tradicionaes que a memoria dos mais velhos guarda e vae trasmittindo, ás novas gerações. Acreditam que Deus, nas noites de lua, purifica a tribu dos *tembés*, por isso rendem a *zarry* uma especie de devoção, especialmente as mulheres. E' uma lenda remotissima. Não têm organisação social e praticam a polygamia.

Visitei algumas choupanas. Rebusquei, escondendo a minha curiosidade, todos os recantos da *táua* e nada encontrei que me retivesse a attenção: só vi em tudo, uma pobrêza extrêma; uma miséria desgraçadamente feliz!

Ao sol pôr fez-se a ultima refeição do dia.

O sr. Manoel Henriques bem inspirado accendeu um candieiro de gaz acetylene e nós accendemos dois pharóes tubulares e assim illumiuamos, feéricamente, o alpendre do palacio de palhas. A *táua* estava deslumbrantemente illuminada a fachos de breu. O candieiro acetylene, que ficou postado sobre a meza das refeições, dentro de pouco tempo, era alvo da curiosidade dos aborigenes, alguns chegaram a procurar, com uns talos de *arumá*, o pavio do bico.

Eu expliquei-lhes o que era o gaz acetylene, mas elles não comprehenderam e, pouco depois, aquillo já não lhes era mais objecto de admiração.

Fui o ultimo a dormir e prevaleci-me do silencio da noite para ouvir os indios mais ladinos que permaneciam ao meu lado.

Perguntei-lhes si conheciam o grande protector dos indios Coronel Candido Rondon.

Respondeu-me o *tuchâua* Quintino Fellipe que o conhecia de nome pelas bôas noticias que desse *Nerôn-uassú-catú* (bom papae grande) dão aos *timbíras* dos altos sertões do Gurupy no Maranhão.

Depois indaguei dos indios *urubús*, descendentes dos *tapuyas*, que tanto mal têm feito á região do Alto Guamá, Irituia, Caeté, Gurupy e alto Capim.

Affirmou-me o indio Quintino que, a margem direita do alto Gurupy, no Maranhão, é povoada da altura correspondente ás cabeceiras do igarapé Jupuúba para cima, pelos indios *urubús*, casta de aborigenes bravios e perversos, vadios e ladrões. Esses barbaros selvagens constituem o maior perigo aos viajantes do alto Gurupy e têm lugares certos, em que, no verão, atravessam aquelle rio, por sobre as pedras das cachoeiras, então desnudadas, para invadirem o territorio do Pará onde saqueiam e depredam as cabanas dos lavradores e até as *tapizas* (casas) dos *tembés* e *timbyras*, quando estes se não encontram nellas. Mas os *timbyras*, que são uns gigantes como

os *bororós* de Matto-Grôsso ou como os *gaviões* do Tocantins seguem-lhes as pégadas até as suas alcandoradas aldeias no Maracássumé, defendidas com planlações fêchadas de limoeiros e arrancam-lhes, á fôrça, das mãos, os objectos furtados e roubados e retribuem-lhes com pena de Talião, as *amabilidades*, quando ha chacina a vingar.

Os *urubús* temem os *timbyras* como o jacaré teme a onça. A força moral dos *timbyras* sobre elles é tão grande que os apavora.

Os *urubús* apezar de se utilizarem de flechas com pontas aguçadas de bom e legitimo aço e ser esta arma nas selvas uma terrivel machina de guerra, especialmente quando acastellados num bom "campo de tiro", não ousam enfrentar e dar combate aos *timbyras* que, para dominal-os armam-se de alentados *tacápes* manejados pela força herculea do muque.

Disse-me o velho indio Germanó que os *timbyras* têm tanta força que batem com o dôrso de um jaboty numa arvore e o jaboty quebra-se ao meio, mas que são de indole pacifica, bons, hospitaleiros e sociaveis; dão-se ao trabalho de agricultura e possuem várias *malocas* situadas no alto Gurupy, na margem paraense.

São elles a guarda avançada do Pará nos limites com os sertões do Maranhão.

Tive occasião de ver um filho de timbyra creado pelos *tembés* e morador na aldeia Jupuúba, alto rio Ourém. E' um latagão alto, espaduado, *recan-japá* (muito forte), mas, de côr *abaúna*, como Damasceno Vieira considera a raça dos *mundurucús*, e que demonstra, pela grossura do labio inferior, conformação do nariz, abertura dos angulos faciaes e pelo cabello levemente encarapinhado, a descendencia africana.

Informaram-me que toda a tribu *timbyra*, n'aquella zona, (margem esquerda do alto Gurupy) é assim.

Essa observação, revela que houve cruzamento dos prêtos, então refugiados nos *quilombos* e *mocambos*, com os aborigenes dispersos na grande região florestal paraense a que muito acertadamente o dr. J. Huber chamou "matta geral da Região Oriental do Pará", a qual comprehende as terras do Gurupy, alto Guamá, rio Tocantins até o Pará—Boletim do museu Gœldi, pagina 125 IV Vol.

Notei que as indias das aldeias do alto rio Guamá ou rio Ourém não são capazes de falar o Portuguêz; os homens o *nheengaivam;* falam uma giria especial que é uma mistura interessante da lingua *tupy* (geral) com alguns vocabulos africanos de onde, supponho, emprestarem a lettra ꝗ, lettra desconhecida no *abanhênga*.

Os *tembés* têm pela lettra ꝗ um grande aprêço.

Teriam elles herdado-a das linguas *kiriri* ou *chiquito?*

Por curiosidade, estive indagando ao *tuchaua* alguns vocabulos e algumas phrases usadas no dialecto *tembé* e devo á sua bondade o modesto trabalho que se segue:

Do que ficou exposto se conclue, logicamente, que os *tembés* não descendendo dos *tapuyas*, mas, da fidalga raça dos *tupys* não iriam buscar aos *nheengaivas*, rancorosos inimigos de sua tribu, os novos vocabulos que usam em sua giria.

Como é de que fonte hauriram elles os neologismos que introduziram na lingua geral e onde fôram buscar o vocabulario de que se servem e do qual Martius não dá noticia no seu famoso "Glossarium brasiliennsium"?

Entregando esta importante questão aos entendidos no assumpto, passo a graphar alguns vocabulos e mesmo algumas phrases apanhadas por mim na aldeia S. José da Cachoeira Grande, no alto rio Guamá. Escrevi-as com muito cuidado, de accôrdo com a pronuncia dos proprios indios.

Vocabulario tembé

Quarry: Sol; *Zarry*: lua; *pituna*: noite; *áratinga*: dia; *arapuá*: veado; *tapiza*: rancho; *tatá*: fogo; *iaratáia*: phosphoro; *zarrá*: vamos; *tuâona*: velho; *juqyra*: sal; *tarryua*: formiga: *tirâma*: farinha d'agua; *tépiáco*: farinha de tapioca; *igé*: eu; *nea*: tú; *na-cûa*: elle; *quicé*: faca; *taqijé-pititica*: faca pequena: *taqié-vú*: terçado; *né-cuéma*: bom dia; *né-curuca*: bôa tarde; *né-pituna*: bôa noite; *t-meû*: comida; *piára*: tabaco; *pétima*: cigarro; *pó*: mão; *cuá*: dedo; *yuaca*: ceu; *nérua*: faces; *nety*: nariz; *namy*: orelha: *zapurá-meuú*: penis; *zurúa*: bocca; *thêza*: dente; *apécûa*: lingua; *tê-ha* (*h* aspirado): olhos; *icâma*: seios; *iâma*: alma; *uqu'ma*: porta; *tû-y*: periquito; *pirraué*: amanhã; *cuetery*: hoje; *nerôu*: pae; *néra-moi*: avô; *kacûamon*: rapaz; *cauréray*: menino; *cusélay*: menina; *tapyr*: anta e gado vaccum; *tê*: você; *réruperri*: somno; *zapuranquê*: trabalho; *coauá*: roça; *néâzarry*: feio; *zarráki*: banho; *temétaréra*: dinheiro; *paya*: padre; *pay-cusé*: freira; *izovéi-zuvéi*: lavar; *imoinica*: costurar; *má-éia*: roupa; *éra-rá*: levar; *urycatû*: alegre: *inaté*: alto; *inypéterry*: baixo: *namepóra*: brincos; *cuêrêrára*: annel; *puira*: colar; *macñando*: lenço; *népirrá*: chinellos; *naycau-aé*: fraco, mofino; *pani-p-muéra*: toalha de meza; *témé-ü-cutucáua*; garfo; *têmẽ-ü-kitiráua*: faca de mêza: *paratú-puii*:tigela; *paratú-péna-i*: pires; *uârua*: espelho; *paperi-zêmuéran*: livro; *paperi-penim-mâu*: tinta de escrever; *ruiarry*: azul; *iâquyra*: verde; *mainá*: fructa; *mairóquéra*: carne; *amâna-uanão*: trovão; *ia*: polvora; *iza*: chumbo; *lêrêrára*: espolêta; *zaparatzei*: dansar; *zacaû*: bebedo; *tuya*: sangue; *zaiûma*: barro de fabricar louça; *iuia*: terra; *manouéra*: defunto; *umanon*: morrçu; *imaéarry*: doente; *umenú*: fornicar; *uzucá*: matou; *uzucá-recóquéri* matando; *uzucá-murucú*: matava; *Jurupary*; demonio; *Tupâna-y-aia*: anjo ou sante; *imimigême*: parir; *zapépóa*: panella; *amutáua*: barba, incluindo o bigode; *zepinan*: thesoura; *erroi*: vá; *êrrô*: vae; *hêhé*, com *h* aspirado: delle ou della; *uzêamutry-ima* briga, barulho; *êzopi-*

na-ailê: pescar; *kamonó*: caçar; *tirapicui*: fazer farinha; *ziry-ri*; ferro de capinar; *annzá*: rato; *zarry-tatá*: estrella; *muirá*: madeira, etc.

ALGUMAS PHRASES

Azapó catú putári:—eu faço bem;
azapó catú irró:—elle faz bem;
Pode-se tambem dizer:
IGÉA AZAPONO CATU:—eu faço bem;
neri zapono catú:—tu fazes bem;
zurú-pary-rapiza:—casa do demonio;
azêmunãne-veri-a-ia:—si não fosse elle (ou ella);
êlé-catú:—muito bom;
zamaion?:—vamos comer?
Hei-véi:—tenho sêde;
Nanêmá-ouvéi-t-?:—Você quer comer?
rápe-talêrrya:—já vou;
iputucá-éra-rá:—vá lavar roupa;
ma-cua?:—o que é?
irréve:—para mim;
azê-mumi-carrî?:—estou triste;
arráputar écuerai:—quero ir embora ou estou aborrecido;
apuitá-putari:—quero ficar;
êrró-zêpêapiarum:—vá buscar lenha;
erró-ypiarum:—vá buscar agua;
êrutiana-ri:—muito frio;
piracuóra-ri:—muito calor;
añcatú pirá igéa-t:—eu gosto de peixe;
erroi-êmirry-érró:—vá assar;
êmirry-caté téy:—bem assadinho;
emaiú-catú:—comi bem;
auizé-aipó:—está satisfeito;
naycatu inzéué:—não está bem feito;
catú aipó:—está direito;
érrou-zury:—não vá ainda;
zépi-uiu-héhé (*h* asp.):—estou com raiva delle (ou della);
hepy (*h* asp.) *uiu héhé-narré maioéra héhé*:—estou tão zangado que não o quero ver;
heraunarry narr cruéra:—estou com preguiça, não vou;
recuéra zaipó:—estou cançado, fatigado;
ipouruá icouquéi:—ella está gravida;
aizéea-ú-êté-té:—tenho muitas saudades;
zarraki-zarrá?—vamos ao banho?

Jorge Hurly
Membro effectivo do Instituto Historico e Geographico do Pará.

Historia do Pará

Mais dois capitaes-mores no Governo da Capitania do Pará

EM sessão solemne de estudos do Instituto Historico e Geographico do Pará realizada a 4 deste mez levei a boa noticia de que a lista dos cidadãos que têm sido escolhidos para o supremo governo do Pará achava-se augmentada com mais duas personalidades investidas do cargo de capitães-mores e até agora fóra dessa referida lista.

Estudando acuradamente em o nosso preciosissimo Archivo Publico, e onde infelizmente, se manuseam negligentemente o indispensavel petroleo contra a traça e o perniciosissimo phosphoro para perigosos cigarros, causadores de tantos involuntarios incendios, encontrei, num volume de manuscriptos, dois nomes até agora ausentes dentre os dos que nos governaram.

Para melhor comprehensão faz-se precisa uma rapida concatenação de factos e datas referentes ao que desejo expôr e, deste modo, collocar em seus logares essas duas figuras, chronologicamente, naquella lista.

José da Serra fôra, por Carta Patente datada de Lisboa em 28 de março de 1732, nomeado Governador e Capitão General do Estado do Maranhão e Grão Pará.

Partindo da metropole em 30 de maio seguinte, a bordo da fragata Congresso e Nossa Senhora de Nazareth, chegou a S. Luiz do Maranhão em 4 de julho, tomando posse do governo a 16 desse mesmo mez. Em janeiro de 1733 vem elle ao Pará. Não cabe aqui falar sobre seu governo

Uma febre perniciosa, segundo uns, desgostos politicos segundo outros, e suspeita de envenenamento segundo a sua propria esposa dona Maria Micaella da Silveira, poseram termo á sua vida em 20 de março de 1736.

No dia seguinte, por deliberação do Senado da Camara de Be-

lem, assume o alto posto de Governador do Estado, interinamente, o capitão-mór Antonio Duarte de Barros.

Governava nesse tempo a ilha da Madeira João de Abreu de Castello Branco, quando a Carta Regia de 30 de maio de 1737 removeu-o para o Estado do Maranhão e Grão Pará, na qualidade de seu Governador e Capitão General.

Pouco tempo depois recebeu elle uma carta d'El Rei datada de 28 de julho desse mesmo anno, participando-lhe que suspendesse do cargo de Capitão-Mór do Pará a Antonio Duarte de Barros, provendo no dito cargo quem por direito exercitaria, caso o dito Duarte fallecesse.

Suspenso e preso, Duarte é remettido para a Côrte; e é provido, pelo Governador João de Abreu naquelle posto, Custodio Antonio da Gama, que ia assumir o seu posto de Capitão-Mór da Fortaleza de Gurupá; não tarda, porém, em 1738, que essa ultima nomeação de Capitão-Mór do Pará fosse anullada pela Côrte, ordenando El-Rei que Custodio partisse para o seu destino no Gurupá, e que o Sargento Mór João de Almeida da Matta ficasse fazendo ás vezes de Capitão-Mór da Capitania do Pará durante a ausencia do Governador Castello Branco em viagem ao Maranhão, ficando esse Capitão Mór no cargo de Governador.

João de Abreu de Castello Branco prolongou o seu governo até 1747.

Deste modo deve ficar corrigida a lista dos nomes dos que governaram o Pará, da seguinte maneira:

—José da Serra, Governador e Capitão General do Estado do Maranhão e Grão Pará, de 16 de junho de 1732 a 20 de março de 1736, por sua morte.

—Capitão mór Antonio Duarte de Barros, de 27 de julho de 1732, a 20 de março de 1736.

—Antonio Duarte de Barros, Governador interino nomeado pela Camara de Belem, de 20 de março de 1736 a 18 de setembro de 1737.

—João de Abreu de Castello Branco, Governador e Capitão General do Estado do Maranhão e Grão Pará, de 18 de setembro de 1737 a 1738.

—Capitão-mór CUSTODIO ANTONIO DA GAMA, de 18 de setembro de 1737 a 1738.

—Capitão-mór JOÃO DE ALMEIDA DA MATTA, de 1738 a 1743, no Governo do Estado interinamente, durante a ausencia do Governador effectivo João de Abreu.

—João de Abreu de Castello Branco, Governador e Capitão General do Estado do Maranhão e Grão Pará, de volta á Belém, de 1743 a 14 de agosto de 1747.

Seguem-se depois os que já nos são conhecidos, conforme a relação existente.

Griphando aquelles dous nomes, tenho visto clarear bem as situações na ordem chronologica, em que elles devem figurar.

Fomos encontrar esse precioso esclarecimento na petição de João de Almeida da Matta em que, reclamando o pagamento de seu

soldo como Capitão Mór do Pará tal como tinha sido a Custodio Antonio da Gama quando exercera esse cargo, nos traça uma curiosa auto-biographia do quanto fizera para o serviço d'El-Rei e desta terra.

Como documentação do que acima ficou dito, publicamos em seguida esse original requerimento:

9—"SENR.— Diz o Sargento Mór João de Almeida da Matta que elle tem servido a V. Mage. ha 37 annos para 38 acentando praça de soldado voluntariamente assistindo no decurso desse tempo cinco campanhas de guerra viva sendo a primeira em 704 acompanhando as suas magestades a campanha da Beira. Embarcando-se em 13 Armadas sendo a primeira, a Gibraltar onde se combateu com os Francezes em que renderão 3 naos e se fez dar a costa duas e as mais de Comboy ao Brasil e guarda costa e as duas Armadas de turcos ao Levante aonde saiu mortalmente ferido e hinda embarcando na Fragata Santa Rosa de que tambem ao dia antecedente da batalha foy o supplicante mandado a terra dos inimigos com gente e por cabo della a fazer Lanha para as Naos da Armada que necessitarão o que deu Suppl. acomprimento as ordens que Levou com muito risco de sua vida e hindo de guarda costa em a Não N. S. das Necessidades quebrou um braço e na Cidade e Praça de Belem do Pará no Posto de Cappitam de infanteria e de Sargento mór desta Capitania e Praça vay em 18 para 19 annos e no Posto de Sargento mór foi mandado por ordem do Governo que foi Alexe. de Souza Ferreira a visitar as Fortalezas do Rio das Amazonas e levar soccorro e tropa de guerra do Rio Negro aonde acestio Governando o Arrayal com toda a prudencia e vigilancia evitando a vinda para baxo que se não apanhasse cacau verde no rio Solimões donde o pertrubarão bastantas cacoytaz os quaes com bom modo os capacitou fazendo com elles com que apanhassem Cacau a seu tempo e maduro e sustentando esse a sy e a gente que o supp. Levava em sua companhia a sua custa sem pedir ajuda de custo nem satisfação alguma destas despesas e examinar as canôas que andavam por aquelles certões para proceder contra os que nella achasse ter delinquida em fazer pessas contra as Leys de V. Mage. e com effeito fez preza em algumas, e juntamente foi tambem encarregado pelos Governadores de mais varias diligencias de grande importancia do Real serviço de V. Mage. e depois que o Capitão Mór que foi dessa Capitania Antonio Duarte de Barros veio preso para esta Corte por ordem de V. Mage. foi o Governador e Capitão general do Estado João de Abreu de Castelbranco servido nomear no posto de Capitão mór em ausencia do d.° que o exercitava a Custodio Antonio da Gama que hia por Cappm. para a Fortaleza do Gurupá por Pate. de V. Mage. esta nomeação foy na chegada do d.° Governador em 1737 e em 738 foi V. Mage. servido mandar que o d.° Cappm. mór que exercia o cargo de Cappm. mór da Capitania do Pará per nomeação do d.° Governador, Custodio Antonio da Gama que foce para a sua Fortaleza e que se pagasse o soldo de Cappm. mór e que o Suppe. ficasse fazendo as vezes de

Cappm. mór e em ausencia do Governador hindo a visitar o Maram. ficasse o Suppe. com o encargo do Governador sendo mandada esta ordem pela Secretaria de Estado de que assim se deo into. comprimento a da. ordem ficando o Suppe. no d.º Posto de Cappm. mór e na viagem que o Governador fizesse a visitar a Cidade de S. Luiz do Maranhão ficasse o Suppe. tambem com o d.º encargo do Governo passando me ordens por escripto e de palavra deo o Suppe. into. comprimento como he notorio fazendo tambem metter na Fazenda Real todos os direitos das pessoas que descem dos certões conforme he estillo e tendo sempre muito cuidado em tudo que toca ao Real Serviço de V. Mage. mandando tambem fazer os exercicios continuados a infantaria como he estillo, com muito carinho e agrado não só aos Officiaes millitares como tambem para os Soldados e juntamente, a todo ecclesiastico-Faza. e Offes. da Republica como consta tudo com clareza dos documentos juntos e sempre procedeo o Suppe. como qualquer bom Soldado e com grande valor e singular zello e como tambem consta da fee de officios a folha corrida não ter o Suppe. notta nem baxa alguma em seu assento, nem crimes alguns, e porque o Suppe. tem servido a V. Mage. com zello, valor e distincção, que fica referido e se acham pobre podera ser que seja por razão de o Suppe. não fazer contrato algum como he notorio com o encargo de Mer. e fos. que sustentar e estar muito empenhado e que não pode desempenhar se com o Lemitado soldo de Sargento que de Sargento mór que exercita porque sendo 16$ réis por mez em dr.o dos generos da terra não vem a ser 8$ réis em dinheiro de ouro ou pratta e porque V. Mage. foi servido mandar pagar o soldo de Capitão Mór da Companhia do Pará a Custodio Antonio da Gama hum anno que exercitou o d.o Posto por ordem do Governador e Capitão General do Estado do Maranhão e dahi que foce o do. para a sua fortaleza de Gurupá e que ficasse o suppe. fazendo as mesmas vezes de Capitão Mór, e por estas exercitando desde que V. Mage. mandou a ordem e não desmerecer do outro maiormente ter o Suppe. de mais a circumstancia que o outro Capitão Mór não teve que he a factura dos soldados por estarem as Campas. muito deminutas e ter o cuidado de meter para a faz.ª Real os dr.tos de pessoas que dessem dos certões feitas conforme as ordens de V. Mage. e a vista do deduzido o do gr. de trab. o que o Suppe. tem tido e trom.to que tem padecido o Real serviço e de se achar bastantemente empenhado como he notorio sendo talvez por respo. de o Suppe. não fazer contrato algum e ser sempre limpo de maons e ter a seu cargo mulher e filhos e de pagar casas de aluguer e não ser natural daquella terra onde exercita vay em 18 para 19 as. sem nella ter parente algvm que o soccorra e por não ser o Suppe. mais importuno e fazer mais comprida a leitura que não faltaria mais que allegar. P. a V. Mage. pela sua Real Grandeza seja servido dignarse mandar nas suas reaes ordens que se pague o Suppe. o soldo de todo o tempo que o suppe. tem exercido e exercer o logar de Capitão mór da Capitania do Pará assim como V. Mage. foy servido mandar pagar a Custodio Antonio da Gama Capitão da

Fortaleza do Gurupá o anno que exerceu o do. Posto de Capitão mór por ordem do Governador general do Estado do Maranhão João de Abreu de Castellbranco e ficara sempre rogando pela vida, saude e grandeza de V. Mage. amparo de seus muitos leaes vassalos. E. R. M".

Fevereiro de 1920

Theodoro Braga
Do Inst. Hist. e Geogr. do Pará

ATRAVÉS DA HISTORIA

Um monumento de remota antiguidade

A cada passo procurando mais penetrar no emmaranhado da incognita que encerra o inicio da nossa historia regional, não deixo de, cada dia, ver sempre com muita curiosidade e attenção que, si muito se andou, mais se tem ainda que andar, de deducção em deducção, através do que se tem escripto em todos os tempos, a propositos diversos, a cerca das origens desta terra que chamamos o nosso querido Estado do Pará, para elucidação do quanto jaz até agora, por assim dizer, quasi que immerso n'um denso olvido, como que á espera do aventureiro que lhe descubra a fronte altiva qual da joven pudica da terra dos pharaós.

Serei eu talvez o investigador aguardado?!... seremos nós destemidos corsarios do dever?!.. Talvez não, certamente não o seremos porque outros de mais competencia, dotados de talentos que não nos assistem, nos precederam. Comtudo de livro em punho, escudados nas palavras dos mestres procuramos o que está ao nosso alcance, não como obra propria, mas como fructo de um raciocino constante, apresentar uma modesta conclusão, que de bom grado submettemos ao juizo e criterio daquelles mesmos que nos forneceram luzes e estimulo para um tal emprehendimento.

Deante dos estudos de Wappaeus e sobretudo com as luzes que pude obter dos immortaes trabalhos do sabio e illustre mestre Dr. Henrique Americo Santa Rosa a cerca do golfo Amazonico (DEPRESSÃO AMAZONICA: — *Rev. do Inst. Hist. Geog. Rio de Janeiro)*, isto é a demonstracção scientifica da inexistencia, outr'ora, de toda esta zona terrestre formada entre 2.° 2' 31'' de lat. N. e 1.° 6' 7'' de lat. S., para foz, isto é, approximadamente entre os locaes das cidades de Montenegro (Santo Antonio do Amapá) e Vizeu; uma recta que partindo daquelle ponto Norte iria ter a Almeirim, isto é, a 1.° 33'

34" de lat. S. por 9.° 15' 58' de long. O do meridiano do Rio de Janeiro; outra desse ponto até 1.° 54' 8' de lat. S. por 12° 21' 30" de long. O., ou o local da aldeia dos Pauxis, hoje cidade de Obidos; d'ahi uma recta até 3.° 2' 39" lat. S e 6.° 16' 36" de long. O do Rio de Janeiro onde está a cidade de Baião, continuando até 1.° 6' 7" por 2.° 58' 28" das mesmas coordenadas onde se encontra a cidade de Vizeu. Faça-se pois abstracção do territorio comprehendido entre essas coordenadas e o oceano, comparando a bacia alli deixada, com os estudos de Santa Rosa, Wappaeus, Katzer, Smith e outros, como o bello trabalho de Homem de Mello nas suas cartas hypsometrica e geologica do Brasil, chega-se a uma conclusão favoravel á idéa de que o grande golfo Amazonico foi uma realidade e que os terrenos marginaes ficavam por traz das linhas traçadas aqui approximadamente, ou que o solo que preenche dssa antiga bacia é de formação posterior, consecutiva á erosão das correntes, proximas formações, alluvião e aggregação em epocas que bem se pode avaliar pela extructura geologica das camadas que o constituem. Isto feito, considerado o oceano como penetrando até ao meio curso dos rios Guamá, Irituia, Capim, etc., podemos iniciar uma serie de pesquizas que tornar-se-iam por demais obtusas sem este exordio.

Em occasiões anteriores tive já occasião de occupar-me de uma inscripção copta (dialecto Kuraimy) existente na riba de Alcobaça, promettendo mesmo, no primeiro numero desta revista, dedicar umas vigilias, com o pequeno esforço que em mim possa estar, ao estudo de umas ruinas occultas á margem esquerda do rio Irituia em uns terrenos que foram de Antonio José de Siqueira, de um monumento ou que quer que seja legado pela antiguidade ou pela propria natureza á curiosidade dos posteros.

Seria de extranhar que eu tivesse a temeridade de aventar um semelhante estudo si não houvessem precedentes ou si de alguma fórma podesse parecer impossivel a realidade de um facto que, em verdade, é consummado; mas desde que se mostra que em 1436 já Andrés Byanco lançava em uma carta geographica a ilha do Brasil; desde que tambem, por monumentos, isto é, por inscripções ultimamente encontradas em ruinas de uma cidade antiquissima, mesmo de uma estatua que encimando uma columna e com o braço direito estendido a mostrar com o dedo indicador o polo Norte, chega-se á conclusão de que no seculo XII já o actual Estado da Bahia era colonizado, segundo a referencia do prof. Lund á Sociedade Real de Antiquarios do Norte, em 1840—43-44., pag. 26, 27, 180 dos Annaes da mesma sociedade, assim como os estudos posteriores do eminente prof. Selmek citados por Gabriel Garcia na sua:—*Découverte de l'Amerique par les Normands au X siècle*, pag. 235. Podemos assim tambem reinvindicar a nossa prioridade, não digo só ao XII seculo, mas a tempos anteriores á nossa éra, de accordo com os trabalhos de J. P.

Eddrissi: — *De Orbis Magnitudine et antiquitate*, pag. 211 (Roma-1692), ou a Relação de Robert de Toul companheiro de Daniel de la Touche em 1613 na sua viagem ao Tocantins, á aldeia dos Parissós, a qual relação se acha appensa á: — *Recordatio Magna* ou viagem de Daniel de la Touche — (Paris-1691), ou ainda em Laurentius di Pesaro na sua *Conditio Terræ vel populorum ejus a conditione memoria* (Strasbourg-1554), pag. 472, o qual faz tambem optimas referencias para chegarmos ás conclusões do nosso ponto.

E' pois á margem esquerda do rio Irituia, affluente tambem pela margem esquerda do Rio Guamá, que se encontram na altura de 1° 48' 54'' de lat. Sul, por 4° 18' 25'' de long. O, do meridiano do Rio do Janeiro, umas ruinas de pedras, qual outros *dolmens* ou *menhirs* dos antigos druidas, ou quiçá, escombros de um templo ou palacio, da cidade ou castello de data muitissimo remota e da que a historia não nos fornece dados seguros.

E os naturaes chamam-lhe PEDRAS.

Aqui e alli, a cincoenta passos da margem, vêem-se blocos de pedras esparsos ou amontoados, talhados e semelhando humbraes, soleiras, engastes, supportes, etc., arremedando um desabamento, um abandono dos seculos, um local de fortaleza, de um palacio, de um templo como os de Kharrah, Elinaíde, Uxicns, Ou-Tcheou, etc. E não poderemos ver ahi manifestos vestigios de um reino antigo desapparecido em épocas immemoriaes, digo, bem memoriaes quanto á sua existencia quasi palpavel, immemores porém quanto ao seu desapparecimento? a não ser que pretendamos admittil-o resultante do cataclysmo que, dando origem ao desprendimento da parte do nosso globo que produziu o seu satellite a lua, deu tambem occasião á chanfradura e deslocamento dos continentes do hemispherio boreal, e portanto á invasão dos mares por sobre as terras, a alturas consideraveis, com impetos tão grandes a ponto de tudo ir destruindo, sotterrando, fazendo desapparecer no pelago do esquecimento, com uma geração inteira, os vestigios de reinos poderosos, hoje quasi completamente ignorados dos annaes historicos, por se julgar um mitho, uma fabula, a sua existencia. O primeiro cataclysmo do qual se pode conjecturar o desprendimento da particula terrestre que formou o globo lunar, foi provavelmente aquelle a que se refere a Biblia, ou cerca do anno 3308 antes de Christo, 2348 segundo Usserius nos seus *Annales Veteris et Novi Testamenti* (Londres-1654). A devastação dos grandes imperios pode-se todavia admitir ou pelo diluvio de Ogygés, em 1822 a. C.; ou ainda pelo de Deucalião, em 1620 a. C. conforme os Annaes Gregos ou *De Thessalorum Regibus* do monge benedictino Raphael Lupp, (Maredsous-1889 — Paris-1902). Quando pelo primeiro se desse o deslocamento dos continentes do hemispherio boreal, pelos demais teriamos terramotos que os abalariam e fariam ruir aqui e alli para aggregar-se a outras

partes mais solidas. Quando pelo primeiro se desse a fragmentação das terras boreaes teriamos os povos mais dispersos pelo orbe inteiro e disto teriam mais tarde noção os seus contemporaneos como passaremos de relance.

Pouco teremos que memorar a cerca do monumento a que pretendo me referir, pois tudo nos falha, a não ser uma tradicção remota que de quando em vez surge n'um ou n'outro auctor mais curioso ou investigador. Comtudo pode-se concluir de antemão que nem um desses diluvios citados deu occasião ao desapparecimento do reino aqui outr'ora existente, pois cerca de tres seculos ao deante do ultimo d'elles ainda elle subsistia; que portanto a causa do seu aniquillamento jaz no completo olvido da historia de todos os tempos, mas que póde ser, deve e será desvendado á luz das lettras, e da sciencia para authenticidade do que affirmam, como facto, tantos escriptores de nomeiada.

Platão, no seu dialogo *Critias* diz que — esta região foi abalada por muitos terramotos e diluvios o que, sem duvida, deu occasião ao desapparecimento da Atlantida e mui provavelmente á destruição de muitos imperios que havia em suas immediações, de povos de origem Pelasgica e Caria e onde os Phenicios, Egypcios e Gregos vinham com as suas frotas commerciar.

Na dizer de Eddrissi, antes da tomada da Troya, em 1270 a. C. (Herodoto-L. II), e da fundação do Carthago, em 800 a. C. já na America, nesta região que hoje occupa a Amazonia, existia o grande reino da Meropia ou Parvaim onde tivera o seu dominio a filha de Atlas rei da Mauritania e Pleione, Merope, a qual, por ter sido a unica das suas filhas Atlantidas chamadas Pleiades, que desposou um rei mortal, quando todas as mais haviam desposado deuses, fôra relegada ao desterro ao mesmo tempo que abandonada pelo seu esposo Sisypho rei do Ephyro, que seduzira sua sobrinha Tyro, sendo vendida, n'uma pipa (Kóros, — medida grega que tinha a capacidade de 388 litros), aos troglodytas, os quaes empenhados em lucta com os Atlantes e por elles vencidos viram seus despojos arrecadados pelo rei Parai que dominava no Parvaim da Atlantida, isto é, nas partes mais occidentaes mais longinquas: — *Pah* — região longinqua, *arai* — a luz morre, isto é, senhor da região longinqua onde a luz morre ou occidental. Parai encontrando nesse vaso ou barril uma mulher de belleza tão estravagante e seductora, fel-a sua esposa e dahi a muitos historiadores chamarem Meropia a região onde ella reinava, isto é, seu abrigo, dominio de Merope. A grande princeza do occidente teve dois filhos: Tudi e Pleias, dos quaes Tudi succedeu-lhe com o sceptro emquanto que Pleias, como sua mãe egualmente bella, seduzia o grande Hercules que a mandado de Eurystheu rei de Argos fora enviado em 1330 a. C. a tomar ás Hesperides, filhas de Atlas e Hesperis, as maçãs de ouro que eram guardadas por um dragão de cem cabeças,

n'um precioso jardim onde os rios corriam de prata abundantissima e as florestas produziam fructos auriferos. O Heroe tendo conseguido arrebatar Pleias que o deslumbrara com os seus encantos, regressou a Eurystheu. A rainha Omphale da Lydia que amava Hercules vendo-se ultrajada pelo desprezo do heroe vendeu-a a Poseidon, o qual fel-a encerrar nos seus labyrinthos entre as Oceanides onde desappareceu.

De tudo isto, equ antes parece uma lenda, temos que admittir: a *Atlantida* cantada por Platão, que deu o nome ao oceano e hoje, pelos estudos que se tem feito, é de uma existencia inconteste; o rei *Parai* descendente dos Pelasgos que em 1800 a. C. se haviam estabelecido na região do Parvaim, isto é, logar distante onde o sol morre, o occidente, nome que dá talvez origem ao do nome do Estado do Pará; *Eurystheu* que tendo nascido algumas horas antes de Hercules, tinha por isso auctoridade sobre o heroe, pelasgo de origem, sabia da immigração da sua raça para o occidente, e que os seus eram senhores dessa região fabulosa de que ouvia os cantos enaltecedores e encarregava o heroe de uma missão allegorica, isto é, de tomar as maçãs de ouro, prendas de sua corôa que as bellas Hesperides haviam roubado quamdo em visita á sua côrte, levando-as no seio; as mesmas *Hesperides*, tres filhas de Atlas que habitavam, segundo diversos historiadores, na Hespanha, perto de Gades (Cadiz) ou nas ilhas Canarias ou Affortunadas, que os antigos chamavam das Heeperides e èram as mais occidentaes que se conheciam, por isso que os gregos as chamavam d'aquelle nome, de *hesperia*—a parte mais occidental que os seus estudos permittiam determinar, de fórma que a principio era a Italia, depois a Hespanha que tiveram este nome; o termo *Gades* aqui referido que justamente coincide com a ponta de Gades na ilha do Corvo, uma dos Açores, onde ha um monumento antiquissimo com caractéres coptos ou phenicios apontando para o occidente em direcção ao nosso Estado, e ao qual ja me referi no primeiro numero desta revista; *Poseidon* que comprou Pleias para dar a seu filho Neleu, o qual querendo salvaguardal-a de Hercules entregou a sua avó Pleione uma das Oceanides, dando combate ao heroe foi por elle morto com todos os seus filhos, menos Nestor. Neleu foi um dos argonautas e para dar uma orientação ao caminho onde deixara sua esposa, poz na ilha do Corvo a estatua a que nos referimos, a qual tem um cavallo porque Poseidon seu pae transformara-se nesse animal quando adquirira Pleias de Omphale.

Agora que nos temos transportado ao que a antiguidade pode revelar no seu marmoreo silencio, vejamos como nos falam os auctores mais recentes. Não é facil chegar ao plano do assumpto sem pesquizar muito, comtudo o que encontramos que possa deixar meio evidenciada a verdade, ou pelo menos em caminho bem andado para os que quizerem proseguir no estudo da materia com muito mais proficiencia que nós, é pri-

meiramente a obra de Pesaro que se encontra na secção de ethnographia da bibliotheca do Vaticano, onde se lê á pag. 472 a seguinte passagem :

> —... ultra salum quod mare
> subjacet, assiduis solibus perusta
> pars terræ, paulum ad austrum,
> ubi Merops Atlantis filia Sizypho
> conjuge imperium suum posuit
> natiscumque Tudi et Pleias
> quarum ille res gestas posteris
> et fana legavit, soror-verò
> ejus Herculem lustrantem secuta est...

Infere-se deste texto de Pesaro a confirmação dos argumentos postos, isto é :

> — . . . Alem do oceano, perto do mar, uma região equatorial, algum tanto para o Sul, onde Merope filha de Atlas e esposa de Sizypho teve o seu imperio com os seus filhos Tudi e Pleias, dos quaes aquelle legou aos seus descendentes feitos notaveis e templos á divindade, sua irmã porem acompanhou Hercules que os visitou . . .

Ora, temos a situação dessas ruinas cerca de 1° 54'29" de lat. S. isto é, proximo á margem da linha que traçamos approximadamente para a entrada do golfo Amazonico:—... *quod mare subjacet . . . paulum ad austrum.* Temos ainda a situação equatorial:—*assiduis solibus perusta pars terræ. . .* referencia que não fizera talvez si se tratasse das Canarias aos 28° de latitude Norte, ou dos Açores a 39°. Quanto á mensão dos nomes de Atlantis e Tudi é o derradeiro veo que temos necessidade de levantar para melhor esclarecer a base que tomamos para levantar a lapide desta assersão.

Sabendo-se que a região a que nós vimos referindo, isto é, aquella em que se acham as ruinas immemoriaes, é occupada ou foi em algum tempo pelas nações Tembés ou Timbyras e que esses, na sua tradição, contam descender directamente dos Tocantins, pelo seu chefe Kuamahú, temos: *Tocantins* uma palavra semitica do dialecto Kopt composta de tres elementos: *Tuk* ou *tog*, que diz REGIÃO, NAÇÃO, POVO:—*anti*, caso que significa a origem ou descendência, isto é, AN, ANES, ANAHY, ANTI, ou dos Atlantes ou Atlantidas. Encontramos ainda a chave de *Guaná*, isto é, *Kuamahú*, composta tambem de tres elementos: *ku*, ONDE OU LOCAL PROPRIO: *ah*, OBSCURO, SOLITARIO: *mahú*, DO PROPHETA MAHÚ ou Deus poderoso. Seguindo esta versão podemos chegar até ao Irituia:—*Irrik-tugkia* ou *Irrik-tudigkia*, ou *Irrik-tuya*, palavra que dividida em dois elementos pode ser traduzida: *logar ermo* sagrado, pertencente a Tudi ou estimado por Tudi, pois: *Irrik* significando logar sagrado, solidão abençoada e *Tuya* não sendo mais que o propriativo de *Tudik*, *Tugkia*, *Tuya*, *Tughia*, temos a solução do ponto almejado.

Dizer que ninguem se tenha referido jamais a esta ruina ou á sua região poderia ser incidir n'um erro condemnavel desde que Robert de Toul um dos companheiros da viagem que Daniel de la Touche emprehendeu ás paragens do Parassú e dos Tocantins até á aldeia dos Parissós em 1613 donde teve de regressar por terra, em setembro de 1614 para S. Luiz do Maranhão a chamado de Pisieux, depois de um anno de explorações e estudos, diz na sua *Relação:*

> — . . . his in foraminibus Temberabarum, gens fortissima, ubi magna de ejus conditionibus suntperlustranda, nam et religione et arte cultam agunt vitam, quod mihi videtur illas esse antiqua ex Pelasgorum seu Cariorum sobole monumentis, morum congruentia necnon ratione commorandi, et fluvium quód Cuamaum appellatur ab eis, qui transierunt arcem petebant . . .

isto é: — . . . n'essas paragens dos Temberabas (Tembés ou Timbyras), raça fortissima, muitas cousas tem para serem estudadas e conhecidas a cerca das suas fundações, pois levam uma vida de acordo com a religião e a arte adoptadas, e pelo que me parece (a elle Robert), elles descendem da antiga raça dos Pelasgos ou dos Carios, conforme os monumentos, costumes e convivio, e transpazeram o rio que por elles é chamado Cuamão (Guamá), os que se dirigiam para o forte (de S. Luiz do Maranhão) . . .

Si alguma duvida pudesse existir ainda acerca da authenticidade de um monumento tão importante não seria a mim dado elucidal-a, pois os textos claros que pude conseguir para uma breve demonstração, julgo serem sufficientes para n'uma conclusão final affirmar que á margem esquerda do rio Irituia em um logar denominado Pedras, que pertence a um snr. Antonio Joaquim de Siqueira, existem umas ruinas de um monumento antiquissimo de origem Pelasgica que foi um palacio ou templo de Tudi, filho da rainha Merope que em epocas anteriores á era christã e posteriores ao diluvio biblico, teve ahi o seu dominio.

Si me enganei, deixo á sapiencia dos meus mestres o direito de me sensurar, si alguma cousa de util pude fazer á historia de minha querida Patria, a seus pés deponho-o como preito da mais alta veneração.

Belem, 2—2—920.

DE ALMEIDA GENÉ (Dalge)
Da Universidade della Sapienza de Roma e do Instituto Historico e Geographico do Pará

BERNARDO PEREIRA DE BERREDO

Annaes Historicos do Estado do Maranhão

Reflexões de PALMA MUNIZ

1.º Secretario do «Instituto Historico e Geographico do Pará»

(Continuação) (*)

(*)—Continuado do Fasciculo II da Revista do Instituto Historico e Geographico do Pará, pag. 101 a 148.

§ 73—Oitenta companheiros erão sómente os que restavão a Gonçalo Pissarro; porque alem dos Indios, perdeo tambem duzentos e dez, a que acrescentando os cincoenta da dezerção do Capitão Francisco de Orelhana, fazem os trezentos e quarenta, com que entrou na sua expedição (127); e hião esses poucos tão desfigurados, que até huns aos outros se desconhecião; mas tanto que pizarão os limites de Quito, esquecidos já dos trabalhos passados, se lembrarão só deste presente gosto, dando por elle a Deos as devidas graças com as bocas na terra.

---

127)—«Y el subceso de lo que en la jornada pasó, es que yo entré com más de docientos hombres de pie y de caballo, com otros muchos aderezos y municiones de armas convinientes á la tal jornada...» Carta de Francisco Pizarro, de Tomebamba, em 3 de Setembro de 1542, cit. Nestá carta não menciona Pizarro o numero dos que com elle chegaram a Quito, de volta dá expedição, apenas diz: «Y com gran trabajo

§ 74 — Avisou logo á Cidade de Quito, que achou despovoada da principal parte dos moradores (em que tambem entrava o seu Lugar Tenente no Governo Geral Pedro de Puelles) pela occasião da guerra, com que alterou todo o Perú D. Diogo de Almagro o moço, depois do insulto, com que tirou a vida ao Marquez D. Francisco Pissarro, Capitão General daquelle vasto Imperio; porem, nelle era tão estimado pelas suas virtudes Gonçalo Pissarro, que a Cidade cheya de alvoroços, com a noticia da sua chegada, ainda lhe fez o presente de hum grande refresco com doze cavallos, e seis vestidos, conduzido tudo por doze pessoas das primeiras dellas.

§ 75 — Na distancia de mais de trinta leguas encontrarão estes Deputados ao seu Governador (128); porem elle ainda que estimou a generosidade da offerta com expressões muito affectuosas, se aproveitou somente do refresco, que abrangia a todos; porque como não hião vestidos, e com cavallos á mesma proporção, lhes quiz ser companheiro, sem a menor differença, no trabalho da marcha; e persuadidos de exemplo tão louvavel os mesmos mensageiros o seguirão em tudo até dentro de Quito, onde, recebido nos principios de Junho do anno de 1592 com as mais festivas acclamações, foy no meyo dellas a primeira acção da christandade a de buscar a Deos no ineffavel Sacri-

---

e perdida de todo cuanto llevábamos, subimos á terra de Quito con tan solamente nuestras espádas y sendos bordones en las manos, y siempre abrasado camino. »

128) — A narrativa de Berredo nos §§ 74 e 75 não achô-os inteiramente de accordo com o proprio testemunho de Pizarro, que assim escreve ao rei, contando a sua chegada a Quito: « Y llegado á Quito, hollé que habiendo ido á servir á V. M con tanto gasto de mi hacienda, y sin causa ni podér de V. M. que para ello hobiese, el licenciado Vaca de Castro, pasando por alli, me quitó aquel pueblo de Quito con la Culata y Puerto Viejo, que yo tenia en gobernación por V. M., y se hizo rescebir por gobernador dello. . . » « Y por no dar enojo á V. M. mi le deservir, porque mi deseo no és otro sinó siempre servir a V. M., como mis pasados y yo habemos fecho, no me he entremetido á tornar á tomar la posesión de los pueblos que yo ansi teria en gobernación por V. M. « Carta de Pizarro de Tomebamba, em 3 de Setembro de 1542, cit.

ficio da Missa, a que assistio com huma geral edificação daquelles moradores.

§ 76 — Mais diffusamente escrevem os successos desta expedição Francisco Lopes da Gomara e Agostinho de Zarate, Historiadores celebres dos Descobrimentos, e famoza conquista do Perú; e seguidos ambos, com poucas addições, do Inca Garcillaso de la Vega (*part. 2.ª, liv 3.º, pags. 139 e 162*) na segunda parte dos seus COMMENTARIOS, traslada a todos o Pedre Manoel Rodrigues, no seu MARAÑÓN Y AMAZONAS *liv. 1., cap. 2*). (129)

§ 77 — Mas na satisfação de alguns reparos, parece que se esquece este Jesuita do mayor de todos; porque encarecendo os Authores, que segue, os trabalhos de Gonçalo Pissarro pela pobreza, e esterilidade do Paiz, se não lembra elle, de que referem ao mesmo tempo a carga de oiro, e esmeraldas, que meteo a bordo do bergantim, com que desertou Francisco de Orelhana, sem que algum informe donde se tirarão tamanhas riquezas; o que supposto, devemos entender, já as conduzião do Perú estes Conquistadores com as esperanças de se estabelecerem nos Descobrimentos, a que os levarão assim os interesses, que lhes promettiam, como os da sua fama; natural discurso, que não convencem de menos attendi-

---

129) — Lopez de Gomara éscreveo a *Historia General de las Indias*; Zarate, a *Historia do descubrimiento y conquista del Perú*; Garcilaso de la Vega, *Comentarios reales*, e a *Historia General del Perú*. Alem destes, podem ser citados Gonçalo Fernandez de Oriedo, Pedro Cieza de Leon, Toribio de Ortiguera, Antonio Herrera, P. Juan de Velasco (S. J.), D. Pedro Firmin Cevallos, D. Pablo Herrera Llorente y Mendiburú, D. Frederico González Suárez, D. Marcos Jiménez de la Espada, do qual, diz José Toribio Medina, cp. cit.: «perfeito conocedor de las regiones testro de los brazanas de Orellana, y el más profundo y concienzudo de los americanistas españoles (sea dicto sin agraviode nadie), a esta de regalar-nos con mui preciosos articulos, que han servido á derramar abundante luz sobre muchos de los incidentes del descubrimento del Amazonas». Leia-se a *Illustracion Española y Americana* de 1892 para diante). Cap. Historiadores de Orellana. A todos estes pode-se accrescentar o proprio Snr. José Toribio Medina, cujo obra já muito citada nestas notas, publicada a expensas do Duque de T'Serclaes de Tilly, é um verdadeiro monumento de Historia Sul-Americana.

vel as memorias mal averiguadas da *Relação Summaria* do Capitão Simão Estacio da Silveira, copiada tambem por Frey Marcos de Guadalaxara (*pag. 260*), na sua quinta parte da *Historia Pontifical*.

§ 78 — Este foy o successo da expedição de Gonçalo-Pissarro, que encaminhada ao descobrimento da canella, tão custosamente produzio o do grande rio Maranhão, conhecido desde aquelle tempo pelo celebre nome das Amazonas; e porque pertencem á mesma jornada, e por consequencia ao argumento desta minha Historia as ultimas noticias da deserção do Capitão Francisco de Orelhana, as darey agora neste lugar, por ser o que lhe toca na verdadeira ordem da chronologia.

§ 79 — Dexey a Orelhana na Ilha Margarita preocupado todo das mais vastas idéas na viagem da Hespanha, que conseguio com felicidade; e ajudado do cabedal do roubo, persuadio de ante as encarecidas preciosidades do famoso rio das Amazonas ao Emperador Carlos V, que depois de alguns annos, não só lhe fez mercê da sua conquista com o Governo della, mas tambem para facilitar-lha lhe mandou pôr promptos tres navios com a boa equipagem de mayor numero de quinhentos homens, em que entrarão muitos de conhecida distincção pela do nascimeuto. (130).

---

130) — Berredo não está com a verdade historica neste paragrapho. O governo de Hespanha não o auxiliou materialmente; desconfiande sempre da sua empreza, lhe deu um semi-apoio moral: impuz-lhe condições e não lhe facilitou a organização da sua frota de colonização. Pode-se dizer que á tenacidade e teimosia de Orellana foi devida a sua expedição, na qual perdeu a vida, sem resultado algum, nem despeza para os cofres do rei de Hespanha. Na *Capitulacion que se tomócon Francisco de Orellana para el descubrimiento y población de la Nueva Andalucia*, em Valladolid 13 de Fevereiro de 1544, lê-se: «El Principe. —...y que vos, por el deseo que tenéis al servicio de S. M. y á que la corona Real de estos reinos sea acrecentada, y á que las gentes que hay en el dicho rio y tierras vengan al conoscimento de nuestra feo católica, queriades volver á la dicha tierra á la acabar de descubrir y á la poblar, y que para ello llevaréis destes reinos trescientos hombres españoles, ciento á caballo y los otros de á pie, y el aparejo que fuere necesario para hacer barcas, y ocho religiosos para que entiendan en la instrucción y conversión de los natu-

§ 80 — Com esta Esquadra sahio de San Lucas em 11 de Mayo de 1549 (131), tão lisongeado das suas esperanças, que só aquelles, que o seguião, tinha por venturosos; porem fazendo escalla nas Ilhas Canarias, e de Cabo Verde, a sua gente sentio de sorte a corrupção dos ares, que lhe faleceo muita parte della; e continuando na mesma derrota já com tamanha perda, experimentou a ultima logo na subida do rio, que buscava; porque depois de forcejar quanto lhe foy possivel para vencer as suas correntes em duas lanchas, a que se achava reduzido, não só tornou a retroceder até a sua boca, mas com tanta desgraça, que retirando-se pela Costa de Caracas á Ilha Margarita, dizem, que alli morrera com mayor numero

---

rales de la dicha tierra, *todo ello á vuestra costa y minsión, sin que S. M. ni los reyes que después dél vinieren sean obligados a vos pagar ni satisfacer los gastos que en ello hicierdes...* «v. TORIBIO MEDINA, Cp. cit. pags. 197 e 198. Para organizar a sua expedição, Orellana só utilizou os recursos de seu credito e os de varios capitães que o acompanharam. Com o trecho da *capitulacion* transcripto cae por terra a affirmação de Berredo sobre as tres naus apparelhadas pelo rei da Hespanha.

131) — Na *Relacion de lo que dice Francisco de Guzmán, que vino en la carabela nombrada la Concebción, de que muestre Pedro Sánchez, secino de Cádiz, el cual es uno de los que fueram con el Adelantado Orillana*, lê-se: «Dice que Orillana partió á once de Mayo de Sanlucas de Barrameda: partió con cuatro navios redondos, en que sacó cuatrocientos hombres de guerra; fué aportar á Tenerife, donde estuvo tres meses: de alli fué con la mesma armada á Cabo Verde, donde estuvo dos meses, y por causa de ser la tierra enferma se le morieron alli noventa y ocho personas, y se le quedarian hasta cincuenta que no estaban para seguir la jornada; de los cuatro navios que llevaba fué menester echar el uno al través para guarnecer los otros de cables y anclas, porque en el dicho puerto habia perdido once anclas al tiempo que de alli salió. Salió del dicho puerto con tres navios, en que en cada uno llevaba desde setenta y siete hasta cient personas, tomando su derrota para la costa del Brasil: le fueran las tiempos muy contraios, y pereciera toda la gente si no fuera por aguacerón, de donde se proseyó de algún agua; y con esta necesidade el uno arribó diciendo que no tenian agua, el cual navio llevaba setenta é siete personas, gente sana, y once caballos; y un bergantin, del cual dicho navio hasta hoy no se sabe: los dos navios que quedamos, con viento norte nos tornamos á enca-

balgar todo lo que habiamos decaído con los tiempos contrarios. Fuimos á reconocer los bajos de San Roque, y tomando la costa en la mano pasamos por cerca á vista de Marañón; y hasta cient leguas bajo la costa, en medio grado, doce leguas, en la mar topamos agua dulce, donde Orillana dijo ser aquél el rio donde él habia salido. Otro dia siguiente, dia de Santa Maria de la O, allegamos dentro del rio en dos islas que alli hallamos pobladas, donde se nos dió por nuestro rescate toda comida de maiz y cazabi, y pescado y frutas de la tierra. Alli algunas pessonas dijimos al dicho Orillana, por cuanto traia la gente muy fatigada de los trabajos que habia pasado, y asi mismo por traer once caballos muy fatigados por no haber bebido más de dos azumbres de agua cada dia, y pues aquella tierra era para rehacer á su gente y caballos, y porque era bien que un bergantin que alli traia se armase para conocer el brazo principal donde habian de subir con las naos (*falta alguma cousa no original neste topico*; y á esto nos respondió que él sabia ser la tierra muy poblada y haber mucho aparejo para hacer lo sobre dicho: y asi, subimos con dos naos hasta cient leguas el rio arriba, donde topamos cuatro ó cinco buhios de de indios, donde paramos (para) hacer un bergantin, y dimos en tierra que habia poca comida, de lo cual se nos morieran alli cincuenta y siete personas. Estuvimos alli en hacer el bergantin tres meses: salimos de alli con el bergantin y una nao, que la otra se deshizo para la claración que hecimas fué al sur, y para buscar el brazo principal fué menester navegar al sueste, y á cabo de haber andado veinte leguas, estando surtos, la gran creciente de la marea nos hizo reventar un cable que teniamos, por donde de la nao no podimos aprovechar, si no fué de la clarazión para hacer una barca, donde dimos al través con ella; y asi nos fuimos á un buhio de indios, donde de tablas de cajas hecimos una barca en que seguir nuestro viaje: estuvimos en el hacer della dos meses y medio, en donde quedamos hasta trein ta personas, y Orillana se fué, deciendo que se iba á buscar el brazo principal del rio, y á cabo de veinte y siete dias andados no le hallando, se volvió á donde estábamos, y viendo que de alli á treinta dias no poderiamos echar la barca á la agua, se volvio deciendo él andaba enfermo y no podria aguardarnos, y por abreviar tiempo, pues no tenia gente para poder poblar, que él se queria tornar á buscar el brazo del rio y subio hasta la punta de San Juan á rescatar algún oro ó plata para enviar á Su Majestad, y que si nosotros le quisiésemos seguir después de hecha nuestra barca, qué por ali (le) ha llariamos; y asi nosotros quedamos haciendo la barca y nos dimos buena maña á tomar amistad con los caciques de aquella tierra, que venian á rescatar con nosotros la comida; y asi, al tiempo que echamos la barca en el agua, se fué con nosotros con seis canoas un cacique, dándonos por nuestro rescate toda la comida que habiamos menester: y dándole nosotros á entender que ibamos (á) hacer guerra á los de Caripuna, porque segund

dellos conocimos ser sus contrarios, y asi nos llevarán el rio arriba treinta y siete leguas hasta las islas de Marribuique e y Caritán, y de ali aquel cacique, que nos proveyó de tanta comida, que fué de menester alzarmos de ali por no caber en la barca, porque tres dias que estuvimos ali nunca faltaran de sesenta hasta cient canoas de abordo; y ali se quedó el cacique que con nosotros iba, y nos fué á mostrar el camino el cacique del Marribuique: y así tornamos á caminar el rio arriba hasta más de treinta leguas, donde hallamos tres brazos principales, y subiendo más arriba, hallamos ser toda aquella cantidad de agua ser en un brazo, el cual tenia de ancho bien doce leguas: y por la barca hacer mucha agua y faltar-nos la gente del remo, por ser poca, y por también faltar-nos el rescate, viendo que á Su Majestad no podiamos hacer ningund servicio, y por asegurar nuestras personas, acordamos de volvernos; y asi navegando el rio abajo cuarenta leguas, tuvimos por tierra firme, el cual era de muy grandes sabanas y tierra muy proveida de sementeras de comidas de los mesmos indios: por medio desta tierra viene un estero de agua, el cual nos pareció venir de tierra alta, y dél la mayor parte desta tierra se puede regar del estero: esta tierra llamán los indios Comao, los cuales nos salieron de paz y nos dieran por nuestro rescate cazabi y maiz en grand abundancia, batatas y names, pescado, patos y gallinas y gallos despaña: aqui se halló un paro despaña. En esta tierra habia pueblos de sesenta e setenta buhios: entraba de nuestra gente diez ó doce en quatro ó seis leguas la tierra adentro; traian por su rescate cincuenta y cient indios cargados de comida: al tiempo de la partida se nos quedaram seis hombres por su voluntad y porque les pareció la tierra buena; cuatro leguas el rio abajo se nos volvió un marinero, y tres soldados con el batel que traiamos tuvimos por cierto se volvieron con los otros; y asi navegamos el rio abajo hasta venir á Margarita, donde hallamos á sua mujer de Orillana, la cual nos dijo que su marido no habia acertado á tomar el brazo principal que buscaba, y asi, por andar enfermo, tenia determinado de venir á tierra de cristianos: y en este tiempo, andando buscando comida para el camino, le flecharan los indios diez y siete hombres. Desta congoja y su enfermedad murió Orillana dentro en el rio: este rio está de norte sur; la costa se corre del este ueste, tomada el altura por donde entramos, y por donde salimos tiene de boca cincuenta y siete leguas: hase de entender que todo este rio está lleno de islas. J. T. Medina, op. cit. pags. 239 a 242.

Merecia este documento uma transcripção integral pelo conjuncto bem concatenado da narrativa da expedição de Orellana de volta ao rio Amazonas. Constitue ella um ponto de partida para a pesquiza da viagem feita dentro dos rios e quiçá para a determinação da região em que occorreu a morte do descobridor do grande rio. A largura de 57 leguas de bocca e a direcção N. S. do curso do rio, quantidade de ilhas, não po-

dos pocos Companheiros, que lhe havião ficado. (132)

§ 81—O Inca de Garcillaro de la Vega (*part. 2, pap. 143 e 494*), na segunda parte dos seus *Commentarios*, seguindo tambem a Francisco Lopes de Gomara e Agostinho de Zarate, diz, que Francisco de Orelhana morrera no mar, antes de chegar aonde pretendia e que os seus companheiros se espalharam por diversas partes: porém nesta authoriza mais as minhas memorias o merecido credito do Jesuita Alonso de Ovalle (*pag. 155*), na breve *Relação do Reino de Chile*.

§ 82—Passados poucos annos navegava a Costa do Brazil, buscando fortuna em algum novo descobrimento, Luiz de Mello da Sylva, illustre filho do Alcaide mór de Elvas, Antonió de Mello, e de sua mulher dona Margarida de Lima; e forçado dos ventos, correo a Costa do Maranhão até tomar porto na Ilha Margarita, onde encontrando ainda alguns soldados dos da deserção, e segunda jornada do Capitão Francisco de Orelhana, voltou a Portugal tão persuadido das riquezas daquellas terras pelas informações que lhe derão, que as pretendeo com grande efficacia pelo despacho dos seus serviços (133) e obteve a graça dellas com o titulo de Capitania, que já se achava

---

derão referir-se á bahia do Guajará, continuando pela de Marajó?

132)—Na nota 131, o documento transcripto corrige a narrativa de Berredo e prova que Orellana morreu dentro da Amazonia, em região ainda não determinada. Todas as testemunhas sobreviventes da expedição e as que na ilha Margarida recolheram a narrativa oral dos sobreviventes della são accordes em affirmal-o. Vide nota 110.

133)—«Quando D. João III empenhou-se na colonisação do Brasil, ao envez de seu pae que por mais de vinte annos esquecera a rica possessão portugueza de oeste, as terras do norte entraram nas doações feitas aos vassalos benemeritos; João de Barros, feitor da Casa da India, e Ayres da Cunha receberam dois quinhões, um de cem leguas contadas da Bahia da Trahição na Parahyba para o norte, e outro de cincoenta, comprehendidos entre o cabo de Todos os Santos, a leste do Maranhão, e *abra* de Diogo Leite (fóz do Gurupy).

Entre estes terrenos doados ficaram quarenta leguas concedidas ao fidalgo Antonio Cardoso de Barros, e setenta e cinco ao thesoureiro-mór, Fernando Alvares de Azevedo.

vaga, por desistir da sua Povôação o seu primeiro donatario João de Barros (134) depois do naufragio de Ayres da Cunha, que tão fóra esteve de meter horror ao valor Portuguez, que lhe servio de estimulo; mas El-Rey D. João, que conhecia bem, que para a conquista e povoação de tão vasto Paiz necessitava este Fidalgo de maiores esforços, que os dos seus cabedaes, quiz mostrar de sorte a distincção, com que o tratava, que generosamente o ajudou tambem com tres navios, e duas caravelas; e vendo-se elle com um poder mais proporcionado ao projecto da sua expedição, lhe deu logo principio tão cheyo de animo, como de esperanças.

§ 83 — Com esta Armada se fez á vela Luiz de Mello do rio de Lisboa; mas como poucas vezes sahem verdadeiras as felicidades, que asseguráo só as lisongeiras promessas do Mundo, antes de montar a chamada barra do Maranhão, naufragou nos seus baixos; com successo, porém, menos infeliz que o de Ayres da Cunha; porque das suas embarcações, salvando-se ain-

---

Deste modo o Pará não teve donatario, nem delle se fallou na repartição das terras brasileiras; o ponto mais septentrional então conhecido dos portuguezes era a *abra* de Diogo Leite.

Os donatarios do norte, em uma grande tentativa que fizeram conjunctamente, soffreram um cruel revéz, perdendo grandes capitaes e vidas preciosas (vidé notas ns. fassiculo II da REVISTA.

Luiz de Mello e Silva, que em 1540, commandando uma caravella portugueza, explorara o curso inferior do Amazonas, obteve de D. João III, mais ou menos em 1553, uma concessão de terras paraenses, e, a testa de uma expedição consideravel sem naufragar á entrada do Pará em 11 de Novembro de 1554. Tão espantoso foi o desastre que apenas uma caravella e uma chalupa escaparam, arribando ás Antilhas os seus marinheiros e passageiros». ARTHUR VIANNA. *O Pará em 1900*. Noticia historica, em cujo topico, em nota, louva-se no BARÃO DO RIO BRANCO. Pag. 213.

134) — Pela nota anterior verifica-se que Berredo enganou-se, quando suppoz que a Capitania doada a João de Barros abrangia terras do Pará. ROCHA POMBO. (*Hist. do Brazil*, vol. III, pag. 129) concorda com Berredo: «A João de Barros coube mais um lote, formado das terras que se seguissem, a loeste de Gurupy, até o Amazonas, naquelles tempos tido ainda como limite do dominio portuguez».

da uma caravéla, que tomou a nado com alguns companheiros, se recolheo nella a Portugal; e continuando-lhe a grandeza de El-Rey, lastimando tambem da sua desgraça, o despachou logo para a India, donde recolhendo-se para a sua patria depois de muitos annos no mez de Janeiro, de 1573, tão cheyo de gloria militar, como de riquezas, com o constante animo de as empregar generosamente no descobrimento (*Couto, Decad. 9 cap. 27 infin.*) do mesmo Maranhão se perdeo na não S. Francisco de que era Capitão Pedro ou Francisco Leitão de Gamboa, que o mar tragou sem duvida, porque não houve mais noticia della.

§ 84 — Outro successo, que pertence tambem ao descobrimento do famoso rio das Amazonas (Silveira. *Relação Summaria das cousas do Maranhão.* Fr. Marcos de Guadalaxara. *Hist. Pontif. liv. 9 cap. 5*), referem Simão Estacio da Silveira, e Frey Marcos de Guadaxara trasladando ambos a Pedro de Magalhães, no *Tratado das cousas do Brasil* que escreveu no anno de 1575 pelas formaes palavras que se seguem:

Indo certa Nação deste gentio buscando novas terras, em que habitar, (que de seu natural são como Siganos, amigos de andar pelo Mundo) atravessarão algumas jornadas para o Poente, onde encontrando com outra Nação sua contraria, que lhe sahio pelas estaldas, e sendo mais poderosos, os obrigarão a meter-se muito pelo Certão; e dos trabalhos do caminho, e dos conflictos da guerra, morrerão muitos, e os que escaparão forão ter a huma terra, onde havião Povoações muy grandes e de muitos visinhos entre os quaes erão tantas as riquezas, que havia ruas muito compridas de Ourives (135), que só se occupavão em lavrar peças de ouro, e pedraria, com os quaes se detiverão alguns tempos; e vendo-lhes levar ferramentas, lhes perguntarão de quem, ou porque meyos as havião; e elles os informarão, como da parte do Oriente, da banda do mar, habitavão huns brancos, que tinhão barba, de que as

---

135) — E' a lenda do El-Dorado, de Manoa, etc., á qual nem Berredo póde fugir.

alcançarão. Então lhe derão os outros os mesmos sinaes dos Castelhanos do Perú, dizendo-lhe, que tambem da outra parte do Poente tinhão noticia haver gente semelhante e lhe derão a troco das ferramentas certas rodellas todas chapeadas de ouro, e ornadas de esmeraldas; pedindo-lhes, que as levassem para mostrar áquellas gentes, que tinhão as ferramentas; e que lhes dissessem, que a troca daquellas peças, e outras semelhantes, lhes quizessem levar ferramentas, e ter communicação com elles; que o fizessem, que estavão prestes para os receberem com muito boa vontade, e que partidos dalli forão ter ao rio das Amazonas; e navegando por elle acima dous annos, chegarão á Provincia de Quito, (terra do Perú) onde logo forão conhecidos por gente do Brasil, e contarão sua jornada, e offerecerão as rodellas, que forão vendido por grande preço.

§ 85—Addiciona então Simão Estacio, copiado tambem por Guadalaxara, que conforme as noticias de Pedro de Magalhães (que elle dá por muy certas) estes Indios tão ricos, são os habitadores do Lago Dourado, a que os do Perú chamão *Paytiti*, o qual vinha a ficar no Certão Portuguez do mesmo rio das Amazonas; descobrimento, em que se havião consumido infinitas gentes, e Capitães Castelhanos; porém eu só me admiro, de que crescendo sempre a ambição dos homens, se tenhão passado tantos annos depois destas memorias, sem o feliz achado de tamanhos thesouros.

§ 86—Com tudo he sem duvida, que estas informações tão especiosas influião muito na fadiga dos animos; porque depois de tantas e tão successivas infelicidades, intentou ainda o triunfo de todas Pedro de Orsua (136): e des-

---

136)—Em 1500 D. André Furtado de Mendonça, vicerei do Perú, organizou uma expedição para a descoberta do El-Dorado e a confiou ao commando de Pedro de Ursua, cavalleiro de Navarra, sahido de Hespanha para o Novo Mundo em 1543, com seu tio D. Miguel Diaz de Almendariz. «Tamanho criterio e tão excellentes qualidades patenteara elle (no cargo de visitador do novo reino de Granada), apezar da sua pouca idade, no espinhoso cargo de visitador, e em varias emprezas difficeis e arriscadas, que grandes eram a sua fama e renome. Um escriptor antigo (*Piedrahita*) diz que era elle *uno de los*

pachado pelo vice-Rey do Reino do Perú D. André Furtado de Mendonça, Marquez de Canhete com titulo de conquistador das Amazonas, sahio da Cidade de Cusco no anno de 1560 já com muitos Soldados, sendo dos primeiros que, o seguirão, hum D. Fernando de Gusmão, moderno na terra e outro mais antigo que se chamava Lopo de Aguirre, de tão vil figura, como nascimento (137).

§ 87 — Era Pedro de Orsua hum Cavalhero muito estimado no Perú pelas boas partes, de que se componha ô seu merecimento; e chamados tambem aquelles Hespanhoes das novas esperanças desta expedição, quando chegou a Quito, se achava já com mais de quinhentos em que entravam muitos de cavallo, todos tão luzidos, como bem armados; mas prudentemente advertido das trabalhosas marchas, com que atravessando Gonçalo Pissarro a Provincia dos Quixos, tinha buscado o Maranhão pelo rio da Cuca, ou dos Cofanes, procurou descobrir outro caminho menos arriscado, e o conseguio com grande fortuna; porque depois de fabricar as embarcações que lhe parecerão necessarias, entrando pelo rio *Yutai* (a que o Padre Manoel Rodrigues, chama *Yetaû*) por um braço, que se communica com o de *Yuruá*, passa a este, que o meteu no mesmo Maranhão ou Amazonas na altura já de 5 grãos ao Sul da Linha.

---

hombres mas valerosos que puede honrarse la Celtiberia, y que a aver cambiado los empleos militares de Indias por los de Europa, le huvieran egualados muy pocos». Arthur Vianna. *Rev. do Inst. Hist. do Pará*. Vol. II pag. 127.

137) — Divulgando-se a noticia da expedição acorreram os aventureiros. Não obstante as advertencias de Pedro de Linasco sobre certos individuos que se apresentaram, como Lourenço de Zalduendo, Lopo de Aguirre, João Alonso de la Bandera, Christovão Chaves e outros, Pedro de Ursua na sua fidalguia, as acceitou.

Partiu de Santa Cruz de Capocaba, no rio Guallaga, depois de uma viagem a Lima, no intervallo da qual deixara em construcção, abaixo de Santa Cruz, dois bergantins e nove pequeɳos barcos. Logo ao iniciar a sua expedição, teve de lastimar o incidente de Moyabamba, com o clerigo Pedro Portilho, no qual figuram Joan de Vargas, Fernando de Gusmão, la Bandera e outros. O assassinato do Capitão Pedro Ramiro obrigou Ursua a executar Francisco Diaz de Arles, Diogo de

§ 88 — Alegre, com razão, da felicidade destes primeiros passos, se assegurava já a mesma no successo dos ultimos; mas quando as apressarão as impaciencias das suas esperanças, lhos atalhou a morte; porque amotinando-se contra elle a mayor parte dos seus Soldados, capitaneados por D. Fernando de Gusmão, e Lopo de Aguirre, traidoramente lhe tirarão a vida; e passando logo a desatino mais abominavel, acclamarão Rey ao tal D. Fernando, que desvanecido com tão alto titulo, o recebeu de tão poucos subditos, sem mais outro dominio, que o daquelles penhascos (138).

Frias, Grijota e Alonso Martin. Depois dos incidentes de Vargas e de Garcia de Arce, em 26 de Setembro de 1560 deixou Ursua Llamas e com contratempos sahiu da fóz do Cocama, entrando no rio Maranhão. Infructifera foi a missão de Pedro de Galeas para descobrir o *El-Dorado*. Passado o Ucayale, nomeou Ursua Juan de Vargas lugar-tenente e D. Fernando de Gusmão alferes geral.

Logo depois manifestaram-se symptomas de rebeldia, severamente reprimidas. A tardança do encontro do *El-Dorado* almejado fez recrudescer o máo espirito nos aventureiros, salientando-se entre elles Alonso de Montoya, Lopo de Aguirre, Juan Alonso de la Bandera, Lorenzo Zalduendo, Miguel Serrano de Caceres, Pedro de Miranda Mulato, Martin Perez, Pedro Fernandez, Diogo Torres, Alonso de Villena e Christobro Hernandez. Conseguiram os descontentes chamar ao seu lado Fernando de Gusmão.

Em reunião secreta de Gusmão, Aguirre e Zalduendo foi decretado o assassinato de Ursua, levado a effeito a 1 de Janeiro de 1561, por Montoya, Chaves e outros conspiradores, que tambem mataram Vargas. Foi em seguida proclamado general, Fernando de Gusmão, e Aguirre teve as honras de mestre de campo. Depois do primeiro crime succederam-se outros garantidos por uma impunidade immediata, dos quaes foram victimas Garcia de Arce, Pedro Miranda o *Mulato*, Pedro Hernandez. Vide ARTHUR VIANNA, *Os exploradores da Amazonia* in Rev. do Inst. Hist. do Pará, Vol. II, 1900.

138) — Foi acclamado rei e principe da Terra Firme e do Perú. Nomeou dignitarios; destituiu officiaes; e acceitou o grande plano de Aguirre para a conquista e estabilidade do novo reino, do qual faziam parte o assalto á ilha Margarida, a possessão do Panamá e de Nicaragua e Veragua e a subsequente invasão do Perú. Era um projecto gigantesco que só tinha como fundo de exito, o ser feito em longinquas terras, onde materialmente não poderia então chegar a efficacia da jurisdicção do rei de Hespanha.

§ 89 — Foy a principal causa da sublevação huma bella Dama de que se acompanhava Pedro de Ursua (139); porque namorado da sua fremosura o infame Aguirre, influio nos animos daquelles Hespanhoes huma acção tão feya, para saciar o seu appetite; e assistido depois dos mesmos complices, deu novos exercicios á sua aleivosia, commettendo a segunda de matar tambem ao ridiculo Rey, que tinha acclamado (140).

§ 90 — Porém nestas maldades não pararão ainda as de tão vil homem; porque constituido, em premio dellas, no governo absoluto, assacinou por vezes mais de duzentos daquelles mesmos, que lhe obedecião(:); e como os que ficarão, por mais unidos á sua tyrannia, desembocando o rio das Amazonas, se transportou á Margarite, que saquem com novas crueldades; mas passando logo a outras Ilhas, para continuallas, foy vencido, e morto pelos seus moradores; tendo tambem por ultima commettido já a mayor de todas na innocente vida de huma menina, a que elle mesmo havia dado o ser, com o pretexto barbaro de que lhe não chamassem filha do trahidor, como se as memorias depois de registadas nos bronzes das estampas, não ficassem sendo de eterna duração.

§ 91 — Mais (*Breve Relacion del Reino de Chile, pag. 133. Maranon y Amazonas, liv. 2, Cap. 5. Garcillaro de la Vega, part. 2, pag. 494*) succintamente, e com alguma variedade, referem os successos desta expedição os Jesuitas Alonso de Ovalle, e Manoel Rodrigues; porem lendo eu ao Inca Garcillaro de la Vega, na segunda parte dos seus *Commen-*

---

139) — Chamava-se Ignez de Atienza, era viuva e de peregrina belleza. Acompanhava a expedição levada por Pedro de Ursua e desde o princidio constituiu um movel de discordias, quiçá sendo causa indirecta do assassinato do chefe; tendo sido ainda pomo de discordia, depois daquelle crime. Foi causa do assassinato de Zalduendo e por sua vez, por ordem de Aguirre, pereceu victima de Antonio Llamaro e Francisco Currion, que, depois de a trucidarem, roubaram-lhe as suas joias e vestidos.

140) — Entre os victimados se contam, Pedro de Ursua, Garcia de Arce, Pedro de Miranda (o Mulato), Pedro Hernandez, Lorenço Zalduendo, Juan Alonso de la Bandera, Juan de

larios, me vejo nesta obrigado a preferir as suas memorias, como testemunha ocular de muita porção dellas.

§ 92 — Alguns annos depois pretenderão tambem da parte do Perú o descobrimento das grandes riquezas do famoso rio das Amazonas Vicente de los Reys Villalobos, e Alonso de Miranda, Governadores ambos da Provincia dos Quixas, e o General Joseph de Villa-Mayor Maldonado, que muito antes o tinha sido; porem a todos atalhou a morte a venturosa pratica das suas idéas, como escreve Alonso de Ovalle, no lugar acima referido.

Vargas; Cristobal Hernandez, Ignez de Atienza, Pedro Alonso de Castro, Miguel Boledo, Alonso de Motoya, Padre Alonso Henao, capitão Miguel Serrano, Gonçalo Duarte, Balthazar Cortez Cano, o caricato rei Fernando de Gusmão, Juan de Cabañas, Diogo de Trujillo, Juan Gonzalez, Juan de Guerara, D. Juan de Pillandrado, governador da ilha Margarida e a propria filha. A expedição, em resultado, foi uma expedição de crimes, cuja figura saliente e responsavel personificou-se em Lopo de Aguirre.

Morreu este infeliz covardemente supplicando a vida. Esquartejado e degollado, a sua cabeça coube á cidade de Tacuyo, a mão esquerda á Valença, a direita á Merida, as pernas e braços ás estradas e caminhos da Venezuela.

A Terra, as cousas e o homem da Amazonia

Por Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha
Natural do Pará

Memorias historicas, geographicas, ethnographicas, mineralogicas, botanicas e zoologicas das minhas viagens atravez da Amazonia

XV

Amazonas. Minha viagem ao rio
Demeueni affluente do Aracá ou Uarucá e os indios Chirianas e Baffuanas

(Continuação do n. 2)

Capitulo XI

Guiana, caracter, habitos, costumes e usos dos indios e o rio Demeueni

CONCLUIDAS as retrospectivas considerações sobre os cincoentas annos de navegação a vapor, decorridos de 1853 a 1903 e do atraso do interior do Amazonas na senda do progresso e civilisação no seculo das luzes devido simplesmente ao exotico regimen monarchico, unico da America, que medrara no Brazil, por excepção adoptada depois do dominio dos colonisadores do maravilhoso Novo Mundo descoberto por Colombo, e da Terra de Vera Cruz, que Alvares Cabral, attribuindo ao *acaso*, descobriu para Portugal, tendo, entretanto, antes d'elle, navegado na embocadura do Amazonas o celebre piloto hespanhol, Vicente Yanez Pinson, em Janeiro do mesmo anno de 1500, passo a reatar o fio interrompido da Memoria da minha viagem ao Demeueni ou Demeni affluente do Uaracá.

Este rio, que se dirige além das suas cachoeiras ás contra-vertentes do Caraterimani, affluente á margem direita do rio Branco, foi primitivamente, conforme affirma na sua *Corographia Brazilica*, Ayres do Cazal, habitado por indios Guiannás; emquanto que o rio Uaracá, havia sido por

Caraiás ou Carajás, e nas suas cabeceiras por Guaribas, (1) como Baena refere no seu *Ensaio Corographico sobre o Pará.*

Os indios Pauchianas, que habitavam, como diz Baena, nas serras, que formam a cachoeira de S. Felippe actualmente povoam o rio Caraterimani, acima das suas cachoeiras, e um d'estes indios encontrei, morando de passagem na maloca de Taluco, recentemente ahi chegado d'aquelle rio, vindo pelo Demeuni, através das suas florestas virgens que ficam acima das cachoeiras, obstaculos estes que impedem e impossibilitam a navegação a vapor, alem do porto da maloca de Taluco.

Achei extraordinaria a noticia que os Chirianos me deram, do horror que lhes causavam os indios Oaicás (2) nas correrias que costumavam fazer dentro do Dameueni; porque, na opinião de Baena, estes selvagens habitam nas serras que entremeiam os rios Maiari ou Majare e tambem chamado Manari e Parimé; affluentes á margem esquerda do Uraricuera, que sahe á direita do rio Branco.

E' bem verdade que os vastos *campos geraes* d'estes affluentes do rio Branco não deverão ficar muito distantes da zona dos piassabáes do Uaracá e da dos seringaes do Demeueni e, através d'elles, façam os Oaicás as suas correrias até ás malocas dos Chinanas. (3)

Acima do Caraterimani desagua no rio Branco, além da zona encachoeirada, o rio Mucaiahi ou Mucajahi, cujas margens diz Baena tambem serem habitadas pelos indios Tapicarís, Saparás, Guajurús e Chaperús, e das do Caraterimani pelos Parananas.

As nações Macuchi e Uapichana são as maiores do rio Branco, habitando os indios Macuchis nas serras, entre o Parimé e Mahú, da parte do

---

(1) Estes indios devem ser os mesmos Caraibas. Tambem não é exacto, que a origem do nome Solimões, tenha sido de uma tribu de indios, assim chamados, que habitaram nessa região. Nunca existiram indios Solimões ahi nem no Amazonia; porque Orellana, o 1.º carios, que descendo do Napo ao Maranon já encontrára dominando toda a parte até o Purús os Hiurimanas, que se chama hoje Solimões, que elle pronunciava yurimanas dando-lhe o som do *jota* hespanhol.

Estes mesmos indios, fugitivos das perseguições dos hespanhoes, com os quaes já haviam lidado, por sua vez pronunciavam i seu nome como esse Carius.

A' vista do que observei quando por diversas vezes viajei no Solimões, Maranon, Hurimaua (curimagua) Huallaga, havendo entrado no Hiauri (yavari) até Haquirana (yaquirana) e nos outros seus affluentes Hitaruahi e nos seus confluentes Quichito, Hitahi, (Itahi e Branco); no Tacana até o cacoal do Rosario, no Hiurubá (yurua) até o Hiurumiri, entrando tambem ahi nos seus affluentes Taraucá, Gregorio, Riosinho, Hipishuna, (Ipixuna) e Mu (Mou), no Purús até o Hiaco (Iaco), tendo entrado no Acre até Xapuri (Chapurí); no Hapura (yapurá) até a foz do Apaporis e neste percorrido antes de nelle entrar o furo do Cadaiá (Cadajás) o paranamiri do Badajós, passando aos furos dos lagos Acará, Nazareth, Pirauení, Trorará, paranámiri do Cupehiá, os furos do Carapanatuba, do Hipixuná (Ipixuna) do Uauará, do Amanã, paranámiris de Hiapurá (yapurá) do Huaranapú, do Manhama e o paraná Auatiparaná, navegando em todos elles, á excepção dos outros paranás e de entre ilhas e sahindo uns e passando outros por dentro de lagos dos quaes misturadas as suas aguas com as do Solimões mudam a côr da deste rio na grande enseada por elle formada ahi, e no fundo da qual se lança o Hiapurá; bem assim naveguei nos rios Teffé, Coari e Uautás, entrando-se neste por tres distinctos paranás, que o 1.º sahe no rio Madeira, o 2.º no Amazonas, abaixo do Rio Negro, e o 3.º no Hiamundá (yamundá), Manaquiri, Uaxamá, Uanori e Caimbé.

Nas minhas conversações, certificando-me disto com os naturaes de todas as raças, com civilisados destas paragens, com os indios Murás, Mirauhas, Mauás, Hiurunas (yurunas) Maurunas, (Maiurunas) das immediações de Tabatinga muitas outras de nações differentes. Inferi de tudo isto, quanto ouvi nessa região e na do Rio Negro, desde a sua foz até Cariquare, inclusive os seus affluentes Içana, Uaupés, Curuhori, Marauiá, Padauiri, Caracá, Branco e Inaueni (Cabeira ou Anavilhana) que se originam as corruptelas, que notamos dos vocabulos indianos, da falta de attenção, que prestamos á pronuncia do indio e da facilidade, que o ignorante tem, de similal-o a outro que melhor lhe calha ao seu entendimento. Provém disto, como me parece, as corruptelas *carius, caraiba* e *guariba* do vocabulo indiano amazonico *caraiua.*

BENTO ARANHA

(2) Baena calumniosamente classifica anthropophagos os Oaicás, no rio Branco, onde não encontrei, nem informações de que ahi houvessem elles habitado, salvo se alguma tribu dos caribes, tomando esse nome e sem applicação certa, erravam na immensidade dos campos geraes. Todavia penso que essas correrias attribuidas a esses Oaicás, não serão tambem de Caribes, mas sim dos terriveis e deshumanos Canamás, que traiçoeiramente no rio Branco atacam de emboscada e com surpresa, de dia ou á noite, deixando-as ficar insepultas.

(3) Nesta cachoeira, dentro da matta, informaram-me e eu verifiquei que moram diversas familias Pauchianas.

Tacutú e este rio da serra Cuanocuano na margem direita para baixo e do igarapé Raia na margem esquerda até o forte de S. Joaquim, estendendo-se para o centro até a serra Tucano e a Serrinha e os Uapichanas todo o Uraricuera, do Parimé, Mahu e Repunuri para o lado da Guiana ingleza, do Cuano, Raia, Tucano e Serrinha para o da serra Acarahi, notando-se que n'essas mesmas regiões acham-se as nações Parocotó, (1) Caripunas, Aturahi ou Uaturahu, Tapicoá e Canaemés, etc.

Os Caripunas, e os Canaémés que já não erram nas serras do rio Branco, tem as suas malocas na margem dos rios, ao oriente do Repunuri. Os Aturahis ou Uaturahus habitam nas serras e campos entre as vertentes do Tacutú e Repunuri e nos campos que se estendem do Cuanocuano para a serra Acarahi e contravertentes do Nhamundá; e muitos outros indios de differentes nações moram além do Ruraima, da grande cordilheira Parima, no Essequibo, etc.

No meio de todos estes indios, e de origem dos mesmos, tambem habitam os Canaemés nas regiões montanhosas das florestas, á margem dos rios e dos campos geraes, que são verdadeiros oceanos de relvas verdejantes com ilhas de miritis e outras palmeiras, partindo das vertentes do Uraricuera para as terras venezuelanas do Orenoco, brasilicas do Cucui ou Cucuhi ao Uaracá, no rio Negro e ao Amapá, cujos rios desaguam no Atlantico entre a embocadura do Amazonas e a do Oiapock. O Canaemé verdadeiro flagello que não só persegue o selvagem, como a elles proprios, mas tambem os civilisados, matando-os lentamente depois de arrancados e despedaçados das suas victimas a lingua, os olhos e diversos outros membros, deixa-as ficar insepultas e expostas aos urubús e ás onças.

Os Uapichanas, Macuchis e Aturahis acreditam que são os Caripunas os terriveis Canaemés, e cada um d'aquelles desconfia um do outro, e o Caripunas de todos elles, e em identicas condições para o Chirinna o Canaemé deverá ser o seu supposto Oaicá.

Na occasião da minha entrada na maloca de Taluco, todos os indios (homens e mulheres) ornamentavam-se com os seus enfeites de pennas, collares de dentes de animaes e de bagas aromaticas e de mendubi, braceletes de tecidos de pello de cuatá e tamanduahi, tangas de tecidos de algodão ou curauá singelas, ou bordadas com missangas de differentes côres, tendo primeiramente untado seus corpos com oleo de patauá ou de cumarú por elles fabricados e depurado, pintando em seguida o rosto, o peito, as costas, os braços e as pernas com tintas da fructa do urucú ou do pó extrahido do carajurú e do summo do genipapo, para as danças da noite.

Nos furos que usam na narina, nos cantos da bocca, nas orelhas e na parte debaixo do beiço inferior mettem pennas da cauda de arara ou pequenos pedaços de pau enfeitados com pennas n'uma das extremidades; acima dos tornozellos, nas curvas sobre a barriga das pernas, na parte superior do antebraço e na cintura trançavam cordões eguaes aos dos braceletes. Por baixo dos cordões da cintura os homens prendiam os eucios tecidos de fios de algodão que trazem passados entre pernas, deixando cahir uma das pontas para a parte das costas sobre as nadegas e a outra ponta para a frente sobre o umbigo até pouco acima dos joelhos; e na cabeça encapellavam estes a *cangotara*, tecido de fio com bordado de pennas do papo do tucano e das azas do papagaio ou da arara em fórma de copa de um chapeu sem abas, tendo na frente em um penacho de pennas da cauda da arara e pendente sobre as

---

(1) Bueno calumnia-os classificando no rol dos imaginarios anthropophagos assim como os bandeirantes portuguezes e vicentistas; pois são reconhecidos por todos os moradores do Uraricuera, bravos, pacificos, trabalhadores, amigos dos civilisados e em perfeita paz com os outros selvagens. Apezar disto foram ultimamente pelas autoridades judiciarias e policiaes da Boa-Vista barbara e deshumanamente exterminados, sem que fossem punidos por este crime.

costas diversas aves dissecadas e cutipurus, tamanduahis, cuachinis etc. Nas mesmas condições usam uma especie de chapeu com palha feita somente da aba enfeitada de pennas e d'esta maneira todos paramentados formavam um cordão de danças no centro ou no terreiro da maloca, onde já n'um dos seus lados dançava ora um, depois dous e afinal quatro indios moços, aos sons dos torés por elles mesmos soprados, sons estes que muito se assemelham com o gorgear do mauari ou maguari.

O interessante nesta dança é que, emquanto um sopra o toré, os outros cantam o «*oi, oi, é, é, é*» canto este bastante conhecido dos viajantes nos sertões do Amazonas.

E' depois desta introducção que rompe a dança do cordão, primeiramente formado por homens em linha irregular, e depois por estes e mulheres aos sons de suas vozes n'um monotono cantico que, ás vezes, são acompanhados por um tamborinho, alguns cracachás, e uma gaita, que fabricam de osso da cannela do veado. Nas suas danças, todos juntos batendo com os pés no chão, ora dão alguns passos para a frente, ora fazem o mesmo para traz ou de lado, para a direita ou para a esquerda, volvem-se em roda para a rectaguarda, a direita e a esquerda, formam uma grande roda, ou um *bolinet* e entrelaçam-se sem tocar a mão um dos outros, num *grande chaine*, etc. Fazem tudo isto pousada ou acceleradamente.

Esta roda, quando forma-se só de homens, estes se armam primeiramente com arcos e frechas, tacuaras e curabis, tendo presente o tuchaua, ajudante deste e o pagé; depois substituindo estas armas por cuidarús, tacapes e terçados, quando já os possuem, exercitam-se dançando e simulando um combate sem se magoarem nem se ferirem nas suas evoluções. Na occasião em que já se acham desarmados, e em movimentação continua da dança, então, nos intervallos, sahindo da roda para beberem o *cachiri*, é que entram as mulheres formando á rectagurda d'elles outra linha, fazendo do principio assim separados os mesmos movimentos que na vanguarda fizerem os homens, más em sentidos oppostos, até a vez de se juntarem de par em par, para fazerem os *grands ronds*, *grandes chaines*, *bolinets*, *caminhos da roça*, e *grands promenades*, etc.

Este divertimento de todas as noites dura até a meia noite, quando se vão deitar e dormir, para acordar antes de nascer o sol, tomar o seu mingau e começar o seu trabalho quotidiano, que vae até o meio dia, quando o deixam para se alimentarem e depois da alimentação sestarem até ás 4 horas da tarde.

Dentro da maloca, nas horas do repouso da tribu, reina sepulchral silencio, e ao despertar do 1.º indio succede o 2.º, e á conversação d'estes succedem outros que afinal, formam a confusão e a vozeria que se nota nas comedias dos papagaios e periquitos.

Os tres 8 do socialismo o indio tira para o seu trabalho 6 horas, para as suas diversões 10 e para o seu repouso 8.

A sua conversação que é enfadonha, versa n'essa occasião sobre os acontecimentos da vespera, estando mettidas no meio dellas as mulheres, accocoradas á beira das fogueiras, a cozinhar o caribé para o mingau, emquanto nas suas redes os homens espreguiçam-se saboreando o bom *pituna* ou tabaco dos seus *tauris*.

Eu e toda a minha comitiva passamos a 1.ª noite sem dormir, receiosos de traiçoeira cilada dos selvagens, que nos hospedavam, vindo estes pouco antes das 6 horas da manhã, depois do mingau, que nos deram tambem a beber, munirem-se de terçados americanos uns e de machados outros, para o serviço da roça, alguns de arco e frecha, haste, arpão, arpoeira e jaticá para o da pesca; de arco, frecha, tacuara, zarabatana e frechas ervadas para a caça, as mulheres de enxadas e fouces, e as crianças, de caniço.

As mulheres com crianças de peito, conduziam-n'as ás costas ou ao

collo mettidas dentro de *aturás*, deixando todos, desta maneira, a maloca deserta.

O Chiriana, fallando o mesmo dialecto e com os mesmos usos e costumes dos Baffuanas, que são de tribu differente da sua, são da côr de cobre e mais claro do que aquelles. São imberbes os homens e tanto estes como as mulheres e crianças sem cabello nas sobrancelhas como em todas as outras partes do corpo, á excepção das pestanas e da cabeça. Nesta são bastos e compridos os cabellos das mulheres, menos na frente que cortam formando pastinha, de côr negra, lisos e bastante duros, e dos homens tambem bastos, negros, duros, empinados e cortados em fórma de cabelleira. Taluco e mais alguns Chirianas tinham bigode e barba no queixo com poucos cabellos.

Os seus olhos são da côr dos cabellos, pequenos e vivos, o nariz chato, a testa larga a estatura regular.

Assisti por diversas vezes os paes e mães fazerem em diversas crianças, em rapazes e raparigas (curumis e cunhãs) as barbaras operações de arrancamentos á unha dos pellos do rosto, sobr'olhos e nas partes dos corpos d'essas creaturas que nenhum indicio deixavam vêr dos seus dolorosos soffrimentos. Fiz com que diversos moradores de Barcellos testemunhassem ahi essas deshumas operações.

Além do mingau de caribé ou farinha d'agua e de tapióca ou carueira, que elles mesmos fabricam das raizes da mandioca, apolô e inca ou macacheira, raladas e torradas ao forno, alimentam-se com o succo do uassahi, bacaba, patauá, cupassú, cupuahi, miriti, do milho verde assado ou em mingau; da banana madura, ou verde em mingau e assada; de castanha crua, assada ou em paçoca; de cucura, fructo da ambaubeira branca, e do bejuassú da mandioca desfeitos em mingau, chibé ou cachiri, sem o fermento, que produz a embriaguez.

O apolô é um sipó venenoso, cuja raiz ou batatão, cortada em pedaços e lavada mais de 20 vezes com agua pura e renovada as 20 vezes, produz uma gomma ou tapióca, cuja se faz a farinha semelhante a da mandioca, chamada d'agua.

Tambem usam para a sua alimentação de carnes de anta, macacos, porcos do matto, caetitú, paca, veado, cutia, tatú, camalião, jacuruarú, mutum, cujubim, aracuan, jacú, jacamim, inambú, arara, tucano, papagaio, marrecão, marreca, marrequinha, pato, periquito, mauri, etc., que caçam; e de matrinchão, pescada, uaraná, mapará, surubim, piranha, acarás, sardinha, jaraqui, tucunaré, filhote, piramutaba, pirarucú, uaiacú, tambaqui, pacú, peixe-boi, etc., que pescam. Temem o jacaré, a pirahiba e a tartaruga, mas comem-n'os quando matam, assim como o sapo, tracajá, jaboti, lagartos, moscas, formigas (tanajuras), cobras e piolhos. Não usam sal nas comidas, porque o consideram conductor das molestias—diarrhea e defluxo, que entre elles são fataes e devastadores, como é a bexiga.

Por surperstição ou por commodidade, preferem comer uma avezinha, o sapo, a tanajura, o peixinho, a fructa, e beber chibé, o summo do uassahi, patauá, bacaba, miriti, acaiçuma da pupunha, carás, batatas doces, mandioca e o mingau á qualquer manjar de gallinaceos e aves grandes, de gado vaccum, lanigero, suino e caprino, de caça grossa e de pescados grandes e tartarugas, tracajás e jabotis.

Nada comem sem que primeiro muqueem o peixe ou carne para cosinhal-os depois e sempre que os guardem para outros dias, conservam-n'os no fumeiro.

Quer o muqueado, quer o esfumado podem-se comer sem precisar mais de os cosinhar. Tambem chama-se muquem quatro paus com forquilhas, ficando estas em quadro ao redor de uma fogueira, atravessando de uma para outra forquilha quatro varas grossas e outras mais finas das de um a de outro lado, formando uma grande grelha sobre a qual estendem o peixe, ave

depennada ou bicho que caçaram, com o couro ou em postas entre folhas verdes, molhando o grelhado do muquem cuidadosamente, de quando em vez, para evitar que o fogo o consumma. Do peixe de muquem fabrica-se o piracuhi, que é uma excellente conserva, e tanto o peixe como a carne muquedas ou em conserva no fumo do fogão da cosinha duram muito tempo sem se deteriorarem.

Tambem usa-se muquear n'um espeto ou enforquilhado na racha aberta de uma vara o peixe ou a carne junto de uma fogueira, recebendo o calor e a fumaça d'esta, havendo o cuidado de virar e revirar o muqueado para que não o torre de um só lado o fogo, e deixe ficar crú do outro.

Capitulo XII

Religião, leis, dialecto e governo dos indios

A religião dos Chirianas, desappareceu. São diversas. Muitos d'elles, tendo, na extincta missão do Uaraca, sido doutrinados na catholica apostolica romana, creem, todavia, na mythologica primitiva, seguida por todos os indios, que já povoavam o Brasil no tempo do seu descobrimento por Vicente Pinson e depois por Pedro Alves Cabral, e na dos feethices. Errónea fôra a supposição da igreja romana no seculo X.° de que o indio, julgado canonicamente, era um animal irracional, sem idéa nenhuma da Divindade! Entretanto, indubitavelmente, elle crê que existe um creador de todas as cousas, como tambem um destruidor d'essas mesmas cousas, representando este nas tentações satanicas, Jurupari ou Uirupari, e aquelle, nas revelações do bem, da verdade e da justiça, Tupá. Um e outro são a dupla encarnação de um só Deus supremo que governa o universo, premiando e castigando com toda a justiça a humanidade. Os missionarios do catholicismo, pregando-lhe o dogma da Santissima Trindade e outros ainda mais intrincados, debaixo de ameaças da condemnação ás penas eternas do inferno, não os fizeram apostatas. Aldeiando-os, sem lhes dar a educação precisa, que os encaminhasse a se instruir, aprendendo a lêr e a escrever, a não se affastar dos preceitos da moral, a se applicar nos trabalhos uteis e proveitosos á sociedade em geral e a se alistar no gremio da civilisação moderna, conservaram-nos selvagens.

Os Chirianas e Baffuanas não estão no ról dos outros indios do Brasil que nos seus dialectos omittem as letras *F, D, L* e *R*, pois são communs aos Chirianas os vocabulos com essas quatro letras, principalmente o (R) no principio dos mesmos e os *rr* duplos no meio. Das aldeias dos outros indios, os missionarios santos martyres fôram pelos papas convencidos do que era irracional o homem americano do novo mundo de Colombo no Brasil, só por lhes constar que omittem dos seus vocabulos aquellas quatro letras, por informações dos canonisados, allegando, mas não provando, que omissão do *F* era porque o selvagem no Brasil não tem fé; do *D* pela razão poderosa de não ter *Deus*, do *L* pela circumstancia de desconhecer a lei de Deus e a dos homens, e do *R* pelo facto de não reconhecer *rei*, nem admittil-o com a soberania, a força e o poder dos seus tuchauas ou caciques eleitos; á vista das provas que derem do seu valor e coragem nas luctas ou hereditarios, e, da mesma maneira, não acceitarem religião alguma. Sem lei escripta os Chirianas, e, em geral os indios da Amazonia brasileira, observam tradiccionalmente os preceitos dos mandamentos de Deus, quanto a punição do adulterio e do homicidio, e assim como a doutrina do

socialismo de que não é crime o roubo e a propriedade ser um crime punivel com as mesmas penas que os nossos codigos applicam ao roubo.

No caso de adulterio é punida a mulher convencida da sua infidelidade, e no de homicidio applica-se a pena de Talião, sendo o assassino executado pelas mãos dos parentes da victima por occasião da saturnal da bucuri, celebrada no terreiro da maloca.

Entre elles a justiça baseia-se na vingança da offensa, que lhe fôr extranha; por isso esta é ás vezes accelerada, e outras demorada, mas suas execuções sempre violentas, terriveis, crueis e barbaras.

Apparentemente, é recatada a cunhamucú, que desde a sua mais tenra idade lhe dão marido, com quem ordinariamente, quando chega á puberdade, não se casam. O seu recato é sempre que se acha na presença de um ou mais estrangeiros. Entre as pessoas da sua mesma grei gosa da liberdade illimitada, sem que todavia ultrapasse do arbitrado pudor e da decencia, como entende, seguindo a moral que observa a nação da sua tribu, para que não lhe injuriem, attribuindo a qualidade de que não *presta* e a repudiem da tribu. Só casa aquella que apparenta bom procedimento.

A polygamia é licita entre os selvagens, como observei no Javari, Juruá, Purús, Japurá, Tocantins, Uaupés, Içana, Tapajós, Madeira, Branco etc., quando por elles viagei depois de ter explorado o Demeueni e, antes disto, pude observar no Xingú. Taluco, tuchana dos Chirianas, tem tres mulheres e o pagé, duas. E', entre os selvagens, vedado casar o pai com a filha, a mãe com o filho, o irmão com a irmã, por impulso da propria natureza, como acontece na raça cavallar que o pai d'egua, emquanto a poltra se conservar no mesmo pasto junto com elle não a fecunda, porque a reconhece sua filha. Entretanto casam-se o sobrinho com a tia, o primo irmão com a prima irmã, o cunhado com a cunhada, viuva ou divorciada, precedendo bem.

O direito de propriedade é nullo entre elles, porque não admittem em quem quer que seja se faça senhor ou dono de uma porção de terra ou de um objecto qualquer perpetuamente, emquanto não se disfaça de uma ou de outra por venda ou por doação. Tambem porque póde alguem precisar d'ellas, é como quem se diz seu dono, d'ellas assenhorear-se sem incorrer em criminalidade alguma e beneficial-a e gosar os seus beneficios emquanto não chegue mais um terceiro pretendente, sem disputar-lhe a posse nos tribunaes ou á força.

Os Chirianas tem fé, como tem todos os selvagens, no seu tuchaua e no seu pagé, e, nas predições deste, nos augurios bons ou maus do carauna, representando-se esta ora no canto soluçante do anú, no galhofeiro ou no severo do tincuan ou virapagé, no gemebundo do mamuna ou urumutum, no pavoroso do jacurutú, no funereo da coruja, no horripilante, precidido de agudissimo assobio, da matinta-pereira, no assombroso do hiumara ou rasga-mortalha, no estridente e atroador do acanam, ora nos feiticeiros philtros preparados do bico do acanam, do corno da parte superior do bico do camintahú, dos ossos de pavão ou churiss, das pennas do urubatinga, da carne cosinhada do carão, do uirapurú dissecado, das pelles do teiucema e do lagartinho tamacuaré, da resina e pellucia do cumaurú, do pello e unhas do tamanduahi e da raposa, da ponta da cauda do boapuçá, do couro do mocotó, do cururú e do quatipurú vivo ou dissecado e de um sem numero de plantas venenosas, medicinaes, aromaticas, fibrosas etc. A omissão do F nada influe na fé que tem n'estas cousas o selvagem, sem elle nos vocabulos do seu dialecto, e da mesma sorte a omissão do *D*, prova que não tenha idéa alguma da existencia de Deus.

Discordo nesta parte, como nas outras tambem, da opinião dos canonisados missionarios, e da illação de ferro, que tiraram d'ella os papas, reduzindo a animaes irracionaes os indios americanos, não obstante ter obser-

vado, que em geral são no Amazonas pronunciadissimos materialistas, e quem negar isto, faltará á verdade, diante do inconcebivel facto da crença d'elles em *tupi* ser espiritual e cuja existencia affirmam, acreditando ser esse espirito, *Deus*, pelo que no seu dialecto, como no tupi, *o trovão é a Voz de Deus (tupi cununga)*, *o relampago é o clarão vivo* (*tupaberaba*).

Os moradores do Rio Negro, indios mestiços e brancos trocavam o *D por N* na lingua tupi. Os mestiços (caboclos, mamelucos ou curibocas) descendem ahi dos Passes, Barés, Baniuas e Manaus que pelo seu aspecto, costumes, usos e habitos, são de origem dos Tupinambás, cujo dialecto fallam correctamente, apesar desse *senão* da mudança do *D para N*, que não observam os caboclos do Solimões onde dominaram os Jurimauas (Jurimauas, por corruptela chamam Zasimau, e d'ahi provindo o nome de Solimões).

No solimões ao *anzol* chamam *pindá*, *á fava* cumandá e no Rio Negro *é pina o anzol e cumaná a fava*.

Quanto a falta do *L*, não prova que sejam os selvagens sem lei, porque se regulam por seus usos e por seus costumes. As tradições são as leis pelas quaes se regulam na sua obediencia ao seu tuchaua ou cacique, e no seu temor e fé no que lhe fôr infundido, pelo seu pagé, seus fethices e suas divindades.

O (*R*) fórte ou dublo não se emprega no tupi, mas tem o som brando, quer no principio quer no meio de muitos dos seus vocabulos. Aquella omissão não favorece a opinião dos santos martyres que missionaram na America os seus indios, pois ainda que desconhecessem que houvesse na terra povos governados por um homem, sujeito a morrer, como outro qualquer, chamado *rei* (com érre), todavia tinham nas mesmas condições, com a autoridade, o poder e a soberania daquelle, o seu tuchaua ou cacique. Pelas suas tradições, sabiam que tinham havido *reis* com a designação de *imperadores* no Mexico e no Perú e depois d'isto conheceram que mais poderosos foram esses imperadores. Consideraram assim serem os tuchauas das suas respectivas nações os conquistadores hespanhoes, portuguezes, inglezes etc., das terras das Indias Occidentaes, de um pólo a outro por meio dos seus soldados bandeirantes, padres e frades, sendo cada um deste peior do que Caligula e Nero em Roma e Borgia no Pontificado dos christãos. Portanto a inexistencia do *R* nos dialectos dos selvagens não prova que estes nenhum conhecimento tivessem de que podesse ser um rei.

E' formada por diversas tribus no rio Demecuení a nação Chiriana, cujo chefe supremo eleito pela assembléa dos chefes de cada tribu é Taluco. Nada differe esse systema de governo do confederativo monarchico ou do federativo republicano. Depois da sua morte, o filho não o substituirá por heriditoriedade, mas, só se fôr suffragado por eleição d'aquella assembléa.

No tupi o *V* os portuguezes mudaram para *U* ou entram nos seus vocabulos; o *W* foram os inglezes e hollandezes que metteram n'aquelle alphabeto em vez dos dous *U U* usado em muitos vocabulos, tendo um o som do *U* francez e outro do *U* portuguez; o *Y* não foi do dialecto tupi e, se é usado em alguns dos seus vocabulos, o fez primeiro o missionario para dar-lhe na pronuncia o som de *Ig*; o *J* usaram com o som hespanhol os missionarios e conquistadores hespanhoes em diversos vocabulos em vez de *I*.

Não ter o selvagem religião alguma, porque nos seus dialectos desconhecem a letra *R* (érre) de som forte, *inverdade* é esta que transparece quando appellam para o poder divinal de *tupá*, creação imaginaria de um ser poderoso e terrivel, vingativo na justiça que faz, creador do mundo, sentinella vigilante da humanidade para livral-a das tentações de Jurupari ou Uiurupari, outra creação imaginaria d'elles, com poder de destruir tudo que existe creado no mundo e de perverter, encaminhando para o mal a humanidade. Desta maneira ninguem provará o que os canonisados santos martyres avançaram sobre a irreligiosidade d... indios.

O Deus, creador, o fecundador e o destruidor imaginaram na India
Oriental os brahmanes, fundidos n'uma só Brahma (Brama,) como estes na
America, os selvagens amazonicos, imaginam e crêm em Tupá e no Juru-
pari, este Deus, destruidor, e aquelle, Deus creador.

Estes selvagens amazonicos tambem imaginaram Tupá, Deus creador,
e Jurupari, Deus destruidor, tendo mais para formar a sua trindade por
Deus fecundador a Uiara nas margens dos igarapés e lagos e o Piraiuiara
sahido de dentro das aguas dos rios, para ir ás festas em terras!

Quando não sejam estas divindades bastante para provar a religiosi-
dade d'elles, provam de sobra o seu natural materialismo, *crendo*, ao mesmo
tempo, no Tupá, Jurupari, Uiara, Piraiuara, Curupira, que da sua mytho-
logia representam o 1.° Jupiter, o 2.° Platão, que se transforma em Pan e
nos Satyros, representados pela 3.ª em mulher, pelo 4.° em homem e pelo
5.° em monstrengos de fórma humana, tendo todos elles por seu Olimpo o
meio da floresta virgem, cortada por um sem numero de caudalosos rios, de
igarapés e lagos, entre montes e serras alterosas, cujas faldas são lambidas
pelas aguas correntes, que lavam, fertilizam e fecundam vastas planicies,
com a denominação de campos geraes, e da mesma maneira, superticiosa-
mente, em ridiculos fetiches que o levam a formar de um qualquer vegetal
ou mineral ou animal uma divindade destruidora da humanidade, e a ren-
der-lhe culto pelo pavor que lhe infundem e os compellem a evitar a sua
presença! A tartaruga, a hiumara, o cunauarú, o besouro, a boiuassú (cobra
grande) o tamanduahi, a sumahumeira, o tajá, qualquer que seja, etc., são
fetiches, que mais os assombram e acobardam. Destes fetiches se originam
o camaruas, a anhanga, o piraiuiara etc. Na sua estravagante mythologia,
tambem incluem o sol, a lua, a estrella d'alva e outros astros, o eclipse, a
tempestade, a chuva, a pórorocа, o echo, a sombra, o arco-iris, o relampago,
o raio, a nuvem, como suas divindades.

Destas materialisadas crenças do indio da Amazonia, a mais poetica
é a dos canticos das aves das baccanaes e saturnaes formadas com danças
tentadoras por Jurupari, das sabáás seductoras da Uiara, Piraiuiara, Curupira
e Porórôca, tirando de todas aquellas e destas a conclusão, que, sem fun-
damento, só por causa da omissão do *R* (érre) no dialecto dos nossos selva-
gens, os padres, santos martyres, faltaram á verdade, affirmando, que aquel-
les desconhecem a *religião*.

Consiste a maior crença do indio, nas suas divindades, na metamor-
phose d'ellas, em vegetaes, mineraes e animaes irracionaes, n'um homem ou
mulher, n'uma sombra, n'um espirito invisivel ou estes n'aquellas. Elle crê
que a Porórôca é a metamorphose de tres caboclinhos nas suas tres succes-
sivas grandes ondas, que se quebram e espraiam, porórôcando e destruindo
tudo quanto se antepozer ao seu furor.

Os cultos divinos de Tupá e Jurupari estão confiados ao pagé, que
se sujeitou para assumir essa elevada dignidade a terriveis experiencias e
provas de capacidade nas invocações dos espiritos que se metamorphoseam
em genios que chamam *camaruas*, seus camaradas feiticeiros ou *moracaim-
béras*, sendo estes máus e aquelles bons pelo conhecimento pleno que tem,
das enfermidades e da proveniencia dellas, dos diagnosticos, prescripções e
receitas de medicamentos proprios e da cura de enfermos quando o seu mal
não fôr de morte ou um caso perdido por entoxicações feiticeiras, da trom-
beteira ou de outros vegetaes, mineraes e animaes. E' o pontifice da reli-
gião, que tem Tupá por Deus do bem e Jurupari por Deus do mal; e é o
medico na cura das enfermidades, que se attribuem proveniencias de feiti-
çarias por meio do vegetaes, animaes e mineraes, productos preciosos do
nosso uberrimo solo e maravilhoso sobsolo na rica flóra e variadissima
fauna. Estes são em geral considerados funestos e aquelles, grandes feiti-
ceiros pelos selvagens.

Capitulo XIII

Ceremoniaes do pagé, como é que este cura e como se improvisa outro pagé

O pagé pontificando na religião espiritualista, materialisada de Tupá, Jurupari e um sem numero de fetiches, faz-se acercar por todos e de tudo da sua tribu, para poder assim dissertar sobre as suas tradições, e prophetisar-lhes narrando nas suas lendas as calamidades desoladoras e felicidades venturosas que terão ainda de soffrer e de gosar. Exercendo o sacerdocio de medico ou o satanico do feiticeiro, não prescinde do cortejo de rapazes, raparigas, velhos e velhas para formarem o corpo de coristas que em surdina entoam canticos monotonos em louvor ás suas divindades do bem, se é uma bôa acção que vae praticar, e do mal, se do que se vae tratar e praticar, tende a máus fins.

Nestas ceremonias do pagé ou do feiticeiro, este evocando os *caruanas*, dança e bebe cauim (cachaça) ou *cachiri* e, na falta deste, agua de lavagem de tabaco, toca *maracá*, fuma cigarro acharutado de bom tabaco, encapado com *tauari*, sendo que na religiosa do pontifice, todos dançam, e, ás vezes, tambem dançam o saturnal satanico e satyrico yurupari, que com toda a tribu bebe *cachiri*, embriagando-se com todos os seus convivas. Como qualquer mortal, este toma parte nos excessos de delirante lidabinagem, que termina sempre por azorragarem-se uns aos outros, sem que o filho distinga o pae e mãe, e o marido a mulher do meio das outras mulheres. Usam-se neste ceremonial sorver pelo nariz, beber dissolvido n'agua e em bolinhas, tomar como crystel, o pó de *paricá*, afiançando causar-lhes os mesmos encantadores e maravilhosos effeitos que o opio produz-nos asiaticos indianos e chinezes.

A acção do *ipadú* reduzido a pó depois de torradas as folhas e bem soccadas, misturando com cinza da ambauba branca, a acção é identica á do pó de *paricá*. Servem-se do *ipadú* os Miranhas do Yapurá nas grandes ceremonias do pagé.

No Yapurá, Negro e mais outros rios, os indios quando vão para o trabalho, metem no canto da bocca o pó do *ipadú*, que ahi se embola e assim pouco a pouco a dissolve e se anestisiam com o fim de passarem neste estado, o dia sem almoçar nem jantar até á noite, quando então se alimentam.

Se não fôra o ridiculo charlatanismo do pagé exhibido nas suas sessões, no meio de simiescuridão, entre as quatro paredes de um quarto, onde a dançar aos sons de cantarolas monotonas em surdina por um grupo de homens e mulheres, velhos e moços, e do chocalhar com maracá por entre densas nuvens de fumaça, oriunda de um cigarro charutado feito em *tauari*, que o envolvem. O pagé conservando-o na bocca á fumar e aquelle instrumento sagrado na mão a chocalhar assemelhar-se-iam as dos *spiritas* videntes, contemplativos e silenciosos da religião de Alan-Kardec.

Nesta religião os mortos se communicam com os vivos porque os adeptos evocam desta maneira, sem assuada, espiritos de gentes d'além-tumulo, que deste mundo passaram a habitar outros invisiveis, deixando aos vermes, na terra a materia, na qual se hão outra vez de encarnar.

O pagé evoca *caruanas bichos do fundo*, que só elle conhece e delle se diz camarada e companheiro, que acodem de outros mundos ou dos confins da terra e da profundidade do lagos, rios, mares,—aos seus chamados. Representa indubitavelmente este o *medium vidente* do espiritismo, que se communica com *almas de outro mundo*, mas lhe dando o nome de *caruanas*.

Do paganismo, pageismo e espiritismo, que por imaginarios cultos a

carne e ao espirito, que se torna a encarnar, as suas doutrinas deverão ter-se originado donde provieram as Sybillas e as Bruxas ás quaes se attribuia o dom da prophecia e do conhecimento do futuro;

Tambem são as *sacacas, e os maraca-imbárassuaras* tendo este o mesmo dom daquellas, e mais os de enfeitiçar, curar, fazer endoudecer e matar a infelizes humanos, que reduziam ao estado mais lastimavel de panema ou do mais invejavêl *micapiara*.

Muito parecidos aos magicos do paganismo, são os pagés do pageismo e o *medium* do espiritismo, principalmente quanto ás suggestões, por meio das quaes illudem, convencem e phanatisam, transmittindo a sua vontade, e por esta maneira firmam os preceitos *religiosos do materialismo, com ou sem Deus.*

Chamam-se *curandeiros*, tanto o pagé como o feiticeiro.

Este aos seus remedios dá os nomes de philtros e emprega-os com o fim de fazer mal á humanidade, do meio da qual faz sahir os afortunados e os desgraçados, o bebado, o jogador, o vagabundo, o palerma, o idiota, o libertino, o louco, o facinora, o ladrão, o impostor, o desbriado, o vadio, o adultero, o incestuoso, o patricida e fraticida, o homicida e ainda mais a lepra, a tuberculose.

Prepara-se o feitiço contra toda a casta de gente de ambos os sexos e de differentes idades, desde a menor até a da velhice decrepita. Usa o feiticeiro, para esses effeitos, de plantas, e destas todas as venenosas e as aromaticas, de pellos, pelles, de unhas, de ossos e de sangue, de diversos organs de differentes especies de animaes, de alguns mineraes e ordinariamente de amuletos e de rezas extravagantes, do seu satanico e desconfiado olhar e do seu sopro semelhante do sybillo das cobras, da sua roupa e da alheia, etc.

O pagé cura com remedios, que chama *puçanga*, preparados por elle mesmo, da folha, flôr, fructo, caroço, raiz, casca, leite, resina, madeira, etc. de plantas aromaticas, ou sem aroma e venenosas, que são medicinaes, e tambem com substancias de alguns mineraes e de animaes: todas as molestias, ás quaes sempre dá o feitiço por origem. Assim elle, como o medico diplomado, ás vezes, as julga de máu caracter e incuraveis. Como este, aquelle outro quando não cura, mata o doente. Nenhuma culpa tem o medico dos casos fataes de morte inevitavel ou por erro de officio que sua clinica, constantemente registra; mas ao pagé, em identicas circumstancias, culpa-se, persegue-se e a policia vareja-lhe o domicilio, prende-o e recolhe-o á cadeia, o medico denuncia-o e a justiça publica condemna-o, como se a lei não fosse igual para todos.

Os espiritas, sem serem medico nem pagé, sob responsabilidade do espirito, que evocam para lhes prescrever a enfermidade dos seus clientes e lhes receitar os medicamentos curam e matam livres de perseguições da policia.

Tambem as cartomantes, *buena-dichas*, bruchas e ciganas, nas mesmas condições dos espiritas e dos medicos, affrontam-se, livres da acção da policia e de denuncias do orgão da justiça publica, annunciando diariamente pelos jornaes á sua clientella, que lhe predirão o futuro e a salvarão das suas enfermidades, deitando cartas de jogar e lendo nos traços de suas mãos o que lhes poderá acontecer no porvir, e o remedio que deverão tomar para allivio dos seus males.

Um caso de cura de uma doente, por pagé, assisti no segundo dia de minha chegada á maloca de Taluco, achando-se aquella n'um dos seus diversos compartimentos. Teria 15 annos, pouco mais ou menos, de idade a doente, que, deitada na sua maqueira, estorcendo-se com agudissima dôr no estomago, estava sendo tratada pelo pagé da tribu por meio de massagem de fricções com folhas verdes, que elle mesmo ia colher na matta, e de comi-

cas chupadellas para, por esta maneira, extrahir da parte enferma do corpo dessa rapariguita, e cuspir *bicho cabelludo* ou *ambuá*, *centopéa*, *lacráu*, *cobra*, *borboletas* etc., ainda com vida e queimal-os ao fogo, sem que nada desta pagelança alliviasse o seu soffrimento. Desenganado pelo insuccesso da cura tendo exgottado todo o processo da alta suggestão, e diabolica magia de fazer sahir bichos vivos da bocca; que extrahia do estomago da paciente e dolorosa india, mandou esse curandeiro aos seus rapazes que fossem abrir no terreiro, para enterral-a, ainda viva, uma sepultura, visto como, no dizer delle, a *doente não prestava mais*.

Teria este fim tragico aquella farça, de *massagens* fricções *chupadellas*, extracção, cusparada dos bichos de angá senão fôra ahi a minha previdente assistencia, tendo ao meu lado o fiel Manoelão—o meu *cicerone*. Este convencido, me convenceu da veracidade da molestia da cunhamucú, cujos effeitos attribuia o pagé á extravagante causa á rapariga haver, na maloca de Camacama, ha 12 luas passadas, quando alli foram todos da maloca de Taluco tomar parte na puracê de uma *dabucuri*, comido tartaruga moqueada com a qual Camacama a enfeitiçára. O moqueado tinha sido defumado com o fumo de plantas toxicas venenosas, de que o maracaiambara se servia por philtros com a virtude de tornar a cunhamucú apaixonada por elle e sujeita aos libidinosos caprichos do seu amôr e no caso em que o repudiasse, acabar os dias da sua existencia, estorcendo-se no fundo de uma rede com dores agudissimas do estomago, produzidas por mordeduras e ferroadas de bichos venenosos!

Manoelão, a meu pedido, conversando com a doente n'uma occasião em que o pagé se retirára da sua cabeceira para ir á matta buscar folhas, interrogou-a sobre a sua dôr e da proveniencia desta. A meia voz, gemendo, respondeu-lhe: insupportavel é a dôr que me dilacera as entranhas e quanto á sua proveniencia, só posso attribuir a um pedaço de tartaruga (jurará) do moquem, que Camacama, n'um *dabucuri* na sua maloca, ha 12 luas passadas, me fez comer, tendo-a preparado antes com feitiço para me submetter aos seus bestiaes desejos, e; se lhe burlasse o plano, como o burlei; se criaria um bicho dentro da minha barriga que me devoraria as entranhas até matar-me; como vai agora succeder. Supponho que assanhei hontem esse bicho, comendo diversas fructas silvestres, depois de haver demanhan, muito cedo, bebido mingau de caribé com pautaná e, á tardinha: chibé de beijú com pautaná tambem.

A' vista da ultima declaração, sem ser medico, reconheci que a dor de estomago da cunhamucú era o sintoma de uma colica; que, em geral, se chama indigestão e não havendo ahi macella nem casca de laranja, nem arvore desta ou de limão, e de lima, etc, recorri, então, a camomilla homeopatica da carteira da minha ambulancia, que depois de misturada com agua incumbi ao Manoelão a cura da india, dando-lhe a beber esta *puçanga* uma colherinha de 15 em 15 minutos.

O pagé já se achava junto á doente, quando me dispuz salval-a, pelo que Manoelão lhe dissera:

—*Carina-paié* (pagé), quer, que cure com a *puçanga*, que tenho aqui, a cunhamucú.

O velho indio, considerando-se desautorado, por mim, das suas funcções de sacerdote do Tupã e do Hiurupari, de advinho e de medico da tribu dos Chirianos da maloca de Taluco, voltando-se para o Manoelão, fitou-me com um olhar feróz e por entre os labios, que pareciam cerrados, deixou escapar um assobio agudissimo, penetrante, atordoador e prolongado, á semelhança do da anta (tapir) ou do silvo das cobras grandes (boiaçú).

—O que quer o pagé dizer com isto, Manoelão?

—Que o *soprou*; e o *sopro* do pagé, que é isto, que está ouvindo, quando não mata, inutilisa, enlouquece e *panema* a pessoa soprada.

—Ah! Elle então me quer matar?!... Pois diz-lhe que eu tambem sou pagé, e que o vou soprar ao meu modo.

Dando-lhe Manoelão, este meu recado, o velho indio cessou de assobiar, e eu, servindo-me de uma taboca, que usava ahi em logar de bengalla, voltei, então, uma das suas pontas para o lado do velho indio, e a outra metti na bocca, e assim nesta comica posição, soprei-o tres vezes.

Magnifica fora esta minha lembrança! Tão impressionavel, quão odiento, me pareceu o sopro do pagé. Desta estravagante idéa, vede que os superticioso temem e tanto os apavora, triumpharam os sopros transmittidos por mim contra o pagé, por meio de uma taboca.

Originára-se desta scena comica, ahi, por mim representada, outra dramatica, pathetica e comovente do Manoelão á cabeceira da cunhamucú, medicando-a, e do pagé, rojado ao chão, agarrando-me as pernas, e, supplicante confessando-se arrependido da sua ousadia de haver-me soprado.

—Reconheço-te, dizia elle em dialecto Chiriuna, meu superior agora, porque foi a tua alma; que aqui, ha 5 sóes antes da tua chegada á nossa maloca. Mais poderoso do que o meu *sopro*, é o teu; pelo que nada te acontecerá, mas eu morrerei. Não me queiras mal. Absolve-me e salva-me, que te obedecerei emquanto estiveres aqui e sempre que tua alma me apparecer entre os *caruanas* evocados por mim. A doente que Cumacama enfeitiçou, não morrerá mais do feitiço, matal-a-ia a diarrhéa, mal, para nós, incuravel. Cura-me tambem do mal que me fizeste!

Levantantando-o do chão, abracei-o, lhe fazendo ver; por intermedio do Manoelão, que, abraçando-o, se considerasse curado.

O velho indio apertando respeitosamente uma das minhas mãos entre as suas, não se separou mais de mim, senão quando dahi me retirei depois de a cunhamucú alliviada dos seus encommodos, adormeceu.

Restabelecida a india, nunca mais o pagé me deixou de procurar, conservando-se sempre taciturno e pensativo. Naturalmente ainda sentindo-se impressionado por haver sido por mim *soprado* desconfiava de que não o tivesse absolvido, nem curado com o meu abraço.

Desnudadas completamente todas as mulheres velhas, moças, cunhamucas, cunhãs depois da doença da india e da sua cura me appareciam ao entrar da noite no meu alojamento, pedindo para que as ensinasse a fazer o signal da cruz e rezar o *padre nosso*, que ensinou aos seus ascendentes o missionario, que acompanhava ao Estrella na directoria parcial de catechese e civilisação da missão do Uarucá e Demeueni, onde este praticara inconcebiveis actos de malvadez redusindo á escravidão aos catechumenos.

Capitulo XIV

A vida em familia entre os indios, o tiro no alvo e a tribu dos Chirianas sob o dominio do tuchaua Taluco

Na manhã do dia seguinte ao da cura da india, antes das 6 horas, toda a collectividade, preparada e prompta para o serviço, encaminhou-se na direcção da matta, indo uma parte com machados, terçados, foices, ferros de cova e enxadas para a roça; outra com *arcos*, *frechas*, *tacuaras*, *zarabatana*, *frechas ervadas*, *cuidarús* e *tacapes* para a caça; mais outras de adultos com *arcos*, *frechas*, *arpões*, *arpoeiras*, *haste* e *jatecás* e *de curumis* com *anzolinhos* e *caniços* para a pesca, dizejando «elles» tanto esta como aquella com o nome de *marisco*.

As mulheres, carregando *maturás* e as suas crianças de peito ás costas, e os *alguidares*, panellas e *igaçabas*, *urupemas*, *tipitis*, *forninhos* e *ralos*

mettidos nos *naturís*, acompanham os seus maridos e pais nos seus respectivos serviços e se empregam na roça em capinal-a, plantal-o, na extracção da raiz da *mandioca* e da *iuca*, em conduzil-á para o igarapé e deste para a casa do forno, e ahi ralal-a, espremel-a nos *tipitís*, aparar a aguadilha nos *alguidares*, da qual o pó que senta no fundo da vasilha, é a *tapióca* e a agua, o *tucupy* ferver esta misturado com pimentas nas *igaçabas*, e fazer daquella e da massa peneirada nas *urupemas*, a farinha, os *bejús*, cosidos estes nos forninhos; e aquella torrada em grandes fornos. Nas caçadas e nas pescarias, uzam, sem destripar o peixe nem tirar o couro da caça, muquealas e cosinhar o peixe em postas e aquella, o necessario para comerem durante as horas do trabalho. As mulheres, deixando o trabalho, conduzem nos *naturís* e nas proprias vasilhas os muquecados, os restos das comidas, *bejús*, *tapioca* *tucupí* e a massa da *iuca* e de *mandioca*, que chamam *carimá*, para a *maloca*.

Ao meio dia, que os indios regulam pelo sol, no seu zenith, ou pela propria sombra, sob os seus pés, recolhem-se ao serviço carregando lenha ao hombro, e os velhos, mulheres sem filhos, *curumis* e *cunhãs* carregam os *naturís* cheios de raizes de *mandiocas*, paneiros e *peras*, sendo estas feitas de folhagem de palmeiras e aquelles com *talas* de *uarumá*, cheios de *patauá*, *massahy*, *bacaba* e outros fructos silvestres, taes como *cucura*, da *ambaubeira* branca, *cacau*, *sorva*, *maracujá*, *tucumã*, *umiri*, *mazajá* etc.

As aves, «com que se alimentam» são depennadas, menos na cabeça, e desta maneira muquecadas ou cosinhadas.

Na sua *maloca*, assim que entram do seu trabalho, os homens deitam-se nas *maqueiras*, e as mulheres vão para as *cosinhas*, que são as fogueiras de cada compartimento, depois dos mariscadores lhe terem entregue todo o pescado e a caça, que mariscaram...

Levantando-se todos depois de uma sésta de meia hora pouco mais ou menos, sahem para ir ao igarapé tomar banho e, de volta deste, jantarem com as suas proprias familias nos seus proprios fogos.

Finda esta refeição, tornam, em turmas, ao igarapé para lavarem as vasilhas com que se serviram. Dahi passam as mulheres a sestar, durante o mesmo tempo que os homens já haviam repousado, para que antes do sol posto, ellas, os homens, *cunhãs* e *curumis* cuidem de untar todo o corpo com *oleo de pautauá*, por elles preparado e purificado ou com outros extrahidos do *cumarú*, do *carrapato*, do *tucumã*, da *andiroba*, etc, de pintar o rosto com a *fecula do urucú* ou outros do *caraiuçú*, *anil* etc e a *tinta do genipapo*. Passam depois disto a ornamentar os cabellos bastos, compridos e negros, collocando sobre elles linda *acangatara*, tecida de pennas de *papagaio*, *arara*, *tucano* etc com *curauá* tendo pendente da parte trazeira uma enfiada de *beija-flores multicores*, *catipurú*, *tamanduahis*, *tucanos*, *pacões* (*chorins*), *uirapurús*, etc dissecados e empalhados, e pennas da *ararapiranga*, *araratauá*, *tucano* e de outras aves. O pescoço e o collo circulam-os com collares de missanga de cores diversas, especialmente da branca e da azul, dos dentes de onças, (iauaiete) do jacaré, da cutia, do porco, (tenaça) do caitetú ou taitetú, dos macacos, etc, das sementes do cumarú, do cumaruhy, do cuchuri oblongo e do redondo grande ou noz muscada do Rio Branco, do mendubi ou amendoim; com a casca ou sem ella, do camapú, etc.

Usam todos furar as orelhas, a narina, as azas do nariz e o cantos da bocca e o labio inferior desta, acima da mosca, metter nesses furos pennas de aves, e da cauda da arara, talas de inajá farpas de *pachiúba* enfeitadas, numa das suas extremas, com pennas multicores, *pedra quartz*, e *metaes amarellos e branco*, e, ás vezes, prata, de pepitas de ouro, atracam tambem os troncos dos braços, os pulsos, abaixo do joelho e acima da barriga da perna e sobre os tornozellos com bracelletes, pulseiras e ligas, e com enfeites de pennas e missangas e de tecidos de algodão de curauá e, finalmente vestem um saiote de tecido de curuá ou de algodão enfeitado de lindas

pennas de arara e de outras aves, decendo até ás curvas da perna, que lhes occulta as tangas em que desfaçam a sua usual nudez.

Durante esta movimentação de toda a tribu por causa dos seus preparativos para os folguedos nas 8 horas das 24 de cada dia, que destinam os Chirianas ás suas *puracés*, que ahi celebram num espaçoso compartimento; dous *curumis*, n'um dos seus angulos, tocam *torés* e dansam aos sons monotonos desses instrumentos de sopro. Agremiam-se a estes, de quando em vez, outros musicos com outros *torés*, gaitas, que fazem do osso da canella do veado; *cruscchás*, tamborinhos etc.

Já tinhamos, nesta occasião, acabado de jantar uma tartaruga e peixe muqueado, cosinhados no tucupi com pimenta. Para não nos deitarmos, tomamos as espingardas de carregar pela culatra e dirigimo-nos até o meio do terreiro, acompanhados por alguns indios, com o fim de divirtirmo-nos, atirando ao alvo.

Um gavião cauré pousando na rama de um cumarúseiro da matta, que bordava o terreiro, o Almeida, uma das praças do 3° de artilharia, que me acompanhava, tendo comsigo uma «Spencer», fez-lhe fogo e matou-o, sendo este successo extraordinariamente applaudido pelos indios presentes, com estridente algazarra, causando-lhe surpreza à espingarda não precisar de vareta, polvora, chumbo, buxa e espoleta para explodir como as *lazarinas*, que já conheciam e sabiam como se atirava à caça com ellas.

Mandei o mesmo Almeida ensinar aos indios a descarregar os cartuchos, que a espingarda continha, e carregar de novo, mediante explicações, em dialecto chiriana, do nosso *cicerone*, fazendo com a «Spencer», nas mãos delles, repetir, a cada um, tudo quanto lhes ensinasse o soldado. Assim instruidos, um delles mostrando desejos de dar um tiro com essa arma, lhe fiz a vontade, entregando-a descarregada, e os 7 cartuchos, para vermos como se desvencilharia elle da rascada. Admirados assistimol-o a armar, carregar e preparar a *Spencér*, quando firmava o alvo pela mira, um *gavião-pescena* pousando na rama de uma arvore do lado opposto ao do cumaruzeiro; lhe dissemos que o alvejasse e matasse. Attendendo-nos, volveu a pontaria para a sua embiara, disparou-lhe o tiro, lançando-a por terra morta,—pelo que o applaudimos estrondosamente por sua pericia.

A' noite, obrigado pelo tuchaua, tomei parte e toda a minha comitiva na *puracé*, ornamentando-nos com pennas e cueios trançado por entre pernas e presos na cintura, tendo as pontas pendentes na frente e atraz, mettendo-nos depois disto o tuchaua diversos cuidarús n'uma das mãos. A's 11 horas, pelo meu relogio, retirando-nos do circulo da dança, convidou-nos Taluco a ceiarmos no seu compartimento, acompanhando-nos nessa refeição as suas tres mulheres.

Limitou-se a ceia a dous quartos de caetetú esfumado e cosinhado em tucupi apimentado e com bejú fresco, em vez de farinha d'agua. Foi ahi que verifiquei entre as tres mulheres do tuchaua a superioridade da Dona, isto é da 1.ª, a mais antiga sobre as duas outras, e da 2.ª sobre a 3ª; mais moça em idade do que as duas, e por essa razão o marido se mostrava por ella mais amoroso. Entretanto a sua favorita é a Dona.

Pouco mais de 200 pessôas habitavam ahi na maloca, sendo desse numero quasi dous terços de homens, e o resto mulheres, crianças dos dous sexos e poucos velhos; porque estes, quando não podem mais trabalhar, são mandados sepultar ainda vivos pelo pagé, por não *prestarem* como succede aos enfermos nos casos graves de diarrhéa ou de defluxo, degenerado em pleuris ou bronco-pneumonia.

O indio em geral divide o tempo por horas e em periodos de 24 cada dia. O dia e a noite regula pelo sol quando nasce, ou no seu zenith e no seu occaso, pelas estrellas á noite; pela lua Cheia á outra de igual phase um mez e, por um preriodo de 12 luas a outro, anno.

O campo, que todos, abrem para a sua lavoura, é um só, assim como esta é para a collectividade em commum.

As suas facas, terçados, machados, ferros de cova, foices, enxadas e lazarinas, quando possuem, embora tenham donos, todos podem se servir delles, precisando. Observa-se o mesmo entre elles, quanto as suas *zarabatanas* que fazem de pachiuba, e que entaniçam com tiras de jacitara ou casca do *uambé*, breado tendo de uma extrimidade a outra um orificio por onde introduzem uma frecha de tala de inajá apontada e hervada n'um dos seus extremos e embolada de algodão ou de samauma noutro, que é impellida pela acção do sopro. O comprimento desta frecha regula pouco mais ou menos 33 centimetros, e ao veneno chama-se *curare* e *hervadura*, conhecida tambem por *urary*. E' um veneno mortal preparado com varios cipós e raizes de plantas toxicas, cujo antidoto, descoberto ainda nos tempos coloniaes, é o sal, e outro, que os jesuitas descobriram além do fogo, é o assucar.

Scientificamente, o sabio botanico brazileiro Dr. João Barbosa Rodrigues foi quem o divulgou com a denominação de *curare*, o seu effeito venenoso e a poderosa acção do sal, como seu antidoto, elliminando a sua acção toxica.

O *curabi* tem a haste de madeira forte e pesada e a ponta de taboca partida em fórma de lança aguçada, e com os dous gumes hervados. A' *tacuara* que é feita de *taboca* partida, tendo uma das suas extremas aguçada, é impellida por um arco. O *cuidará* e o *tacape* são duas massas preparadas de madeira pesada e rija; este comprido, faceado e com dous gumes ou roliço, e aquelle curto, achatado tendo a fórma da cauda do *dourado* (peixe) com os quaes se servem nas suas caçadas ou nas suas guerras, corpo a corpo, como na antiguidade eram usadas, a massa, o alfange e a lança e na actualidade ainda se usa da espada, sabre, o terçado, a faca, o pau etc.

XV

Noivado, a decrepitude e o enfermo. Camacama, a resa o director parcial dos Chirianas e Baffuanas e o missionario

A' falta de mulheres puberes solteiras n'uma maloca de indios em geral de qualquer nação, dá logar aos rapazes em idade de casar, irem procurar noivas n'outra maloca, onde ellas por excepção abundem. Ahi precisa, para conseguir uma para sua mulher, permutal-a mediante a dadiva ao pae da sua pretendida, de um cão, ou de uma ubá possante, uma canoa pequena, um casco novo ainda sem falcas para o marisco da pesca, de um forninho de barro para *fazer* bejús, de um machado ou um terçado e até, ás vezes, de uma faca americana.

No dia do casamento, como acontece entre os Mundurucús e os Yurunas, passam por dolorosas provas, quer o noivo quer a noiva, no meio do delirante bacchanal, onde aos sons de gaita, tamborinho, cracachá, toré e do trocano, se canta, se dansa e bebe o cachiri! . . .

A velhice é tolerada no meio delles, em quanto as suas debilitadas forças lhe permittem trabalhar, e a luz dos seus olhos e a lucidez da sua razão não o abandonem; mas se, ao contrario, lhe fallecer qualquer um desses predicados, abreviam-lhe os dias, que ainda lhe restarem da existencia, sepultando o velho ou a velha em vida, porque já *não presto*, condemnação esta identica á que dá o pagé ao enfermo, quando o desengana, fazendo-lhe ver, que já *não presta* por não ter mais cura a sua molestia.

Igual ao facto da *cunhamucú* já condemnada pelo pagé por *não prestar mais*, a ser enterrada viva, que fôra por mim salva, testemunhou na minha casa em Manaus á minha familia, com um indio da nação Chiriana enfermado, que com mais outros indios e o tuchaua Camacama, tinham, a convite meu, me acompanhado da Villa Barcellos com o fim de *conversarem* com o presidente da provincia, que era nesse tempo o Dr. Yacy Monteiro, que, recebendo-os em palacio, nomeou por portaria o tuchaua, com honras de capitão, o já tuchaua Camacama, fornecendo-lhe o competente fardamento, e por brindes, dando aos seus companheiros uma faca, um terçado e um machado, a cada um.

O indio enfermo estava sendo curado pelo tuchaua, que tambem era pagé, e, este vendo que as suas *puçangas* não o salvariam de uma pertinaz diarrhéa, resolveu-se a communicar á minha mulher que o caso da molestia do indio, sendo inevitavelmente de morte, pedia-lhe para que o deixasse *enterrar ainda vivo no quintal da nossa casa visto como já não presiava mais o seu infeliz camaraja!* . . .

Obstámo-lhes o cruel e deshumano intento, e, por conselho de um medico meu amigo, demos ao doente a tomar a infusão da casca da banana maçã verde, e banhos de agua morna semicupios, e por esta maneira, curamol-o, frustrando a execução do seu supplicio de ser sepultado ainda com vida por determinação do pagé, que lhe servira durante a assistencia de medico e de enfermeiro, dando-lhe cuidadosamente o remedio ás horas certas.

Camacama é tuchaua de uma das diversas tribus de indios da nação Chiriana, situadas na região central das cachoeiras do Demeueni, e na qual passei algumas horas tendo sido acompanhado em viagem por terra e a minha comitiva pelo ajudante de Taluco que ia da parte deste incumbido de convidal-o e a toda a sua gente para a *dabucuri* que realisaria no dia seguinte por ser vespera da minha partida para Barcellos.

A dabucuri é dança festiva em honra de yurupari na qual esta divindade toma parte.

Estive no dia 19 na maloca de Camacama, que me recebeu, e a minha gente, com as mesmas formalidades com que fui recebido por Taluco quando entrei no seu terreiro.

Esta maloca é maior do que a de Taluco e maior o numero dos moradores, que calculei superior a 300 pessoas entre adultas e menores, parecendo-me que havia mais mulheres do que homens.

Camacama ahi accumula as funcções de tuchaua e pagé. E' ainda moço, imberbe, robusto, mediano de estatura, de genio expansivo e casado com 5 mulheres ! . . .

Depois de algum tempo de demora ahi, fazendo as minhas despedidas, offereceu-me o tuchaua uma zarabatana, aljava de talas de uarumá, tendo as frechas todas já ervadas e umas emboladas com algodão e outras ainda por embolar, e atada a esta um pequenino urú, tambem de talas de uarumá, cheio de algodão; e em retribuição presenteei-o com uma libra de polvora e uma patrona de couro com meia libra de chumbo, uma camisa, uma calça, meia peça de merim, 6 metros de chita encarnada a cada uma das suas 5 mulheres, 10 carreteis de linha, 5 papeis com agulhas, 6lenços, um chapéu de palha, um quarto de molho de tabaco, uma faca, um terçado e um machado e os meus companheiros distribuiram da sua parte com as crianças e mulheres alguns fios de missangas, carreteis de linha, anzolinhos para caniços, agulhas, brindes estes de que, por lembrança do Almeida, cada um levou o seu bocado nos saccos, com mudas de roupa, para o fim da viagem. Fiz esta minha viagem das 5 horas da manhã ás 11, e de uma a outra maloca, distancia calculada de 4 a 6 leguas, tive ahi duas horas de demora e chegamos de regresso ao nosso pouso á bocca da noite, depois das 6 e meia horas da

tarde, sendo recebido pelos indios e Taluco que não foram comnosco, com vivas demonstrações de alegria.

Ninguem dançou nessa noite depois da ceia; mas as mulheres e curumis e cunhamucús tornaram a me fazer seu missionario, pedindo para ensinal-os a rezar, como nas anteriores noites. Fil-o como já havia feito das outras vezes, bastante emocionado com o auxilio dos meus companheiros, aos quaes, depois disto, fiz ver, que a scena, que vinham de representar essas mulheres e crianças, tinha a sua origem na tradição, de poucos annos passados, da missão de Uacará, de Chirianas e Baffuanas, dirigida incompetentemente pelo cametauara Estrella, que, sem habilitação para o cargo de director parcial, o governo o nomeou para ahi, resultando desta escandalosa patronagem o desapparecimento da missão por sua desmoralisação, e da retirada que d'ahi fizeram os indios para o socego, que gosavam no seu seio, da floresta, sem precisar da *luz da civilisação*, tão desnaturada e mal comprehendida por esse imbecil director parcial.

Na extincta missão, o vigario de Barcellos, filho do cametauara, que a dirigia, apesar de não primar pela cultura da sua intelligencia e virtudes sacerdotaes, ensinou-os sem a devotação e o amor caracteristicos do verdadeiro missionario, a ter uma vaga idéia da religião do Deus Humanado, Nosso Senhor Jesus Christo, que veiu ao mundo ensinar a amarmos ao proximo como a nós mesmos, a não fazermos aos outros o que não queremos que nos façam, a perdoar os que nos façam mal, e *remir e salvar a humanidade do captiveiro do Demonio*: proveio disso, sem duvida nenhuma, a virem estes agora nos pedir para que os ensinassemos a recommendarem-se, por meio da oração a Deus.

O Christianismo, depois do symbolo do conselho de Nicéa, que formulou a sua fé, teve tres grandes missões a cumprir, sendo estas de converter os barbaros, de combater as heresias e de espalhar a luz da civilisação moderna, tendo esta por foco a sua moral.

A' sombra dessas tres missões, os doutores, pregadores das suas doutrinas, e fundadores do catholicismo apostolico romano, delegando as suas attribuições aos missionarios de diversas congregações e ordens religiosas, estes perturbaram a paz da igreja, com o protestantismo de *Luthero*, a creação da companhia jesuitica de Ignacio de Loyola e a fundação da inquisição por estes religiosos e dominicanos. Por esta sorte o rapido progresso que vinha de alcançar o christianismo, antes da sua conversão no catholicismo, paralisou a sua marcha, sem que lhe obstassem o regresso nem as perseguições soffridas pelos velhos christãos e pelos adeptos de outras religiões, principalmente da judaica, nem os instrumentos de torturas e as fogueiras, a que, essa inquisição satanica, investida de becca e batina e de burel, os condemnava. Este pavoroso e terrivel flagello, de origem das cellas dos conventos e dos hospicios dos jesuitas e dominicanos dos thronos de reis e papas despoticos, que durou muito tempo, amparando abusos e hypocrisia dos degenerados sacerdotes do Deus do amor, da tolerancia, da justiça e do perdão, crearam a ambição e a tyrannia dos papas do cathololicismo, que eram tambem reis de Roma, e a crueldade e o despotismo dos reis catholicos da França, Hespanha, Portugal e Italia (Saboia e das duas Sicilias), *ad perpetuam Dei memoriam* protestando a salvação da igreja. Ameaçaram estes mesmos seus sustentaculos de precepitar o christianismo no abysmo da indifferença.

Religião do futuro, como já era tida a christan velha, que o immortal Pombal, deitando por terra o jesuitismo e a inquisição em Portugal e nas outras tres nações catholicas, não conseguiu mais encaminhar aquella fóra do terreno inclinado da descrença para o qual os seus falsos sacerdotes a haviam conduzido.

Os Chirianas, antes de terem ouvdo a palavra do Vigario sobre a

religião catholica, fundada por S. Pedro em Roma tinham Christo, que se fizera homem, por Deus, mas que os outros papas, seus successores, além das tres pessoas da santissima trindade, crearam mais S. José, Sant'Anna e Maria Santissima, novas divindades com maior poder que o do Redempter do mundo, por serem seus pae e mãe, na terra, José e Maria e mãe desta, Anna, esposa de Joaquim. Depois disto aprenderam que Jesus Christo, Deus, como homem, para salvar a humanidade do captiveiro do demonio, morreu n'uma cruz, desceu ao inferno, ressuscitou ao terceiro dia e subiu ao ceu onde está assentado á mão direita do Deus pae, creador do mundo. Todavia conheciam tradicionalmente a religião de Tupá, divindade celeste, entre elles, que creou a natureza, e yurupari divindade infernal destruidora de todas as cousas della. Acceitando as doutrinas do catholicismo, acreditaram que passariam na aldeia a viver todos como se fossem irmãos, n'uma só familia, formando sociedade onde gozassem os mesmos direitos, e suas leis fossem iguaes para todos sem soffrerem constrangimentos na sua liberdade, nem humilhação, provinda do desprezo do poderoso contra as suas disposições e das suas applicações por juizes seus zeladores e fiéis executadores, quando precisarem de recorrer para este em sua defesa.

Infelizmente, a missão administrada, como foi, por esse Estrella, infundiu nesses indios o terror, por causa da desmoralisação e da insensatez do homem a que o governo confiou a catechese e a civilisação delles.

Ahi os conservou o director parcial na ignorancia em que viviam no meio do matto, sem escola para as crianças, sem officinas para os rapazes adultos, sem fabricas de tecido de algodão e de curauá e de tucum, para as cunhamucús e as velhas, sem campo para a cultura do arroz, milho, café, feijão, canna, mendubi, gergelim, iuca, mandioca, girimum, melancia, melão, ananaz, limão, papanha, laranja, banana, vinagreira, gengibre, pimentas, etc., e sem um forno para torrar a farinha d'agua, para homens e mulheres, escravisou diversas curumis e cunhãs, para dal-os aos amigos e magnatas, ou vendel-os aos regatões, como se fossem *chirimbabos*.

Auctorisou a prostituição das cunhamucús e das mulheres dos indios, dando-lhes cachaça a beber! Tudo isto que o vigario de Barcellos não obstou, por ser filho de Estrella, concorreu para o desapparecimento da missão, em consequencia do abandono desta pelos indios, volvendo para as suas malocas.

Esta narração, repetiu Manuelão, na presença de Taluco era em portuguez, ora no dialecto Chiriana, e o tuchaua confirmou, dizendo ter morado na missão da qual nenhum dos outros nem elle, quando a abandonaram conheciam uma lettra de portuguez, nem siquer fallavam n'essa lingua cousa alguma para se fazer entender ! . . .

Durou este ensino como noutras noites pouco mais ou menos meia hora, e ás 5 horas da manhã de 20, depois da partida dos homens, com destino ao *lugar onde yurupari os esperava para a dabucuri*, tornaram todas as mesmas cunhamucús, curumis e mulheres casadas ao meu aposento e de dos mais outros da minha comitiva, pedindo-nos para que a esta hora os ensinassemos a rezar.

Fiz, nesta occasião, a Dana, mulher de Taluco, perseguinando-se, repetir as palavras do *signal da Cruz* em portuguez imitando-a todos os outros. Para este mistér auxiliavam-me os meus companheiros de quarto e o Manuelão.

Finda a reza, sahiram todos para o terreiro, afim de irmos accender o forno de torrar farinha, e outros de irem ao igarapé buscar mandioca mole, descascal-a, amaçal-a, misturando com outra dura, ralada e desta maneira preparada, encher a massa, comprimil-a e nos tipitis espremel-a, ahi aparando em alguidaes o tucupi, retirando dos tipitis a massa para, depois de peneral-a, leval-a ao forno para torrar e por meio de um rodo Tarubá em

continua movimentação por uma mulher cunhamucú ou curumi, fabricar a farinha d'agua.

Ahi mesmo na casa do forno, em pivezes forninhos, mulheres e cunhamucús fabricaram bejús, e dentro da maloca mulheres velhas rodeando diversos coches grandes empregavam-se no serviço da mastigação e fermentação da mandioca para o *cachiri* tendo ja uma parte fermentada, outra em fermentação e a que iam preparar, na occasião destinariam para a caiçuma que denominavam *bejuassú*.

Terminado este labor ás 10 para ás 11 horas da manhã, fez-se ouvir muito longe o som do trocano, e meia hora depois o de uma trombeta, que se assemelhava o do rugir do touro, produzindo isto nas mulheres e cunhamucús grande pavor, pelo que, deixando ficar tudo de mão, e tomando nos braços as mães aos filhos de peito, e acercadas dos outros filhos mais velhos, fogem acompanhadas pelas cunhamucús para o matto, seguindo para o lado opposto d'onde partiam os sons e deixaram-nos na maloca ficar sós.

São as mulheres com as crianças que se vão esconder no matto para evitar, que o yurupari as encontrem. Sem que o interrogassemos, disse instinctivamente o Manoelão: Infeliz daquella, que a surprehenda no caminho o terrivel e satanico yurupari!... Este com as suas proprias mãos a matará para exemplo ás outras mulheres, afim de não *serem curiosas!*...

O ensino de *rezas christãs*, que vinhamos de fazer, nenhum poder teve contra a superstíciosa *dabucuri* ou *puracé do yurupari* é o pavor das mulheres ao ouvirem tocar o trocano e a trombeta de pachiuba. O aviso do Manoelão e a resa me fizeram lembrar, que, no «*Le Brésil, Historie, moeurs, usages, et costumes des habitants de ce royume*», de Hippolite Fauuay et Ferdinand Déniz, li algures «os Tupinambás reconhecião, assim como outras tribus, a existencia de uma intelligencia superior, por elles designados *Tupá*, e a de um espirito malfazejo, que chamavam indistinctamente *Anhanga* ou *Hyurupary* e acreditavam firmemente, que as almas dos guerreiros, que massacrarão e comerão, em crescido numero de homens ião para o fundo de montanhas desconhecidas, onde se regosijavão com as de seus paes em *danças festivas*, emquanto que os fracos não podião esperar, depois da sua morte, senão tormentos de toda a sorte.»

Estas, nem mais nem menos, são as crenças, que observei entre os Chirianas, pelo que presumi serem estes de origem daquelles.

Jornaes Paraenses

— DE —

1908 a 1918

Os jornaes que fazem parte da nossa collecção, 1.º numero ou numero unico são indicados pela lettra A; as datas (dia mez e anno) completas indicam o do apparecimento do 1.º numero do respectivo jornal

Os jornaes que são exemplares outros que não o 1.º numero são indicados com a lettra B; as datas (dia mez e anno) completas indicam o apparecimento do 1.º numero do respectivo jornal

DENTRO em pouco a Imprensa do Pará festejará o 1.º centenario do primeiro jornal aqui publicado, facto que se realisou em Março de 1822 com o apparecimento d'*O Paraense*, de Felippe Alberto Patroni Maciel Parente, em Belem.

Antes da publicação de um catalogo definitivo, abrangendo todos os jornaes e periodicos publicados no Pará, desde 1822 a 1922, convém desde já que se preparem os necessarios subsidios para essa publicação interessante e necessaria, ao lado de uma curiosa exposição de especimens dos jornaes apparecidos dentro do seculo expirante.

O que ora fazemos não é mais que o complemento dos catalogos existentes e que terminaram no anno da grande Exposição Nacional do Rio de Janeiro, em 1908.

Vamos agora fazer um resumido catalogo dos jornaes e periodicos que appareceram no Estado do Pará, desde 1.º de Janeiro de 1908 a 31 de Dezembro de 1918:

Desde já diremos que lacunas e enganos devem existir; primeiro porque a perfeição é um mytho e em seguida porque

varias pequenas causas fazem com que se ignorem o apparecimento de um ou outro jornal.

Uma dessas causas é a deficiencia na noticia do apparecimento de um jornal, noticia essa, ás vezes, accusando o recebimento do 3.º numero sem mais detalhe que o titulo do jornal recebido; e não se tem nem a data do 1.º numero, nem mesmo o nome de seus redactores.

Da nossa pequena collecção de exemplares de jornaes e periodicos paraenses (composta de 448 exemplares de 1.º numero e 144 de numeros avulsos), da collecção interessante dos editados somente em Belem, pertencente ao estudioso e amigo Sr. Abenicio de Amorim Lima e de varias outras procedencias e noticias, elaboramos a presente lista que virá auxiliar o futuro e definitivo catalogo de um seculo de jornaes do Estado do Pará.

Aos estudiosos e patriotas compete corrigir aquelles pontes incertos que porventura existam, trazendo á Revista do Instituto as devidas corrigendas.

Noticias houve annunciando o apparecimento, dentro de poucos dias, de um novo jornal, trazendo nesse prematuro annuncio os menores detalhes de redacção, da orientação e da feitura.

Appareceram?

Ignora-se.

Ou então, uma intensa febre de publição de jornaes accentua-se e eis que surgem, quasi a um tempo, tres ou quatro periodicos que se extinguem no 2.º ou 3.º numero.

Ils ont vecu l'espace d'un matin.

E nem sempre se consegue obter um exemplar siquer.

Ajuntamos, aqui, o tamanho dos jornaes cuja medida podemos tomar nos exemplares que nos veio ter ás mãos, mesmo porque, na maioria, constantemente mudam o seu formato e até o typo de lettras do seu proprio titulo.

Na medida metrica usada por nós, a primeira indica a largura e a segunda a altura. Quanto ao numero de paginas, si é de 4, como de commum, não se faz mister indicar, como não indicamos daquelles que nenhum exemplar tivemos para isso affirmar.

Para os de maior numero de paginas diremos a quantidade dellas.

— 1908 —

B *O Beduino*, Belem, 15 de Agosto de 1908. Periodico litterario, (25×37) 18 pags.

—*Bem-te-vi*, Belem, 11 de Outubro de 1908—Semanario joco-serio. Orgão critico e humoristico. (20×28).

—*O Bóde*, Abaeté, 29 de Novembro de 1908—Orgão commercial, critico e litterario. Red. Galileu Parente, (26×39).

A *Boletim Medico Legal da Policia Civil do Estado*

do Pará. Belem, Setembro de 1908—Dir. Dr. Oswaldo Barbosa, medico legista. (19×27) 36 pags.

A *O Bombardeio*. Belem, 3 de Outubro de 1908—Semanario critico, humoristico e noticioso. Red. Petronillo d'Aguila (29×40).

A *O Delta*. Belem, 1 de Janeiro de 1908—(E∴ V∴) Orient∴ do Pará. Org∴ Maç∴ sob os Ausp∴ da Ben∴ Loj∴, Cap∴ Harm∴ e Frat∴. Red. Chefe Dr. Baptista Moreira. (25×33) 8 pags.

—*17 de Dezembro*. Monte Alegre, 17 de Dezembro de 1908—Edição unica. Ao Ex.mo Sr. Senador Antonio Lemos. (28×38).

B *Diario do Commercio*. Belem, 3 de Fevereiro de 1908—Orgão vespertino, especial do commercio, independente e noticioso. Dir. Americo Rodrigues. (57×76).

A *El Dos de Mayo*. Belem, 2 de Mayo de 1908—Numero unico. Homenage de la Union Española de Soccorros Mutuos a los Martires de la Independencia. (33×50).

A *Echo Lusitano*. Belem, 24 de Outubro de 1908—Orgam interprete de fraternidade luso-brasileira. Fund. e Dir. Ivo Josué. (47×65).

A *O Equador*. Belem, 14 de Junho de 1908 — Defensor das classes estudantinas. (25×36)

A *O Ideal*. Belem, 8 de Agosto de 1908 — Periodico litterario. Publicação mensal. Red. Chefe Aluizio Cardoso, (26×38).

B *A Infancia*. Belem, 17 de Dezembro de 1908—Orgão da divisão dos menores do seminario. Num. especial. Homenagem a D. Santino Coutinho, arcebispo do Pará. (28×39).

B *A Informadora Commercial*. Belem, Maio de 1908—Jayme Bibas e José Monteiro da Rocha.

—*O Maritimo*. Belem, 3 de Maio de 1908—Dir. Julio Brigido. Orgão da classe maritima da Amazonia. (34×50).

—*A Mocidade*. Belem, 15 de Novembro de 1908—Dir. Paulo Queiroz e Maximiano Carvalho. (23×29).

—*O Municipio*. Igarapé-assú, 12 de Janeiro de 1908—Orgão litterario e noticioso. (23×33).

—*O Nauta*. Belem, Novembro de 1908—Orgão da Liga Naval. (33×47).

A *O Omnivoro*. Belem, 1 de Setembro de 1908—Jornal critico, litterario e noticioso. Este jornal sahirá mensalmente. (22×28).

B *A Palavra*. Belem, 30 de Junho de 1908—Orgam estudantino. Dir. C. Nascimento. (22×29).

B *O Progresso*. Belem, 22 de Abril de 1908—Dir. Luiz Martins da Silva. (20-29).

—*A Sovéla*. Cametá, 9 de Janeiro de 1908—Orgão critico e litterario. (18×27).

—*Supplemento Illustrado do Echo Lusitano*. Belem, 14 de Novembro de 1908—(24×33).

A *A Tarde*. Belem, 23 de Abril de 1908—Folha independente, (48><60).

—*O Tirocinio*. Belem, 28 de Julho de 1908—Orgão de um grupo de alumnos da Associação dos Empregados do Commercio do Pará, (20><28).

—*3 de Janeiro*. Cachoeira, 3 de Janeiro de 1908—Polyanthéa offerecida ao Cel. Anthero Augusto Lobato.

—*3 de Março*. Belem, 3 de Março de 1908—Edição especial. Homenagem ao Dr. Manoel de Moraes Bittencourt, (25><33).

—*A Verdade*. Monte Alegre, 22 de Junho de 1908—Edição especial. Orgão dos interesses do Municipio, (25><34).

—1909—

A *Belemense*. Belem, 28 de Agosto de 1909—Periodico litterario. Dir. Joaquim Teixeira, (25><33).

B *O Condor*. Mojú, 1909—Jornal critico, humoristico e noticioso. Propr. de uma associação (O cabeçalho é impresso no alto de uma folha de papel almasso e o resto é manuscripto), (24><33).

A *O Correio*. Belem, 1 de Janeiro de 1909—Orgão da Sociedade «Mutuaria Postal». Dir. Juvenal Nunes, (32><47).

B *Correio de Gurupá*. Gurupá, 15 de Novembro de 1909—Orgão dos interesses geraes. Red. Chefe Antenor Madeira, (33><48).

—*O Correio da Tarde*. Belem, 21 de Março de 1909—Orgão independente e de publicação semanal. Red. Luiz M. e Silva, (32><45).

A *O Dezoito de Maio*. Belem, XVIII—V—1909—Num. unico. Homenagem do Club União e Perseverança ao Dr. Innocencio Hollanda, (17><21).

A *Estudante*. Belem, 11 de Julho de 1909—Orgão da União Estudantina Benjamin Constant (2.ª phase) Red Dir. Julio Bernardo Lobato, (23><30).

A *Euterpe*. Belem, 8 de Março de 1909—Orgão do Euterpe Club. Dir. J. Santino Ribeiro e Rodrigo Salles, (21><31).

—*O Ferrão*. Belem, Março de 1900—«Ferroando sempre!» Orgão critico e humoristico, (21><31).

A *A Gaita*. Belem, 9 de Maio de 1909—Semanario critico, humoristico e desopilante, (19><21. 5.)

A *O Guarda da Alfandega*. Belem, 9 de Junho de 1909—Edição especial. Dir. Terencio Porto, (25><32) 8 pags.

B *O Harpejo*. Belem, Fevereiro de 1909—Orgão litterario e noticioso. Dir. José de Vasconcellos, (33><46).

A *A Idéa*. Belem, 15 de Agosto de 1909—Periodico litterario, critico e noticioso. Red. Chefe Djalma Pantaleão, (23,5><33).

B *A Imprensa*. Belem, Abril de 1909—«Pelo Theatro». Jornal critico, humoristico e noticioso, (25><35) 6 pags.

B *A Lucta*. Belem, 5 de Abail de 1909—Semanario noticioso, litterario e critico, (33><48).

A *A Marreta*. Belem, 8 de Julho de 1909—Jornal critico e humoristico, (24×34).

A *O Mazaganista*. Mazagão, 22 de Junho de 1909—Edição especial, (27×38).

B *Miraselvas*. Miraselvas, (Quatipurú) ... 1909. Orgão politico, noticióso e industrial, (28×40).

A *Oito de Abril*, Monte Alegre, 8 de Abril de 1909—Edição unica. Homenagem ao Senador José Porphirio de Miranda Junior, (24×33).

A *O Pará*. Belem, 13 de Junho de 1909—Orgão litterario, noticioso e mensal. Red. Francisco de Leão, (33×46).

A *Patria Nova*. Belem, 18 de Abril de 1909—Publicação do Centro Republicano Portuguez no Pará, (40×54).

—*O Previdente*. Belem, Dezembro de 1909—Orgão de propaganda da Sociedade Anonyma de Auxilios Mutuos Auxiliadora Paraense, (24×34).

A *O Progresso*. Belem, 1 de Janeiro de 1909—Orgão litterario. Red. Chefe Manoel Antonio R. de Moraes, (23×31).

A *O Radiante*. Belem, Julho de 1909—Orgão Evangelico Baptista e de Regeneração Espiritual. Red. R. dos Santos Pacheco, (23×31).

B *O Regenerador*. Monte Alegre, 9 de Julho de 1909—Orgão do Partido Republicano. Red. ger. Joaquim Corrêa, (33×49).

B *Região do Norte*. Cametá ... de 1909—Semanario independente, (35×50).

A *Revista da Faculdade Livre de Direito do Pará*. Belem, 12 de Outubro de 1909—(15×22) 182 pags.

B *Revista de Anajás*. Anajás, Março de 1909—Publicação mensal, (17×24), impresso em Belem.

B *Revista Juridica do Pará*. Belem, 2 de Agosto de 1909—Dir. Dr. Avertano Rocha, (14. 5.×24), 188 pags.

—*Revista do Tiro Paraense*. Belem 13 de Maio de 1909—Dir. Julio Lacerda.

—*Revista Militar*. Belem, 11 de Junho de 1909—Orgão do Club Militar do Pará, dirigido pelo Tenente Dr. Nuno Barbosa.

A *Revista Paraense*. Belem, 30 Janeiro de 1909—Dir. e propr. Antonio Pindobussú de Lemos. Illustrada, (19×27) 18 pags.

A *O 13 de Outubro*. São Sebastião da Bôa Vista, 13 de Outubro de 1909—Numero unico. Homenagem ao Tenente Cel. Eduardo Rufino de Medeiros Furtado, (27. 5.×38), appareceu nos annos seguintes de 1910 e 1911 e impresso em Belem.

—*A Troça*. Belem, 17 de Abril de 1909—Revista illustrada, critica, litteraria e noticiosa, (17×25) 20 pags.

A *O 22 de Junho*. Marapanim, 22 de Junho de 1909—(21×30).

A *O Zé Paulino*. Belem, 30 de Outubro de 1909—Sae aos sabbados. «Tem por missão amassar o figado da humanidade». (24×34).

— 1910 —

B *Alma e Coração.* Belem, 28 de Fevereiro de 1910—Orgão do grupo espirita «Deus, Amor e Caridade». Circulação mensal.

A *Avante!* Bragança, 15 de Novembro de 1910—Periodico litterario e noticioso, (18><24).

A *Aura.* Belem, 15 de Novembro de 1910—Dir. Theodomiro do Espirito Santo, (22><32)

A *O Bombeiro Voluntario.* Belem, 22 de Junho de 1910—Orgão dos interesses da Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Pará. Dir. Pharm. Clovis Barata, (25><34).

A *A Chaleira.* Belem, 20 de Fevereiro de 1910—(23><32).

A *A Chrysalida.* Belem, Abril de 1910—Orgam dos alumnos do Gymnasio N. S. do Carmo. Dir. A. Pinheiro Moreira, (25><32).

A *Cidade Antonio Lemos.* Antonio Lemos (Breves) 1 de Maio de 1910—(32><45).

B *O Commercio.* Abaeté, 2 de Outubro de 1910—Orgam independente e noticioso. Dir. Galileu Parente, (28><38).

—*O Commercio.* Bragança. . . 1910—Propr. e Dir. de Victoriano Campos.

A *O Commercio Norte Brasileiro.* Belem, 15 de Junho de 1910—Publicação mensal destinada á defesa e propaganda do Commercio da Amazonia, (23><31) 28 pags.

A *Correio Pinheirense.* Pinheiro, 3 de Março de 1910—Dirs. Joaquim Genú e J. Gondim, (31><29).

A *O Dezoito de Maio.* Belem, 18 de Maio de 1910—Numero unico, appareceu n'*O Jornal*, (14><28).

A *O 19 de Março.* Belem, 19 de Março de 1910—Numero unico, (28><39).

A *O Dominguense.* São Domingos da Bôa Vista, 6 de Novembro de 1910—Orgam independente, noticioso, critico e litterario, consagrado aos interesses do municipio. Dir. Carolino José Lopes da Silva, (25><36).

A *O Estandarte,* Belem, 7 de Setembro de 1910—Propr. de Job de Avila, (26><35).

A *O Estimulo.* Belem, 12 de Abril de 1910—Periodico litterario. Publicação mensal. Dir. Affonso Barroso Rebello e Edgar de Campos Proença, (22><30).

A *O Futuro.* Santa Izabel, 2 de Fevereiro de 1910—(1.ª epocha). Red. Luiz Alberto Nogueira, (17><24).

A *Gymnasio Paes de Carvalho.* Belem, 28 de Julho de 1910—Polyanthea commemorativa de sua fundação e inauguração. 1841-1910, (12><22) 56 pags.

—*A Imprensa.* Belem, 18 de Março de 1910—(25><35).

A *Normalista.* Belem, 20 de Maio de 1910—Jornal dos alumnos da Escola Normal do Pará (3?><47).

A *Odontolina*. Belem, Setembro de 1910 — Publicação mensal, (25×34).

A *A Franch.·. Maç.·.* Belem 15 de Fevereiro de 1910— Distribuição gratuita. Circulação quinzenal. Orgão maçonico independente no Pará, (24×32).

A *Quovadis?* Abaeté, Janeiro de 1910—Orgam do livre pensar, litterario e noticioso. Red.: Galileu Parente e Eduardo Filho, (25×35).

A *Revista de Belém*. Belem, Janeiro de 1910—Propr. de Sousa Cabral. Illustrada, 40 pag.

A *Revista Commercial*. Belem 31 de Outubro de 1910— Publicação mensal sob os auspicios da Associação Commercial do Pará, (22×32), 36 pags.

A *O Sergipano*. Belem 23 de Outubro de 1910—Orgam litterario, noticioso e independente. Dir.: Nhuca Nunes (32×46).

B *A Thesoura*. Cametá, 3 de Maio de 1910—Orgão litterario, critico e noticioso, (15×24).

A *Trinta de Abril*. Cachoeira, 30 de Abril de 1910— Edição unica. Como preito de estima ao Capitão Alfredo do Nascimento Pereira, (16×24)

A *A Vanguarda Operaria*. Belem 1.° de Janeiro de 1910—Orgão da confederação geral do trabalho. Folha socialista. Publicação quinzenal. Red. chefe: José Alves Marinho, (41,5×58).

A *O Acáraense*. 1 de Junho de 1911—Orgão dos interesses do povo. Propr. de R. N. da Cunha & C.ª, (27,5×37).

— 1911 —

A *Alvorada*. Belem, Agosto de 1911—Revista litteraria. Publicação mensal. Dir.: F. Leão de Salles e Alvaro Ponte e Sousa, (22,5×32,5), 12 pags.

A *Amazonia*. Belem 24 de Dezembro de 1911—Jornal hebdomadario. Orgão dos interesses regionaes de informação mundial. Prop. de uma associação, (25×34), 8 pags.

A *O Anticlerical*. Belem 13 de Agosto de 1911—Orgam semanal e independente. Propr. de uma associação anonyma, (32×49).

A *A Bigorna*. Belem 19 de Agosto de 1911—Orgam bohemio de uma porção de moços. Semanario popular, (40×55).

A *Bohemio*. Belem 25 de Dezembro de 1911—Propr. do Centro da Bohemia, (17×24).

A *O Carbonario Portuguez*. Belem 2 de Março de 1911— Semanario republicano, (23×35).

A *5 de Outubro*. Santarem 5 de Outubro de 1911—Numero-unico, (26×39).

A *Cinema Bijou*. Belem, Outubro de 1911—Numero unico, (20×30).

A *O Cirio*. Belem 8 de Outubro de 1911—Illustração paraense, litterario, critico e illustrado. Dir.: Alfredo Uchôa, (26×37), 20 pags.

A *O Combate*. Belem, Outubro de 1911—Orgão defensor da «Liga Operaria» e das classes trabalhadoras, (28×40)

A *O Combate*. Acará 1.º de Junho de 1911—Orgão dos interesses do Municipio do Acará.

A *O Cometa*. Belem 7 de Junho de 1911—Orgam critico e humoristico, (21×30).

A *O Commercio*. Abaeté 8 de Janeiro de 1911—[2.ª epocha]. Orgam do Partido Republicano Conservador, (28×38). (Nota: a 18 de Junho cessa de ser orgão politico e resurge a 13 de Agosto seguinte, iniciando a sua 3.ª phase.

A *A Consciencia*. Belem, Agosto de 1911—Polyanthea para solemnisar a entrada em sua terra natal, do glorioso republicano Dr. Lauro Sodré. Dir.: de Alcebiades Neves, Antonio Calheiros e Albino Barbosa da Silva, (28×40), 8 pags.

A *Correio do Pará*. Belem 21 de Maio de 1911—Orgam litterario, noticioso e critico. Red.: Alcino Cacella, (25×32).

A *O Cosmopolita*. Belem 1.º de Maio de 1911—Orgão defensor do povo, (37×55).

A *O Criterio*. Belem 18 de Fevereiro de 1911—Semanario independente. Red.: Cezar Coutinho de Oliveira, (40×56).

A *A Cruz*. Belem 31 de Maio de 1911—Revista mensal. (16×24) 16 pags.

A *O Curuçaense*. Curuçá 21 de Agosto de 1911—Orgão mensal do Gremio Curuçaense Dr. Lyra Castro, (33×46).

A *El Dante en America*. Belem del Pará, Jueves 16 de Marzo de 1911—Organo hispano-americano de caracter politico, social y commercial, (30×40).

A *A Democracia*. Belem 26 de Agosto de 1911—Distribuição gratuita. Numero unico, (16×25).

A *18 de Maio*. Belem 18 de Maio de 1911—Num. unico. Edição especial. A' Jones Heskett homenagem sincera de um grupo de amigos, (18×22).

A *O Dever*. Belem, Junho de 1911—Orgão dos alumnos da Eschola Pratica do Commercio. Dir.: Raymundo Cunha, (21×29).

A *O Dia*. Belem 10 de Abril de 1911—Orgão quotidiano, matutino, illustrado, commercial e independente, (40×57).

A *Ephemero*. Santarem 6 de Janeiro de 1911—Numero unico, (27×29).

A *Estado do Pará*. Belem 9 de Abril de 1911—Propr. de uma sociedade anonyma, (50×70), 6 pags.

A *O Estudante*. Belem 20 de Fevereiro de 1911—Orgão dos alumnos do 1.º, 2.º, 3.º e 4.º annos do Gymnasio Paes de Carvalho. Red.: F. Leão de Salles, (21×29).

B *O Forte*. Belem ... 1911—Propr. de Ordisi. (Nota: é impresso á machina de escrever em papel almaço) (22×33).

A *Galenus*. Belem 14 de Julho 1911—Orgam do «Gremio Galleno Paraense». Dir.: Raul Furtado Bacellar, (25×36).

A *Gremio Brasileiro*. Belem 20 de Janeiro de 1911—Associação Pedagogica Litteraria Beneficente Propagadora da Instrucção Publica. Edição especial, (23×31).

A *O Guarda da Alfandega*. Belem 1 de Maio de 1911—Orgam dos interesses da classe. Dir.: Vasconcellos Junior, (25×32).

A *Gutenberg*. Belem 8 de Dezembro de 1911—Red.: Odilon Lopes e Timotheo de Almeida, (30×44).

A *Harmonia* Belem 1 de Abril de 1911—Orgam do grupo espirita «Esperança, Amor e Caridade». Distribuição gratuita. Circulação mensal, (24×32).

A *Hebe*. Belem 11 de Julho de 1911—Orgam litterario. Publicação mensal, (21×30).

A *Homenagem* dos amigos do Coronel Francisco Antonio de Resende. Anajás 29 de Setembro de 1911, (15×20), 63 pags.

A *Illustração Paraense*. Belem 22 de Outubro de 1911.—Semanario, litterario e humoristico, (25×34), 18 pags.

—*Janjão Bocó*. Abaetê 26 de Fevereiro de 1911—Orgão das caxambalanças politico—viradas e do rompimento roto, (17×25).

B *A Justiça*. Belem, Abril de 1911—Periodico occasional, (20×25).

A *A Justiça*. 18 de Junho de 1911—Ultima homenagem do Povo Paraense ao seu insigne algoz, (28×38).

A *Liberdade*. Pinheiro 7 de Setembro de 1911—Jornal independente. Red. chefe: Joaquim de Almeida Genú, (18×27).

A *O Libertador*. Belem 15 de Novembro de 1911—Periodico dedicado á regeneração do Municipio de Anajás, e ao progresso de todo o interior deste Estado. Publicação quinzenal, (28×40).

A *A Lucta*. Belem 13 de Maio de 1911—Orgam litterario. Red. chefe: Antonio B. de Araujo, (23×29).

A *A Luz*. Belem 5 de Agosto de 1911—Orgam litterario. Publicação mensal, (24,5×34).

A *O Lyrio*. Belem 9 de Julho de 1911—Orgão noticioso, litterario e dedicado ao Dr. João Coelho. Dir.: Amóra Durval (33×43).

A *O Maracanaense*. Maracanã 2 de Abril de 1911—Orgam politico, litterario e noticioso. Publicação quinzenal, (24×33).

A *O Messias*. Belem, Agosto de 1911—Orgão litterario, noticioso e neutro. Dir.: Manoel Brasilico, (25×35).

A *O Metro*. Belem, Junho de 1911—Jornal periodico. Da «Officina das Lettras». Dir.: Theodomiro do Espirito Santo, (23×33).

A *Mocidade Maçonica*. Belem, Agosto de 1911—Orgam dos alumnos do «Collegio Maçonico». Red.: Julio Carneiro. (25×33).

A *O Mosqueirense*. Mosqueiro 9 de Julho de 1911—Orgão politico, literario e noticioso. Dir.: Tenente-Coronel Raymundo de Lalor Piani, (26×37).

A *Norte do Brasil*. Castanhal. [Belem] 12 de Março de 1911—Orgam litterario, noticioso e commercial. Jornal semanario. (25×35).

A *A Noite*. Belem 29 de Abril de 1911—Orgão critico, noticioso e independente. Red.: Henrique Hurly e Manfredo Lamberg. (34×48).

A *9 de Julho*. Cametá 9 de Julho de 1911—Edição unica. Ao Exm. Sr. Dr. João Antonio Luiz Coelho, homenagem de seus amigos. (27×34).

A *A Officina*. Muaná 17 de Setembro de 1911—Propriedade de uma associação. Dir.: Genesio de Sousa Barbosa. Publicação mensal. (25×34).

A *A Opinião*. Belem 27 de Agosto de 1911—(2.ª epocha). Red.: Medeiros Lima, Terencio Porto e Januario de Miranda. (39×55).

A *A Ordem*. Cametá 15 de Outubro de 1911—Orgão do Partido Republicano Paraense. (40×56).

A *A Palavra*. Belem 29 de Julho de 1911—Orgão dos interesses da sociedade e da familia. Red. chefe: Dr. Paulino de Brito. Publica-se ás quartas e sabbados. (50×70)

A *O Paraense*. Belem 15 de Agosto de 1911—Editado pelo Centro Patriotico 15 de Agosto. Em memoria dos martyres da independencia do Pará. (26,5×38,5). 10 pags.

A *O Pau*. Belem, 30 de Setembro de 1911—Semanario humoristico. Aos sabbados. (22×30).

A *Phenix Caxeiral*. Belem 1 de Março de 1911—Orgão defensor da classe Caixeral. Publicação quinzenal. (32×46).

A *A Polyanthéa*. Belem, Agosto de 1911—Numero unico. Salve, Lauro Sodré!! (30×40).

A *Polyanthéa*. Curuçá 9 de Julho de 1911—Homenagem do Gremio Curuçaense Dr. Lyra Castro ao Sr. Dr. João Antonio Luiz Coelho. (17×25). 12 pags.

A *O Popular*. Belem, Outubro de 1911—Orgão da Empreza Ferreira & C.ª. Numero unico. Distribuição gratuita. (20×30)

A *Revista Academica*. Belem 1 de Junho de 1911. Orgão official do Centro Academico Paraense. Dir.: Carlos D. Fernandes. Mensario illustrado. (21×29). 34 pags.

A *Revista do Ensino*. Belem 7 de Setembro de 1911—Apparece a 15 de cada mez. Dir.: Dezembargador Augusto Olympio de Araujo e Souza, Secretario de Estado do Interior. (16×25). 76 pags.

A *Rio Branco*. Belem 20 de Abril de 1911—Propr. dos alumnos do Instituto «Rio Branco» Orgão illustrado, litterario, noticioso e de publicação mensal. (39×55)

A *O Rouxinol* Pinheiro 1 de Janeiro de 1911—Edição especial em commemoração ao anno novo. (22×32).

A *Santarem*. Santarem 8 de Maio de 1911—Publicação semanal. Red.: José J. de Moraes Sarmento. (27,5×36)

A *O Simples*. Belem, Agosto de 1911—Um amiguinho certo da Familia Paraense. Distribuição gratuita. (17×24).

A *O Tantan*. Belem 27 de Agosto de 1911—Orgam litterario, critico e noticioso. Publicação quinzenal, (21×28).

A *A Tocha*. Belem, Agosto de 1911—Revista critica e illustrada. Numero especial, homenagem ao Dr. Lauro Sodré, (20×28,5) 16 pags.

A *A União*. Belem 19 de Julho de 1911—Orgão da Sociedade Beneficente Vinte de Março, (21×28)

A *O 22 de Junho*. Cametá 22 de Junho de 1911—Edição unica. Capitão Paulino Benedicto do Carmo. Homenagem de seus amigos, (31×40)

A *Voz do Povo*. Santarem 26 de Agosto de 1911—Numero unico. Preito de alta admiração e sincera estima ao benemerito paraense Exm. Sr. Coronel Dr. Lauro Sodré. (20,5×29).

— 1912 —

B *O Abelhudo*, Cametá ... 1912—Orgão critico, noticioso e independente. «O Abelhudo» tem seu responsavel perante a lei, (21×28,5).

A *Aurora*. Maracacuéra [Pinheiro] 7 de Setembro de 1912—«Ordem, progresso e estudo». Orgão dos alumnos da escola Aurora, (16×22,5)

A *Boletim Paraense de Homœopathia*. Belem 10 de Abril de 1912—Jornal mensal de propaganda de Homœopathia. Red.: Dr. Zacheu Cordeiro. Distribuição gratuita, (16×29), 20 pags.

—*O Cacete*. Belem 2 de Abril de 1912.

A *A Capital*. Belem 14 de Janeiro de 1912—Diario da tarde, politico e noticioso. Orgão do Partido Republicano Paraense. Dir.: Alves de Souza, (50×70).

A *Cidade de Monte Alegre*, Monte Alegre 31 de Maio de 1912—«Pela patria e pelo povo» (25×36).

A *O Cinema*. Belem 11 de Agosto de 1912—[Publicado na 3.ª pag. d'*A Provincia do Pará*, d'essa data], (13,5×22).

A *Comarca de Muaná*. Muaná 5 de Junho de 1912—Orgão dos interesses da comarca. Fund. e ger.: Antonio Camarão de Araujo, (24×33).

A *O Commercio*. Santarem, 9 de Maio de 1912—Orgão hebdomadario e independente. Red.: Altino Nóvoa, (37×50).

A *O Commercio de Belem*, Belem 2 de Março de 1912—Semanario illustrado, litterario e annunciador. Propr. de Antonio de Macedo Galvão, (38×55)

A *Correio de Belem*. Belem 15 de Dezembro de 1912—Diario independente, noticioso e politico, (50×70)

A *A Democracia*. Belem, Junho de 1912—Dir.: Manoel L. Corrêa. Manifesto Politico, (24×33)

A *O Diabo*, Belem 15 de Maio de 1912—Hebdomadario illustrado, (24×34) 10 pags.

A *Egualdade*. Belem 3 de Setembro de 1912—Orgam da Escola Litteraria «Tobias Barreto», (33×47).

A *A Epocha*. Belem 12 de Outubro de 1912—Numero unico. Illustrado, (50×68).

A *A Espada*, Belem 27 de Janeiro de 1912—Propr. de uma sociedade anonyma. Orgão vespertino, politico, independente e popular, (39×54).

A *Folha Academica*. Belem 1 de Junho de 1912—Orgão do Centro Academico Paraense, (32×45).

A *Gazeta de Monte Alegre*. Monte Alegre 22 de Setembro de 1912—Folha periodica de livre opinião, (24×33,5).

A *O Guarany*. Belem 22 de Outubro de 1912—Periodico litterario, (24×40).

A *O Labaro*. Maracanã 15 de Novembro de 1912—Orgão da Liga Progresista, (24×33).

A *O Melgacense*. Melgaço 15 de Maio de 1912—Propr. de uma empreza. Dir.: J. Campos Goes Telles, (25×36).

A *Mocajubense*. Mocajuba 1 de Maio de 1912—Orgam dos interésses do povo, (24×33).

A *11 de Dezembro*. Belem 11 de Dezembro de 1912—Numero unico. Homenagem ao Dr. Cypriano Santos, (42×55).

A *O Paladino*. Belem 15 de Agosto de 1912—Orgão de uma pleiade de jovens estudantes, (22,5×31)

A *O Patriota*. Belem, Novembro de 1912—Orgam litterario e noticioso. Dir. Paulo da Motta Marques, (24×33).

A *O Pharol*. Santarem 8 de Fevereiro de 1912—Orgam noticioso, critico, litterario e independente. Publicação semanal. Propr. de úma associação anonyma, (27×35).

A *A Pimenta*. Belem 5 de Outubro de 1912—Semanario critico, humoristico e noticioso, (20×30).

A *O Progresso*. Santarem 1 de Maio de 1912—Periodico independente, (27×36).

A *Revista Espirita*. Belem, 31 de Março de 1912—Orgão da Escola Mont'Alverne, (17,5×25,5), 16 pags.

A *A Semana*, Bragança 17 de Março de 1912—Orgão dos interesses do Municipio, (24×33).

A *Tapajonia*. Itaituba 28 de Maio de 1912—Jornal semanal. Red.: Raymundo Pereira Brazil, (25×34).

A *O Tempo*. Belem 1 de Agosto de 1912—Folha quotidiana e matutina. Dir.: Dr. Manoel de Moraes Bittencourt, (45×63).

A *O Tempo*. Belem 25 de Agosto de 1912—[Numero unico] Dir.: Dr. Manoel de Moraes Bittencourt [impresso em cartão e com um só artigo] (11×17).

A *Thalassa... ironico*. Belem 11 de Fevereiro de 1912—Critico, chistoso, litterario, instructivo e illustrado. Collaborado pelo escol intellectual portuguez, (38×55).

A *3 de Abril*. Pinheiro 3 de Abril de 1912—Numero unico. Preito sincero ao Coronel Juvencio Tavares Sarmento e Silva, de seus amigos do Pinheiro, (27×39).

A *21 de Setembro*. Belem 21 de Setembro de 1912—Orgam do Externato Carmo, (21×28).

A *A Vontade*. Belem, [Marco da Legoa] 24 de Novembro de 1912—Orgam da Escola Catholica do Sagrado Coração de Jesus, (22><35).

— 1913 —

A *O Apito*. Belem 25 de Dezembro de 1913—Semanario humoristico. Dir.: Gonçalo Mesquita, (18,5><26,5).

A *O Araguaya*. Conceição do Araguaya 1 de Junho de 1913—(Os dous primeiros numeros medem 10><15: os outros 6 têm 25><35. O ultimo, numero 8, ficou incompleto, devido a disturbios).

A *Athena*. Belem, Fevereiro de 1913—Red.: Martins Bessa, Carlos B. de Souza e Terencio Porto, (16><26), 36 pags.

A *A Bigorna*. Abaeté . . . 1913.

A *A Causa*. Belem 3 de Junho de 1913—Orgão da Colonia Cearense, (40><60).

A *5 de Outubro*. Belem 5 de Outubro de 1913—Numero unico. Homenagem á Republica Portugueza, em commemoração ao 3.° anniversario de sua proclamação, (42><55,5).

A *O Commercial*. Belem 5 de Abril de 1913—Semanario, orgão do commercio. Dir.: Laudelino Veiga, (40><60).

A *O Commercio Norte Brazileiro*. Belem 13 de Julho de 1913—Edição semanal. Orgão de defeza e Propaganda do Commercio e Industria da Amazonia e do Commercio Internacional. Dir: geral: Dr. M. Neumayer, (42><59).

A *Correio de Breves*. Breves 20 de Julho de 1913—Orgam independente e noticioso. Red. e propr.: José Pires Teixeira. (33><46).

A *O Defensor*. Belem 20 de Junho de 1913—Orgam dedicado a defender os interesses do commercio a retalho do Pará. Red. chefe: Virgilio Cordova. (34,5><45,5).

A *O Esforço*. Belem 13/14 de Julho de 1913—Numero unico. Polyanthéa consagrada á propaganda dos fins humanitarios da Associação dos Empregados no Commercio do Pará, (19><25).

A *A Espiga*. Afuá. Fevereiro de 1913—(Manuscripto.).

A *A Evolução*. Abaeté 20 de Julho de 1913—Orgão do Partido Federal. Dir.: Dr. Lindolpho Abreu, (34><46).

A *Fiat-Lux*. Belem 2 de Novembro de 1913—Publicado pela União Espirita Paraense. Distribuição gratuita. Numero unico, (25><33).

A *Folha de Breves*. Breves 30 de Novembro de 1913—Orgam noticioso e independente. Red. chefe: Dr. Heraclito Pinheiro, (33><47).

A *O Guajarino*. Mosqueiro 3 de Maio de 1913—Quinzenario independente, consagrado aos interesses do Mosqueiro. Propr. de uma empreza, (27><37).

A *O Heraldo*. Belem 4 de Janeiro de 1913—Semanario da Colonia Portugueza, (41><61).

A *O Imparcial*. Belem 31 de Outubro de 1913—Diario vespertino de Belem do Pará. Dir.: Martinho Pinto. (37><55).

A *O Independente*. Belem 24 de Maio de 1913—Orgam noticioso, critico, humoristico e litterario. Propr. de uma associação. (37><54,5).

A *O Itacayuna*. Marabá 20 de Fevereiro de 1913—Defensor dos direitos do povo. Empreza particular (29><41).

A *O Martello*. Belem 2 de Março de 1913—Litterario, critico e noticioso. (17,5><26).

A *O Mutualista* Belem. 1913—Orgão da Associação de Auxilios «Mutua Paraense» (11,5><16). 28 pags.

A *O Naturista*. Belem, Fevereiro de 1913—Orgão da Liga Vegetariana de resistencia á Tuberculose e Morphéa. Dir.: Francisco Simas, (17><23,5). 12 pags.

A *Pará-Nú*. Belem 18 de Maio de 1913—Orgam litterario, critico e humoristico, (20><28,5).

A *Pasteur*. Belem 3 de Maio de 1913—Orgão do Gremio Pasteur. Red. chefe: Jorge Ferreira de Amorim, (26><34,5).

A *A Patria*. Belem, Julho de 1913—Orgam estudantino, Publicação mensal, Dir: José de Albuquerque A. Andrade, (24,5 36).

A *A Platéa*. Belem 7 de Setembro de 1913—Orgam noticioso, critico, litterario e theatral, (30><40).

A *O Prego*. Belem 29 de Março de 1913—Illustrado, critico, humoristico e noticioso. Propr. de uma grande empreza, (19><27).

A *A Revista*. Belem 2 de Agôsto de 1913—Quinzenario illustrado e humoristico, (19><28). 32 pags.

A *Tiro Brasileiro*. Belem 31 de Maio de 1913—Periodico littero-militar. Orgão de propaganda e defesa dos interesses da Sociedade do Tiro Brasileiro n.º 14 da Confederação, (24><33). Nota: manteve o mesmo titulo e tamanho até o n.º 17. O n.º 18 passou a ser denominado *O Tiro*, (29><40).

A *Tota Pulchra*. Homenagem da *Lyra Angelica*, (21 30). Nota: Sem local nem data; entretanto appareceu em Cametá a 31 de Maio de 1913, de distribuição gratuita.

A *A Urtiga*. Montealegre 1 de Abril de 1913—Gazeta destinada a produzir coceiras sem ferir, (17><24).

A *25 de Março*. Cametá 25 de Março de 1913—Edição unica. Homenagem de seus amigos ao Tenente-Coronel Manoel do Carmo de Mello, Intendente Municipal de Cametá, (23><34).

A *Voz de N. S. de Nazareth*, Belem, Janeiro de 1913—Revista mensal. Orgão da devoção á N. S. de Nazareth, (13><21). 20 pags.

A *A Voz do Operario*. Belem, 5 de Setembro de 1913—Jornal dedicado á defesa da «Federação Operaria de Belem» e do operariado em geral. Dir. João Gonçalves Demoniz, (25><34).

A *Yara*. Belem, 22 de Março de 1913—Quinzenario humoristico. Red. Januario de Miranda e Terencio Porto, (16 5,><25) 34 pags.

— 1914 —

A *O Academico*. Belem, 16 de Maio de 1914—Orgão dos alumnos da Faculdade de Direito do Pará. Red. Carlos do Nascimento e outros, (24×32,5).

A *O Arraial*. Belem, 11 de Outubro de 1914—Bisemanario dedicado ás festividades de Nazareth, (25×35).

A *A Bandeira*. Belem, 1 de Abril de 1914—Orgão da Liga Feminina Arthur Lemos, (34×50).

A *Belem Commercial*. Belem, 28 de Agosto de 1914—Quinzenario illustrado, (17,5×26) 20 pags.

A *Boletim Telegraphico*. Belem, 20 Agosto de 1914—(Uma pag. com noticias da guerra européa).

A *Caraboo*. Belem, 17 de Janeiro de 1914—Revista illustrada, (18×27) 40 pags.

A *O Cearense*. Belem, 6 de Maio de 1914—Semanario da Colonia Cearense. 2.ª phase (39×57).

A *A Centelha*. Belem, 11 de Junho de 1914—Periodico litterario e noticioso. (24×35).

A *Correio de Soure*. Soure, Janeiro de 1914—Hebdomadario independente, politico, noticioso e litterario. Dir. Carlos de Miranda, (27×35).

A *O Diario*. Belem, 2 de Dezembro de 1914—Vespertino politico e noticioso. Dir. politico Dr. Heitor Castello Branco, (41×62).

A *Diario da Manhã*. Belem, 3 de Maio de 1914—Orgam do Partido Republicano Conservador. Dir. politico Dr. Heitor Castello Branco, (36×51).

A *Film-Jornal*. Belem, 29 de Julho de 1914—Orgam do Palace Theatre. Propr. de Oliveira & C.ª Distribuição gratuita, (17×24).

A *A Folha Escolar*. Belem, 16 de Maio de 1914—Orgão litterario, critico e noticioso (do Collegio Progresso Paraense), (23×34).

A *O Garatuja*. Belem 12 de Maio de 1914—Orgam do alumnos do Gymnasio Paes de Carvalho e da Mocidade. Dir. Hamilton Barata, (22×30).

A *A Imprensa*. Belem, 6 de Abril de 1914—Jornal vespertino, independente e noticioso. Dir. Flexa Ribeiro, Felix Coelho e Moreira de Souza, (45×64).

A *A Informação*. Belem, 15 de Abril de 1914—Mensario de litteratura, arte e propaganda. Propr. da Pharmacia Pontes, (21×30).

A *O Informador Telegraphico*. Belem, 6 de Agosto de 1914—Orgão vespertino (sobre a guerra Européa), (30×41).

A *Jornal Beirão*. Belem, (sem data, porém distribuido em 1914). Edição especial para os paizes onde predominam as febres de mau caracter, (35×48).

A *Jornal das Creanças*. Belem, 1 de Maio de 1914—

Quinzenario infantil, illustrado e noticioso. Dir. R. Trindade, (22×32) 6 pags.

B *Jornal Pequeno*. Belem, 14 de Julho de 1914—Vespertino socialista e independente. «Compra-se... mas não se vende», (31×41).

A *O Leão do Norte*. Belem, 21 de Junho de 1914—Orgão independente, litterario e noticioso. Propr. e Red. Belarmino Almeida, (25×35).

A *O Minuto*. Belem, 26 de Novembro de 1914. Jornal humoristico, independente e... serio! (23×33).

A *A Miscellanea*. Belem, Junho de 1914—Orgão quinzenal dedicado ás senhoritas de Belem, (23×30) 6 pags.

A *Moulin Rouge Revista*. Belem, Novembro de 1914—Revista illustrada, theatral e cinematographica. Orgão official da Empreza Leandro e Figueredo, (23×34) 20 pags.

A *O Momento*. Belem, 25 de Novembro de 1914—Diario independente. Informações, Esportes, Elegancias, Theatros, Litteratura e Sciencia. (35×48).

A *O Municipio*. Cametá, 14 de Dezembro de 1914—Jornal politico e noticioso, (37×55).

B *A Pancada*. Belem... de 1914—Bisemanario, critico e humoristico, (17×23).

A *Pará-Amazonas*. Belem, 17 de Março de 1914—Orgão do Commercio e Industria. Independente e noticioso, (33×49).

A *A Paz*. Belem, 14 de Maio de 1914 Jornal litterario' critico, noticioso e humoristico. Red. Eurico Dantas e Ernesto Cruz.

A *A Penna*. Belem, 14 de Julho de 1914—Revista litteraria e illustrada. Publicação mensal, (17×24) 24 pags.

A *O Pimpão*. Belem, 18 de Abril de 1914—Orgão humoristico e popular Semanario illustrado, (25×35).

A *O Porvir*. Belem, 15 de Maio de 1914—Revista litteraria e noticiosa. Red. Chefe Mario Mendonça, (18×25) 12 pags.

A *Reclame*. Belem, 5 de Abril de 1914—Dir. Uchôa Viegas. Distribuição gratuita, (35×49).

B *Renascença*. Cametá, Agosto de 1914—Folha litteraria e noticiosa. Red. João Barra, (30×40).

A *Revista Academica*. Belem, Julho de 1914—Orgam official do Centro Academico Paraense, (16×24) 20 pags.

A *O Riso*. Cametá, 25 de Outubro de 1914—Orgam independente, litterario, humoristico e noticioso. Dir. José Carvalho de Aguiar, (21×28).

A *O Romeiro*. Belem, 10 de Outubro de 1914—Salve N. S. de Nazareth, (25×34).

A *Rua Illustrada*. Belem, 12 de Setembro de 1914—Jornal revista, (2—434) 8 pags.

A *Semana Illustrada*. Belem, 7 de Março de 1914—Humorismo, Lettras, Artes e Sports, (30×40).

A *A Tarde*. Belem, 5 de Fevereiro de 1914—Orgão independente e noticioso, (37×50).

A *Tribuna Academica*. Belem, 13 de Maio de 1914—Orgam dos alumnos da Faculdade Livre de Direito do Pará, (22×32).

B *O Trocista*. Belem... de 1914—Humoristico e Theatral. Dir. V. Cordóva, (18 27).

—*Zaz-Traz*. Cametá, 1 de Novembro de 1914—Red. Joã Barros.

1915

A *Amazonia*, Belem 15 de Janeiro de 1915. Homenagem ao Ex.mo Sr. C.el Antonio Guerreiro Antony, Dignissimo Vice Governador do Estado do Amazonas no dia festivo do seu anniversario (33×51).

B *A Cidade*, Bragança, Maio de 1915. Orgão official do Municipio. Red: Augusto Corrêa (26×38) 8 pgs.

A *Cine-Jornal*, Belem 3 de Dezembro de 1915. Orgão de Cinematographia Artistica—(18 1/2 ×22) 12 pgs.

A *O Cinema*, Belem 24 de Janeiro de 1915. Orgão trocista e desopilante—O Cinema funccionará aos domingos—(25×35).

A *O Echo*, Belem 1 de Janeiro de 1915—Diario vespertino independente—Dir: Braulio Cordeiro (39×56).

A *O Escrinio*, Belem 15 de Junho de 1915. Periodico litterario. Publicação mensal. Prop. Dir: Alberto Martins (33×48).

A *Estado do Pará*, Belem 1.º de Maio de 1915. Edicção da tarde (29×39).

A *O Fian*, Belem 5 e 6 de Junho de 1915. Semanario critico, humoristico e sportivo (23×31).

A *A Flexa*, Belem 20 de Junho de 1915. Revista semanal, critica e humoristica. Propr. de uma empreza (17×22) 8 pgs.

A *Gram Pará Gazeta*. Belem 23 de Janeiro de 1915. Orgão de Sociedade Mutua Beneficente "A Gram Pará" (23×31).

A *Hispania*. Belem 25 de Deciembre de 1915. Homenaje de la colonia española á la muy culta ciudad de Belem con motivo del Tricentenario de su fundacion—(42 1/2 ×65 1/2).

A *O Kodak*, Belem 6 de Março de 1915. Semanario grande annunciador. Prop. de Corrêa Leite & C.a propagandista no Pará, Manáos e interiores (33×48).

A *A Luz*, Belem 15 de Fevereiro de 1915. Revista litteraria e humoristica. Dir. Alberto R. Martins. (16 1/2 × 26) 20 pags.

B *O Olho*, Belem 17 de Abril de 1915. Semanario de arrelia. (18×29) 8 pags.

A *A Opinião*. Monte Alegre 18 de Junho de 1915. Deus, Patria, Familia e Liberdude—Dir. Emygdio Souza (17 1/2 ×24 1/2).

A *O Paladino* Cametá 19 de Abril de 1915. Orgão politico, independente e noticioso. Dir: Harduino do Carmo-(38×45).

A *O Panther*, Belem 7 de Setembro de 1915. Orgam do Panther Club. (26><37).

A *Pará-Medico*, Belem Maio de 1915. Archivos da Sociedade Medico-cirurgica do Pará. (19><28) 54 pags.

A *O Popular*, Belem 23 de Dezembro de 1915. Vespertino noticioso. (27><42).

A *Portugal-moderno*, Belem 2 de Junho de 1915. Jornal do Commercio. Vespertino, independente e Luso Brasileiro (35><49).

A *Primeiro de Dezembro*, Alemquer 1.° de Dezembro de 1915. Preito de sincera homenagem do povo de Alemquer ao eminente Desembargador Eloy Simões. Num. unico (25><38.)

A *420*, Belem 2 de Outubro de 1915. Semanario humoristico e de caricatura. Dir: Genaro Ponte e Souza (25><35) 8 pags.

A *O Reporter*, Belem 15 de Julho de 1915. Vespertino, noticioso e independente. (45><62).

A *O Reporter*, Ourem 1 de Agosto de 1915. Orgam semanal, noticioso e independente. Red: ger: M. Costa (25><35).

A *Revista Economica Paraense*, Belem Agosto de 1915. Orgam dos interesses financeiros, industriaes e commerciaes do Pará, editada pela commissão central de "Obra de Combate á Miseria". Revista mensal (24><29)—(prospecto?...).

A *Revista Escolar* Belem 12 de Outubro de 1915. Orgão do Gremio Civico e Litterario "Joaquim Nabuco" do Collegio Progresso Paraense, (17><25) 24 pags.

A *Rio Branco Jornal*, Belem 16 de Julho de 1915. Semanario illustrado e cinematographico. Dir: Henrique Pires. (17><23).

O Signal, Santarem...1915. Orgão do livre pensamento.

A *O Sport*, Belem 2 de Maio de 1915. Semanario illustrado, sportivo e noticioso. (22><31) 8 pags.

A *A Tarde*, Belem 24 de Setembro de 1915. Vespertino independente. Dir.ª Raymundo Moraes e Felix Coelho (45><61).

A *A Tribuna*, Belem 11 de Junho de 1915. Vespertino independente e defensor dos oprimidos (35><49).

A *A Voz do Povo*, Belem, Março 1915. Num. unico. (34><50).

1916

A *Alleluia*, Belem 1916. Judas aos piparotes. Maliciosamente... sem offensa... » (26><24) 12 pags.

A *O Arraial*, Belem 7 de Outubro de 1916. Revista litteraria e propagandista (16><23) 24 pags.

A *Boletim da Alfandega do Pará*. Belem 30 de Junho e 15 e 31 de Julho de 1916. Publicação quinzenal. Dir: Lemos Cordeiro (24><33) 20 pags.

B *Cametá Sport*, Cametá . . . Maio de 1916. Propriedade de uma sociedade anonyma (35×51)

A *Carranca*, Belem 12 de Março de 1916. Semanario illustrado. Dir: Olivio Rayol e Ignacio Albuquerque (17×23)

A *O Chicote*, Belem 19 de Janeiro de 1916. Jornal critico (19×26)

A *Consolidação Eleitoral*, Belem 29 de Julho de 1916. Folha bi-mensal, Orgão do Club Consolidação Eleitoral. (35×49)

A *Correio de Macapá*, Macapá, 3 de Maio de 1916. Dir: e propr: Tenente Coronel Jovino de Albuquerque Dinoá (37×46)

A *A Cruzada*, Belem 8 de Abril de 1916. Semanario Patriotico e Commercial portuguez. Propr: de um empreza. (35 1/2 ×49).

B *Os Echos de Nazareth*, Belem (sem data, porem appareceu em Outubro de 1916). Publicação theatral e annunciadora. Propr. e dir. litt: Raul Romano (31×44)

A *Ephemeris*, Belem, Agosto de 1916. Revista mensal. Dirs: Arthur de Guimarães Bastos, Lucidio Freitas, Andrade de Queiroz, Curcino Silva, Emilio de Macedo e João Bento de Souza. (16×25 1/2) 68 pags.

A *A Farpa*, Belem (sem data, porem sahiu a 9 de Setembro de 1916) Semanario humoristico (30×40) 9 pags.

A *Ferro*, Belem, Outubro de 1916. Propaganda e litteratura. Propr. de Agostinho Silva & C.ª (annunciando os motores *Ferro)* (39×29).

A *Gazeta Luzitana* Belem 19 de Outubro de 1916. Orgão noticioso e commercial portuguez (35×49).

A *O Gladio*. Belem 10 de Fevereiro de 1916. Orgão do "Blóco de resurgimento nacional". Dir: Hamilton Barata (28×41).

A *O Heroico*, Belem (sem data porem distribuido em 5 de Dezembro de 1916). Orgão Mensal de propaganda organisado pelo representante geral do unguento "Heroico" (44×61)

A *Jornal dos Novos*. Belem 1 da Agosto de 1916. Quinzenario litterario,, recreativo, noticioso e humoristico. Dir: João Pinto Monteiro (17×27) 8 pags.

A *Lauro Sodré*, Belem 15 de Outubro 1916. Num. unico. Homenagem ao futuro governador do Pará, no proximo quatrienio (30×42).

B *A Lucta*, Belem 8 de Julho de 1916. Orgão dos interesses do povo e do commercio (40×58).

A *O Mondrongo*, Belem 12 de Agosto de 1916. Semanario critico, noticioso e humoristico. Respeito, ordem e moralidade (24×33).

A *A Noite*. Belem Sabbado, 23 de Setembro de 1916. Jornal independente e noticioso. Dir: Jayme Calheiros, (32×44).

A *A Opinião*, Belem 8 de Outubro de 1916. "Todo pela verdade". Dir: Elias Couto (27×35).

A *O Pagé*, Belem 3 de Março de 1916. Diario da manhã (23×33).

A *O Paladino*, Belem 2 de Julho de 1916. Orgam litterario e noticioso (32×48).

A *O Palpite*, Belem 8 de Janeiro de 1916. Jornal da manhã. Orgam de protecção á collectividade (23×33).

A *Pará-Amazonas*, Belem Maio de 1916. Commercio, industria e litteratura. "Quo non ascendam?' (19 1/2×27) 36 pags.

A *A Penna*, Pinheiro (23 de) Abril de 1916. Revista do Instituto Siqueira Mendes. Dir: Joaquim de Almeida Genú (16×21 1/2) 8 pags.

A *Petit Journal*, Belem, Sabbado 1 de Abril de 1916. Critico, humoristico e noticioso. Dir: João Pinto Monteiro (17 1/2×25 1/2).

A *O Pirralho*, Belem 19 de Fevereiro de 1916. Dir: Domiciano Cardoso (23 1/2×32) 6 pags.

B *O Rebate*, Cametá 10 de Fevereiro de 1916. Semanario independente. Dir: Xisto Sant'Anna (36 1/2×55).

A *Revista Commercial do Pará*, Belem 1 de Janeiro de 1916. de casa Bancaria de Moreira Gomes & C.ª Dir: Luiz Cordeiro (semestral) (22×30).

A *Revista da União Academica*, Belem 22 de Outubro de 1916. Publicação mensal consagrada aos interesses da União Academica do Pará constituida pelos academicos de Pharmacia e Odontologia (19×27) 12 pags.

A *Revista Nazarethna*, Belem, 8 de Outubro de 1916. Illustrada, litteraria, noticiosa e annunciadora. Propr: da empreza de Annuncios Corrêa Leite & C.ª (20 1/2×28 1/2) 12 pags.

A *Richards-Jornal*, Estados Unidos do Brasil. Secret. representante: David Carlos. (nota: este Jornal é distribuido pelas localidades no Brasil, onde o Dr. Richardos, magico moderno, dá espectaculos; circulou em Belem em 1916 e é sem data) (26×33).

A *A Rua*, Belem 22 de Setembro de 1916. Diario vespertino (28×60).

A *Terra Natal*, Belem 30 de Julho de 1916. Polyanthea homenagem á menoria do poeta rio-grandense do Norte Manoel Virgilio Ferreira Itajubá (23×31) 22 pags.

B *O Tempo*, Cametá...de 1916. Orgam independente. Dir: Harduino do Carmo (35×49).

A *Vanguarda*, Soure 2 de Julho de 1916. Orgam Semanario, independente, noticioso e politico. Red. dir. e propr: Dr. Pedro Bezerra (24×34).

1917

A *Artistica Paraense*, Belem; 1867—26 de Junho—1917. Edição da Imperiel Sociedade Beneficente Artistica Paraense. Num. unico (31×46).

A *A Arvore*, Belem 22 do Junho de 1917. Publicação commemorativa do 5.º anniversario da Festa da Arvore. Boletim annual da Secção de Agricultura do Estado do Pará (18><26 1/2) 20 pags.

A *Canôe*, Belem 15 de Agosto de 1917. Club do Remo. N.º XV Anno II (nota: do 1.º numero ao XIV, este periodico era manuscripto, sendo o n.º XV o primeiro numero impresso (24><33).

A *A Centelha*, Belem 22 de Junho de 1917. Periodico independente (2.ª phase) Dir: Bianor Penalber (24><32).

A *A Cidade*, Santarém 21 de Abril de 1917. Periodico independente. Red: Felisbello Sussuarana e Altino Novoa (25><35

A *Cinema*, Belem 30 de Junho de 1917. Semanario Familiar, Critico moral e instructivo (22><35).

A *Consagração*, Santarém 1 de Fevereiro de 1917. Polyanthéa commemorativa da posse do Ex.mo Sr Dr. Lauro Sodré no Governo do Estado. Edição unica (24><32).

A *Echo Christão*, Belem 10 de Outubro de 1917. Orgam evangelisador. Dir: Samuel Dalmeida (19><27).

O Ensaio, Monte-Alegre, 11 de Junho de 1917. Quinzenario litterario e imparcial. Dir: J. A. Gomes. (typ. Gutemberg em Santarém).

A *A Era Nova*, Santarém 11 de Fevereiro de 1917. Periodico de circulação temporaria e livre opinião (24><33).

B *A Escova*, Santarém, 1917 Propriedade de um grupo de estudantes. Litteratura e humorismo (25><32).

A *O Espeto*, Belem 30 a 7 de Outubro de 1917. Humoristico e illustrado (24><34).

A *A Evolução*, Belem 9 de Julho de 1917. Jornal hebdomadario de uma sociedade anonyma (41 1/2 ><58).

Guajará, Belem 25 de Novembro de 1917. (2.ª phase) (24><34).

A *Guajarina*, Belem 24 de Dezembro de 1917. (23><27) 16 pags.

A *Helianiho*, Belem 1 de Junho de 1917. Orgão litterario estudantino. Dir: Guimarães Lima (21 1/2 ><31 1/2).

A *O Imparcial*, Belem 22 de Março de 1917. Vespertino independente (2.ª phase) Dir: Dr. Dejard de Mendonça (45><61).

A *A Imprensa*, Belem 13 de Outubro de 1917. Jornal independente, noticioso e illustrado. Propr. de uma sociedade anonyma. "Trabalho e Justiça" (34><47).

A *Jornal da Festa* Belem 18 de Outubro de 1917. Orgão noticioso, litterario e humoristico (21><28) 8 pags.

A *A Justiça*, Belem Maio de 1917. Doutrina, jurisprudencia, legislação Dir: Dr João de Morisson Faria (16><24) 103 pags.

A *Luz no Caminho*, Belem 4 de Março de 1917. Orgam de propaganda da Associação Espirita "Caridade, Amor e Perdão." Distribuição gratuita (24><34).

A *O Martello*, Belem 18 de Agosto de 1917. Critico, moral e instructivo. Propr. Paulo Borba (17×24).

A *O Merito*, Belem 23 de Março de 1917. Num. unico Dir: Laudelino Veiga (com um supplemento) (45×38).

A *Municipio de Muaná*, Muaná 7 de Janeiro de 1917. Publicação semanal. Adm.[or] Antonio Camarão de Araujo. Orgão do Municipio (25×35).

A *Norte-Odontologico*, Belem Março de 1917. Revista trimensal. Red. Alberto de Moura Pereira, Carvalho Lima e Britto Pontes (15 ½ ×24) 42 pags.

A *A Onda*, Belem, 17 de Junho de 1917. Revista illustrada. Prop. João de Sousa Teixeira Dias & C.ª (19 ½ 27 ½). 22 pags.

A *Ordem e progresso* Belem 13 de Junho de 1917. Orgão do Gremio L. S. Julio Cezar (24×31).

A *Portugal*, Belem Quinta feira 1.º de Março de 1917. Jornal portuguez. Pr. d'um grupo de portuguezes. (35×49)

A *Puff!!!*, Belem Janeiro de 1917. Pr. de Pingo Duro & Commandita, Reino da Rosca. Orgam do Pagode e da Folia. (34×48).

A *O 15 de Maio*, Villa Santa Izabel (E. F. B.) 15 de Maio de 1917- Homenagem de um grupo de amigos ao Dr. Matta Bacellar no dia de seu anniversario natalicio. Num. unico. Edição especial (24×36).

A *A Razão*, Belem. Domingo 21 de Janeiro de 1917. Quotidiano matutino independente. Propr. Raymundo P. Brazil. Dir: Alves de Souza (45×62).

A *Revista*, Belem 4 de Outubro de 1917. Serie: Festa de Nazareth. Illustr: (21×29) 32 pags.

A *Revista do Instituto Historico e Geographico do Pará*, Belem Novembro de 1917. Comm. red: Dr. Americo Campos, Dr. Luiz Barreiros e Dr. Emmanuel Sodré (17×25) 104 pags.

A *Ridendo*. . .Belem 20 de Outubro de 1917. Dir: Gavroche. Secr: Alves da Cunha (20×29) 20 pags.

A *O Seculo*, Belem 1 de Fevereiro de 1917. Orgão independente e noticioso (35×48).

A *O Sport*, Alemquer 7 de Fevereiro de 1917. Jornal noticioso, sportivo e litterario. Ger. e propr: Ludgero B. Monteiro (30 ½ ×40 ½).

A *O Taco*, Belem 4 de Setembro de 1917. Semanario humoristico (25×35) 8 pags.

A *A Verdade*, Belem 1 de Junho de 1917. Orgão quinzenal de propaganda espirita (40×57 ½).

B *A Verdade*, Macapá, Abril de 1917—Propriedade do "*Correio de Macapá*" (17 ½ ×25).

B *Yankee*, Belem de 1917. Semanario noticioso e propagandista. Distribuição gratuita (25×34) 8 pags.

A *Zero*, Belem 12 de Setembro de 1917. Um bisado por mez. Red. chefe: (é segredo cá da casa) 17×24) 12 pags.

1918

A *Alleluia*, Belem 30 de Março de 1918. (Judas os piparotes). Dir. de Ildefonso Tavares "Maliciosamente... sem offensa." Typ. da *Imprensa Official do Estado*. N.º unico. (21><30) 12 pags.

B *O Araguaya*, Conceição do Araguaya, Outubro de 1918. Orgam Catholico dos interesses araguayanaos. (2.ª phase) Propr. e red: os P. P. Dominicanos. (24><33).

A *Atenas*. Altamira 7 de Setembro de 1918. Orgam dos que fitam a luz. Red. chefe: Souza Bispo — Publicação mensal. Red: Trav. do Commercio n. 34. (20><28 $^1/_2$).

A *O Baluarte*. Belem 20 de Julho de 1918. Semanario independente, commercial e noticioso. Prop. de uma Agremiação. Redactores. Arthur Leal, Rubens Macedo, Luiz de Castro e J. do Amaral. Redacção administração e officinas—Rua Manoel Barata 97 (32><47.

A *A Baratinha* Belem 19 de Outubro de 1918. Semanario de graça... por 200 reis. Dir: Eu e outro. (Typ. não declarada) impresso em papel de côr (25><33).

A *O Batuta* Belem 24 de Setembro de 1918. Semanario de troça e de espirito — Publica-se aos sabbados. Custo de cada exemplar um nikel de 100 reis. Dir: Dr. Pau-assú. (Typ. não declarada). (21><30).

A *Boletim da Federação Maritima do Pará*. Belem Sexta-feira 11 de Outubro de 1918. Publicação diaria a cargo de secretaria geral. (31><24).

—(Nota: O Boletim é publicado, esse 1.º numero, na 3ª. pagina do n.º 2708 do *Estado do Pará*, edição da manhã e daquella mesma data até o fim de Abril seguinte, quando passou a ser publicado nas columnas do "*O Imparcial*", vespertino).

B *A Briza*. Altamira 13 de Outubro de 1918. Jornal litterario dedicado ao bello sexo. Red: Sirio do Valle, Planta do Quental e Flravius Bemofre (16><25)

A *Cidade de Altamira*. Altamira 20 de Agosto de 1918 Orgam dos interesses do municipio. "Ordem e progresso". Fundador Cap.ᵐ José Pedro Luiz Typ. não declarada. (28><33)

B *Eden Jornal*. Belem 14 de Abril de 1918. Publicação do EDEN CINEMA. Empreza: Leandro Figueredo & Cop. (Typ. não declarada. Diario annunciando o programma do dia (15><21).

A *O Ensino* Belem 30 de Junho de 1918. Revista mensal de pedagogia e litteratura. (2.ª phase) Redacção e officinas: Instituto Lauro Sodré. (20><28) 26 pags.

A *O Espeto* Belem, sabbado 22 de Junho de 1918. (2.ª phase). Humorismo illustrado. Aos sabbados. Dir: Capitão do Espeto. Red. e officinas proprias—Travessa Campos Salles. Tiragem 5.000. A Revista de maior circulação no norte. (24><32) 32 pags.

A *Estado do Pará* e*Biem*, sabbado 13 de Abril de 1918. Edição da Tarde. Red. e officinas. Travessa Campos Salles 22. (36×54).

A *Fiscal* Marabá 23 de Julho de 1918 "Fiscalisa a vida que te rodeia e trata de aperfeiçoal-a" Propr. de Souza ispo (22×32).

A *Iberia* Belem Setiembre de 1918. Revista Española ilustrada. Dir: Pio Dominguez. Num. extraordinario (Typ. não declarada) (24×34) 20 pags.

A *Jornal do Commercio*. Belem, quarta feira, 3 de Abril de 1918. Orgam commercial, noticioso, politico e independente. Prop. e dir: commercial de J. M Ferreira de Castro. Gerente: Carlos da Cruz. Dir. e responsabilidade politica de Elmano de Queiroz. (Typ não declarada. 44×60).

A *Jornal do Povo* Belem 1 de Maio de 1918. Semanario independente. "E' das mãos callosas do operario, que a estatua do progresso ha de surgir". Dir. Alberto Martins. Sec: Farias Gama. Red. e adm: Rua 28 de Setembro 244 A. (33×46).

A *Kodak*, Belem 1 de Junho de 1918: Revista illustrada. Directores: José Nascimento e Nilo Vieira. Red. e adm: Travessa 7 de Setembro 1 1.º and. (18 ½×27 ½) 28 pags.

A *O Natalino*, Belem 25 de Dezembro de 1918. Dir. prop. A. Lima- (45×60) 8 pags.

O Noticiario Belem... 1918. Orgam noticioso e independente. Dir: Thompson Texeira (25 ½×36 ½)

A *Pará Commercial* Belem, sabbado 31 de Agosto de 1918. Semanario litterario, commercial e noticioso. Prop. de Arêas & C.ª Red: Av. 16 de Novembro. Altos da casa "A Paulicéa". (32×46).

A *Paz*. Belem 24 de Maio de 1918. Dir: Albano Vieira, Secr: Pinto Monteiro. Edição unica. (Typ. não declarada. (21×29) 16 pags.

A *O Perigo*. Belem 22 de Dezembro de 1918. Critico, humoristico e sportivo. Dir: Alcibiades Maia, Adhemar Maia e Placido Borralho (22×30).

A *O Record* Belem 3 de Agosto de 1918. Revista illustrada luzo-brazileira. Dir: Pinto Monteiro. Red. adm. e officinas: Largo de Santa Anna 4 A. (Dentro dessa revista, em papel differente e de côr, um annexo: *O Record Comico*, supplemento humoristico. Dir: Calino Fidalgo. (18×26 ½) 24 pags.

A *A Renascença*, Belem Domingo 21 de Abril de 1918. Orgão litterario, humoristico Estudantino. Directores: Hugo Santos, Martins Napoleão, Collyer Cavalcante e Lemos Albuquerque. Red: Avenida Gentil Bittencourt n. 134. (28×39).

A *Revista Musical*, Belem. Agosto de 1918. Director: Julio A. Motta. Redação e officinas: Rua Cons.º João Alfredo 54 sobrado. (21×27 ½).

A *Revista Pará, Commercial e Industiral*, Belem Fevereiro de 1918. Com circulação nas principaes praças do Brazil e New York. Revista semestral de propaganda commer-

cial e industrial — organisada por Ribeiro & Castro. Red. e adm: Rua Santo Antonio 30 (22×30). 34 pags.

A *Revista Policial* Belem, Junho de 1918. Direc. Dz.[or] Santos Estanislau Pessôa de Vasconcellos (chefe de Policia). Redactores: Drs. José F. Ribeiro e Nogueira de Faria (prefeitos) Red. Travessa Santo Antonio 90 (chefatura de policia) (Typ. Delta, Rua Santo Antonio 36A). (21×29) 30 pags.

A *A Semana*, Belem, Sabbado 23 de Março de 1918. Jornal semanal. Dir: Dr. Manoel Lobato ×(3144).

A *O Sport*, Santarem 19 de Janeiro de 1918. Orgão innal noticioso e independente (25 ½×35).

A *O Sul do Pará*. Conceição do Araguaya 14 de Julho de 1918. Director responsavel: João Campbell Sobrinho. Jordependente, critico e noticioso.

A *A Victoria*, Belem 1 de Dezembro de 1918. Revista em honra dos paizes alliados, organisado por Ventura Ribeiro (20×27 ½) 16 pags.

A *Vóz de Israel*. Belem 8 de Dezembro de 1918. (7 de Tebet de 5679). Orgão do comité Ahabat Sion. Jornal independente de propaganda Sionista. Fundador: Eliezer Levy. Red: Travessa S. Matheus 63 — (o titulo é escripto em hebraico) (33×47).

* * *

Alem do catalogo acima exposto dos jornaes apparecidos no decurso destes ultimos 10 annos (1908-1918) e dos quaes sei a existencia não só por possuir um exemplar de quasi todos como tambem por seguras informações, outros periodicos sem segura affirmativa, constam-nos, entretanto, numa lista de titulos, a qual daremos em seguida, afim de que alguem melhor orientado possa dar, a respeito delles, cathegoricas noticias. São elles:

— *Pacotilha*, cujo 2.º numero estava annunciado para o dia 16 de Julho de 1917, não nos foi possivel pôr os olhos em cima; nem mais noticia ter desse periodico.

— *A Alvorada*, annunciada para 1914. revista litteraria, redigida pelos academicos de direito M.[lle] Aurora Marques e Alvaro Ponte e Souza.

— *Amazonas*, (1913) que por não poder ser publicado em Manáos, sahirá á luz em Belem, dando noticias do visinho Estado. Director: Dr. Dejard de Mendonça.

— *Amazonia*, seria o titulo de uma revista litteraria e commercial. (1913?).

— *Belem Illustrada*, deveria sahir a 5 de Outubro, homenagem á colonia portugueza. Com o retrato do Dr, Manuel Arriaga. (19?)

— *Carranca*, annunciado para 6 de Abril de 1913; será a mesma que sahiu a 12 de Março de 1916?...

— *O Collyrio*, fundado em Ponta de Pedras, orgão do partido Conservador, 1912??

—*O Combate*, de propaganda á candidatura do Senador Pinheiro Machado á presidencia da Republica, tendo como redactores Dr. Americo Jambeiro, Paulo Pfaender e outros; teria sahido á luz da publicidade? 19??...

—*A Comedia*, jornal vespertino, Belem 1913??

—*O Commercio Informador*; estava annunciado para 12 de Outubro. Era de distribuição gratuita. Não conseguimos apurar a sua existencia.

—*O Critico*, Belem, semanario humoristico e theatral 1914??

—*O Esforço*, Belem. Revista mensal em beneficio da Obra de Combate á Miseria 19...??...

—*Era*, revista noticiosa e humoristica. Não nos conta que ella tivesse feito sua apparição, embora promettida.

—*O Fusil*, Belem; jornal humoristico illustrado. 1913???...

—*A Guerra*, Belem; vespertino, com telegrammas da guerra européa; sendo o producto de sua venda destinado a auxiliar a benemerita Associação da Cruz Vermelha dos paizes alliados. Illustrada 19...??

—*O Gurupyense* Vizeu. Chegou-nos a noticia do seu 7.° numero. 19??...

—*O Gymnasiano* Belem, orgão dos alumnos do Gymnasio Paes de Carvalho. 1913???...

—*O Indépendente* 1913?... Santarem, dirigido por Theophilo Marinho, Domingos Velloso e Francisco Corrêa.

—*O Infantil* Belem; devia ser dirigido pelo jovem Eduardo Rodrigues de Souza 19??...

—*O Inicio*, Mosqueiro. 1915??...

—*O Intransigente* Belem, "orgam independente, patriotico, militarista, livre pensador e de combate aos elementos retrogrados". Sahiu? quando?

—*Jornal Magazine*. Semanario illustrado. Dirigido por Hamilton Barata. Teria sahido? e quando?

—*Jornal Travesso* Belem 1914?? vinha substituir o *Sol*, o *Pau e a Pancada*.??

—*O Luzitano*, Belem; promettido em 1914 e dedicado aos interesses da colonia portugueza.

—*O Mestre*, Belem ?? 1911?

—*A Minerva* Belem; litterario, critico e noticioso. Red: Gentil Carvalho, Heitor Mattosinhos, Mario Bentes. Appareceu?

—*A Mocidade*, Belem; annunciada para sahir á luz, e de propriedade dos alumnos do Collegio Nacional. Dir: Tito de Araujo, Homero de Souza e Enéas Dourado 19??

—*O Pará*. Belem; litterario. Dir: Raul Loureiro F.°, Murillo Menezes e Francisco Leão.??

—*O Radio*, Castanhal. (Estrada de Ferro de Bragança). Constou-nos a existencia do seu 5.° numero manuscripto.

—*O Regenerador*. Monte Alegre. 1913???...

—*O Relho*, Belem; critico, humoristico e noticioso. Dir: Rendeiro 19??...

— *O Reporter*, Belem; revista quinzenal, devendo o seu 1.º numero ser distribuido a 1.de Agosto de 1919 findou. Não nos foi possivel ver.

— *O Sol*, Belem 1914? cheio de palavras offensivas. Si não appareceu, ganhou a sociedade.

— *Tec-Tec* Belem e da direcção do prof. Bertholdo Nunes. Apezar de anunciado não appareceu.

— *Terra do Norte*, cujo apparecimento, em Belem, foi communicado pelo Sr. Djalma Pantaleão. 19??

— *A Vanguarda*, quando??

— *A Verdade*, Monte alegre. 1913??

Ainda em 1915 o Sr.Laudelino Veiga communicou que estava organisando um jornal, formato grande, para commemorar o natalicio do Sr. Coronel Hermelino Contreiras.

Não nos consta a existencia desses periodicos, visto como, para isso, não temos base nenhuma segura e irrecusavel.

O titulo dos jornaes acompanhados das lettras A e B indicam que fazem parte da nossa collecção sendo que os que estão marcado com a lettra A indicam ser o exemplar do 1.º numero ou numero unico; e os que tem a lettra A que são exemplares outros que não o 1.º numero. As datas (dia, mez e anno) completas indicam a do apparecimento do 1.º numero do respectivo jornal.

Theodoro Braga

IN MEMORIAM

Notas sobre o discurso pronunciado pelo Dr. Luiz Estevão de Oliveira, orador official do Instituto Historico e Geographico do Pará, na sessão solemne de 6 de Março de 1919

ALGUEM já comparou corporações como esta, em data de anniversario, á estatua de Memnon, despertando do seu somno de marmore e entoando em homenagem a Phebo hymnos incomprehendidos. Não é bôa a imagem. Ha muito que respigar distincções entre os Institutos Historicos, que em sua immobilidade apparente concentram uma vida intensa de actividade e civismo e o famoso monumento da mithologia egypiciaca, vibrando á incidencia do sol sonoridades extranhas. Mas, fosse perfeito o simile e não caberia aqui. Ha um anno poderia ter sido invocado. O sol do nosso primeiro anniversario teve de certo as alacridades magicas das alvoradas thebanas. Fulgiu n'um céo sem nuvens e illuminou um tirocinio de victorias. Então, o orador podia dizer com Tobias Barreto que o seu discurso não seria de *duas vistas*, congratulatorio e elegiaco ao mesmo tempo, ao modo desses palimpsestos frequentes nas bibliothecas medievães, nos quaes, n'uma contradicção bizarra de aspectos, beatitudes de claustro se appunham a licenciosidades pagãs.

Agóra, não. O Instituto principia a tecer a sua propria historia. Começa a ter saudades.

E, é assim que hoje, antes de celebrar os seus triumphos, percorre a *via sacra* de magua, no Campo Santo dos seus affectos.

O primeiro claro em nossas fileiras, abriu-o o terrivel flagello, que, como uma irradiação fatidica da guerra, se extendeu até nós, talvez para que se cumprissem fielmente as prophecias dos livros sagrados, de que todos os continentes se ensopariam de sangue e gemeriam de dôr. A nossa primeira lagrima vertemos sobre o feretro do Dr. Alberto de Moura Pereira. Profissional dos mais dignos e competentes, occupava a primeira fila entre os seus companheiros de officio, como conquistava o primeiro logar na estima dos que com elle privavam. Não nascera aqui. Viéra attrahido pela miragem da Amazonia, que não tem mentido a mór parte dos que cederam á sua fascinação.

Um intellectual paraense já disse com elegancia e acerto que o Amazonas não tem ribas alcantiladas e hostis, mas praias suavissimas e insinuantes, que convidam ao desembarque e prenunciam a generosa acolhida, por

que têm anciado tantas almas em dias precarios de felicidade. Chegou, viu e venceu. Tinha meritos para isso, mas a benignidade do meio facilitou-lhe a conquista. Não foi ingrato. Dedicou ao Pará um reconhecimento muito affectuoso e deu-lhe, quanto podia, os primores de sua intelligencia e a efficacia de suas energias. Foi um dos fundadores da Escola de Odontologia e paranympho da 1.ª turma de diplomados, proferindo então uma oração judiciosa e brilhante.

O Instituto deve-lhe muito e muito o pranteará.

O segundo ceifado era quasi um desconhecido.

Muitos lhe ignorarão o nome e raros o recordarão, enloiado e modesto na penumbra dos ultimos logares em nossas sessões iniciaes. Era, entretanto, um devotado e um trabalhador.

O Instituto recebeu dos seus esforços sinceros e discretos muita animação e auxilio para vencer os primeiros passos, sempre arduos.

Representava, assim, em nosso gremio, a massa anonyma dos trabalhadores obscuros, que, sem o estardalhaço das posições de destaque mas com officiencia e denôdo, cooperam decisivamente para o progresso das sociedades.

Chamava-se José Dias da Rocha e commovo-me ao proclamar o seu nome neste recinto faustoso, onde, se fosse vivo, talvez não se atrevesse a penetrar.

O nosso terceiro morto era ao contrario um nome illustre. Descendia de duas gerações de varões notaveis na historia da Amazonia e tanto se afeiçoara aos seus dignos progenitores, tão identificado se mostrava com a epoca brilhante em que aquelles figuraram, que nós o olhavamos como se fosse uma reliquia mesma desses tempos heroicos. Uma vez, em que discreteava com a proficiencia costumeira sobre um thema de historia regional, eu disse que a sua vóz se me afigurava a *propria vóz do passado*. O dito foi recebido com risos, mas é mister que seja agora repetido com lagrimas. O Major Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha merece todos os nossos respeitos e saudades. Homem publico, encarnava as raras virtudes que são hoje patrimonio civico de muito poucos. Homem particular, fazia-se estimar com sinceridade e firmeza. Foi jornalista de combate e devotado cultor da nossa historia. Faltava-lhe talvez a serenidade requerida para um historiador perfeito. Sobrava-lhe porém, na apreciação dos feitos e dos homens, predicados moraes de alta valia, que o tornavam credor dos applausos e admiração de uma epoca, em que essas qualidades de elite vão desgraçadamente rareando. O Instituto Historico não o esquecerá jamais.

* * *

O orador passa a occupar-se então dos dois factos historicos que a data de 6 de Março rememóra: a revolução republicana de 1817 e o bi-centenario da fundação do episcopado paraense. Ambos representam uma victoria do christianismo na civilisação brasileira. A revolução de 17 foi na sua maioria um movimento de padres. Relembra a respeito palavras de Oliveira Lima e Barbosa Lima e faz a apologia dos principaes sacerdotes que tomaram parte nessa revolução. Exalta a figura candida e illuminada do Padre João Ribeiro, o discipulo intemerato de Condorcet, cujas doutrinas foram sempre o pharol que clareou a estrada difficultosa da revolução; recorda o quadro epico do fusilamento do Padre Roma, que, na phrase insuspeita de Tollenare, manifestou todas as energias de um Scoevola; enaltece a intrepidez do Padre Tenorio, a bravura do Padre Souto-Mayor, a sabedoria de Frei Caneca e continua louvando os meritos das demais figuras do movimento, até deter-se emocionado ante o vulto evangelico do Padre Mi-

guelinho, cujos ultimos momentos descreve com enthusiasmo e piedade, desde o encontro do martyr com a desventurada irmã, após o desbarato das tropas republicanas até á famosa scena occorrida perante a junta militar presidida pelo Conde dos Arcos, em que o seu stoicismo, repellindo as insinuações de defêza e avocando toda a responsabilidade do *attentado infando*, o auréolou de um explendor semi-divino.

Estuda a influencia benefica da egreja na defeza da integridade da patria, accentuando o valor da acção de Anchieta e Nobrega na expulsão dos francezes e do Padre Antonio Vieira na dos hollandezes, principalmente da ilha de Marajó, onde o seu verbo apostolico conseguio facilmente o que com egual exito talvez [illegible] não conseguiriam as hostes aguerridas de Vidal de Negreiros, os pretos de Henrique Dias, ou as famósas guerrilhas de Camarão. A cruz, exclama o orador, extendeu sobre nós os seus braços misericordiosos desde os primeiros vagidos da nacionalidade.

Flammejou augural no panno das caravellas descobridôras; foi o padrão que firmou o direito á conquista auspiciosa; marcou em nossas selvas a victoria da civilisação; encimou gloriosa a coròa do Imperio; esmalta radiante as armas da Republica; e ahi está a brilhar no céu incomparavel da patria, como uma benção illuminada sobre os nossos destinos, a incitando continuamente elevação de nossas vistas até o seu fulgor de constellação formosissima, como para acendrar-nos na alma esse *idealismo*, que Nabuco diz ser o nosso principal caracteristico e a força motriz dos grandes movimentos nacionáes.

* * *

O orador peróra homenageando a memoria do Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, de cuja morte acabava de ter noticia.

Esbóça o historico da vida publica do egregio estadista recem-fallecido, salientando principalmente a sua acção decisiva nas duas grandes victorias legáes do abolicionismo. Como *leader* na Camara e do Gabinete de 1871, a elle se deveu, conforme o confessou nobremente o benemerito Visconde do Rio Branco, grande parte do successo da Lei do Ventre Livre. Presidente do Gabinete de 10 de Março de 1888, foi o factor magno da aurea Lei de 13 de Maio. Era uma das ultimas figuras representativas dos pro-homens de outr'ora. A sua morte deixou um desses claros que se não preenchem n'um seculo. «Thesouro de tanta sabedoria, tanto patriotismo e tanto credito moral não se accumúla por certo em cada geração».

Os mortos vão depressa... diz a ballada. Mas, nem todos os egressos da vida desapparecem de subito no *pavoroso rio das sombras*.

Aquelles que por obras valorosas se impuzerem ao registro da historia, esses, sobrevivem ao perecimento da materia e — raios de sóes extinctos — ficam entre os contemporaneos e posteros a inspiral-os e dirigil-os, mais vivos do que nunca. A memoria do Conselheiro João Alfredo ficará entre nós; carecemos do seu estimulo para acoroçamento das energias civicas. Nesta epoca de regionalismos esterilisantes e intolerancias doutrinarias, que ameaçam de sossôbro á propria integridade da Patria, aprendamos com elle a amar o Brasil na unidade da sua grandeza, na superioridade dos seus destinos, sem preocupações impatrioticas de bairrismo ou impertinencias de crenças politicas.

Presidente do Pará e de São Paulo, administrou estas provincias com o mesmo amôr e devotamento com que se extremou em beneficiar a sua provincia natal. Monarchista convicto e irreductivel, tendo dado ao Imperio o melhor de sua intelligencia e coração, prestou serviços á Republica com egual zelo e sinceridade, quando esta confiadamente lh'os solicitou.

E' que para elle as provincias eram parcellas egualmente queridas de um só Todo, integrado n'um patriotismo de eleição e acima das formas de

governo e incompatibilidades partidarias pairavam os interesses fundamentaes do Brasil. Sigamos o exemplo do grande morto. Ponhamos a Patria acima de tudo... a Patria, que — mercê de Deus — tem subsistido e subsistirá intangivel aos nossos erros e descalabros, mas em pról da qual nos devemos devotar inteiramente, afim de que a tenhamos na sua grandeza e prosperidade, não como uma dignação da Providencia, mas como a resultante ennobrecedôra dos nossos proprios esforços e desvelos.

Acta da 1.ª Sessão Ordinaria Preparatoria do Instituto Historico e Geographico do Pará — Presidencia do sr. dr. Ignacio Moura.

A's 8 horas da noite de 15 do mez de Março de 1917, no Salão Nobre da Associação da Imprensa, á Praça da Republica n. 34, e séde provisoria deste Instituto, o Dr. Ignacio Moura assumiu a presidencia, secretariado pelo Dr. João de Palma Muniz, 1.º e Dr. Arruda Falcão, 2.º secretario. Procedida a leitura da acta da Sessão de inauguração é ella approvada unanimemente.

Expoz o Sr. Presidente á casa que faz-se necessario salientar a importancia de tornar publico que devem os membros deste Instituto, não só os doutos, os lettrados, e estudiosos dos assumptos de geographia e historia, como tambem aquelles que entendem, concorrer para que o Pará, como os demais Estados da União Brasileira, possúa o seu Instituto e ao qual auxiliarão a crear e a manter. Propoz o Dr. Palma Muniz que sejam escolhidos, alem das pessoas que ja vieram incorporar-se ao Instituto, outros socios entre os que ainda não se manisfestaram e a quem se enviassem cartas de convite, solicitando a respectiva adhesão d'esses escolhidos, o que foi unanimemente approvado.

O Sr. Presidente communica á casa haver recebido do Sr. Dr. Intendente Municipal a declaração de que ia fazer sciente ao Conselho Municipal do pedido deste Instituto sobre a cessão do predio Municipal á Praça da Republica para séde do Instituto. Por proposta do Dr. Ophir de Loyola, foi nomeada uma commissão composta dos Srs. Dez.ºr Napolêão de Oliveira, Drs. Palma Muniz, José de Figueiredo, José Barbosa, Eneas Pinheiro e José J. Pereira de Araujo para examinarem o referido predio e apresentarem relatorio dos trabalhos necessarios para a sua adaptação e conclusão. O major Bento Aranha propoz que fosse escolhida uma commissão para organisar o corpo redaccional da Revista do Instituto, sendo então indicados os nomes dos consocios Bento Aranha, Palma Muniz, mons.ºr Domiciano Cardoso, coronel Alves da Cunha, José Carvalho e prof. Bertholdo Nunes.

O Dez.ºr Napolêão de Oliveira propoz que fosse nomeada uma commissão para incumbir-se de apresentar ao Conselho Municipal de Belem, na proxima reunião, o pedido do Instituto para a cessão do predio da Praça da Republica para a séde do mesmo, procurando para esse fim o apoio do Governador do Estado, sendo então nomeada a seguinte commissão: Dez.ºr Napolêão de Oliveira, Palma Muniz, Dr. Themistocles de Figueiredo, Enéas Pinheiro, José Carvalho, J. J. Pereira de Araujo, Bento Aranha e Dr. Henrique Santa Rosa. Communicou o Dr. Presidente que o Instituto recebeu por

parte dos intellectuaes que concorreram ao premio da "Memoria Historica da Fundação de Belem" pedido no sentido de ser publicado o julgamento dos trabalhos apresentados, por occasião do tricentenario da Fundação da cidade Capital do Estado; communica tambem que o consocio Conego Ulysses de Pennafort deseja realisar a leitura de um seu trabalho sobre historia paraense. O Exm. Sr. Dr. Lauro Sodré, Governador do Estado, por communicação ainda do Sr. Presidente, prometteu auxiliar o Instituto, mandando executar na Imprensa Official do Estado todos os trabalhos litterarios do mesmo Instituto.

Bento Aranha suggeriu a idéa de solicitar-se do Congresso do Estado que considere o Instituto, por uma lei, uma instituição de utilidade publica.

J. J. Monteiro de Paiva lembra a necessidade de um esclarecimento sobre a bandeira revolucionaria de 1817, de Pernambuco, esclarecimento este a ser pedido ao Instituto Archeologico Pernambucano a respeito do numero, trez ou uma, das estrellas que aquella bandeira apresenta.

José Carvalho offerece á Bibliotheca do Instituto um exemplar de seu trabalho intitulado "D Barbara".

Palma Muniz faz sentir a necessidade urgente de estudar profundamente a historia do Pará, ainda por se fazer, embora os doutos trabalhos de Berredo, Baraia e Raiol e outros já muito subsidio tenham trazido; para esse fim nenhum nucleo melhor que o nosso Instituto precisa ser solidamente construido, edificio que honra aos antepassados e ensinamento aos vindouros.

Não havendo nada mais a tratar, levanta-se a sessão ás 10 horas.

Estiveram presentes os socios Drs. Ignacio Moura, Palma Muniz, Ophyr de Loyola, Arruda Falcão, Enéas Pinheiro, Napoleão de Oliveira, Themistocles de Figueiredo, prof. Bertholdo Nunes, José Figueiredo, major Bento Aranha, J. J. Monteiro de Paiva, José Carvalho, J. J. Pereira de Araujo, Dr. Abel Chermont e M. Braga Ribeiro.

Palma Muniz
(1.º Secretario)

ACTA DA 2.ª SESSÃO ORDINARIA PREPARATORIA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO PARÁ — PRESIDENCIAS DO SRS. DR. IGNACIO MOURA E EX.mo SR. DR. LAURO SODRÉ.

A's 8 horas da noite do dia 27 de Março de mil novecentos e dezesete, no salão nobre da Associação da Imprensa, á Praça da Republica n. 34 e séde provisoria do Instituto, presentes os socios Drs. Ignacio Moura e Remigio Filgueiras, Raymundo J. Martins Bessa, major Bento Aranha, Dr. Palma Muniz, José de Figueiredo, Des.or Napoleão de Oliveira, Dr. Luiz Estevão de Oliveira, José Carvalho, Conego Ulysses de Pennafort, Dr. Abel Chermont e M. Braga Ribeiro, assume a presidencia o Dr. Ignacio Moura. Serve de 1.º Secretario o Dr. Remigio Filgueiras e de 2.º o Sr. Martins Bessa. Lida e approvada a acta passa-se ao expediente que consta da communicação do Cel. Raymundo Cyriaco Alves da Cunha adherindo ao grande trabalho da recontrucção da Historia e Geographia do Pará a que se dedica o Instituto e da apresentação, dentro de poucos dias, de um trabalho

sobre Historia, Geographia, Ethnographia e Estatistica do Estado do Pará, da autoria do consocio Dr. Theodoro Braga.

O major Bento Aranha faz sciente á casa que, no desempenho de sua commissão, trazia, da parte do Governador do Estado, a confirmação da promessa que este fizera, pondo as officinas da Imprensa Official á disposição do Instituto para a publicação de sua Revista. Offerece o mesmo consocio: uma collecção de *Archivo do Amazonas*, 1 volume do *Indice de Legislação da Provincia do Grão Pará* (1838—1853), um volume das *Obras de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha*.

O Sr. Presidente faz sciente á Casa de que o Governador do Estado estava em negociações para adquirir a bibliotheca do fallecido Dr. Paes Barreto com o fim de doal-a ao Instituto.

O consocio José Dias da Rocha, em carta, offerece varias obras raras, lembrando que se devia dar o nome de Manoel Barata á Bibliotheca do Instituto, idéa que será opportunamente posta em discussão, agradecendo o Sr. Presidente a valiosa offerta.

Os consocios Dr. Palma Muniz e José Figueiredo communicam ter a commissão, de que são membros, estudado o predio á Praça da Republica e julgado apto e proprio para o fim collimado pelo Instituto, optando ainda para que seja ella de propriedade do Instituto. Em vista desse parecer é escolhido o Des.^or Napoleão de Oliveira afim de redigir a petição ao Conselho Municipal de Belem nesse sentido, devendo ella ser assignada por todos os associados.

Suscita-se em seguida a ideia da bandeira adoptada pelo Estado de Pernambuco quanto á sua feitura com uma ou tres estrellas, como afigurou a Associação da Imprensa do Pará nas festas commemorativas do glorioso facto — *A Revolução Pernambucana de 1817*. O Dr. Luiz Estevão de Oliveira historia, então, com brilhantismo, a questão da bandeira pernambucana e demonstrou com o testemunho de opiniões valiosas que a opinião da Associação era a que realmente representava a verdadeira creação primitiva.

Nesse interim entra o Sr. Dr. Governador do Estado a quem o presidente Dr. Ignacio Moura cede a cadeira presidencial, que gentilmente accita.

Pelo adiantado da hora, o consocio José Carvalho pede adiamento para a leitura de seu trabalho *D. Barbara*.

O Conego Ulysses de Pennafort lê um seu trabalho sobre o ensino da lingua *Tupy-carany* na ilha de S. José do Gurupy apresentando um projecto de escola livre nesse sentido, sendo o orador muito applaudido.

Sabendo se que o Dr. Oliveira Lima tenciona emprehender uma viagem ao estrangeiro, passando por esta Capital, o Dr. Ignacio Moura solicita ao Dr. Luiz Estevão a sua interferencia no sentido de conseguir d'aquelle eminente litterato e diplomata brasileiro uma visita ao Instituto, realisando tambem uma conferencia.

O Sr. Martins Bessa propõe um voto de pezar pelo fallecimento do illustre escriptor Theotonio de Faria Andrade, o que foi unanimemente approvado.

Não havendo nada mais a tratar é encerrada a sessão ás 10 e meia horas.

Remigio Filgueiras
(1.º Secretario)

ACTA DA 3.ª SESSÃO ORDINARIA E PREPARATORIA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO PARÁ — PRESIDENCIAS DO SR. DR. IGNACIO MOURA E EX.mo SR. DR. LAURO SODRÉ

As 8 horas da noite de 31 de Março de 1917, no Salão Nobre da Associação da Imprensa, presente os socios Drs. Ignacio Moura, Abel Chermont e Palma Muniz, José Carvalho, Drs. Lucidio Freitas e Luiz Estevão, José Dias da Rocha, J. J. Pereira de Araujo, Martins Bêssa, Padre Antonio Candido da Rocha, Heraclito Ferreira e Pedro Cabral P. Fagundes, foi aberta a sessão presidindo-a o D. Ignacio Moura sendo 1.º Secretario Abel Chermont e 2.º o Dr. Palma Muniz. Na hora do expediente é lida uma carta do Cel. José Joaquim de Moraes Sarmento pedindo a inscripção de seu nome no numero dos socios fundadores, hypothecando todo o seu esforço em prol do Instituto.

As 8 1/2 chegou o Exmo. Sr. Dr. Lauro Sodré, Governador do Estado a quem o Dr. Ignacio Moura passa a presidencia da sessão.

O Sr. José Carvalho apresenta o seu drama historico "*D. Barbara*", lendo duas interessantes scenas, das mais empolgantes, findo o que pede ao Instituto o seu parecer sobre esse trabalho, e sobre tudo acerca da interpretação que déra em relação as idéas republicanas que surgiram em 1817, na lucta que deu como resultado a proclamação da Républica na casa da Camara.

O Dr. Palma Muniz apresenta o seu trabalho "Delimitação intermunicipal do Estado do Gram Pará" salientando a difficuldade e complexidade do problema; lembra o orador o que nos foi legado pelo periodo colonial, no qual sobre sahe o nome de Francisco Xavier de Mendonça Furtado; apresenta um amontoado de actas, leis e resoluções do periodo monarchico, cita o que se tem feito na epocha actual e termina mostrando que apezar de tudo o problema continua latente, exigindo a mais prompta solução; disse que o seu trabalho era apenas um conjuncto do que existia em legislação e que havia collocado o problema importante da vida administrativa e politica do Estado, na sua divisão em condições de ser encarado e estudado, para ter dos poderes publicos a solução que tão magno assumpto exige.

O Exmo. Sr. Dr. Lauro Sodré declara que o assumpto é de alta relevancia e de grande interesse e faz saber que os dois trabalhos apresentados seriam opportunamente submettidos a estudo das respectivas commissões do Instituto.

O Dr. Lucidio de Freitas propõe que na acta fosse lançado um voto de pezar pelo passamento do Dr. Alberto Torres, o que foi unanimimente approvado.

Não havendo mais nada a tratar é suspensa a sessão as 10 horas e um quarto da noite.

Abel Chermont
(1.º Secretario)

ACTA DA 4. SESSÃO ORDINARIA E PREPARATORIA — PRESIDENCIA DO DR. IGNACIO MOURA.

As 8 horas da noite de 23 de Abril de 1917, no Salão de Honra da Associação da Imprensa, séde provisoria do Instituto e presente os socios Dr. Ignacio Moura, Dr. Luiz Estevão de Oliveira, Pedro Cabral Pereira

Fagundes, José Joaquim de P. Araujo, José de Castro Figueiredo, Benedicto Lopes David, Simplicio Torres, M. Braga Ribeiro, Bento Aranha Martins, Bessa, Padre Antonio Candido da Rocha, Cel. João Baptista Cearense Cyleno, Uchôa Viegas, Dr. Antonio Chermont, Dr. Palma Muniz, Heraclito Ferreira, Dr. Augusto Octaviano Pinto, Dr Eladio de Amorim Lima, prof. Bertholdo Nunes e Tenente Dr. José Ezequiel Antunes de Oliveira, é aberta a sessão. Servem de 1.° Secretario Palma Muniz e de 2.° Secretario o Dr. Antonio Chermont. A acta da sessão anterior é lida e approvada sem debates.

Excusam-se, por cartas, justificando as ausencias, o Exmo. Sr. Dr. Lauro *Sodré*, Drs. Henrique Santa Rosa, Abel Chermont, Alexandre Tavares, Deodoro de Mendonça, Mons.^or Domiciano Perdigão, Conegos Ricardo Rocha e Ulysses de Pennafort.

Martins Bessa offerece um exemplar do *Diario Official* da União que publicou o discurso do Dr. Barbosa Lima sobre a Revolução Pernambucana de 1817, na qualidade de Orador do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, requerendo que opportunamente fosse esse discurso transcripto na Revista do nosso Instituto, o que é approvado.

Uchôa Viégas propõe que fosse conferido ao Exmo. Sr. Dr. Lauro Sodré o titulo de presidente de Honra do Instituto, o que foi unanimemente approvado, ficando o cumprimento da resolução adiado para depois da organisação definitiva do Instituto.

O Dr. Luiz Estevão communica que escrevêra ao Dr. Oliveira Lima convidando-o a honrar com uma sua visita o nosso Instituto, no caso de por aqui passar em viagem para os Estados Unidos da America do Norte.

Bento Aranha participa que a impressão da Revista será feita nas officinas do Instituto Lauro Sodré, por determinação do Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado.

O Dr. Luiz Estevão propõe que o Instituto procure averiguar a procedencia da verdade historica sobre as manchas existentes na portada da Igreja do Carmo, manchas que o Dr. Paulino de Brito diz serem de sangue e recordarem um facto historico da Cabanagem. Para esse estudo são nomeados os Srs. Drs. Ezequiel Antunes e o major Bento Aranha.

Afim de apresentar o projecto de estatutos do Instituto foi nomeada uma commissão composta dos Srs. Drs. Henrique Santa Rosa, Luiz Estevão de Oliveira, Eladio Lima, Padre Antonio Rocha e Dr. Palma Muniz.

Nada mais havendo a tratar foi suspensa a sessão as 10 horas da noite.

Palma Muniz
(1.° Secretario)

Acta da 5.ª Sessão Ordinaria e Preparatoria — Presidencia do Exmo. Sr. Dr. Lauro Sodré

As 8 horas da noite de 9 de Junho de 1917, no Salão de Honra da Associação da Imprensa, á Praça da Republica n. 34, presentes os socios Exmo. Sr. Dr. Lauro Sodré, Drs. Ignacio Moura, Palma Muniz, Arruda Falcão, Henrique Santa Rosa, Luiz Estevão de Oliveira, Manoel Manços Villaça, Luiz Barreiros, Penna de Carvalho, Theodoro Braga, Pedro Cabral Fagundes, Dr. Ezequiel Antunas, J. J. Pereira de Araujo, Bento Aranha, Manoel Valente Cordeiro, Martins Bessa e J. J. Monteiro de Paiva, foi aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se ao ex-

pediente, que foi pequeno. Serve de 1.° Secretario Henrique Santa Rosa e de 2.° o Dr. Arruda Falcão que forçado a ausentar-se passa o cargo ao Dr. Palma Muniz.

A Commissão de estatutos apresenta o projecto dos mesmos, impressos nas officinas do "Diario Official" por concessão do Exmo. Dr. Governador do Estado.

Por proposta do Dr. Palma Muniz foi a discussão dos Estatutos adiada para a sessão seguinte afim de que todos os membros do Instituto inscriptos como fundadores, podessem delles ter conhecimento. Approvada a proposta foi encerrada a sessão ás 10 horas da noite.

Henrique Santa Rosa
(1.° Secretario)

Acta da 6.ª Sessão Ordinaria e Preparatoria—Presidencias do Dr. Ignacio Moura e Exmo. Sr. Dr. Lauro Sodré

A's 8 horas da noite de 21 de Junho de 1917 no salão de honra da Associação da Imprensa, e presentes os socios Dr. Ignacio Moura, Padre Candido Rocha, Bertholdo Nunes, Manoel Dias Maia, Dr. Palma Muniz, Dr Henrique Santa Rosa, Des.°r Napoleão de Oliveira, Dr. Luiz Estevão de Oliveira, Cel. Cearense Cylleno, Dr. Theodoro Braga, J. Joaquim Pereira de Araujo, João Pereira de Castro, Dr. Luiz Barreiros, Dr. Penna de Carvalho, Justos H. Nelson, Manoel Valente Cordeiro, Heraclito Ferreira, Dr. Caribé da Rocha, Manoel Luiz de Paiva, Dr. Augusto Octaviano Pinto, Dr. Augusto Eduardo Pinto, J. J. Monteiro de Paiva, Martins Bessa, e Dr. Arruda Falcão, foi aberta a sessão, assumindo a presidencia o Dr. Ignacio Moura. Servem de 1°. Secretario Henrique Santa Rosa e de 2.° o Dr. Arruda Falcão.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

Na hora do expediente são lidas cartas justificando as faltas dos consocios Drs. Firmo Cardoso e Antonio Chermont. Este ultimo offerece á Bibliotheca do Instituto a valiosa obra "*Geographia Universal*" de Malt Brun.

Offerecimento de um volume de poesias *Atomos*,pelo seu proprio auctor, Queiroz de Albuquerque.

A's 8 1/2 hora dá entrada no salão o Exmo. Sr. Governador do Estado, Dr. Lauro Sodré, acompanhado do seu Official de Gabinete, Dr. Emmanuel Sodré e consocio do Instituto. Assumindo a presidencia que lhe cedeu o Dr. Ignacio Moura, o Exmo. Sr. Dr. Lauro Sodré faz continuar a leitura do expediente: officio da Imperial Sociedade Beneficente Artistica Paraense convidando o Instituto para assistir as festas commemorativas ao jubileu da sua fundação.

Para esse fim é nomeada a commissão composta dos Drs. Arruda Falcão, Luiz Barreiros, Palma Muniz e Martins Bessa.

Em seguida procede-se a leitura do projecto dos Estatutos havendo diversas emendas.

A's 9 horas, o Exmo. Sr. Dr. Lauro Sodré, devendo retirar-se, passa a presidencia ao Dr. Ignacio Moura, proseguindo a discussão do dito projecto.

Pelo adiantado da hora foi adiada a continuação da discussão dos Estatutos para a sessão seguinte, sendo suspensa a sessão ás 11 horas.

Henrique Santa Rosa
(1.° Secretario)

ACTA DA 7.ª SESSÃO ORDINARIA E PREPARATORIA — PRESIDENCIA DO EXMO. SR. DR. LAURO SODRÉ

A's 8 horas da noite de 27 de Junho de 1917 no salão de honra da Associação da Imprensa, á Praça da Republica n. 34, e séde provisoria do Instituto, presentes o Exmo. Sr. Dr. Lauro Sodré, Governador do Estado, Dr. Ignacio Moura, major Bento Aranha, Dr. Eladio Lima, Dr. Americo Campos, M. Braga Ribeiro, Dr. Luiz Lobo, Dr. Theodoro Braga, Dr. Penna de Carvalho, Dr. Francisco Tocantins, Martins Bessa, Nilo B. Vieira, José de Figueiredo, José Coutinho de Oliveira, Dr. Palma Muniz, Henrique Santa Rosa, Silvestre Monteiro Falcão, Dr. Luiz Barreiros, Cel. Cearense Cyllene, Arruda Falcão, Des.^or Napoleão de Oliveira, Dr. Justo Chermont, Dr. Augusto Eduardo Pinto, Antonio Chermont, J. J. Pereira de Araujo, Heraclito Ferreira, Dr. Pedro Fagundes e Augyomo Costa, foi aberta a sessão, presidindo-a o Exmo. Sr. Dr. Lauro Sodré que teve como 1.º secretario Henrique Santa Rosa e 2.º Dr. Arruda Falcão.

Após a leitura da acta, que foi approvada, passou-se ao expediente que constou da communicação feita pelo Exmo. Sr. Dr. Lauro Sodré que havia recebido do Sr. Ministro do Interior, do Rio de Janeiro, solicitando os subsidios historicos do Estado do Pará para a organisação do Diccionario, Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil a ser editado sob a responsabilidade, orientação e direcção do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e que deliberára commetter ao Instituto Historico e Geographico do Pará a tarefa de satisfazer aquelle pedido do Ministro do Interior.

Sobre este assumpto falla o consocio Henrique Santa Rosa sobre um grande trabalho de Historia, Geographia, Ethnographia e Estatistica do Estado do Pará, em forma de Diccionario que o consocio Dr. Theodoro Braga tem organisado ha 11 annos, tocando em todos os assumptos que interessem a existencia do nosso Estado.

O Dr. Theodoro Braga, com a palavra, explicou succintamente a organisação que á sua obra, cuja consulta será de facil resultado e cujo interesse satisfaz a todas as classes da actividade no Pará.

O assumpto foi declarado importante e reservado para ulterior deliberação do Instituto.

O Dr. Theodoro Braga convida a todos os socios do Instituto a visitarem, em sua residencia, os originaes desse seu grande trabalho.

Na segunda parte da ordem do dia tem logar a discussão final dos Estatutos; Dr. Palma Muniz, membro da commissão de Redação, apresenta, redigidas e approvadas pela commissão, as emendas feitas na sessão anterior, assim como a redação definitiva dos Estatutos.

Submettidas a votos a redação das emendas e a dos Estatutos, foram approvadas aquellas e estas, sendo então pelo Exmo. Sr. Dr. Presidente proclamados approvados os Estatutos, congratulando-se S. Excia. com todos os consocios pela definitiva approvação, inicio de uma existencia regular e legislada, que certamente produzirá os fructos importantes e esperados em prol da historia, geographia, ethnographia amazonica, o que importa dizer do Brasil.

Determina o Exmo. Sr. Dr. Presidente a impressão dos Estatutos e marca o dia 5 de julho proximo para ter logar a primeira eleição dos corpos dirigentes do Instituto.

Não havendo nada mais a tratar foi suspensa ás 12 horas a sessão.

Henrique Santa Rosa
(1.º Secretario)

ACTA DA 8.ª SESSÃO. (ELEIÇÃO)—PRESIDENCIA DO EXMO. SR. DR. LAURO SODRÉ

A's 8 horas da noite de 5 de julho de 1917 na sua séde provisoria,
no edificio da Associação da Imprensa, á Praça da Republica n. 34, presen-
tes os socios Exmo. Sr. Dr. Lauro Sodré, Presidente de Honra e Governa-
dor do Estado, Dr. Antonio Leite Chermont, Dr. Luiz Barreiros, Dr. Penna
de Carvalho, Martins Bessa, M. Braga Ribeiro, Bento Aranha, Dr. Octavia-
no Pinto Dr. Francisco de Paula Pinheiro, Dr. Ophyr de Loyola, Manoel
Dias Maia, Dr. Joaquim de Arruda Falcão, Cap.am Dr. João Baptista de Mou-
ra Carvalho, Cap.am Dr. Luiz Lobo, T.e Dr. Ezequiel Antunes, José de Castro
Figueiredo, Dr. Ignacio Moura, Palma Muniz, Americo Dantas Ribeiro,
Des.or Napoleão Simões de Oliveira, Dr. Luiz Estevão, Dr. Caribé da Rocha,
J. J. Monteiro de Paiva, Dr. Eladio Lima, Dr. Augusto Eduardo Pinto,
Dr. Americo Campos, Dr. Henrique Santa Rosa, Dr. Theodoro Braga,
Dr. José Ferreira Teixeira, Dr. Angelino Lima, Manoel L. Leitão Cacella,
Dr. Lucidio Freitas, Des.or Augusto Borborema, Dr. Pedro Cabral Fagundes,
J. J. Pereira de Araujo, Dr. Emmanuel Sodré, Dr. Severino Silva, Alcindo Ca-
cella, Conego Ricardo Rocha, Simplicio Torres, José Dias da Rocha, Cone-
go Raymundo Ullysses de Pennafort, Dr. Remigio Fernandez, Alipio Dias
Maia e Heraclito Ferreira, foi aberta a sessão, presidindo-a o Exmo. Sr. Dr. Lau-
ro Sodré, tendo como 1.º secretario Palma Muniz, e como 2.º Dr. Arruda Fal-
cão, tomando assento á mesa os Drs. Ignacio Moura, Henrique Santa Rosa e
Luiz Estevão de Oliveira. Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

Annuncia o Exmo. Sr. Dr. Presidente que, na fórma da convocação,
ia-se proceder a eleição da Directoria e do Conselho Administrativo do Ins-
tituto. O Exmo. Sr. Dr. Presidente nomeou escrutinadores os Drs. Luiz Es-
tevão, Arruda Falcão e Palma Muniz.

Suspensa a sessão pelo tempo necessario para a organisação das cha-
pas, foi ella reaberta e, procedeu-se ao escrutinio comparecendo ás urnas
46 socios; conferidas as chapas, cujo numero correspondia exactamente ao
numero de votantes, procedeu o Exmo. Sr. Dr. Presidente a apuração que
deu o seguinte resultado: Para Presidente: Dr. Ignacio Baptista de Moura
28 votos e Dr. Henrique Santa Rosa 18; para Vice-presidente: Dr. Henrique
Santa Rosa 37 votos e Dr. Ignacio Moura 9; para 1.º Secretario: Dr. João
de Palma Muniz 31, Dr. Luiz Barreiros 2, Drs. Eladio Lima, Theodoro Bra-
ga e Arruda Falcão 2 votos cada um; Drs. Lucidio Freitas, Pedro Cabral
Fagundes e Raymundo José Martins Bessa, 1 voto cada um, e duas em bran-
co; par 2.º Secretario: Dr. Joaquim de Arruda Falcão 11 votos; Dr. Luiz
Barreiros 8; Dr. Theodoro Braga 7; Dr. João de Palma Muniz e Dr. Abel
Chermont, 5 cada um; Dr. Ezequiel Antunes, 2; Remigio Fernandez e An-
tonio Chermont, 1 voto cada um e 3 chapas em branco; para orador: Dr.
Luiz Estevão de Oliveira, 43 votos e Drs. Tito Franco e Ezequiel Antu-
nes, um voto cada um; para Thezoureiro: José J. Pereira de Araujo, 42
votos; Dr. Penna de Carvalho, 4 votos. Para Conselho Director foram vota-
dos: major Bento Aranha 37 votos; Dr. Theodoro Braga 32; Dr. Americo
Campos e Des.or Napoleão de Oliveira 30 cada um; Dr. Ezequiel Antunes
29; Dr. Emmanuel Sodré 27; Drs. Eladio Lima e Octaviano Pinto 26 cada
um; Drs. Luiz Barreiros e Ferreira Teixeira 22 cada um; Raymundo Mar-
tins Bessa 18; Drs. Antonio Chermont e Penna de Carvalho 16 cada um.
Para Supplentes do Conselho Director: José de Figueiredo, Drs. Augusto
Pinto e Severino Silva 14 votos cada um; Dr. Lucidio Freitas 13; Conego
Ricardo da Rocha 12; Cel. Raymundo Alves da Cunha, Marcos Nunes e Co-

nego Ullysses de Pennafort 10 votos cada um; Drs. Caribé da Rocha e Elias Vianna e Cel. Hygino Amanajás 9 votos cada um; Paulo Maranhão 8; Cel. Cearense Cylleno, Dr. Alberto Pereira e Padre Antonio Candido da Rocha 7 votos cada um.

Proclamados os eleitos requer o Dr. Ignacio Moura que fossem elles immediatamente empossados nos respectivos cargos e não havendo impugnação alguma, foi a proposta approvada unanimemente, declarando o Exmo. Sr. Dr. Presidente empossada a directoria e conselho director do Instituto.

Martins Bessa propõe que para estudar o trabalho do Dr. Theodoro Braga fosse nomeada uma commissão incumbida de elaborar o parecer a respeito.

O Dr. Palma Muniz, com a palavra, opina que a proposta do consocio Martins Bessa, sendo considerada objecto de deliberação, ficasse, entretanto, sobre a mesa para ulterior deliberação.

Não havendo mais discussão é approvada por unanimidade a proposta do Dr. Palma Muniz.

O Dr. Ignacio Moura agradece a prova de confiança e apreço em que foi tido pelos seus consocios que o julgaram presidente de tão douta instituição. O Dr. Luiz Estevão de Oliveira, em brilhante allocução, manifesta os elevados intuitos de dedicação e de trabalho com que os eleitos pretendem corresponder a prova de confiança de que foram alvo e manifesta os agradecimentos da Directoria.

O Dr. Henrique Santa Rosa occupa a tribuna pronunciando eloquente e enthusiastica oração a proposito da feliz coincidencia desta importante reunião para a definitiva installação do Instituto com a escolha de seus dirigentes effectivos na data de 5 de julho, precisamente commemorativa do facto a que se prendem importantes acontecimentos de nossa historia. Foi a 5 de Julho de 1611 que o chefe supremo da ordem dos Capuchinhos, o padre Jeronimo Castellonato assignou a celebre carta pela qual delegava a fr. Leonardo de Paris a escolha do primeiro grupo de catechistas que teriam de vir com Rasilly ás terras do Norte e cuja escolha recahira em Claude d'Abbeville, Ives d'Evrey e seus companheiros, nomes aquelles que todos nós, que vivemos a perquirir das primeiras epochas da nossa civilisação e da vida prehistorica dos nossos aborigenes, não podemos deixar de salientar sempre; que áquelles capuchinhos se devem as primeiras noticias mais desenvolvidas sobre os usos, costumes e linguas dos que viviam naquellas paragens e que eram os mesmos que se estendiam até as nossas plagas. Na feliz coincidencia deste dia quer ver o orador um incitamento a que em todos os socios do Instituto deve despertar o immenso interesse pela investigação dos factos e datas do nosso passado como povo. Termina o orador o seu bello discurso no meio do mais caloroso applauso.

O Exmo. Sr. Dr. Lauro Sodré, antes de encerrar a sessão, congratulou-se com o Instituto pelo exito com que se encaminha para uma existencia util e proveitosa; louvou os organisadores de tão brilhante cooperação pelo successo dos actos preparatorios que acabaram de ser coroados com a posse da directoria effectiva, o que preenche a condição para a existencia definitiva do Instituto. S. Excia., revelando todo o carinho especial que lhe desperta a obra do Instituto, declara nutrir o proposito de consagrar-lhe a sua collaboração, seu apoio e seu auxilio. O Dr. Luiz Barreiros, pela ordem, propõe que o Instituto ractifique solemnemente o acto anterior que conferio ao Exmo. Sr. Dr. Lauro Sodré o titulo de Presidente de Honra do Instituto, o que é approvado unanimemente e por acclamação.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão as 11 horas.

Palma Muniz
(1.º Secretario)